
Alice Clayton
Subindo pelas Paredes
[Wallbanger]
Benvirá

Subindo pelas paredes

Alice Clayton

Subindo pelas Paredes

[Wallbanger]

Tradução
Paulo Nogueira

Benvirá

Para minha mãe,
por me deixar ter bolo de coco em meu aniversário,
embora ninguém mais gostasse.

Para meu pai,
por ler tiras do Garfield para mim
até chorarmos de tanto rir.

Obrigada.

SUMÁRIO

CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO CATORZE
CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS
AGRADECIMENTOS

CAPÍTULO UM

– Ai, meu Deus!

Tum.

– Ai, meu Deus!

Tum, tum.

Que diabo…

– Ai, meu Deus, está tão bom!

Acordei completamente confusa e olhei ao redor do quarto estranho. Caixas no chão. Fotografias na parede.

Meu novo quarto, em meu novo apartamento, lembrei a mim mesma, pousando as mãos na textura luxuosa do edredom. Mesmo meio dormindo, tive noção desse luxo.

– Hummmm… Isso, querido. Aí mesmo.

Assim… Não para, não para!

Caramba…

Sentei na cama, esfreguei os olhos e me virei para a parede atrás de mim, começando a entender o que tinha me acordado. Minhas mãos ainda apalpavam distraidamente o edredom, o que atraiu a atenção de Clive, meu gato de estimação. Enfiando sua cabeça sob minha mão, ele exigia carinho. Dei-lhe uma palmadinha enquanto olhava em volta e tentava me orientar em meu novo espaço.

Havia me mudado naquele mesmo dia, mais cedo. Era um apartamento esplêndido, com piso de madeira, portas em arco – tinha até uma lareira! Eu não fazia a menor ideia de como acender o fogo, mas não importava. Estava realmente ansiosa para enfeitar o parapeito da lareira. Como designer de interiores, desenvolvi o hábito mental de decorar qualquer espaço, pertencesse a mim ou não. Meus amigos ficavam loucos, porque

eu sempre queria decorar as suas casas.

Tinha passado o dia fazendo a mudança e, depois de ficar de molho na minha nova e incrível banheira até a pele parecer uma ameixa seca, me acomodei na cama para curtir os chiados, os rangidos do meu novo lar: o semáforo da rua, uma música suave, o som das explorações de Clive – e, por explorações, entenda-se arranhar o chão.

Aí, às duas e trinta e sete da manhã, me encontrei encarando estupidamente o teto, tentando entender que barulheira era aquela, assustada com o movimento da cabeceira da minha cama.

Só pode ser brincadeira! Então, escutei muito claramente:

– Oh, Simon, foi tão bom! Hummmm…

Jesus…

Pisquei algumas vezes; já me sentia mais acordada e um tanto fascinada pelo que obviamente estava acontecendo no vizinho.

Fitei Clive, que me devolveu o olhar – se não estivesse tão cansada, poderia jurar que ele piscou um olho. *Acho que alguém está se dando bem.*

Eu estava sem sexo havia algum tempo. Um longo tempo. Sexo sem graça e rapidinhas com casos de uma noite inibiam meus orgasmos. O jejum já durava seis meses. Seis compridos meses. Tentava fugir dessa crise que ameaçava se estabelecer, mas o "O" maiúsculo era, aparentemente, um hiato definitivo. E eu não estou falando da Oprah.

Afastei o pensamento de meus "Os" desaparecidos e me virei de lado. As coisas pareciam estar mais sossegadas agora, e comecei a adormecer novamente. Clive ronronava alegremente junto a mim. Aí, o mundo desabou.

– Isso! Isso! Ai, meu Deus… Ai, meu Deus!

O quadro que eu tinha colocado na

prateleira sobre a cama despencou na minha cabeça. Aquilo me ensinaria o que é viver em San Francisco sem a garantia de que tudo está devidamente montado. *E por falar em montar*…

Massageando a cabeça e xingando a ponto de enrubescer Clive – se gatos fossem capazes de enrubescer –, encarei novamente a parede atrás de mim. A cabeceira da cama literalmente batia contra a parede conforme o tumulto no apartamento vizinho continuava.

– Isso, querido, isso, isso, isso! – a tagarela entoava… e concluía com um suspiro. Então, escutei – por tudo o que é mais sagrado – *palmadas*. Ninguém confunde o barulho de um belo tapa – e alguém no vizinho estava apanhando.

– Ai, meu Deus, Simon. Isso. Tenho sido uma menina má. Isso, isso!

Que ótimo… Mais tapas e, depois, o som

de uma indubitável voz masculina suspirando e gemendo.

Sem tirar os olhos da parede, levantei, afastei um pouco a cama e me joguei outra vez embaixo do edredom.

Nessa noite, antes de dormir, jurei que esmurraria a parede se ouvisse mais um pio. Ou gemido. Ou tapa.

Bem-vinda ao bairro, Caroline.

CAPÍTULO DOIS

Comecei a manhã seguinte, minha primeira manhã oficial em minha nova casa, bebericando uma xícara de café e mastigando o resto de um donut amanhecido.

Não estava tão acordada quanto tinha imaginado que estaria durante a farra do dia anterior e silenciosamente amaldiçoei as palhaçadas do vizinho. A garota foi comida, estapeada, depois gozou e dormiu. Simon, idem. Pelo menos eu deduzi que ele se chamava assim, já que foi o nome que a mulher que gostava de apanhar ficou repetindo. E, convenhamos, se fosse para ela inventar um nome, havia outros bem mais excitantes do que Simon para serem gritados

no momento do êxtase.

O êxtase… *Deus, meus êxtases sumiram…*

– Nadica de nada, hein, O? – suspirei, olhando para baixo.

Lá pelo quarto mês de jejum, desatei a falar com meus Os como se fossem uma entidade real. Bem, pareciam reais nos bons e velhos tempos, mas, infelizmente, agora que tinham me abandonado, eu já não sabia se um dia seria capaz de reconhecê-los. É um dia muito, muito triste aquele em que uma garota deixa de identificar seus próprios orgasmos, ruminei em pensamento enquanto contemplava melancolicamente os telhados de San Francisco através da janela aberta.

Estiquei as pernas e fui lavar a xícara de café. Depois de colocá-la no escorredor, prendi meu cabelo loiro-claro num rabo de cavalo malfeito e reparei no caos que me rodeava. Havia planejado tudo com cuidado, etiquetado as caixas, repetido inúmeras vezes

ao idiota da mudança que, se estava escrito COZINHA, não significava BANHEIRO, porém nada disso importou: o apartamento estava uma zona. Por sorte, na noite anterior, tinha me lembrado de separar minha xícara favorita.

– O que você acha, Clive? Começamos por aqui ou pela sala de estar?

Ele estava aconchegado no peitoril da janela. Devo admitir que, quando procurava um novo lugar para morar, eu sempre avaliava os peitoris. Clive adorava observar o mundo lá fora, e era legal avistá-lo à minha espera ao voltar para casa.

Naquele exato momento, ele me fitou e pareceu acenar em direção à sala.

– Tudo bem, pela sala, então – falei, notando que só pronunciara três coisas desde que acordara e que todas as palavras anteriores haviam sido dirigidas à minha vagina. Puxa…

Cerca de vinte minutos mais tarde, Clive começou a mirar um pombo, e eu, que estava organizando os DVDs, ouvi vozes na entrada do prédio. Meus vizinhos barulhentos! Corri até a porta, quase tropeçando numa caixa, e encostei o olho no visor para observar a porta ao fundo do corredor. *Que depravada que eu sou.* Mas não fiz nenhum esforço para parar de bisbilhotar.

Não conseguia enxergar claramente, mas era capaz de ouvir a conversa: a voz masculina baixa e acariciadora, seguida pelos inconfundíveis suspiros de sua interlocutora.

– Hummmm, Simon, a noite de ontem foi fantástica.

– Acho que *esta manhã* também foi – ele disse, dando na mulher o que pareceu um beijaço.

Bem. Esta manhã, eles devem ter usado outro cômodo. Não ouvi nada. Me espremi ainda mais contra o olho mágico. *Depravada.*

– Também foi! Você me telefona? – perguntou ela, inclinando-se para outro beijo.

– Claro. Ligo quando voltar à cidade – ele prometeu, desferindo um tapinha no bumbum da mulher enquanto ela dava uma risadinha e se virava para ir embora.

Parecia que a garota não estava com essa bola toda. Tchauzinho, Castigada! O ângulo não me permitia ver direito o tal Simon, que entrou em seu apartamento antes que eu pudesse ter uma ideia precisa de sua aparência. *Interessante. Então, essa jovem não mora com ele.*

Não escutei nenhum "Eu te amo" quando ela foi embora, mas os dois pareciam muito à vontade. Masquei distraidamente a ponta do meu rabo de cavalo. Eles tinham de estar à vontade, com todas aquelas bofetadas.

Varrendo da cabeça pensamentos de tapas e de Simon, voltei à minha coleção de DVDs.

Simon, o Carrasco. Avancei à letra H nos títulos dos filmes.

Uma hora mais tarde, eu posicionava *Vestida para casar e A verdade nua e crua*, quando ouvi uma batida. Alguma coisa estava sendo arrastada no corredor conforme eu me aproximava da porta; reprimi um sorriso.

– Cuidado com isso, sua idiota – uma voz xingou.

– Ah, cala essa boca. Para de ser mandona – uma segunda voz resmungou.

Revirando os olhos, abri a porta e me deparei com minhas duas melhores amigas, Sophia e Mimi, que seguravam uma grande caixa.

– Não briguem, senhoras. Vocês duas são lindas. – Dei uma risada e arqueei uma sobrancelha para elas.

– Ha-ha, muito engraçado – Mimi respondeu, cambaleando para dentro do

apartamento.

– Que diabo é isso? Não acredito que vocês carregaram esse troço por quatro lances de escada! – Minhas amigas não faziam nenhum tipo de trabalho manual se podiam arrumar alguém para fazê-lo por elas.

– Acredite, nós ficamos esperando que alguém desse uma mãozinha, mas não tivemos sorte. Então, o jeito foi carregarmos nós mesmas. Feliz casa nova! – disse Sophia. Elas pousaram a caixa, e Sophia se jogou na poltrona, perto da lareira.

– É, mas vê se para de ficar mudando de casa. A gente já está cansada de comprar presentes pra você! – Mimi riu, estendendo-se no sofá e cobrindo dramaticamente o rosto com as mãos.

Cutuquei a caixa com a ponta do pé e perguntei:

– Afinal, o que tem aqui? E eu nunca falei

que vocês precisavam comprar nada. O liquidificador do ano passado, por exemplo, totalmente desnecessário.

– Não seja ingrata. Abre – Sophia ordenou.

Suspirei e sentei no chão, em frente ao presente. Soube que era da Williams--Sonoma por causa da fita com o logotipo e do pequeno abacaxi amarrado a ela. O que quer que a caixa contivesse, era algo pesado.

– Ah, não. O que as duas aprontaram? – perguntei, reparando numa piscada de olho de Mimi para Sophia. Ao desatar a fita e abrir o pacote, fiquei radiante com o que encontrei. – Meninas, isso é demais!

– A gente sabe a saudade que você tem da antiga – gracejou Mimi, sorrindo para mim.

Anos atrás, eu havia herdado uma velha batedeira Kitchen Aid de uma falecida tia-avó. A máquina tinha mais de quarenta anos, mas funcionava muitíssimo bem. Aqueles

aparelhos eram fabricados para durar, e o meu resistira até poucos meses atrás, quando finalmente se aniquilou com um estardalhaço. Uma tarde, enquanto eu batia uma fornada de pão, ela tremeu e desatou a fumegar e, por mais que tenha odiado fazer isso, joguei-a fora.

Agora, enquanto fitava a caixa aberta e a batedeira de aço inoxidável novinha, cintilante, que me devolvia o olhar, visões de biscoitos e tortas começaram a dançar em minha cabeça.

– Meninas, é linda – arfei, admirando meu novo bebê. Ergui-a em reverência. Afagando-a com as mãos, deslizando os dedos para sentir suas linhas suaves, me deliciei com o contato do metal frio contra minha pele. Suspirei levemente e até a abracei.

– Vocês querem ficar sozinhas? – perguntou Sophia.

– Não, tudo bem. Prefiro que vocês

fiquem para testemunhar nosso amor. Afinal, este é, provavelmente, o único instrumento mecânico que me dará prazer no futuro próximo. Obrigada, meninas. É muito caro, mas realmente amei.

Clive se aproximou, cheirou a batedeira e imediatamente saltou para dentro da caixa vazia.

– Prometa que vai fazer coisas gostosas para nós, e tudo terá valido a pena, querida. – Mimi então se levantou e olhou para mim com olhos ávidos.

– O quê? – perguntei, cautelosa.

– Caroline, já posso começar com suas gavetas, por favor? – ela perguntou, avançando rumo ao interior do apartamento com passos hesitantes.

– Pode começar o que com minhas gavetas? – falei, apertando um pouco mais o cordão da minha calça.

– Sua cozinha! Estou morrendo de

vontade de arrumar tudo! – Mimi exclamou, sapateando no lugar.

– Ah, tudo bem, que se dane. Divirta-se! Feliz Natal, sua doida – declarei, e Mimi saiu correndo triunfalmente.

Mimi era organizadora profissional. Quando nós três estávamos em Berkeley, ela deixava Sophia e a mim malucas com seus surtos de TOC e sua atenção maníaca para o detalhe. Um dia, Sophia sugeriu que Mimi fizesse daquilo uma profissão, e foi exatamente o que ela fez após se formar. Agora, atuava em toda San Francisco, ajudando famílias a organizar suas tranqueiras. A empresa de design para a qual eu trabalhava de vez em quando se consultava com Mimi, que chegou até a aparecer na TV. Aquela carreira lhe caiu como uma luva.

Assim, deixei Mimi fazer o que ela sabia, consciente de que minhas coisas ficariam perfeitamente arrumadas e eu, devidamente

abismada. Sophia e eu permanecemos na sala, ela espiando os DVDs e dando risada dos filmes a que eu tinha assistido nos últimos anos.

Mais tarde, naquela mesma noite, depois que minhas amigas se foram, me afundei no sofá da sala, ao lado de Clive, para assistir a reprises de *Barefoot Contessa*,[1] no Food Network. Enquanto sonhava com os quitutes que faria com a minha nova batedeira – e lembrava que, um dia, desejei uma cozinha como a de Ina Garten –, ouvi passos no corredor e duas vozes. Estreitei os olhos na direção de Clive. As palmadas estavam de volta.

Pulando do sofá, perscrutei de novo pelo olho mágico para tentar ver meu vizinho. E de novo o perdi; só avistei suas costas quando ele entrou em seu apartamento atrás de uma mulher bastante alta e de cabelo castanho.

Interessante. Duas mulheres diferentes em dois dias. Galinha.

Vi a porta fechar e senti Clive se enroscar em minhas pernas, ronronando.

– Não, você não pode sair, tolinho – disse, me abaixando para pegá-lo. Esfreguei seu pelo sedoso em minha bochecha e sorri quando Clive se recostou em meus braços. Ele era o galinha por aqui; deitaria com qualquer uma que coçasse sua barriga.

Regressando ao sofá, assisti à *Barefoot Condessa* ensinar a recepcionar uma dinner party nos Hamptons com uma elegância simples – e uma conta bancária do tamanho dos Hamptons.

Poucas horas depois, com a marca da almofada do sofá impressa profundamente em meu rosto, tomei o rumo do quarto para dormir. Mimi tinha organizado meu closet com tanta eficiência, que tudo o que me restou fazer foi pendurar umas fotografias e

arrumar uma miscelânea ou outra. Bastante deliberadamente, retirei da prateleira que ficava sobre a cama o restante dos retratos. Não pretendia correr riscos esta noite. Parei no meio do quarto e tentei ouvir algum ruído vindo do vizinho. Tudo calmo nessa trincheira. Até agora, tudo certo. Talvez a noite anterior não tivesse passado de um caso isolado.

Enquanto me arrumava para dormir, olhei as fotos da minha família e dos meus amigos. Meus pais e eu esquiando no lago Tahoe. Minhas amigas e eu na Coit Tower. Sophia adorava tirar fotografias perto de qualquer coisa fálica. Ela era violoncelista na Orquestra Sinfônica de San Francisco e, embora tivesse estado próxima de instrumentos musicais durante toda a vida, jamais conseguia evitar uma piada quando via uma flauta. Era perturbada.

No momento, nós três estávamos solteiras, algo raro. Geralmente, pelo menos uma de

nós namorava, mas, desde que Sophia terminara um relacionamento, alguns meses antes, amargávamos um jejum. Para sorte das minhas amigas, porém, sua privação não era tão severa quanto a minha. Até onde eu sabia, elas ainda reconheciam seus respectivos Os.

Com um calafrio, lembrei a noite em que O e eu nos separamos. Eu havia tido uma série de primeiros encontros lastimáveis e me encontrava tão frustrada sexualmente, que me permiti ir ao apartamento de um cara que eu não tinha a menor intenção de ver novamente. Não que fosse contra ficar por uma noite. Já tinha feito a caminhada da vergonha em muitas manhãs. Mas aquele cara? Deveria ter pensado melhor. Cory Weinstein, blá-blá-blá. A família dele tinha uma rede de pizzarias em toda a Costa Oeste. Parece legal, certo? Só parece. Cory era simpático, mas chato. Eu não ficava com um homem havia algum tempo, então, depois de

vários martínis e de uma conversa animada no carro, cedi e resolvi dar uma chance a ele.

Bem, até aquele ponto, eu compartilhava a velha teoria de que sexo é como pizza: mesmo quando é ruim, é bom. Passei a odiar pizza. Por várias razões.

Foi a pior espécie de sexo. Do tipo metralhadora: rápido, rápido, rápido. Trinta segundos nos seios, sessenta segundos em um ponto localizado a alguns centímetros do lugar certo, e lá dentro. E fora. E dentro. E fora. E dentro. E fora.

Pelo menos, acabou depressa, certo? Errado. O horror continuou por meses a fio. Bem, não exatamente. Mas foram quase trinta minutos. De dentro. E fora. E dentro. E fora. Minha xoxota parecia ter sido fustigada por um jato de areia.

Quando ele finalmente acabou – e gritou "Bom demais!", antes de desmaiar em cima de mim –, eu já tinha reorganizado

mentalmente todos meus temperos e catalogava os produtos de limpeza que ficavam debaixo da pia da cozinha. Me enfiei na roupa, o que não demorou muito, já que ainda estava quase toda vestida, e me mandei.

Na noite seguinte, depois de deixar a Pequena Caroline se recobrar, decidi regalá-la com uma longa sessão de autoamor, protagonizada por seu amante imaginário favorito, George Clooney, no papel do dr. Ross. No entanto, para minha grande consternação, O havia abandonado o recinto. Encolhi os ombros, conjecturando que talvez ele apenas precisasse de uma pausa, ainda traumatizado pela experiência do pizzaiolo Cory.

Mas na noite seguinte? Nada de O. Nem sinal dele naquela semana, ou na próxima. Quando as semanas viraram um mês, e os meses se esticaram e esticaram, eu desenvolvi um profundo e vulcânico ódio

por Cory Weinstein e sua foda metralhadora…

Sacudi a cabeça, eliminando os pensamentos sobre O, e rastejei até a cama. Clive esperou que eu me acomodasse antes de se aninhar atrás de meus joelhos. Ainda deixou escapar um último ronrom quando apaguei a luz.

– Boa noite, senhor Clive – murmurei e caí no sono.

Tum.

– Oh, meu Deus!

Tum, tum.

– Oh, oh!

Incrível.

Despertei mais rapidamente desta vez, pois sabia o que estava ouvindo. Sentei na cama e olhei ferozmente para trás. Ela ainda se encontrava a uma distância segura da parede, por isso não senti nenhum

movimento, mas era óbvio que algo se mexia no vizinho.

E, então, eu ouvi… um assobio?

Pousei o olhar em Clive, cujo rabo formava um verdadeiro pompom. Ele arqueou o dorso e vagueou para frente e para trás no pé da cama.

– Ei, carinha. Está tudo bem. Só temos um vizinho barulhento – apaziguei, estendendo a mão. Foi então que ouvi:

– Miau.

Estiquei o pescoço para escutar melhor. Examinei Clive, que olhou para trás como se dissesse: "Não fui eu".

– Miau! Oh, meu Deus. Miau…

A garota no apartamento ao lado estava miando. O que diabo meu vizinho estava aprontando para conseguir *isso*?

A essa altura do campeonato, Clive surtou completamente e se lançou na direção da parede. Literalmente, a escalou para tentar

alcançar a fonte do ruído, acrescentando seus próprios miados ao coro.

– Oh, sim, assim mesmo, Simon! Ai… Miau! Miau, miau, miau!

Virgem Santíssima, uma gata no cio de um lado da parede, um gato descontrolado do outro. A moça tinha sotaque, mas eu não consegui decifrá-lo. Europa oriental, com toda a certeza. Checa? Polonesa?

Era isso mesmo? Eu me encontrava plenamente desperta à uma e dezesseis da madrugada, tentando descobrir a nacionalidade da mulher que estava sendo comida no apartamento ao lado?

Tentei tranquilizar Clive, porém não funcionou. Ele era castrado, mas ainda um garoto – e queria aquilo que havia do outro lado da parede. Continuou miando, seus miados se misturando com os da mulher, até que, para não chorar, comecei a rir da comicidade da situação. Minha vida havia se

tornado um espetáculo do absurdo, e com um coro felino.

Ouvi Simon arquejar e tentei me recompor. Sua voz era baixa e rouca, e, embora Clive e a mulher continuassem clamando um pelo outro, escutei apenas Simon. Ele gemeu, e as pancadas na parede começaram. Lá vinha Simon.

A mulher miava cada vez mais alto conforme indubitavelmente marchava rumo ao seu clímax. Seus miados se tornaram gritos indecifráveis, e ela finalmente berrou:

– *Da! Da! Da!*

Ah. Era russa. Pelo amor de São Petersburgo!

Uma pancada derradeira, um gemido derradeiro – e um miado derradeiro. Depois, um abençoado e completo silêncio. Exceto por Clive, que continuou sofrendo por seu amor perdido até as quatro da manhã.

A guerra fria estava de volta.

CAPÍTULO TRÊS

Quando Clive por fim se acalmou e parou com seu histerismo felino, eu já estava completamente exausta e desperta. De qualquer jeito, precisaria levantar dentro de uma hora – e sabia que perdera todo o sono a que teria direito naquela noite. Era melhor sair da cama e preparar o café da manhã.

– Miadora desgraçada – falei para a parede atrás de mim e caminhei até a sala.

Depois de ligar a TV, pus a máquina de café para funcionar e observei a luz da alvorada, que apenas começava a despontar nas janelas. Clive se enroscou em minhas pernas; revirei os olhos para ele.

– Ah, agora você quer que eu te dê amor, né? Depois de me trocar por Purina, ontem à

noite? Que babaca você é, Clive – resmunguei, esticando meu pé e acariciando-o com o salto.

Clive tombou no chão e posou para mim. Ele sabia que eu não resistia às suas poses. Sorri e me ajoelhei ao seu lado.

– Sim, sim, eu sei. Agora você me ama porque sou a pessoa que compra ração. – Suspirei e cocei sua barriga.

Antes de ir para o chuveiro, resolvi dar uma espiada no noticiário matutino. Ouvi um barulho no corredor. Voltei para a cozinha, com Clive em meu calcanhar, e coloquei um pouco de comida em uma tigela. Assim que meu gato teve o que pretendia, fui rapidamente esquecida. Enquanto ia para o chuveiro, escutei uma movimentação no corredor. Como a Caroline Bisbilhoteira em que eu estava rapidamente me transformando, meti a cara no olho mágico para espionar Simon e Purina.

Ele se encontrava em pé, na soleira de sua porta – dentro do apartamento o bastante para impedir que eu vislumbrasse seu rosto. Purina estava no corredor, e dava para ver a mão de Simon afagando o longo cabelo dela. Praticamente ouvi o ronronar da mulher através da maldita porta.

– Hummmm, Simon, a noite de ontem foi... hummmm – ela *ronronou de fato*, inclinando-se para a mão dele, que agora repousava em sua face.

– Concordo. Essa é uma boa forma de descrever a noite de ontem *e* a manhã de hoje – ele disse calmamente, e os dois deram uma risadinha.

Lindo. Dois pelo preço de um, de novo.

– Você me liga quando voltar à cidade? – ela perguntou enquanto ele afastava o cabelo de seu rosto.

– Ah, pode contar com isso – ele falou e então a puxou para aquilo que só pude

deduzir que tenha sido um beijo arrasador. Ela levantou um pé, como se estivesse posando. Comecei a revirar os olhos, mas isso doeu. É que meu olho direito estava muito pressionado contra o olho mágico, sabe.

– *Dosvidaniya* – ela sussurrou com seu sotaque exótico. Soava muito melhor agora que não miava como uma gata no cio.

– Claro – riu ele, e, com isso, ela partiu graciosamente.

Fiz um esforço para vê-lo antes que entrasse de novo, mas nada. Perdi-o outra vez. Tinha de admitir: depois das palmadas e dos miados, estava morrendo de vontade de saber como ele era. Genuínas proezas sexuais estavam rolando no apartamento ao lado. Eu só não entendia por que isso tinha de afetar o meu sono. Virei as costas à porta de entrada e fui para o chuveiro. Debaixo da ducha, ponderei o que diabo era preciso para fazer uma mulher miar.

Por volta das sete e meia, já na rua, pulei em um bonde e revisei o dia que tinha pela frente. Ia encontrar um cliente novo, finalizar alguns detalhes de um projeto que terminara recentemente e almoçar com minha chefe. Sorri ao pensar em Jillian.

Jillian Sinclair possuía sua própria empresa de design, na qual eu tivera a sorte de estagiar em meu último ano em Berkeley. Com quase quarenta – mas com a aparência de quase trinta –, ela construiu uma reputação sólida na comunidade do design. Desafiou convenções, foi uma das primeiras a varrer do mapa o shabby chic e a resgatar os tons neutros e serenos e os padrões geométricos do visual "moderno" que era a grande moda atual. Ela me contratou definitivamente quando o estágio acabou e agora me proporcionava a melhor experiência que uma jovem designer poderia desejar; era estimulante, criteriosa, com um instinto infalível e um olho para detalhes

mais infalível ainda. Mas a melhor coisa de trabalhar para ela? Jillian era divertida.

Quando saltei do bonde, logo avistei meu escritório. O Jillian Designs ficava no Russian Hill, uma bela área da cidade: mansões de contos de fadas, ruas sossegadas, vista fantástica para as colinas mais altas. Algumas das maiores casas antigas haviam sido convertidas em espaços comerciais, e o nosso edifício era um dos melhores.

Soltei um suspiro ao entrar em minha sala. Jillian pedira a cada designer que desse uma cara própria ao seu espaço particular. Era uma maneira de mostrar a potenciais clientes o que eles podiam esperar, e eu pensei muito sobre meu ambiente de trabalho. Paredes de um cinza profundo eram acentuadas por suntuosas cortinas rosa-salmão. Minha mesa era de ébano escuro, com uma cadeira forrada de seda champanhe e dourada. A sala era discretamente distinta – com um toque de extravagância provido pela

minha coleção de anúncios das sopas Campbell's dos anos quarenta e cinquenta. Tinha encontrado vários deles em uma venda de garagem, todos recortados de antigas edições da revista *Life* e emoldurados. Eu sorria toda vez que os olhava.

Gastei alguns minutos jogando fora as flores da semana anterior e preparando um novo buquê. Toda segunda-feira, eu parava na floricultura vizinha ao escritório para escolher flores para a semana. As flores mudavam, mas as cores tendiam a recair nas mesmas paletas. Eu era particularmente fã dos laranjas e rosas intensos, pêssegos e dourados calorosos. Desta vez, tinha escolhido rosas híbridas de uma linda cor coral, com uma coloração framboesa nas pontas.

Reprimi um bocejo e sentei à mesa para me preparar para o dia. Vislumbrei Jillian quando ela passou pela minha porta e acenei. Sempre impecável, ela era alta,

esguia e adorável. Hoje, vestida de preto da cabeça aos pés, exceto pelo peep toe fúcsia, estava arrasando, poderosa.

– E aí, gata! Que tal o apartamento? – Jillian perguntou, sentando-se na cadeira do outro lado da mesa.

– Fantástico. De novo, muitíssimo obrigada. Nunca vou conseguir te pagar. Você é a melhor.

O meu novo apartamento era propriedade de Jillian, ela o havia comprado assim que se mudara para a cidade, anos atrás. Agora, estava reformando uma casa em Sausalito. Tendo em vista o que eram os aluguéis em San Francisco, foi um achado. Eu já me preparava para continuar com as bajulações, quando ela me deteve com um aceno de mão.

– Psiu, não é nada. Sei que devia ter me livrado disso, mas foi o primeiro apartamento em que morei sozinha e não

gostaria de me desfazer dele. Gosto da ideia dele estar sendo habitado de novo. É um bairro tão bom… – Ela sorriu, eu sufoquei outro bocejo. – Caroline, é manhã de segunda-feira. Como você já pode estar bocejando?

Dei uma risada.

– Quando foi a última vez que você dormiu lá, Jillian? – Fitei-a por cima de minha xícara de café. Era a terceira.

– Nossa, já faz algum tempo. Um ano, talvez? Benjamin estava fora da cidade, e eu ainda tinha uma cama por lá. Às vezes, quando trabalhava até tarde, acabava dormindo no apartamento. Por quê?

Benjamin era o seu noivo. Milionário que conquistou tudo sozinho, capitalista de risco e estonteantemente bonito. Minhas amigas e eu tínhamos uma paixãozinha platônica por ele.

– Você ouviu algo vindo do apartamento

vizinho? – perguntei.

– Não, não. Acho que não. Tipo o quê?

– Hum, barulhos. Barulhos tarde da noite.

– Não, não quando eu estava lá. Não sei quem vive lá agora, mas acho que alguém se mudou no ano passado. Ou há dois anos? Nunca conheci. Por quê? O que *você* escutou?

Corei furiosamente e dei um gole no café.

– Espera aí. *Barulhos tarde da noite?* Caroline? Sério? Você ouviu o vizinho transando? – ela indagou.

Bati a cabeça na mesa. Ai, meu Deus. Flashbacks. Nada de pancadas. Dei uma espiadinha em Jillian, que lançou a cabeça para trás numa gargalhada.

– Jesus, Caroline! Não fazia ideia! O último vizinho, pelo que me lembro tinha uns oitenta anos, e o único ruído que vinha daquele quarto era das reprises de *Gunsmoke*. Mas, pensando bem, eu realmente

conseguia ouvir os episódios muitíssimo bem…

– Céus, não é *Gunsmoke* o que vem daquelas paredes agora. É sexo, pura e simplesmente. E não é sexo cheio de frescura, ou monótono. Estamos falando de sexo… interessante. – Abri um sorriso.

– O que exatamente você escutou? – Jillian perguntou, os olhos brilhando.

Não importa sua idade, nem de onde você é, existem duas verdades universais: sempre damos risada de… gases na hora errada e sempre queremos saber sobre o que acontece na cama alheia.

– Jillian, sério: nunca escutei nada assim antes! Na primeira noite, eles estavam batendo na parede com tanta força, que um quadro caiu na minha cabeça!

Os olhos de Jillian se arregalaram, e ela se inclinou sobre a mesa.

– Mentira!

– Não é mentira, não! Depois ouvi… Cruzes, ouvi tapas. – Eu estava conversando com a minha chefe sobre espancamento erótico. Entende por que adoro minha vida?

– Nãããão! – Jillian falou, e rimos como duas colegiais.

– Siiiiiim. E ele fez a minha cabeceira se mexer, Jillian. Se mexer! Vi a Castigada na manhã seguinte, quando ela estava saindo.

– Você a chama de Castigada?

– Claro! E, então, ontem…

– Duas noites seguidas! A Castigada foi castigada de novo?

– Que nada, ontem fui presenteada com uma aberração da natureza que batizei de Purina.

– Purina? Não entendi. – Ela franziu as sobrancelhas.

– A russa que ele fez *miar*.

Ela riu outra vez, o que fez Steve, da contabilidade, enfiar a cabeça no vão da

porta.

– O que vocês estão tagarelando, hein? – ele perguntou e então começou a rir enquanto se afastava, ainda balançando a cabeça.

– Nada! – respondemos em uníssono, para cairmos na gargalhada novamente.

– *Duas* mulheres em *duas* noites, é impressionante – Jillian suspirou.

– Impressionante? Não, não. Galinha? Sim, sim.

– Uau. Você sabe o nome dele?

– Pior que sei. É Simon. Sei, porque Castigada e Purina ficaram gritando sem parar. Não foi difícil deduzir. Trepador de paredes maldito – bufei.

Jillian permaneceu calada por um momento e, então, abriu um largo sorriso.

– Simon Trepador de Paredes: adoro!

– É, você adora. Não foi o seu gato que tentou acasalar com uma russa que miava

através da parede, de madrugada. – Soltei um riso pesaroso e bati novamente a cabeça na mesa; nós continuamos dando risada.

– Muito bem, vamos trabalhar – disse Jillian por fim, enxugando as lágrimas dos olhos. – Preciso que você fisgue esses clientes de hoje. Que horas eles vêm?

– Ah, os Nicholson vêm à uma. Os projetos e a apresentação estão prontinhos. Acho que eles vão gostar bastante do que fiz com o quarto. Vamos oferecer uma saleta anexa à suíte e um banheiro novinho em folha. Ficou sensacional.

– Não duvido. Você me fala quais são suas ideias durante o almoço?

– Claro, sem problemas – respondi enquanto Jillian se encaminhava à porta.

– Sabe, Caroline, se você conseguir fechar esse negócio, será ótimo para a empresa – disse ela, me fitando através de seus óculos com aro de tartaruga.

– Espere só até ver o que preparei para o novo home theater dos Nicholson.

– Mas eles não têm um home theater.

– Ainda não – falei, arqueando as sobrancelhas e sorrindo astuciosamente.

– Gostei – ela aprovou e saiu para começar o seu dia.

Definitivamente, os Nicholson eram o tipo de casal que eu queria ser. Mimi havia feito alguns serviços para Natalie Nicholson, endinheirada e de sangue azul, quando Natalie remodelou seu escritório, no ano passado. Ela me indicou para o design do interior, e eu imediatamente comecei a planejar a transformação do quarto do casal.

Trepador de Paredes. Céus!

– Fantástico, Caroline. Simplesmente fantástico – Natalie delirou enquanto eu acompanhava ela e o marido até a porta da frente. Tínhamos passado quase duas horas

revisando o projeto, e, tendo nos acertado quanto a uns poucos detalhes, não tive dúvida de que seria um trabalho excitante.

– Então, você acha que é a designer certa para nós? – Sam perguntou, piscando os profundos olhos castanhos, envolvendo a cintura da esposa com o braço e brincando com o rabo de cavalo dela.

– É você quem me diz – provoquei-o, sorrindo para ambos.

– Adoraríamos trabalhar com você neste projeto – Natalie disse ao apertarmos as mãos.

Eu me cumprimentei mentalmente, mas mantive o rosto impassível.

– Excelente. Entro em contato em breve, e podemos começar a planejar um cronograma – falei enquanto segurava a porta do escritório para os dois.

Permaneci no vão e dei um tchauzinho; depois, entrei, deixando a porta bater atrás

de mim. Dei uma olhadinha para Ashley, nossa recepcionista. Ela ergueu uma sobrancelha para mim, e eu retribuí o gesto.

– E aí? – perguntou ela.

– Na mosca! – Suspirei, e ambas soltamos gritinhos histéricos.

Jillian desceu a escada enquanto fazíamos uma dancinha e se deteve.

– O que aconteceu aqui embaixo? – perguntou, sorridente.

– Caroline fechou com os Nicholson! – Ashley exclamou.

– Boa! – Jillian me deu um abraço rápido. – Orgulhosa de você, gata – ela sussurrou, e eu brilhei. Sério, brilhei mesmo.

Saltitei até o meu gabinete, dando gritinhos e estalidos com a língua ao contornar a mesa. Sentei, rodopiei na cadeira e observei a baía.

Boa jogada, Caroline. Boa jogada.

Naquela noite, ao sair com Mimi e Sophia para comemorar meu sucesso, posso ter virado mais do que algumas margaritas. Segui em frente com shots de tequila e ainda lambia o sal que já não existia no meu pulso enquanto elas me ajudavam a subir a escada.

– Sophia, você é linda! Sabe disso, não sabe? – falei, me inclinando para ela enquanto rastejávamos pelos degraus.

– Sim, Caroline, sou linda. Bela observação do óbvio – ela disse. Com quase um metro e oitenta e um flamejante cabelo ruivo, Sophia tinha total consciência da sua aparência.

Mimi riu, e me virei para ela.

– E você, Mimi, é a minha melhor amiga. E é tão minúscula! Aposto que eu poderia te carregar no bolso.

Soltei uma risada enquanto tentava encontrar meu bolso. Mimi era uma filipina nanica com pele cor de caramelo e cabelo

negro retinto.

– Devíamos tê-la proibido de beber depois que o guacamole acabou – Mimi resmungou para Sophia. – Não vamos mais deixá-la beber sem comida por perto. – Ela me arrastou pelos últimos degraus.

– Não fale de mim como se eu não eu não estivesse aqui – reclamei, tirando minha jaqueta e começando a fazer o mesmo com a blusa.

– Ei, nada de ficar pelada no corredor, ok? – Sophia me repreendeu, retirando a chave da minha bolsa e abrindo a porta. Tentei beijá-la na bochecha, mas ela se esquivou.

– Caroline, você está fedendo a tequila e repressão sexual. Sai de perto de mim. – Ela soltou uma risada e me ajudou a passar pela porta. A caminho do quarto, avistei Clive no peitoril.

– Oi, Clive. Como vai o meu garotão?

Ele me encarou e saiu. Clive desaprovava meu consumo de álcool. Mostrei a língua para ele. Desabei na cama e fitei minhas amigas no umbral da porta. Elas sorriram afetadamente, com aquela expressão de "você está de porre e nós não, por isso, estamos te julgando".

– Desçam do salto, senhoras. Já vi as duas em porres muito piores do que este – comentei, minha calça seguindo o mesmo caminho da blusa, que jazia no chão. Se você me perguntar por que eu continuava calçando meus sapatos, não saberei responder.

As duas abriram o edredom, e eu rastejei para debaixo dele, encantada. Elas me aconchegaram tão bem, que as únicas coisas que ficaram de fora foram meu nariz, meus olhos e meu cabelo desarrumado.

– Por que o quarto está girando? Que diabo vocês duas fizeram com o apartamento da Jillian? Ela me mata! – gemi enquanto

observava o quarto se mover.

– O quarto não está girando, Caroline. Relaxa. – Mimi deu uma risadinha abafada, sentou ao meu lado e deu tapinhas em meu ombro.

– E essas pancadas, que merda são essas pancadas? – murmurei para as axilas de Mimi, que em seguida cheirei para aprovar sua escolha de desodorante.

– Caroline, não tem pancada nenhuma. Céus, você deve ter bebido mais do que a gente pensou! – Sophia exclamou, sentando no pé da cama.

– Não, Sophia. Eu também ouvi. Você não está ouvindo? – Mimi falou numa voz sussurrada.

Sophia se imobilizou, e todas nós ficamos atentas. Uma pancada distinta ressoou, e, depois, um inconfundível gemido.

– Gatinhas, relaxem. Vocês estão prestes a trepar pelas paredes – declarei.

Sophia e Mimi arregalaram os olhos, mas permaneceram imóveis.

Seria a Castigada? Ou Purina? Contando com esta última, Clive entrou no quarto, pulou na cama e encarou a parede com atenção arrebatada.

Nós quatro nos sentamos e aguardamos. Mal consigo descrever a que fomos submetidos desta vez.

– Oh, meu Deus!

Tum.

– Oh, meu Deus!

Tum, tum.

Mimi e Sophia se viraram para mim e para Clive. Apenas anuímos com a cabeça – nós dois, juro. Um sorriso se espalhou lentamente pelo rosto de Sophia. Já eu me concentrei na voz que vinha da parede. Era diferente… O tom era mais baixo, e, enfim, eu não conseguia distinguir o que ela falava. Mas não era Castigada nem Purina.

– Hummmm, Simon… hi-hi… isso… hi-hi… aí… hi-hi… mesmo… hi-hi, hi-hi.

Hã?

– Isso, isso… snif… isso! Fode, fode… hi-hi, snif… fode, isso!

Ela estava dando risadinhas e fungadas. Era uma risadinha muito, muito esquisita.

Nós três rimos junto com ela durante sua trajetória ao que soou como um clímax fenomenal. Clive, tendo percebido que sua amada não apareceria, se retirou intempestivamente para a cozinha.

– Que merda é essa? – Mimi sussurrou, seus olhos arregalados.

– Essa é a tortura sexual que tenho escutado nas duas últimas noites. Vocês não fazem ideia – resmunguei, sentindo os efeitos da tequila.

– A Risadinha fez essa apresentação nas duas últimas noites? – Sophia gritou, levando a mão à boca quando mais gemidos e

risadinhas atravessaram a parede.

– Até parece. Esta é a primeira noite que tive o prazer de conhecê-la. Antes, foi a Castigada. Era uma garota muito safadinha e precisava ser punida. E, ontem, Clive conheceu o amor de sua vida quando Purina fez sua estreia…

– Por que Purina? – Sophia interrompeu.

– Por que ela mia na hora H – falei, me escondendo debaixo da coberta. A euforia etílica estava começando a se dissipar e a dar lugar ao óbvio déficit de sono que eu experimentava desde que me mudara para aquele antro de devassidão.

Sophia e Mimi puxaram a coberta do meu rosto no exato momento em que a moça gritou:

– Ai, meu Deus, isso é… ha-ha-ha-ha… tão bom!

– O cara do apartamento ao lado consegue fazer uma mulher miar? – Sophia

indagou, com uma sobrancelha erguida.

– Aparentemente, sim – cacarejei, sentindo a primeira onda de náusea me fustigar.

– Por que ela está rindo? Por que alguém riria ao ser comida desse jeito? – perguntou Mimi.

– Sei lá, mas é bacana ouvi-la se divertindo – disse Sophia, rindo ela própria depois de uma gargalhada particularmente retumbante. *Gargalhada, minha gente*…

– Você já viu esse cara? – Mimi perguntou, o olhar ainda fixo na parede.

– Não. Mas o meu olho mágico tem trabalhado bastante.

– Bom, pelo menos um buraco tem estado ocupado nesta casa – Sophia murmurou.

Eu a encarei.

– Que desagradável, Sophia. Só vi a nuca dele, mais nada – respondi, me endireitando.

– Uau, três garotas em três noites. Isso é

que é energia! – disse Mimi, ainda contemplando a parede, boquiaberta.

– É repugnante, isso sim. Já nem posso dormir à noite. Minha pobre parede! – choraminguei, e um gemido profundo veio *dele*.

– Sua parede... O que sua *parede* tem a ver com... – Sophia começou, mas eu agarrei sua mão.

– Só espere, por favor – falei. Ele estava chegando lá.

A parede desatou a tremer ao ritmo das pancadas, e os risos da mulher ficaram cada vez mais altos. Sophia e Mimi arregalaram os olhos, atônitas, enquanto eu me limitei a balançar a cabeça.

Podia ouvir Simon gemendo e sabia que ele estava perto do clímax. Mas seus ruídos foram rapidamente abafados pelos da sua parceira daquela noite.

– Oh... hi-hi... é isso... hi-hi... aí... hi-

hi… não… hi-hi… para… oh… hi-hi… meu Deus… hi-hi… não… hi-hi… para!

Por favor. Por favor. Pare.

Hi-hiiiiiii…

E, com uma risada e um gemido derradeiros, o silêncio caiu sobre o ambiente. Sophia e Mimi se entreolharam, e Sophia disse:

– Oh…

– Meu… – acrescentou Mimi.

– Deus – ambas disseram em coro.

– E é por *isso* que eu não consigo dormir – suspirei.

Enquanto nos recuperávamos da Risadinha, Clive voltou ao quarto para brincar com uma bolinha de algodão.

Risadinha, acho que te odeio mais do que todas…

CAPÍTULO QUATRO

As noites seguintes foram abençoadamente calmas. Nada de batidas, nada de palmadas, nada de miados, nada de risadas. É verdade que Clive se sentia um tanto abandonado de vez em quando, mas tudo o mais ia muito bem no apartamento. Conheci alguns dos vizinhos, incluindo Euan e Antonio, que viviam no andar de baixo. Não vira nem ouvira Simon desde a Risadinha e, embora estivesse grata pelas noites de sono perfeito, também estava curiosa sobre o motivo de seu desaparecimento. Euan e Antonio ficaram encantados em me atualizar.

– Gata, espere até ver nosso querido Simon. Que espécie de rapaz! – exclamou Euan. Antonio tinha me pegado no corredor,

a caminho de casa, e em segundos um coquetel surgira em minha mão.

– Sim! Ele é sofisticado! Ah, se eu fosse uns aninhos mais jovem – Antonio cantarolou, abanando-se enquanto Euan o fuzilava com os olhos por cima de seu Bloody Mary.

– Se você fosse uns anos mais jovem, o quê? Por favor. Simon nunca foi para o seu bico. Ele é um filé… e você e eu não passamos de salsichas.

– Fale por você – riu Antonio, chupando sugestivamente o talo de seu aipo.

– Cavalheiros, por favor. Falem-me desse cara. Admito que, depois do show que ele deu durante a semana, estou um pouco intrigada a respeito do homem por trás das batidas na parede.

Ao perceber que eles não iriam retribuir se eu não abrisse o bico, contei sobre as travessuras que Simon fazia de madrugada.

Os dois se agarraram a cada palavra como sanguessugas. Falei das sucessivas mulheres com quem ele tinha ficado e Euan e Antonio deduziram o resto.

Simon era um fotógrafo freelancer que viajava pelo mundo. Ambos supuseram que ele estava fora a trabalho no momento, o que explicava a qualidade do meu sono. Simon trabalhara em projetos do Discovery Channel, da Sociedade Costeau e da *National Geographic* – só coisa grande. O meu vizinho já tinha ganhado prêmios por suas fotos e, anos antes, tinha até mesmo passado um tempo cobrindo a Guerra do Iraque. Sempre deixava o carro quando viajava: um velho e desconjuntado Land Rover do gênero encontrável em uma savana africana.

A partir do que Euan e Antonio me contaram – o carro, o trabalho – e do fórum internacional de orgasmos do outro lado da parede, comecei a montar o perfil desse homem, que ainda não tinha visto. E estaria

mentindo se dissesse que não ficava mais curiosa a cada dia.

No fim de uma tarde, depois de deixar algumas amostras nos Nicholson, decidi voltar a pé para casa. A neblina tinha se dissipado, desvendando a cidade e oferecendo um belo começo de noite para um passeio. Enquanto contornava a esquina rumo a meu apartamento, notei que o Land Rover não ocupava seu posto habitual, atrás do prédio. O que significava que ele andava por aí.

Simon estava de volta a San Francisco.

Embora tivesse me preparado para outra rodada de trepada pelas paredes, os dias seguintes transcorreram sem grandes acontecimentos. Eu trabalhei, caminhei, cuidei de Clive. Saí com minhas amigas, fiz um maravilhoso pão de abobrinha na minha já bem disciplinada Kitchen Aid e passei

algum tempo pesquisando sobre minhas férias.

Todo ano, eu saía de férias completamente sozinha por uma semana. Sempre para um destino excitante, e nunca fui duas vezes para o mesmo lugar. Houve um ano em que passei uma semana caminhando em Yosemite. Em outro, pratiquei esportes radicais num acampamento de ecoturismo, nas florestas tropicais da Costa Rica. Em outro, foram sete dias de mergulho na costa de Belize. E neste ano… eu não sabia para onde iria. A Europa estava se tornando financeiramente impossível no atual estado da economia, então a descartei. Considerava o Peru, já que sempre quis conhecer Machu Picchu. Claro que ainda tinha muito tempo, mas, geralmente, metade da diversão era decidir onde eu queria passar as férias.

Também consumi bastante tempo no olho mágico. Sim, confesso. Sempre que ouvia

uma porta se fechar, corria para bisbilhotar. Clive me olhava com um sorrisinho. Ele sabia exatamente o que eu pretendia. Por que estava me julgando, no entanto, jamais saberei, já que suas orelhas se empinavam sempre que ele ouvia ruídos vindos da escada. Ainda sofria por sua Purina.

Eu ainda não tinha visto Simon de verdade. Uma vez, cheguei ao olho mágico só para vê-lo entrando em seu apartamento, mas tudo o que peguei foram uma camiseta preta e um despenteado cabelo escuro. Podia ser loiro-escuro – era difícil dizer sob a luz fraca do corredor. Precisava de uma iluminação melhor para uma investigação melhor.

Outro dia, voltando do trabalho, vi o Land Rover se afastar do meio-fio enquanto eu virava a esquina. Ia passar pertinho de mim! Aí, precisamente quando eu estava prestes a vê-lo pela primeira vez, a *enxergar* o homem por trás do mito, tropecei e caí de bunda na

calçada. Felizmente, Euan me viu, me socorreu – assim como ao meu ego ferido e ao meu traseiro dolorido –, me levou para dentro e me serviu uma dose de uísque.

Tudo continuou sossegado naquela noite. Eu sabia que Simon estava em casa, pois o ouvia ocasionalmente: uma cadeira sendo arrastada, um ou dois risos tranquilos. Mas nada de harém e, portanto, nada de batidas na parede.

De fato, nós dormimos juntos na maioria das noites. Ele punha Glenn Miller e Duke Ellington do seu lado da parede, e eu escutava descaradamente. Meu avô costumava tocar seus velhos discos à noitinha, e os estalidos e rangidos da agulha no vinil soavam reconfortantes conforme eu adormecia, com Clive aninhado a mim. Concedo isto a Simon: ele tinha bom gosto musical.

Essa tranquilidade era boa demais para perdurar, entretanto, e o mundo voltou a

desabar algumas noites depois.

Primeiro, fui submetida a uma nova sessão da Castigada. Ela tinha sido uma menina má outra vez e seguramente mereceu a retumbante punição que recebeu – palmadas que duraram no mínimo meia hora e que terminaram com exclamações de "Isso! Aí mesmo! Meu Deus, é aí mesmo!" antes que a parede começasse a tremer de fato. Não dormi naquela noite; apenas fiquei deitada, revirando os olhos e ficando cada vez mais frustrada.

Na manhã seguinte, do meu posto no olho mágico, peguei Castigada partindo e consegui dar uma boa olhada nela pela primeira vez. De rosto rosado e brilhante, era uma garota corpulenta, com quadris e coxas cheios de curvas e uma bunda realmente avantajada. Era baixa – baixa mesmo – e rechonchudinha; precisou ficar na ponta do pé para o beijo de despedida em Simon, e eu deixei de vê-lo porque a fiquei

observando. Me espantou seu gosto para mulheres. Castigada era exatamente o oposto do que eu tinha visto de Purina, que parecia uma modelo.

Prevendo que Purina não demoraria a bater o ponto, na noite seguinte, dei a Clive uma meia repleta de erva-de-gato e uma tigela cheia de atum. Minha esperança era que ele ficasse entorpecido e com sono antes de a ação rolar. Mas os presentes tiveram o efeito contrário. Meu garoto estava pronto para a farra quando os primeiros acordes de Purina soaram através da parede, por volta de uma e quinze da madrugada.

Se Clive pudesse usar um smoking, o teria feito.

Antes, com um ar blasé, ele inspecionou o quarto e, principalmente, a área em frente à parede. Quando Purina iniciou os miados, porém, não conseguiu se conter: saltou de novo contra a parede. Pulou do criado-mudo para o armário e deste para as prateleiras,

escalando travesseiros e até um abajur – tudo para chegar mais perto de sua amada. Quando percebeu que nunca conseguiria atravessar o estuque, entoou uma serenata numa grotesca versão felina de Barry White, seus miados competindo com os dela em intensidade.

Quando a parede começou a tremer – e Simon estava quase lá –, fiquei admirada com o fato de os dois conseguirem manter o foco e o controle mesmo com aquele estardalhaço. Afinal, se eu podia ouvi-los, eles também deveriam ser capazes de ouvir Clive e seu pandemônio. Mas, pensando bem, se eu estivesse sendo empalada pelo Pau Maravilhoso do Trepador de Paredes, provavelmente conseguiria compartimentar as ações…

No entanto, neste momento, eu não estava sendo empalada por coisa alguma, e sim ficando irritada. Me sentia cansada, com tesão e sem nenhum alívio à vista.

Na manhã seguinte após essa noite de sono abreviada, me arrastei até o olho mágico para mais uma sessão de Vigia do Harém. Fui recompensada com um vislumbre do perfil de Simon quando ele se inclinou para o beijo de despedida em Purina. Foi rápido, mas o suficiente para ver seu maxilar: forte, definido. Um ótimo maxilar. A melhor coisa daquele dia foi a visão do maxilar. O resto foi uma merda.

Primeiro, houve um problema com o empreiteiro da casa dos Nicholson. Aparentemente, ele não apenas tirava intervalos de almoço exagerados, como fumava baseado no sótão todo santo dia. O terceiro andar do imóvel cheirava a um show do Grateful Dead.

Depois, uma remessa inteira de azulejo para o piso do banheiro chegou rachada e lascada. O tempo necessário para encomendar e enviar tudo de novo atrasaria o projeto em, no mínimo, duas semanas,

arruinando qualquer chance de entregá-lo no prazo. Em qualquer construção maior, o prazo não passa de uma *estimativa*. No entanto, eu nunca havia perdido um deadline e, sendo aquele um projeto importante, fiquei enlouquecida (não no bom sentido) ao constatar que não existia nada que pudesse fazer para acelerar as coisas – exceto pegar um avião para a Itália e trazer os malditos azulejos eu mesma.

Depois de um almoço rápido, durante o qual engasguei, cuspi refrigerante no chão e passei vergonha, parei em uma loja a caminho do trabalho para olhar uma nova bota de caminhada. Planejava fazer trilha na Marin Headlands, no próximo fim de semana.

Enquanto examinava alguns modelos, senti uma fungada quente na orelha que me fez estremecer instintivamente.

– Ei, você – ouvi e me petrifiquei de terror. Lembranças me assolaram, e eu vi

manchas. Senti frio e calor ao mesmo tempo, e a experiência mais pavorosa, mais terrível da minha vida desfilou diante dos meus olhos. Virei e dei de cara com…

Cory Weinstein, aquela metralhadora desgraçada que roubou meus Os.

– Uau, uma beleza na redondeza. Caroline! – ele cantarolou, recrutando seu Tom Jones interior.

Engoli a bílis e lutei para manter a compostura.

– Cory, que bom te ver. Como você está? – balbuciei.

– Não posso reclamar. Fiscalizando restaurantes pro meu velho. E você? Como vai o negócio da decoração?

– Negócio do design, e vai bem. Aliás, eu estava mesmo voltando para o trabalho, então, se você me dá licença – gaguejei, começando a passar por ele.

– Ei, calminha, linda. Já almoçou? Posso

conseguir um desconto para você numa pizzaria pertinho daqui. O que acha de cinco por cento? – ele disse. Até a voz dele era escrota.

– Puxa, cinco por cento! Por mais que soe muito tentador, vou recusar – ironizei.

– Então, Caroline, quando posso te ver de novo? Aquela noite… caramba! Foi demais, não foi? – Cory piscou um olho, e e eu surtei.

– Não. Não, Cory. Mil vezes, não! – exclamei, a bílis subindo outra vez. Lampejos de dentro e fora, dentro e fora, dentro e fora. Minha xoxota guinchou em legítima defesa. Nós duas não estávamos muito bem, é verdade, mas eu sabia o pavor que ela sentia da metralhadora. Só por cima do meu cadáver.

– Ah, bonita, que é isso! Vamos fazer a magia acontecer – Cory arrulhou.

Ele se inclinou em minha direção, e pude

perceber que tinha comido salsicha recentemente.

– Cory, só pra você saber, estou prestes a vomitar no seu sapato. Por isso, se eu fosse você, daria uns passinhos pra trás. – Ele ficou branco e recuou. – E, só para constar: eu prefiro pregar minha cabeça na parede a *fazer a magia acontecer* com você outra vez. Você, eu e cinco por cento de desconto? Acho que não. Tchauzinho! – falei através dos dentes cerrados e saí da loja, indignada.

Marchei de volta ao trabalho, irada e sozinha. Nada de azulejos italianos, nada de bota de caminhada, nada de homem, nada de O.

Passei a noite no sofá, em pânico. Não atendi ao telefone. Não fiz jantar. Engoli restos de comida tailandesa direto da embalagem e rosnei para Clive, que tentou roubar um camarão. Ele disparou para debaixo de uma cadeira e ficou me olhando.

Assisti a *Barefoot Contessa*, o que geralmente me animava. Ela fez sopa de cebola francesa e almoçou na praia com o marido, Jeffrey. Normalmente, ver os dois juntos me deixava toda tranquila e sonhadora. Eles eram tão fofinhos. Nessa noite, me deram náusea. *Eu* queria estar sentada em uma praia do East Hampton, enrolada num cobertor e tomando sopa com Jeffrey. Bem, não aquele Jeffrey, mas um equivalente. O meu Jeffrey.

Porra de Jeffrey. Porra de Barefoot Contessa. *Porra de almoço na praia.*

Quando já era tarde o bastante para ser justificável ir para a cama e deixar para trás aquele dia horrível, arrastei minha tristeza até o quarto. Fui pegar o pijama e notei que não havia lavado nenhuma roupa suja. Droga. Revolvi a gaveta de pijamas à procura de alguma coisa, qualquer coisa. Tinha várias peças bem sexy, do tempo em que O e eu estávamos em sintonia.

Resmunguei e me irritei e finalmente retirei um baby-doll cor-de-rosa. Era pregueado e fofinho, e, embora eu adorasse usar lindas lingeries para dormir antes, agora odiava. Era um lembrete concreto do meu O desaparecido. Certo, já tinha se passado um tempo desde que eu tentara fazer contato. Quem sabe esta noite? Sem dúvida, eu estava tensa; um alívio viria muito a calhar.

Enxotei Clive e fechei a porta. Ninguém precisava ver aquilo.

Pus INXS para tocar, pois precisava de toda a ajuda possível. Michael Hutchence, o vocalista, sempre me fazia chegar quase lá. Subi na cama, arrumei os travesseiros atrás de mim e me enfiei sob os lençóis. Minhas pernas nuas deslizaram pelo algodão fresco. Não há nada como a sensação de pernas recém-depiladas em lençóis de seiscentos fios. Talvez aquela fosse mesmo uma boa ideia. Fechei os olhos e tentei acalmar a respiração. Nas últimas – e poucas – vezes

que tentara encontrar O, eu ficara tão completamente frustrada, que, no fim, me encontrava quase em prantos.

Nessa noite, iniciei com um apanhado das fantasias de sempre. Primeiro, um pouco de Catalano; deixei minhas mãos escorregarem sob a barra da camisola e subirem até os meus seios. Enquanto pensava em Jordan Catalano/Jared Leto beijando Angela Chase/Claire Danes no porão da escola, me imaginei no lugar dela. Senti o beijo dele, denso e pesado, em meus lábios, e, depois, seus dedos deslizaram sobre minha pele, em direção a meus mamilos. Quando suas/minhas mãos começaram a acariciá-los, experimentei o habitual frêmito no ventre, e o calor se espalhou por todo o corpo.

Com os olhos ainda fechados, a imagem mental mudou para Jason Bourne/ Matt Damon atacando minha pele. Ambos fugíamos do governo, e somente nossa química física nos mantinha vivos. Os

meus/seus dedos percorreram levemente a minha barriga e escorregaram para dentro da minha calcinha. Senti que aquilo estava dando resultado. Alguma coisa lá dentro despertava, se remexia. Arfei ao perceber o quanto estava pronta para Jason, e para Jordan.

Céus. O pensamento dos dois trabalhando juntos para trazer O de volta me fez estremecer, literalmente. Gemi e me preparei para o melhor.

Clooney. Visões de Clooney surgiram enquanto meus dedos brincavam, circulavam, provocavam e serpenteavam. Danny Ocean… George, de *Vivendo e aprendendo*.

Então, fui com tudo.

Dr. Ross. Terceira temporada de *Plantão médico*, depois do penteado tipo César ter sido retificado. Hummmmmm… Gemi e suspirei. Estava dando certo. Eu estava ficando excitada de verdade. Pela primeira

vez em meses, o meu cérebro e o restante do meu corpo pareciam estar em sintonia. Rolei de lado, a mão entre as pernas, quando vi o dr. Ross se ajoelhar diante de mim. Ele lambeu os lábios e me perguntou quando tinha sido a última vez que alguém me fizera gritar.

Você nem imagina. Me faça gritar, dr. Ross.

Detrás de olhos bem apertados, eu o vi se inclinar para mim, sua boca cada vez mais próxima. Empurrou meus joelhos gentilmente, beijando o interior de cada coxa. Eu podia sentir sua respiração em minhas pernas, e isso me fez estremecer.

A boca do dr. Ross se abriu, e aquela língua perfeita de Clooney surgiu para sentir meu gosto.

Tum.

– Ai, meu Deus.

Tum, tum.

– Ai, meu Deus!

Não, não. Não!

– Simon… Hummmm… Hi-hi.

Eu não podia acreditar. Até o dr. Ross parecia confuso.

– Está… hi-hi… bom… hi-hi… demais! Ha-ha-ha-ha!

Suspirei ao sentir dr. Ross me deixando. Eu estava molhada, estava frustrada, e agora Clooney achava que alguém estava rindo dele. Começou a se afastar…

Não, não me deixe, dr. Ross. Você não!

– Isso! Isso! Oh… Oh… Ha-ha-ha-ha!

A parede passou a tremer, e as batidas da cama começaram.

Já chega. Ria disto, sua piranha!

Eu me levantei, e Catalano e Bourne e o adorado dr. Ross se esvaíram em nuvens de fumaça carregadas de testosterona. Abri a porta e irrompi do quarto, possuída. Clive ergueu uma pata e estava prestes a me repreender por tê-lo colocado para fora,

mas, quando viu minha cara, sabiamente me deixou passar.

Marchei até a porta de entrada, meus saltos esmurrando o assoalho de madeira. Estava mais do que furiosa. Estava lívida. Tinha chegado *tão* perto. Escancarei a porta da frente com a ira de um orgasmo interrompido. Comecei a martelar a porta dele. Martelei e martelei, como Clooney estivera prestes a fazer. Bati de novo e de novo, sem esmorecer, sem trégua. Ouvi passos rumo à porta, mas não parei. A frustração do dia e da semana e dos meses sem O rompeu em uma invectiva jamais vista.

Ouvi trancas sendo abertas e fechos sendo removidos – e continuei com as pancadas. Comecei a gritar:

– Abre a porta, desgraçado, ou eu derrubo a parede!

– Calma. Pare de bater – ouvi Simon

dizer.

Então, a porta se abriu, e eu vi. Lá estava ele. Simon.

Emoldurado por uma luz suave que vinha de trás, Simon segurava a porta com uma mão e um lençol branco em volta da cintura com a outra. Olhei-o de alto a baixo, minha mão ainda suspensa, cerrada em um punho. Ela pulsava das batidas.

Ele tinha o cabelo negro como azeviche, todo em pé, provavelmente por causa das mãos da Risadinha enterradas nele enquanto Simon a comia. Os olhos eram de um azul cortante, e as maçãs do rosto, tão fortes quanto o maxilar. Para completar o pacote? Lábios convidativos e uma barba de três dias.

Jesus, uma barba. Como eu perdi isso de manhã?

Contemplei seu corpo longo, esbelto. Era bronzeado, mas não de um bronze falso – um bronzeado da vida, do tempo, um

bronzeado *viril*. Seu peito subia e descia conforme ele arfava, a pele coberta de uma fina e sexy película de suor. À medida que meus olhos desceram mais, divisei pequenos tufos de pelos escuros em seu torso, o que me levou ainda mais para baixo. Para baixo dos abdominais definidos. Para baixo daquele V que alguns homens têm e que nele não era esquisito nem do tipo AB Toner.

Simon era deslumbrante. Claro que era. Precisava ter uma barba além de tudo?

Arquejei sem querer quando meus olhos chegaram mais baixo do que eu pretendia. Eles eram arrastados como que por um ímã: mais e mais para baixo. Para baixo do lençol – que, por sua vez, já se achava mais baixo em sua cintura do que deveria ser legalmente permitido…

Ele.

Ainda.

Estava.
Duro.

CAPÍTULO CINCO

– Ai, meu Deus.

Tum.

– Ai, meu Deus.

Tum, tum.

Eu sacolejava na cama com o ímpeto de suas metidas. Ele se impeliu contra mim com uma força inabalável, dando-me exatamente o que eu podia aguentar, empurrando-me só um pouquinho para além da beirada. Me fitou, duro, disparando um sorriso de quem sabia. Fechei os olhos e me permiti sentir o quão profundamente estava sendo afetada. E era muito profundamente.

Pegou minhas mãos e as ergueu na direção da cabeceira, acima da minha cabeça.

– Acredite, você vai querer se segurar firme agora – ele sussurrou, colocando uma de minhas pernas sobre seu ombro e mudando o ritmo de seus quadris.

– Simon! – guinchei, começando a sentir espasmos no corpo. Seus olhos, aqueles malditos olhos azuis, se fixaram nos meus enquanto eu palpitava em torno dele. – Hummmm, Simon! – gritei de novo. E acordei… com os braços sobre a cabeça, as mãos agarrando firmemente a cabeceira.

Fechei os olhos por um momento e fiz força para descerrar os dedos. Quando olhei de novo, vi pontos brancos em minhas mãos, tão apertadas estavam.

Sentei com dificuldade. Estava coberta de suor e ofegava. Ofegava de verdade. Os lençóis formavam uma bola no pé da cama, com Clive soterrado, só o focinho aflorando.

– Clive, você está se escondendo?

– Miau! – foi a resposta zangada, e uma

carinha se seguiu ao focinho.

– Pode sair, seu bobo. Mamãe não vai mais gritar. Acho. – Dei risada e passei os dedos pelo meu cabelo desgrenhado.

Havia charmosamente suado no pijama inteiro, então me levantei e fiquei diante do ar-condicionado, me refrescando e começando a me acalmar.

– Essa foi por pouco, hein, O? – gracejei, pressionando uma perna contra a outra e sentindo um incômodo nada desagradável entre as coxas.

Desde a noite em que nos conhecemos, eu não parava de sonhar com Simon. Não que quisesse – não queria *mesmo* –, mas meu subconsciente havia tomado o controle e fazia loucuras com ele durante a noite. Meu corpo e meu cérebro tinham se separado: o cérebro sabia bem; a Pequena Caroline tinha suas dúvidas…

Clive se desvencilhou de mim e correu

rumo à cozinha para sua dança habitual ao redor da tigela.

– Eu sei, eu sei, sossega aí – resmunguei enquanto ele roçava em meus tornozelos. Despejei uma colher de ração na tigela e fiz café. Me debrucei sobre o balcão e tentei me recompor. *Ainda* ofegava um pouco.

Aquele sonho tinha sido… intenso, digamos assim. Pensei de novo em seu corpo curvado sobre o meu, uma pérola de suor escorregando de seu nariz e tombando em meu seio. Ele se abaixava e passava a língua na minha barriga, em direção aos seios, e depois…

Tim, tim!

O sr. Café me trouxe de volta de meus devaneios atrevidos, e eu fiquei grata. Podia sentir que estava ficando excitada outra vez. *Será que isso vai ser um problema*?

Enchi uma xícara de café, descasquei uma banana e olhei pela janela. Ignorei a vontade

de massagear a banana e a meti na boca. Oh, meu Deus do céu… A coisa se dirigiu para o sul rapidamente. E, por "sul", eu quero dizer…

Dei um tapa na minha cara e me forcei a pensar em algo que não fosse o galinha com quem atualmente partilhava uma parede. Coisas insignificantes. Coisas inócuas.

Cachorrinhos… Dar de quatro.

Sorvete de casquinha… Lamber a casquinha dele e duas bolas.

Brincadeiras de criança… Hum, será que eu quero seguir o mestre Simon? Ok, chega! *Você não está nem tentando mais!*

Debaixo do chuveiro, cantei o hino dos Estados Unidos várias vezes seguidas para impedir que minhas mãos fizessem outra coisa senão ensaboar. Precisava ter em mente o idiota que ele era – e não como ficava vestindo apenas um lençol e um sorriso. Fechei os olhos e me inclinei para o jato de

água, relembrando aquela noite. Quando parei de encará-lo – ou melhor, de encarar o que se encontrava embaixo do lençol –, abri a boca para falar:

– Escuta aqui, cara, você faz ideia do barulho que estão fazendo? Eu preciso dormir! Se eu tiver que ouvir você e seu harém batendo na minha parede por mais uma noite, aliás, por mais um *minuto*, vou perder o juízo!

Berrei para aliviar toda a tensão que teria sido, poderia ter sido, *deveria* ter sido descarregada à maneira Clooney.

– Calma aí. Não pode ser tão grave assim. Essas paredes são bem grossas. – Ele sorriu e bateu o punho na moldura da porta, tentando fazer um charme. Obviamente, estava acostumado a conseguir o que queria. Com abdominais como aqueles, eu podia entender por quê.

Balancei a cabeça para recuperar o foco.

– Você está maluco? Essas paredes são mais ocas que sua cabeça. Eu ouço tudo! Cada palmada, cada miado, cada risadinha, já deu! Essa putaria acaba agora! – rugi, sentindo o rosto queimar de raiva. Cheguei a fazer aspas com as mãos para enfatizar as palmadas, os miados e as risadinhas.

Quando mencionei seu harém, ele deixou o charme de lado e tomou uma postura agressiva.

– Ei, ei, já chega! – contra-atacou. – O que eu faço na minha casa é problema meu. Sinto muito se te incomodei, mas você não pode bater aqui no meio da madrugada e me dizer o que posso e o que não posso fazer. Você não me vê atravessando o corredor e batendo na sua porta.

– Não, você já bate na minha maldita parede! Nós dividimos uma das paredes do quarto. E você fica bem em cima de mim quando estou tentando dormir. Tenha um mínimo de educação.

– E por que você me ouve mas eu não te ouço? Ah, porque não tem ninguém batendo no seu lado da parede…

Ele deu um sorrisinho insolente, e eu senti o sangue se esvair do meu rosto. Cruzei firmemente os braços sobre o peito e, quando olhei para baixo, me toquei do que estava vestindo.

Baby-doll cor-de-rosa. Que maneira de demonstrar credibilidade.

Enquanto eu soltava fumaça, seu olhar percorreu meu baby-doll, detendo-se descaradamente na renda e no meu quadril, que oscilava conforme eu batia o pé irritadamente no chão.

Seus olhos finalmente voltaram para cima e, ao encontrarem os meus, não se desviaram. Então, aquele azul-bebê cintilou, e ele me deu uma piscada.

Vi tudo vermelho.

– Ahhh! – exclamei e voei para o meu

apartamento.

Agora, mortificada, deixei que a água lavasse minha frustração. Não o tinha visto desde então, mas e se tivesse? Bati a cabeça contra os azulejos.

Quando abri a porta da frente, quarenta e cinco minutos depois, lancei um adeus para Clive por cima do ombro e rezei silenciosamente para que não houvesse qualquer garota do harém no corredor. Tudo deserto.

Coloquei meus óculos escuros ao atravessar a porta do prédio, mal reparando no Land Rover. E, por "mal", eu quero dizer que mal pensei em Simon afastando a minha saia enquanto eu estava no banco do passageiro e…

Caroline!

Ok, talvez eu tivesse um problema.

Naquela mesma tarde, a cabeça de Jillian

surgiu na porta do meu escritório.

– Toc, toc – ela disse, sorrindo.

– Oi! E aí, tudo bem? – Eu me recostei na cadeira.

– Me pergunte sobre a casa em Sausalito.

– Ei, Jillian, e a casa em Sausalito? – obedeci, revirando os olhos.

– Terminada – ela sussurrou e jogou os braços para cima.

– Mentira! – sussurrei de volta.

– Totalmente, completamente, absolutamente terminada! – Ela soltou um gritinho e sentou na cadeira de visita.

Também comemorei com um gritinho.

– *Isso sim* é uma boa notícia. Precisamos celebrar. – Abri uma gaveta.

– Caroline, se você tirar daí uma garrafa de uísque, vou ter que consultar o RH – ela advertiu e abriu um sorriso.

– Em primeiro lugar, *você* é o RH. Em segundo, é claro que não tem uma garrafa de

uísque na minha gaveta. Obviamente, o uísque está num frasquinho amarrado na minha coxa. – Sorri e mostrei dois pirulitos.

– Boa. De melancia, ainda por cima. Meu favorito – ela disse, e nós desembrulhamos e começamos a chupar.

– Bem, me conte tudo – incitei.

Eu me consultei algumas vezes com Jillian enquanto ela escolhia os toques finais da casa que reformara com Benjamin; era o tipo de casa com a qual eu sonhava havia anos. Como Jillian, seria calorosa, convidativa, elegante e cheia de luz.

Falamos de trabalho por um tempo, e depois ela me deixou voltar às minhas coisas.

– A propósito, festa de inauguração no próximo fim de semana. Leve as suas cocotas – ela falou a caminho da porta.

– Você disse *cocotas*? – Eu achei ter ouvido X no lugar de C. *Meu Deus, o que há*

comigo.

– Acho que sim. Vocês topam?

– Parece ótimo. Podemos levar alguma coisa? E podemos ficar secando seu noivo?

– Não se atrevam. E eu não esperaria outra coisa de vocês – Jillian replicou.

Sorri e voltei ao trabalho. Festa em Sausalito? Soava promissor.

– Você não tem realmente uma queda por ele, tem? Quero dizer, quantos sonhos já teve com ele? – perguntou Mimi, sugando seu canudo.

– Uma queda? Não, ele é um idiota… Por que eu teria…

– Claro que ela não tem! Quem sabe por onde aquele pau já passou? Caroline, nem pensar – Sophia respondeu por mim e jogou o cabelo por cima do ombro, deixando embasbacada uma mesa de homens de negócio que a encarava desde que ela

entrara. Tínhamos combinado de almoçar em nosso bistrô favorito, em North Beach.

Rindo, Mimi recostou-se na cadeira e me deu um pontapé por baixo da mesa.

– Sai fora, imbecil! – Olhei duro para ela, corando de irritação.

– É, sai fora, imbecil! Você acha que a Caroline vai… – Sophia deu uma gargalhada e então se deteve, finalmente tirando os óculos escuros e cravando o olhar em mim.

A violoncelista e a imbecil perceberam minha inquietação. Uma sorriu, a outra praguejou.

– Jesus, Caroline, não me diga que você tem uma queda por esse cara. Ah, não, você tem, não tem? – zangou-se Sophia enquanto o garçom pousava na mesa uma garrafa de San Pellegrino. Ele a observou passar os dedos pelo cabelo, e ela o despachou com uma piscada certeira. Sophia sabia como os homens a olhavam, e era divertido vê-la

fazê-los sofrer.

Mimi era diferente. Era tão pequena e fofa que, a princípio, os homens se atraíam pelo seu charme natural. Depois, eles realmente prestavam atenção nela e percebiam que era adorável. Alguma coisa em Mimi fazia que os homens quisessem tomar conta dela, protegê-la. Até que a levavam para a cama. Pelo menos, foi o que me disseram. Essa era aloprada…

Quanto a mim, diziam que eu era bonita, e de vez em quando eu acreditava. Em um dia bom, dava conta do recado. Nunca me senti tão deslumbrante quanto Sophia ou tão perfeitinha quanto Mimi, mas me saía bem. Sabia que, juntas, nós nos completávamos e, até recentemente, usávamos isso a nosso favor.

Cada uma gostava de um tipo diferente, o que era bom. Raramente disputávamos o mesmo cara.

Sophia era bem peculiar. Curtia homens esbeltos e lindos. Não podiam ser muito altos, mas mais altos do que ela. Sophia os queria educados, inteligentes e preferivelmente loiros. Esse era o seu fraco. Também caía de quatro por um sotaque sulista. Sério: se um cara imitasse um sotaque do Sul, ela ela era capaz de pular nele primeiro e só depois perguntar seu nome. Aprendi isso em primeira mão, porque, uma vez em que ela estava de porre, eu a provoquei com meu melhor sotaque de Oklahoma. Tive que fugir dela pelo resto da noite: de acordo com Sophia, a faculdade era tempo de experimentar.

Mimi também era peculiar, mas não tinha preferência por um biótipo. Topava todos, mas eu já tinha reparado que gostava de tamanho extragrande. Seus homens costumavam ser corpulentos, altos e fortes. Adorava que a levantassem para beijá-la, ou que a colocassem num banquinho para não

ficarem com torcicolo. Gostava de caras mais sarcásticos e odiava os condescendentes. Como era pequena, acabava atraindo sujeitos que queriam "proteger". Mas minha amiga tinha feito caratê desde criança e não precisava da proteção de ninguém. Era uma cabra-macho em saia retrô.

Eu era mais difícil de definir, mas sabia quem era o cara certo assim que o via. Como o Supremo Tribunal com relação à pornografia, permanecia sempre alerta. De fato, tinha uma inclinação para homens que viviam ao ar livre – salva-vidas, mergulhadores, alpinistas. Gostava deles bem cuidados mas um pouquinho desalinhados, com um toque de playboy e um salário alto o bastante para que eu não precisasse bancar a mamãe. Não passaria um verão com um surfista delicioso que não pudesse pagar sequer sua manteiga de amendoim. Nem mesmo a habilidade de provocar orgasmos múltiplos e intermináveis o salvaria se eu

descobrisse que ele vinha usando meu American Express para pagar a parafina da prancha. E a conta do celular. E a viagem para as ilhas Fiji para a qual não fui convidada. Cai fora, surfista. Cai fora.

No fim das contas, deveria ter seguido o ditado de que mais vale um pássaro na mão… Ah, a época antes do sumiço dos Os… Orgasmos intermináveis. Suspiro.

– Mas, espera aí, você o viu depois do encontro no corredor? – Sophia perguntou depois que fizemos o pedido e eu voltei das minhas lembranças de verão.

– Não – resmunguei.

Mimi deu uma pancadinha de leve em meu ombro.

– Ele é um gato, não é?

– Merda, pior que é! Lindo demais pro seu próprio bem. Mas é um idiota! – Bati a mão na mesa com tanta força, que os talheres sambaram. Sophia e Mimi se

entreolharam, e eu dei o dedo do meio às duas. – E, na manhã seguinte, ele estava no corredor beijando Purina! Aquilo é um desfile doentio de orgasmos do qual eu não quero fazer parte! – falei, mastigando furiosamente minha folha de alface depois de contar a história pela terceira vez.

– Não acredito que a Jillian não te avisou sobre esse cara – comentou Sophia, afastando os croutons com a ponta do garfo. Ela estava outra vez numa fase sem pão, apavorada com os três quilos que supostamente ganhara no último ano. Não fazia o menor sentido, mas, quando Sophia metia uma coisa na cabeça, não adiantava discutir.

– Não, não, ela disse que não o conhece – comentei. – Ele mudou quando ela já não morava mais lá. Aliás, a Jillian mal ficava no apartamento. Era mais para ter um lugar onde dormir na cidade caso precisasse. Segundo os vizinhos, ele vive lá há um ano, mais ou menos.

Enquanto relatava isso, me dei conta de que havia compilado um verdadeiro dossiê sobre Simon.

– Então, ele andou trepando pela parede esta semana inteira? – perguntou Sophia.

– Esteve relativamente calmo, na verdade. Ou escutou o que eu disse e está sendo um bom vizinho, ou seu pau finalmente quebrou dentro de uma delas e ele foi atrás de um médico – falei um tanto alto demais. A mesa de homens de negócio devia estar prestando bastante atenção, pois todos se engasgaram e se remexeram no assento, comprimindo as pernas em uma suposta solidariedade involuntária. Nós três rimos e continuamos nosso almoço. – Falando na Jillian, vocês duas foram convidadas para a festa de inauguração da casa de Sausalito, no próximo fim de semana.

Ambas imediatamente se abanaram com as mãos. Benjamin era o único cara sobre o qual todas concordávamos. Sempre que

enchíamos a cara de Jillian, lhe confessávamos nossa queda e a fazíamos contar coisas sobre ele. Se conseguíssemos fazê-la virar um martíni a mais... bem, digamos apenas que era bom saber isto: valia a pena continuar fazendo sexo mesmo depois que seu homem já estivesse pra lá dos quarenta. A história sobre Benjamin e a Suíte Tonga, no Hotel Fairmont? Uau. Ela era uma mulher de sorte.

– Que bacana. Por que a gente não se encontra no seu apartamento e se arruma lá, como nos velhos tempos? – Mimi gralhou, e eu e Sophia tapamos os ouvidos.

– Tá bom, mas para de gritar, ou você vai pagar a conta sozinha – Sophia repreendeu, e Mimi se recostou na cadeira, os olhos brilhando.

Depois do almoço, Mimi partiu para seu próximo compromisso, ali na vizinhança, e eu e Sophia dividimos um táxi.

– Então, sonhos safadinhos com o vizinho. Conta tudo – ela começou, para deleite do motorista.

– Continue prestando atenção no caminho, senhor – instruí quando o flagrei olhando para nós pelo retrovisor.

Deixei meus pensamentos vagarem até os sonhos nos quais gozara todas as noites da semana passada. Eu mesma, no entanto, não havia chegado lá – minha frustração sexual disparara a um ponto crítico. Na época em que era capaz de ignorar O, eu estava bem. Agora que era diariamente presenteada com sonhos com Simon, a ausência de O se tornara insuportável. Até Clive passou a dormir em cima do armário, a salvo das minhas pernas inquietas.

– Os sonhos? Os sonhos são bons, mas ele é um idiota! – exclamei, dando um murro no assento.

– Sei. Você já disse isso mil vezes –

Sophia falou, o olhar fixo em mim.

– E daí? Que olhar é esse?

– Nada. Só olhando. Você está muito incomodada com alguém que não passa de um idiota.

– Eu sei – suspirei, mirando pela janela do táxi.

– Você está me cutucando.

– Não estou, não.

– Sério, o que você tem no bolso, Mimi? Está armada? – Sophia exclamou, afastando a cabeça para longe enquanto Mimi passava a chapinha em seu cabelo.

Dei risada. Eu estava sentada na cama e amarrava as sandálias. Já tinha enchido o cabelo de bobes antes de elas chegarem, por isso fui poupada do tratamento completo. Mimi gostava de fantasiar que era uma renegada da escola de beleza e, se pudesse abrir um salão no próprio quarto, teria

pensado seriamente nisso.

Ela tirou uma escova do bolso e a mostrou a Sophia antes de começar a provocar. Com a escova, claro.

Estávamos fazendo um esquenta exatamente como fazíamos em Berkeley, com daiquiri frozen. Embora estivéssemos acostumadas com aquela mistura de álcool e suco de limão, ela ainda nos deixava excitadas e bobas.

– Ah, vá! A gente nunca sabe quem vai encontrar. Você não quer estar com o cabelo reto quando conhecer o Príncipe Encantado, quer? – Mimi convencia Sophia a levantar o cabelo para "um pouco de volume no cocuruto". Você não discutia com Mimi; você obedecia, e pronto.

– Não tem nada reto aqui. Se você enrolar, eles vão ficar curtos demais e o Príncipe Encantado nem vai notar que eu tenho cabelo – Sophia resmungou, o que

provocou uma nova rajada de risos. Em seguida, nossas risadas foram subjugadas por vozes no vizinho. Levantei da cama e me aproximei da parede, para ouvir melhor. Desta vez, era possível escutar duas outras vozes masculinas além da de Simon, mas eu não conseguia entender o que diziam. De repente, a parede foi atravessada por "Welcome to the Jungle" em um volume tão alto, que Sophia e Mimi pararam o que estavam fazendo.

– Que porra é essa? – grunhiu Sophia, olhando ferozmente ao redor do quarto.

– Pelo jeito, Simon é fã do Guns N' Roses – dei de ombros, secretamente curtindo a música. Coloquei uma fita no meio da testa e fiz a dancinha de caranguejo de Axl, para o deleite de Mimi e a desaprovação de Sophia.

– Não, não, não é assim, boba – Sophia falou e pegou outra fita. Mimi gargalhou histericamente enquanto Sophia e eu competíamos pelo melhor Axl – até que o

cabelo de Sophia começou a desmanchar, claro. Aí Mimi tentou contê-la. Sophia pulou na cama pra fugir dela, e eu fiz o mesmo. Ficamos pulando, gritando a letra e dançando freneticamente. Mimi finalmente cedeu, e nós três dançamos animadas. Senti a cama se mover sob nossos pés e percebi que ela estava batendo na parede – a parede de Simon.

– Toma essa! E essa! E mais... essa! Ninguém bate no meu lado da parede, né? Ha-ha-ha-ha! – gritei, alucinada. Mimi e Sophia me olhavam atônitas. Sophia desceu da cama, e as duas se abraçaram e riram enquanto eu martelava. Balancei pra frente e pra trás como se estivesse surfando, empurrando incessantemente a cabeceira da cama contra a parede.

A música parou de repente. Caí como se tivesse sido atingida. Mimi e Sophia levaram a mão uma à boca da outra, enquanto eu continuava estendida na cama e mordia o nó

dos dedos para não rir. O frenesi no quarto era igual ao de ser pego fugindo depois de tocar a campainha do vizinho ou dando risada no fundo da igreja. Você não pode parar e também não pode *não* parar.

Tum, tum, tum.

Não era possível! Ele estava batendo na parede por minha causa?

Tum, tum, tum.

Ele estava batendo na parede por minha causa.

Tum, tum, tum! Bati tão forte quanto pude. Não conseguia acreditar que ele tinha a cara de pau de me mandar ficar quieta. Ouvi vozes masculinas rindo.

Tum, tum, tum– soou mais uma vez, e minha paciência explodiu.

Uau, ele *realmente* era um idiota…

Olhei incrédula para as meninas, que se juntaram a mim na cama.

Tum, tum, tum – nós martelamos, seis

pulsos coléricos fustigando o reboco.

Tum, tum, tum – eles contra-atacaram, desta vez muito, muito mais alto. Seus amigos tinham entrado em ação.

– Desista, meu senhor! Nada de sexo para você! – berrei para a parede, Mimi e Sophia gargalhando maniacamente.

– Toneladas de sexo para mim, minha senhora. Nada para você! – ele gritou muito claramente através da parede.

Ergui o punho para mais murros. *Tum, tum, tum.*

Tum, tum! Um único punho respondeu da outra trincheira, e depois tudo ficou em silêncio.

– Oooohhhhhh! – gritei para a parede, e ouvi Simon e seus amigos rindo.

Mimi, Sophia e eu nos entreolhamos com olhos arregalados e então escutamos um leve suspiro atrás de nós.

Nos viramos e vimos Clive se instalando

no armário. Ele devolveu o olhar, suspirou de novo e começou a lamber o traseiro.

– Olha o descaramento desse sujeito! Ele realmente tem a cara de pau de bater na minha parede? Na *minha* parede? Mas que…

– Idiota. A gente já sabe – Mimi e Sophia disseram em uníssono conforme eu prosseguia com meu discurso.

– Sim, um idiota! – falei, ainda revoltada. Estávamos no carro, a caminho da festa de Jillian. O táxi que havíamos reservado tinha chegado pontualmente às oito e meia da noite.

Contemplando as luzes cintilantes de Sausalito, comecei a me acalmar. Eu me recusava a deixar aquele cara me aborrecer. Estava com minhas duas melhores amigas, prestes a curtir uma festa fantástica de inauguração, cuja anfitriã era a melhor chefe do mundo. E, se tivéssemos sorte, o noivo dela nos deixaria ver as fotos do tempo em

que nadava pela equipe da faculdade, quando ainda se usavam aquelas minúsculas sungas Speedo. Suspiraríamos e babaríamos sobre os retratos até que Jillian dissesse basta. Então, ela dispensaria Benjamin – só por aquela noite.

– Estou falando, tenho um bom pressentimento dessa festa. Sinto que alguma coisa vai acontecer – falou Mimi, olhando através da janela.

– Alguma coisa vai acontecer: vamos nos divertir muito, beber muito, e, quem sabe, pegar no peitinho da Caroline na volta – disse Sophia, piscando para mim.

– Hum, docinho – provoquei com um sotaque sulista, e ela me jogou um beijo.

– Vamos parar com esse romance pseudolésbico? Estou falando sério – Mimi continuou, suspirando na voz de mocinha de romance meia-boca que ela usava às vezes.

– Quem sabe? Não sei quanto a mim, mas

talvez você encontre o Príncipe Encantado hoje – cochichei, retribuindo seu sorriso esperançoso. De nós três, Mimi seguramente era a mais romântica. Era inabalável em sua convicção de que cada pessoa tinha uma alma gêmea.

Bem... Pra mim, um O gêmeo já estava de bom tamanho.

Chegamos à entrada da casa de Jillian e Benjamin; havia carros estacionados por toda a sinuosa rua, e lanternas japonesas e velas delimitavam o terreno. Como acontece com a maioria das residências construídas em paisagens acidentadas, da rua não se podia ver nada. Demos uma risadinha ao atravessarmos o portão, e abri um sorriso quando minhas amigas avistaram aquela coisa à nossa frente. Eu já tinha visto a planta daquilo, mas ainda precisava dar uma volta.

– Que caralho de riquexó é esse? – Sophia exclamou, e não consegui segurar uma

gargalhada. Jill e Benjamin haviam desenhado e construído um elevador que subia e descia a colina. Bastante prático, se você considerar a quantidade de degraus que era preciso percorrer para alcançar a casa. A encosta era forrada de jardins de terraço e bancos e flores, tudo artisticamente arranjado à margem de caminhos lajeados e iluminados por tochas que conduziam à casa. Ainda assim, para as compras do dia a dia e outras atividades menos contemplativas, o elevador facilitava, e muito, as coisas.

– As senhoritas gostariam de usar o elevador ou preferem descer a pé? – perguntou um empregado que surgira de trás da "carruagem".

– Você quer dizer andar nessa coisa? – grasnou Mimi.

– Claro, é para isso que serve. Vamos, vai! – encorajei, atravessando a portinha que ele abrira para nós. Parecia mesmo um teleférico de pista de esqui, a não ser pelo fato de que

descia uma colina em vez de atravessar o céu.

– Tudo bem, vamos nessa – disse Sophia, embarcando atrás de mim e se estatelando no assento. Mimi deu de ombros e nos seguiu.

– Haverá alguém à espera de vocês lá embaixo. Divirtam-se na festa, senhoritas. – Ele sorriu, e nós arrancamos.

À medida que descíamos a encosta, a casa se erguia ao nosso encontro. Jillian havia criado um mundo simplesmente mágico no lugar – através das enormes janelas que rodeavam a residência, pudemos observar a festa durante a viagem de elevador.

– Uau, tem muita gente – notou Mimi, os olhos arregalados. O som tilintante de uma banda de jazz chegou a nós desde um dos pátios.

Senti um friozinho na barriga quando o elevador parou e outro empregado abriu a

porta. Nossos saltos estalaram através da laje; ouvi a voz de Jillian vinda do interior da casa e imediatamente sorri.

– Meninas! Vocês vieram! – ela exclamou ao entrarmos.

Rodopiei nos calcanhares, inspecionando todo o lugar de uma só vez. A casa era quase como um triângulo que se encaixava na encosta e se espraiava. O piso de mogno escuro se derramava sob nós e contrastava lindamente com as linhas claras das paredes. Jillian era adepta do moderno com conforto, e os tons da residência refletiam a paisagem que a cercava: o verde tépido das folhagens, marrons ricamente terrosos, cremes discretos e suaves e vestígios de um profundo azul-marinho.

Quase toda a parte de trás da casa de duas faces era de vidro, para tirar proveito da vista espetacular. O luar dançava sobre a água da baía, e, ao longe, avistavam-se as luzes de San Francisco.

Lágrimas se espalharam pelos meus olhos enquanto eu apreciava a casa que Jillian e Benjamin haviam criado para si, e, ao me voltar para minha chefe, percebi a excitação em seus olhos.

– É perfeita – murmurei, e ela me deu um abraço apertado.

Um garçom serviu-nos champanhe, e Sophia e Mimi atacaram Jillian. Quando ela se afastou para fazer as honras da casa, nós três nos dirigimos a um dos vários terraços a fim de examinar a festa. Garçons passaram com bandejas, e, mastigando camarões grelhados e bebendo espumante, esquadrinhamos a multidão em busca de conhecidos. Naturalmente, inúmeros clientes de Jillian haviam comparecido – eu sabia que aquela noite envolvia um pouco de trabalho, mas, no momento, estava contente em saborear meu camarão fino e ouvir os comentários de Mimi e Sophia sobre os homens presentes.

– Sophia, achei um cowboy para você bem ali… Não, espera, ele já pertence a outro cowboy. Próximo. – Mimi suspirou e continuou pesquisando.

– Achei! Acabo de ver seu boy desta noite, Mimi! – Sophia sussurrou estridentemente.

– Onde, onde? – Mimi sussurrou de volta, escondendo a boca atrás de um camarão. Revirei os olhos e peguei mais uma taça de champanhe quando outro garçom passou.

– Lá dentro… Viu? Bem ao lado do balcão da cozinha, de suéter preto e calça cáqui? Puxa, ele é deliciosamente alto! Hummmm, lindo cabelo também – Sophia provocou, estreitando os olhos.

– De cabelo castanho e cacheado? É, eu podia perfeitamente dar um trato naquilo – disse Mimi, animada. – Olha como é alto. E quem é a gostosura de bofe com quem ele está falando? Se essa baranga saísse do caminho… – Mimi arqueou uma sobrancelha

até que a suposta baranga finalmente se afastasse, proporcionando uma visão clara do homem em questão.

Também olhei, e, com o caminho desimpedido, nós agora conseguíamos ver os dois homens que conversavam. O sujeito grande era bem grande. Alto e corpulento – ombros de zagueiro central. Ele preenchia o suéter de um jeito bastante agradável, e, quando sorriu, seu rosto se iluminou. Sim, exatamente o tipo de Mimi.

O outro cavalheiro tinha cabelo loiro e ondulado, que ele constantemente enganchava atrás da orelha. Usava uns óculos de intelectual que realmente lhe caíam bem. Era esguio e magro e tinha um olhar intenso – quase clássico em sua beleza. Não havia erro: tratava-se de uma lindeza geek, e, ao vê-lo, Sophia suspirou rapidamente.

Enquanto assistíamos ao desenrolar da cena, um terceiro homem se juntou a eles, e nós três sorrimos. Benjamin.

Seguimos imediatamente até a cozinha para dizer oi ao nosso homem favorito no planeta. Sem dúvida, Sophia e Mimi estavam contentes também pelo fato de Benjamin se encarregar das apresentações. Olhei de relance para as duas enquanto elas se retocavam ao mesmo tempo. Mimi disfarçadamente beliscou as duas bochechas – à la Scarlett O'Hara –, e Sophia ajeitou furtivamente o sutiã. Pobres rapazes, não tinham a menor chance.

Benjamin notou que nos aproximávamos e abriu um sorriso. Os homens abriram o círculo, e Benjamin envolveu a todas nós num abraço gigante.

– Minhas três meninas prediletas! Estava me perguntando quando vocês iam aparecer. Elegantemente atrasadas, como sempre – ele provocou, e nós demos risadinhas. Benjamin tinha este poder: ele nos transformava em colegiais bobas.

– Oi, Benjamin – dissemos em coro, e me

dei conta do quanto tínhamos soado como *As panteras* de Benjamin.

Grandão e Óculos apenas sorriram, talvez esperando uma apresentação enquanto secávamos Benjamin. Ele realmente envelhecia de um jeito perfeito: cabelo castanho ondulado, começando a ficar grisalho nas têmporas. Vestia calça jeans, camisa azul-escura e um par de botas de cowboy. Podia facilmente estar desfilando para Ralph Lauren.

– Me permitam apresentá-las. Caroline trabalha com Jillian, e Mimi e Sophia são suas, ah, como se diz... BFF? – Benjamin sorriu, apontando para mim.

– Uau, BFF? Quem anda te ensinando as gírias, papaizinho? – Eu ri e estendi a minha mão para o Grandão. – Olá, sou Caroline. Muito prazer.

Ele engolfou minha mão com sua pata. Era como uma pata mesmo. Mimi ia perder

a cabeça com aquele cara. Havia diversão no olhar dele quando sorriu para mim.

– Oi, Caroline. Meu nome é Neil. E essa coisa aqui é o Ryan – disse ele, acenando para Óculos.

– Obrigado. Me lembre disso da próxima vez que você esquecer a senha do seu e-mail. – Ryan abriu um sorriso espontâneo e estendeu a mão para mim. Eu a apertei, reparando no quão incandescentemente verdes seus olhos eram. Se Sophia tivesse filhos com esse homem, eles seriam ridiculamente bonitos.

Tomei a rédea das apresentações depois que Benjamin se afastou. Começamos a bater papo, e eu sorri quando os quatro deram início à dança para-se-conhecerem-melhor. Neil avistou alguém atrás de mim e gritou:

– Ei, Parker, traga essa carinha linda aqui! Venha conhecer nossas novas amigas.

– Estou indo, estou indo – escutei e me

virei para ver quem se juntaria a nós.

A primeira coisa que vi foi o azul. Suéter azul, olhos azuis. Azul. Esplendidamente azul. Então, tudo ficou vermelho quando reconheci a quem pertencia aquele azul.

– Maldito Trepador de Paredes – assobiei, petrificada.

Seu sorriso se desfez enquanto ele tentava me identificar.

– Maldita Garota do Baby-Doll Cor-de-Rosa – concluiu. Fez uma careta.

Nos encaramos, e o ar entre nós se tornou elétrico, estalando e vibrando.

Atrás, os quatro emudeceram diante do breve diálogo. Então, a ficha caiu.

– Esse é o Trepador de Paredes? – Sophia guinchou.

– Espera aí, essa é a Garota do Baby-Doll Cor-de-Rosa? – Neil riu, e Mimi e Ryan bufaram.

À medida que eu processava a

informação, meu rosto se inflamou e a expressão de Simon se transformou naquele maldito sorrisinho insolente que eu vira no corredor. Quando bati em sua porta. Quando interrompi seu espetáculo com a Risadinha. Quando gritei com ele. Quando eu estava usando…

– Garota do Baby-Doll Cor-de-Rosa. *Garota do Baby-Doll Cor-de-Rosa!* – engasguei, pra lá de irritada. Pra lá de puta. Pronta para fazer barraco. Encarei Simon, concentrando toda minha tensão naquele olhar. Todas as noites de insônia e Os perdidos e banhos frios e bananas metidas na boca e impiedosos sonhos molhados se juntaram naquele olhar.

Queria nocauteá-lo com os olhos, obrigá-lo a suplicar por misericórdia. Mas não… Não Simon, diretor do Fórum Internacional de Orgasmos.

Ele.

Ainda.
Estava.
Sorrindo.

CAPÍTULO SEIS

Ficamos nos encarando, ondas de raiva e de irritação pingue-pongueando entre nós. Continuamos assim – ele com insolência, eu com raiva – até que me dei conta de que nossas testemunhas haviam caído no silêncio de novo, junto com todos os convidados que se encontravam na cozinha. Olhei por cima do ombro de Simon e vi Jillian ao lado de Benjamin, uma expressão interrogativa no rosto dela – sem dúvida, queria saber por que sua protegida estava prestes a rodar a baiana no meio da festa de inauguração da sua casa.

Espera aí: como diabos ela conhecia Simon? O que ele estava fazendo ali?

Senti uma mão minúscula no meu ombro

e me virei rapidamente para Mimi.

– Calma, amiga. Não vai começar uma guerra nuclear na casa da Jillian, hein? – ela sussurrou, sorrindo timidamente para Simon. Lancei um olhar a Mimi e me voltei para ele, agora acompanhado de nossos anfitriões.

– Caroline, não sabia que você conhecia o Simon. Que mundo pequeno! – exclamou Jillian, batendo palmas.

– Não diria que o *conheço*, mas estou familiarizada com a obra dele – repliquei por entre os dentes cerrados. Mimi saltitava à nossa volta, como uma criancinha com um segredo.

– Jillian, você não vai acreditar, mas… – ela começou, sua voz crepitando com prazer incontido.

– Mimi… – adverti.

– Simon é o Simon do apartamento ao lado! Simon Trepador de Paredes! – gritou Sophia, agarrando o braço de Benjamin.

Tenho certeza que ela fez isso apenas para tocar o marido de Jillian.

– Droga – resfoleguei enquanto Jillian processava a informação.

– Puta que pariu! – Ela tapou a boca com a mão assim que falou isso; Jillian sempre tentava agir como uma verdadeira dama. Benjamin pareceu confuso, e Simon teve a decência de corar um pouco.

– Idiota – sussurrei.

– Empata-foda – ele sussurrou de volta, a insolência regressando com toda a força.

Eu engasguei. Cerrei o punho e me preparei para dizer exatamente como ia foder com a vida dele, quando Neil subiu ao ringue:

– Benjamin, saca só: esta gatinha aqui é a Garota do Baby-Doll Cor-de-Rosa! Acredita? – Ele riu, e Ryan lutou para manter uma cara séria. Benjamin arregalou os olhos e ergueu uma sobrancelha em minha direção. Simon

sufocou uma risada.

– Garota do Baby-Doll Cor-de-Rosa? – perguntou Jillian, e Benjamin se inclinou para ela e murmurou que explicaria tudo mais tarde.

– Pronto, já basta! – explodi e apontei para Simon. – Você. Uma palavrinha, por favor? – vociferei e tomei seu braço. Puxei-o para fora da cozinha e o arrastei por um dos caminhos que saíam da casa. Ele me seguiu aos tropeços, meus saltos tamborilando ferozmente na laje.

– Peraí, vai mais devagar!

Minha resposta foi cravar as unhas em seu braço, o que o fez gritar. Ótimo.

Chegamos a um pequeno enclave afastado da casa e da festa – longe o bastante para que ninguém o ouvisse berrar quando eu arrancasse seu saco. Soltei seu braço e o rodeei, brandindo o indicador diante da sua cara atônita.

– Você teve o descaramento de contar pra todo mundo sobre mim, seu idiota! *Garota do Baby-Doll Cor-de-Rosa?* Porra! Você está de brincadeira? – sussurrei-gritei.

– Ei, eu poderia fazer a mesma pergunta! Por que todas aquelas mulheres me chamam de Trepador de Paredes, hein? Quem é que anda contando coisas agora? – ele sussurrou-gritou prontamente.

– Qual é! Empata-foda? Só porque me recusei a passar outra noite escutando você e seu harém, isso não faz de mim uma empata-foda! – rugi.

– Bem, se, ao bater na minha porta, você empatou a minha foda, isso faz de você uma empata-foda, sim! Empata-foda! – ele vociferou de volta. Toda aquela conversa estava começando a soar como algo que poderia ter acontecido na quarta série – exceto pelo baby-doll e pelas fodas.

– Agora, escuta aqui, meu senhor – apelei

a um tom mais adulto. – Eu não vou passar todas as noites ouvindo as suas tentativas de atravessar suas namoradas pela minha parede só com a força do seu pau! Nem pensar, meu caro! – Apontei o dedo de novo para ele, que o agarrou.

– O que eu faço do meu lado da parede é problema meu. Que isto fique claro de uma vez por todas. E por que você está tão preocupada com o meu pau? – ele perguntou, de novo com aquele sorrisinho.

Era aquele sorriso insolente, aquele maldito sorriso insolente, que me fazia perder a cabeça. Bem, isso e o fato de ele continuar segurando meu dedo.

– Também é problema *meu* quando você e seu comboio sexual ficam batendo na *minha* parede toda noite.

– Você está realmente obcecada com isso, hein? Queria estar do outro lado da parede? Está a fim de embarcar nesse comboio

sexual, Garota do Baby-Doll Cor-de-Rosa? – Ele gargalhou e agitou o indicador na minha cara.

– Ok, já chega! – rosnei. Segurei seu dedo em legítima defesa, o que imediatamente nos aproximou. Devíamos estar parecendo dois lenhadores tentando derrubar uma árvore, cada um puxando para um lado – o lado do ridículo. Resfolegávamos e bufávamos, os dois tentando levar a melhor, os dois se recusando a soltar.

– Por que você é tão galinha e idiota? – perguntei, meu rosto a centímetros do dele.

– E por que você é tão puritana e empata-foda? – ele replicou, e, quando abri a boca para dizer exatamente o que eu pensava, o desgraçado me beijou.

Ele me beijou.

Encostou seus lábios nos meus e me beijou. Sob o luar e as estrelas, com o som das ondas quebrando e dos grilos cricrilando.

Meus olhos ainda estavam abertos e fitavam furiosamente os dele. Seus olhos eram tão azuis, que era como se eu estivesse encarando dois oceanos revoltos.

Ele deu um passo para trás, nossos dedos ainda embrenhados como alicates. Livrei minha mão e dei um tapa em sua cara. Simon ficou chocado – ainda mais quando agarrei seu suéter e o puxei. Beijei-o, desta vez fechando os olhos e deixando minhas mãos se encherem de lã e meu nariz, daquele cheiro quente de homem.

Meu Deus do Céu, como ele é cheiroso.

Suas mãos tatearam a minha lombar, e, assim que ele me tocou, me dei conta de onde eu estava e do que estava fazendo.

– Merda! – falei e me soltei. Ficamos olhando um para o outro, e eu sequei os lábios. Comecei a ir embora; então, me virei rapidamente.

– Isso nunca aconteceu, entendeu? –

Apontei-lhe o dedo mais uma vez.

– Como queira. – Ele deu aquele sorrisinho insolente, e minha cólera se incendiou de novo.

– E vamos parar com essa história de Garota do Baby-Doll Cor-de-Rosa, ok? – gritei-sussurrei e me virei para o caminho lajeado.

– Até que eu veja seus *outros* baby-dolls, é assim que vou te chamar – ele disparou, e eu quase tropecei. Ajeitei o vestido e voltei à festa.

Inacreditável.

– Aí falei pro cara: "Nunca que eu vou organizar sua 'sala de jogos'. Trate de arrumar seus chicotes você mesmo!" – guinchou Mimi, e todos rimos. Ela sabia contar uma história como ninguém. Tinha o dom de unir um grupo, principalmente de pessoas que haviam acabado de se conhecer.

Quando a festa começara a esmorecer, minhas amigas e os amigos de Simon se reuniram ao redor de um braseiro, em um dos terraços. Cavado profundamente e delimitado por lajes, era cercado de bancos. O fogo crepitava alegremente, e nós ríamos, bebíamos e contávamos histórias. Quer dizer, Mimi, Sophia, Neil e Ryan contavam histórias, ao passo que eu e Simon nos encarávamos através das chamas. Com as fagulhas esvoaçantes, se eu espremesse um pouco os olhos, podia vê-lo assando no fogo do inferno.

– E aí, nós vamos falar do elefante na sala, ou não? – perguntou Ryan, descruzando as pernas e colocando sua cerveja no banco ao lado.

– E que elefante seria esse? – perguntei docemente, sorvendo um gole de vinho.

– Ah, por favor: o fato de que o cara que anda sacudindo a cabeceira da sua cama é o gostosão ali, garota! – Mimi berrou, quase

espirrando sua bebida no rosto de Neil. Ele riu com ela, mas tirou a taça de sua mão antes que acontecesse um estrago mais sério.

– Não há nada a dizer – Simon falou. – Tenho uma nova vizinha. O nome dela é Caroline. Ponto final. – Ele anuiu com a cabeça, me fitando através do fogo. Levantei uma sobrancelha e beberiquei meu vinho.

– Sim, é bom saber que a Garota do Baby-Doll Cor-de-Rosa tem um nome. O modo como ele te descreveu… Uau! Fiquei na dúvida se era uma pessoa real, mas você é tão atraente quanto ele disse. – Neil soltou um assobio elogioso para mim e tentou cumprimentar Simon por cima das chamas antes de perceber o quão escaldantes elas estavam.

Meus olhos miraram Simon. Ele fez uma careta ao ouvir a descrição. *Interessante*…

– Então, eram vocês que estavam respondendo às batidas na parede ouvindo

Guns N' Roses? – perguntou Sophia, cutucando Ryan com o cotovelo.

– E eram vocês que estavam cantando junto, suponho? – Ele a cutucou de volta.

– Que mundo pequeno, não? – suspirou Mimi, olhando fixamente para Neil. Ele piscou para ela, e eu logo percebi aonde aquilo ia dar. Mimi tinha seu gigante; Sophia, seu nerd gostoso; e eu, o meu vinho. O qual, aliás, estava desaparecendo rapidamente.

– Com licença – murmurei e me levantei para procurar um garçom.

Abri caminho por entre a multidão minguante no interior da casa, acenando para uns poucos rostos que reconheci. Aceitei uma nova taça de vinho e saí. Estava me aproximando do braseiro, quando ouvi Mimi dizer:

– E vocês precisavam ter escutado o que a Caroline contou sobre a noite em que bateu

na porta dele.

Mimi e Sophia se inclinaram e disseram sem fôlego:

– Ele… ainda… estava… duro!

Todos gargalharam. Nota mental: matar aquelas duas amanhã, de um jeito bem doloroso.

Grunhi perante essa humilhação pública e desviei do grupo a fim de me dirigir ao jardim, quando divisei Simon nas sombras. Tentei me afastar antes que me visse, porém ele acenou em minha direção.

– Deixa disso, eu não mordo – gracejou.

– Sei… – respondi, caminhando até ele.

Permanecemos em silêncio sob a noite. Contemplei a baía, apreciando a quietude. Então, ele finalmente falou:

– Eu estava pensando, já que somos vizinhos e tal…

Me virei para fitá-lo. Ele tinha um sorrisinho sexy no rosto, e eu sabia que essa

era a sua arma para fazer as calcinhas se abaixarem. Mal sabia ele que eu não estava usando nenhuma naquela noite.

– O que você estava pensando? Que quero passar uma noite dessas com você? Querido, eu não tenho a menor vontade de me tornar uma das suas garotas – respondi, encarando-o. Ele não falou nada. – E então? – perguntei, tamborilando o pé irritadamente. Que cara de pau a desse sujeito…

– Na verdade, eu ia dizer que, já que somos vizinhos e tal, talvez pudéssemos dar uma trégua – ele falou em voz baixa, olhando para mim de um jeito bastante irritado.

– Ah – murmurei. Foi tudo o que consegui dizer.

– Ou não – Simon concluiu e começou a se afastar.

– Espera, espera, espera, Simon – grunhi, segurando-o pelo pulso quando passou por

mim.

Ele ficou ali, me encarando.

– Sim. Certo. Podemos dar uma trégua. Mas tem de haver algumas regras básicas – retruquei, me virando para olhá-lo nos olhos. Ele cruzou os braços sobre o peito.

– Devo avisar desde já: não gosto que as mulheres me digam o que fazer – falou sombriamente.

– Não é o que escutei – sussurrei, mas ele ouviu mesmo assim.

– Aí é diferente – falou, a insolência ressurgindo.

– Ok, o negócio é o seguinte. Você curte, faz o que você faz, se pendura no ventilador do teto, não estou nem aí. Mas de madrugada? Podemos manter o som baixo? Por favor? Eu preciso dormir um pouco.

Ele refletiu por um momento.

– Ok, entendi como isso pode ser um problema. Mas acontece que você não sabe

nada sobre mim, muito menos sobre mim e meu "harém". Não preciso justificar minha vida, ou as mulheres dela, pra você. Portanto, nada de julgamentos ofensivos, combinado?

Foi a minha vez de refletir.

– Combinado. Por falar nisso, apreciei o silêncio desta semana. Aconteceu alguma coisa?

– Como assim, "aconteceu"? O que quer dizer? – ele perguntou conforme caminhávamos em direção ao grupo.

– Pensei que talvez você tivesse se ferido em combate, que seu saco tivesse gangrenado ou algo assim – brinquei, orgulhosa por voltar a destilar meu veneno.

– Inacreditável. É só isso que você pensa que eu sou, não é? – ele replicou, a expressão zangada outra vez.

– Um saco? Sim, de fato – emendei.

– Escuta aqui… – Simon começou, e Neil

surgiu do nada.

– Legal ver que os dois se beijaram e fizeram as pazes – ele falou, fingindo apartar Simon.

– Cala a boca, senhor apresentador – Simon resmungou enquanto o resto do recém-criado grupo reaparecia.

– Para com isso de apresentador, cara – disse Neil, e Sophia rodopiou em torno dele.

– Apresentador? Espera aí, você é o apresentador de esportes da NBC local, não é? Não é? – ela perguntou.

Os olhos dele se iluminaram. Sophia podia ser o tipo de garota que curtia música clássica, mas também era uma fervorosa torcedora do 49ers. Eu tinha quase certeza de que o 49ers era um time de futebol.

– Sim, sou eu. Você gosta de esportes? – ele perguntou, inclinando-se para Sophia e arrastando Mimi consigo. Ela estava se agarrando a seu braço de tal maneira, que

foi inevitável. Mimi cambaleou, e Ryan deslizou para ampará-la. Os dois trocaram um sorriso, e Sophia e Neil prosseguiram com sua conversa futebolística. Tossi para lembrar a eles de que eu ainda estava ali.

– Caroline, estamos partindo! – Sophia riu, agora se apoiando no braço de Ryan. Olhei para Simon mais uma vez e segui as garotas.

– Ótimo. Já me diverti bastante por hoje. Vou chamar o carro, e a gente parte logo mais – respondi, vasculhando minha bolsa em busca do celular.

– Na verdade, Neil estava falando sobre um barzinho sensacional. Nós vamos dar um pulo lá. Não quer vir? – Mimi interrompeu, detendo minha mão e apertando-a. Ela balançou a cabeça quase imperceptivelmente.

– Não…? – falei, franzindo a testa.

– Ótimo! O nosso Trepador de Paredes

aqui se certificará de que você chegue sã e salva em casa – disse Neil e bateu rudemente nas costas de Simon.

– Sim, claro – Simon falou por entre os dentes cerrados.

Antes que eu pudesse piscar, os quatro já seguiam a caminho do elevador e davam um adeus desajeitado a Benjamin e Jillian, que se limitaram a rir e a acenar.

O Trepador de Paredes e eu nos encaramos, e me senti exausta de repente.

– Trégua? – falei desanimadamente.

– Trégua – ele respondeu, concordando com a cabeça.

Saímos da festa juntos. Regressamos pela ponte, com o silêncio e a neblina da madrugada nos envolvendo. Ele tinha aberto a porta para mim quando me aproximei do Land Rover, provavelmente um hábito incutido pela mãe. Sua mão descansou em minha lombar enquanto eu embarcava, e, no

instante seguinte, ele já estava do lado do motorista, sem que eu houvesse tido a chance de fazer uma observação sarcástica. Talvez fosse melhor assim; afinal, havíamos selado uma trégua. A segunda em poucos minutos. Aquilo acabaria mal, eu tinha certeza. Ainda assim, iria tentar. Eu era capaz de ser amigável, certo?

Amigável. Ah. Aquele beijo tinha sido *muito* amigável… Estava tentando com todas as minhas forças não pensar naquilo, mas a lembrança continuava pipocando. Pressionei os lábios com os dedos sem me dar conta, recordando a sensação da sua boca na minha. Seu beijo era quase um desafio, pagando para ver o meu blefe – uma promessa do que viria a seguir se eu permitisse.

O meu beijo? Instinto puro, que, com toda a franqueza, me surpreendeu. Por que eu o tinha beijado? Não fazia ideia, mas tinha beijado. Deve ter sido ridículo.

Primeiro, dei um tapa nele, depois o beijei como em um filme antigo de Cary Grant. Eu me lancei de corpo inteiro naquele beijo, deixei minha maciez se curvar diante de sua força. Minha boca procurara a dele, e seu beijo se tornara tão sedento quanto o meu. Não teve sinos, mas teve algo ali. E esse algo ficou duro bem rapidinho contra minha coxa…

Voltei ao presente com ele mexendo sem parar no rádio. Parecia bastante concentrado na música enquanto atravessávamos a ponte, o que me deixou aflita.

– Posso te ajudar com isso? Por favor? – perguntei e olhei apreensivamente para a água lá embaixo.

– Não, obrigado, pode deixar – ele disse, me olhando de relance. Então, deve ter notado o modo como eu espiava o parapeito e riu. – Ok, claro. Você sabe de cor a letra de "Welcome to the Jungle", talvez escolha algo que preste.

Seus olhos retornaram à estrada, mas, mesmo ele estando de lado, pude ver seu sorriso aprovador. O qual – e eu odiava admitir isto – fazia seu maxilar parecer que fora talhado no pedaço de granito mais delicioso jamais desenterrado.

– Acho que consigo encontrar algo – provoquei, esticando o braço ao mesmo tempo que ele recolhia o seu. Sua mão roçou a lateral do meu seio, e ambos estremecemos. – Você está tentando me bolinar, é? – falei, sintonizando uma canção.

– Fala a verdade, você colocou os peitos no caminho da minha mão! – ele disparou.

– Acho que a sua mão mudou de direção diante da trajetória dos meninos aqui, mas não se preocupe. Você não foi o primeiro nem será o último a ser atraído para a órbita destes dois seres celestiais – suspirei dramaticamente, olhando-o de soslaio para ter certeza de que ele tinha pegado o tom de brincadeira. O canto de sua boca se espichou

num sorriso, e eu me permiti um sorrisinho também.

– Sim, *celestiais*. Era a palavra que eu ia usar mesmo. Ou seja, que habitam os céus. Ou seja, angelicais. Ou seja, uma cortesia da Victoria's Secret. – Ele abriu um sorriso largo, e eu fingi ter ficado chocada.

– Oh, não, você conhece nosso Segredo? E eu pensando que estávamos enganando os homens esse tempo todo! Que ingênua! – Ri e me recostei no banco. Havíamos atravessado a ponte e regressado à cidade.

– Precisa de muito para me enganar, especialmente quando se trata do sexo oposto – Simon replicou, e a música começou a tocar. Ele anuiu a cabeça para mim. – Too Short? Escolha interessante. Poucas mulheres a teriam feito.

– O que posso dizer? Estou numa vibe rap hoje. E é melhor eu já ir avisando: não sou como a maioria das mulheres – acrescentei,

sentindo outro sorriso se abrir em meu rosto.

– Estou começando a perceber isso.

Permanecemos calados por um momento; então, de repente, falamos ao mesmo tempo:

– Então, o que você achou de... – comecei.

– Você acredita que eles...

– Continua – falei, rindo.

– Não, o que você ia falar?

– Eu ia perguntar o que você achou dos nossos amigos?

– Era exatamente o que eu ia dizer. Não acredito que eles nos dispensaram daquele jeito! – Simon riu, e eu não consegui evitar rir junto. Ele tinha uma bela risada.

– Não é?! Mas minhas amigas sabem o que querem. Eu não poderia ter imaginado dois caras mais perfeitos pra elas. São exatamente o que procuram – confessei. Me apoiei na janela para observá-lo enquanto navegávamos pelas ruas íngremes.

– É, Neil tem uma queda por asiáticas… Juro que isso soou menos pervertido na minha cabeça. E Ryan adora uma ruiva pernuda. – Ele riu outra vez e me espreitou para ver se eu concordava com o comentário sobre ruivas pernudas.

Eu concordava. Ela era uma.

– Bem, tenho certeza que amanhã saberei tudo sobre a impressão que eles causaram nas minhas meninas. Receberei o relatório completo, não se preocupe. – Soltei um suspiro. Meu telefone tocaria sem parar.

O silêncio se instalou novamente, e pensei em algo para dizer.

– Então, de onde você conhece Benjamin e Jillian? – ele perguntou, evitando o silêncio constrangedor.

– Trabalho na empresa da Jillian. Sou designer de interiores.

– Espera aí. Você é *aquela* Caroline?

– Não faço ideia do que isso significa –

respondi, agora curiosa para saber por que ele estava me encarando.

– Nossa, é um mundo pequeno mesmo! – exclamou, balançando a cabeça de um lado ao outro, como se tentasse clarear as ideias.

Ele ficou em silêncio, e eu, no limbo.

– Ei, não quer me elucidar um pouquinho? O que você quis dizer com *aquela* Caroline? – perguntei finalmente, dando um tapinha em seu ombro.

– É que... bem... hum. Jillian mencionou você antes. E vamos parar por aqui.

– De jeito nenhum, não vamos parar nada! O que ela disse? – Dei outro tapinha.

– Corta essa! Você é mesmo durona, sabia?

Havia muitas maneiras de entender aquele comentário; por isso, eu sabiamente deixei passar.

– O que ela disse sobre mim? – perguntei em voz baixa, agora preocupada que talvez

Jillian houvesse dito algo sobre o meu trabalho. Meus nervos, que já estavam tensos, agora se desesperaram.

Ele olhou para mim.

– Não, não, não é nada disso – disse imediatamente. – Não é nada ruim. É só que... Jillian adora você. E ela me adora... óbvio, né? – Revirei os olhos, mas entrei no jogo. – E, bem, ela pode ter... mencionado algumas vezes... que achava que eu deveria te conhecer – Simon confessou e piscou para mim quando nossos olhares se encontraram.

– Ah. Aaaahhhh – falei ao compreender o que ele queria dizer. Corei. Jillian, aquela alcoviteirazinha de merda. – Ela sabe do harém?

– Você pode parar com isso? Não as chame de harém. Você faz parecer algo criminoso. E se eu disser que aquelas três mulheres são incrivelmente importantes para mim? Que eu gosto muito delas. Que o

relacionamento que tenho com elas funciona para nós, e ninguém mais precisa entender isso… saca? – ele disse, brecando abruptamente o Rover na calçada em frente ao nosso prédio.

Em silêncio, examinei minhas mãos e observei enquanto ele passava as suas pelo seu já despenteado cabelo.

– Olha, quer saber? Você tem razão. Quem sou eu para dizer a qualquer um o que é certo ou errado? Se funciona pra vocês, ótimo. Manda ver. *Mazel tov*. Só estou surpresa por Jillian querer nos arranjar. Ela sabe que eu sou uma garota bem tradicional, só isso – expliquei.

Ele sorriu e virou o poder de seus olhos azuis para mim.

– Acontece que ela não sabe tudo sobre mim. Eu mantenho a minha vida privada… privada. Menos da minha vizinha com paredes finas e uma lingerie devastadora –

disse ele numa voz baixa que podia derreter, bem, qualquer coisa. Incluindo meu cérebro, já que senti algo se derramando das minhas orelhas e descendo pelo meu pescoço.

– Menos dela – sussurrei, completamente desconcertada.

Ele soltou uma gargalhada sombria e saiu do Land Rover. Manteve os olhos em mim enquanto contornava o carro para abrir a minha porta.

Tomando a mão que ele me ofereceu, desci, quase não reparando no pequeno círculo que ele traçava na palma da minha mão esquerda com seu polegar direito. *Quase não reparando, o cacete!* Aquilo fez minha pele se arrepiar, assim como a Pequena Caroline. Nervos? Disparando pra todo lado como fogos de artifício.

Entramos no prédio – de novo, ele abriu a porta para mim. Era realmente charmoso, eu tinha de admitir.

– E de onde você conhece Benjamin e Jillian? – perguntei subindo a escada à sua frente. Sabia que ele estava reparando nas minhas pernas. E por que não repararia? Eram lindas e ficavam ainda mais naquele vestidinho solto.

– Benjamin é um velho amigo da família. Eu o conheço desde sempre. E ele cuida dos meus investimentos – Simon respondeu quando entramos no segundo andar.

Olhei por cima dos ombros e confirmei: ele estava olhando minhas pernas. Rá! Peguei!

– Oooh, seus investimentos. Aplicou o dinheiro que ganhou de aniversário, ricaço? – brinquei.

Ele riu.

– É, mais ou menos isso.

Continuamos subindo.

– É curioso, não acha? – comentei.

– Curioso? – ele perguntou, sua voz se

derramando sobre mim como mel morno.

– Bem, Jillian e Benjamin nos conhecem, a gente se encontra numa festa, você é o cara que tem me mantido entretida noite sim, outra também. Mundo pequeno, acho. – Chegamos ao último andar, e eu retirei da bolsa minha chave.

– San Francisco é uma cidade grande, mas pode parecer pequena em certos aspectos – Simon observou. – Mas, sim, é curioso. Intrigante, até. Quem diria que a simpática designer que a Jillian queria que eu conhecesse é na verdade a Garota do Baby-Doll Cor-de-Rosa? Se eu soubesse, talvez já tivesse aceitado a oferta – ele replicou, aquele maldito sorriso de volta ao seu rosto lindo.

Merda, por que ele não podia continuar sendo um idiota?

– Sim, mas a Garota do Baby-Doll Cor-de-Rosa teria dito não. Afinal, paredes finas e

tudo mais… – Pisquei o olho, cerrei o punho e dei um soquinho na parede ao lado da minha porta. Escutei Clive do lado de dentro; precisava entrar antes que ele começasse a choramingar.

– Ah, sim, paredes finas. Hum… Bem, boa noite, Caroline. A trégua continua, certo? – Simon falou, virando-se na direção de sua porta.

– A trégua continua, a menos que você me deixe brava outra vez. – Eu ri e comecei a entrar.

– Ah, pode contar com isso. E Caroline? Falando em paredes finas… – ele disse enquanto abria sua porta e olhava para mim. Então, inclinou-se no vão e deu uma pancadinha na parede.

– Sim? – perguntei, um pouco melosamente demais para meu próprio bem.

O sorrisinho insolente ressurgiu, e ele falou:

– Bons sonhos.

Deu mais uma batidinha na parede, piscou um olho e entrou.

Hum. Bons sonhos e paredes finas. Bons *sonhos* e paredes finas…

Mãe do Céu. Ele tinha me ouvido.

CAPÍTULO SETE

Cutucada.

– Grrr.

Cutucada. Amassadela, amassadela. Cutucada.

– Chega.

Amassadela, amassadela, amassadela. Cabeçada.

– Eu compreendo que você não consiga ler o calendário, mas devia saber quando é domingo. Sério, Clive.

Cabeçada dura.

Rolei na cama para longe das insistentes cabeçadas e cutucadas de Clive e cobri a cabeça com o lençol. Lembranças da noite anterior insistiam em aparecer. Simon na

cozinha de Jillian, a nossa apresentação sendo ouvida pelo mundo inteiro. Os amigos dele me chamando de Garota do Baby-Doll Cor-de-Rosa. A ficha de Benjamin caindo ao descobrir que eu era a Garota do Baby-Doll Cor-de-Rosa. Eu beijando Simon. Hummmm, eu beijando Simon.

Não, eu beijando Simon, não! Me enrolei nas cobertas.

Bons sonhos e paredes finas... Um calafrio me percorreu de cima a baixo quando lembrei suas últimas palavras. Me embrenhei ainda mais nas cobertas. Meu coração se acelerou ao pensar no quão envergonhada tinha ficado. Coração, ignore a garota debaixo das cobertas.

A noite de ontem fora definitivamente sem sonhos, mas, para ter certeza de que ninguém (Simon) ouviria meus possíveis berros ardentes, dormi com a TV ligada. A revelação de que Simon me escutara sonhando com ele tinha me perturbado

tanto, que eu zapeara interminavelmente pelos canais em busca de algo que não soasse *nada* como eu mesma tendo um sonho molhado com Simon. Acabei no canal de vendas, que, é óbvio, me manteve acordada até mais tarde do que eu planejara. Tudo ali era fascinante. Tive de arrancar o celular da minha própria mão às três e meia da madrugada, quando quase comprei o lançamento da Polishop – sem falar da meia hora irrecuperável que gastei vendo um vendedor tentando me empurrar a melhor coletânea de canções dos anos cinquenta.

Isso, e ainda tive de ouvir os acordes de Tommy Dorsey que atravessaram minha parede. Eles me fizeram sorrir, não posso mentir.

Me estiquei languidamente sob o lençol, sufocando um riso ao perceber a sombra de Clive me perseguindo, tentando encontrar uma brecha para entrar. Ele tentou por todos os ângulos, mas eu impedi seus avanços.

Finalmente, Clive retornou à sua tática de empurra-amassa, e eu descobri a cabeça para rir de seu focinho.

Eu podia lidar com essa história do Simon. Não precisava ficar totalmente constrangida. Claro, meu O sumira do mapa, talvez para sempre. Claro, eu vinha tendo sonhos eróticos com meu vizinho excessivamente atraente e confiante. E, claro, o dito vizinho tinha escutado os ditos sonhos e feito um comentário sobre eles, ficando com a última palavra numa noite que já era extremamente bizarra.

Mas eu podia lidar com isso. Claro que podia. Só precisava admitir o fato antes dele – tirar vantagem, por assim dizer. Ele não precisava ter sempre a última palavra. Eu podia me recompor e manter nossa ridícula trégua.

Estou totalmente ferrada.

Então ouvi o despertador disparar no

vizinho e congelei. Depois, me recuperei e deslizei para baixo das cobertas novamente, deixando de fora apenas os olhos.

Espera, por que eu estava me escondendo? Ele não podia me ver.

Ouvi-o bater no despertador e seus pés tocarem o chão. Por que estava levantando tão cedo? Com o silêncio da manhã, era possível ouvir absolutamente tudo através das paredes. Cara, ele também estava me ouvindo todo esse tempo! Senti o rosto enrubescer ao recordar meus sonhos, mas me controlei. Um oferecimento de Clive e suas cabeçadas em minha lombar na tentativa de me empurrar para fora da cama e servir seu café da manhã.

– Tá legal, tá legal, vamos levantar. Meu Deus, você é tão babaca às vezes, Clive.

Ele disparou um olhar rabugento por cima do seu ombro de gato, já a caminho da cozinha.

Depois de alimentar o sr. Clive e de tomar uma ducha rápida, saí para um brunch com as meninas. Estava atravessando o portão do prédio enquanto respondia a um whatsapp de Mimi, quando colidi com um Simon molhado e quente.

– Ops! – gritei ao cambalear para trás. Seus braços se lançaram e me agarraram antes que eu fosse de desequilibrada para estatelada com a bunda no chão.

– Para onde a senhorita está indo? – Simon perguntou, e eu me segurei a ele. Camiseta branca encharcada de suor, shorts preto de corrida, cabelo úmido e encaracolado, iPod e um sorriso.

– Você está suado – falei sem querer.

– Sim, *estou* suado. Acontece – ele acrescentou, passando a mão pela testa, o que deixou seu cabelo arrepiado. Tive de fisicamente bloquear os neurônios do meu cérebro que tentaram instruir cada um dos

meus dedos a se esticar e acariciar. Esticar e acariciar.

Ele me encarou, seus olhos azuis cintilando. Ele tornaria a situação insuportável se eu não tomasse a dianteira e tirasse aquele elefante sexual da sala.

– Então, sobre a noite de ontem… – comecei.

– O que sobre a noite de ontem? A parte em que você me censurou pela minha vida sexual? Ou a parte em que espalhou minha vida sexual pra suas amigas? – ele indagou, levantando uma sobrancelha e depois a camiseta, para enxugar o rosto. Dei um suspiro que soou como um túnel de vento ao fitar aqueles abdominais que bem podiam ser lombadas. Por que ele não era um vizinho gordo e flácido?

– Não, estou falando da sua indireta sobre bons sonhos. E… bem… as paredes finas – balbuciei, evitando qualquer contato visual.

Estava subitamente fascinada pelo novo tom de esmalte dos meus pés. Era lindo…

– Ah, sim, as paredes finas. Bem, sabe, elas dão para os dois lados. E, se alguém tivesse um sonho, digamos, muito interessante numa noite qualquer, isso seria, assim, um entretenimento e tanto – Simon sussurrou. Meus joelhos vacilaram um pouco. Malditos, ele e seu vodu…

Precisava me controlar. Recuei um passo.

– Sim, você pode ter ouvido algo que eu preferiria que não tivesse ouvido, mas as coisas não são sempre assim. Tudo bem, você me pegou. Mas você nunca vai me *pegar*, então vamos deixar disso. Entendeu? E, estou indo a um brunch, a propósito.

Ele parecia confuso e divertido ao mesmo tempo.

– A um brunch, a propósito?

– A um brunch. Você me perguntou aonde eu estava indo, e a resposta é: a um

brunch.

– Ah, entendi. Vai se encontrar com suas amigas que saíram com meus amigos ontem à noite?

– Vou. E ficarei feliz em partilhar as novidades com você se elas forem boas – falei, rindo e enrolando uma mecha de cabelo com o dedo. *Boa. Como seduzir um homem em dez passos. Pelo amor de Deus!*

– Ah, tenho certeza de que serão boas novidades. Aquelas duas parecem devoradoras de homens – ele disse, se apoiando nos calcanhares e se alongando um pouco.

– Tipo Hannibal?

– Tipo Hall e Oates – ele riu, erguendo o olhar para mim enquanto alongava a parte de trás da coxa.

Alongamentos, meu Deus.

– Definitivamente, elas sabem conquistar uma plateia quando precisam – falei após

refletir brevemente e comecei a me afastar de novo.

– E você? – perguntou ele, se endireitando.

– O quê?

– Ah, eu aposto que a Garota do Baby-Doll Cor-de-Rosa consegue conquistar qualquer plateia. – Ele sorriu e piscou.

– Veja por você mesmo! – contra-ataquei e comecei a desfilar depois de piscar de volta.

– Bacana – ele acrescentou quando lhe lancei um olhar por cima do ombro.

– Vai dizer que não está intrigado… – gritei a uns cinco metros de distância.

– Pode apostar que sim – Simon gritou de volta; eu continuei com um andar cheio de rebolado e ele aplaudiu.

– Uma pena que não trabalho bem em grupo! Não sou garota de harém! – berrei, já praticamente na esquina.

– A trégua ainda está de pé? – ele gritou.

– Sei lá. O que o Simon diz?

– O Simon diz que sim! Claro que sim! Está de pé! – ele urrou quando eu virava a esquina.

Rodopiei – de fato, dei uma pequena pirueta – e sorri de orelha a orelha pensando que uma trégua era algo muito, muito bom.

– Omelete de clara de ovo com tomate, cogumelo, espinafre e cebola.

– Panquecas. Quatro, por favor, com fatias de bacon. Quero o bacon bem crocante, mas não torrado.

– Dois ovos com a gema para cima, torrada de centeio com manteiga e salada de frutas.

Depois dos pedidos, nos ajeitamos para uma manhã de café e fofoca.

– Ok, pode contar o que aconteceu ontem à noite, depois que saímos da festa – disse

Mimi, apoiando o queixo nas mãos e piscando charmosamente para mim.

– Depois que vocês saíram? Você quer dizer: depois que vocês me deixaram com o babaca do meu vizinho, né? O que vocês tinham na cabeça? E contar para todo mundo que ele-ainda-estava-duro? Jura? As duas estão riscadas do meu testamento! – disparei, engolindo o café quente e imediatamente queimando a língua.

– Em primeiro lugar, contamos a história porque é engraçada, e engraçado é bom – começou Sophia, pescando um pedaço de gelo em seu copo e o passando a mim.

– *Oigada* – grunhi.

Ela anuiu com a cabeça.

– Em segundo lugar, você não tem nada que eu queira, pois já possuo a coleção inteira dos livros da *Barefoot Condessa*, que, aliás, foi você quem me deu. Portanto, pode me riscar à vontade do seu testamento. E, em

terceiro lugar, vocês dois estavam tão chatos e deprimentes, que a gente jamais ia levá-los pra sair com nossos novos meninos – concluiu Sophia, sorrindo maliciosamente.

– Novos meninos. Adoro novos meninos! – Mimi bateu palmas; parecia uma personagem da Disney.

– Como foi a volta pra casa? – Sophia indagou.

– A volta pra casa. Bem, foi interessante – suspirei, chupando o cubo loucamente.

– Interessante bom? – Mimi quis saber.

– Se você considera interessante transar em cima da Golden Gate, então sim – repliquei, tamborilando placidamente os dedos na mesa. O queixo de Mimi começou a cair, e Sophia pousou sua mão direita sobre a esquerda dela, que estava prestes a deformar o garfo em algo irreconhecível.

– Querida, ela está brincando. Nós saberíamos se Caroline tivesse dado ontem à

noite. Seu tom de pele estaria bem mais bonito – Sophia sibilou.

Mimi concordou rapidamente com a cabeça e largou o garfo. Fiquei com pena do cara que porventura a irritasse durante uma siririca.

– Então, nenhuma novidade picante? – perguntou Sophia.

– Ei, vocês conhecem a regra. Vocês liberam, eu libero – respondi, arregalando os olhos para o café da manhã que era servido. Depois de começarmos os trabalhos, Mimi disparou o primeiro tiro:

– Vocês sabiam que Neil jogou futebol por Stanford? E que sempre quis cobrir esportes? – Ela separou metodicamente o melão das amoras.

– Bom saber, bom saber. Vocês sabiam que Ryan vendeu um programa de computador incrível para a HP quando tinha só vinte e três anos? E que ele depositou

todo o dinheiro no banco, pediu demissão do emprego e passou dois anos ensinando inglês para crianças na Tailândia? – Sophia emendou.

– Muito bom saber disso também. Vocês sabiam que Simon não considera suas namoradas um harém e que Jillian, em determinado ponto, falou *para ele* sobre *mim* como uma namorada em potencial?

Nós três grunhimos e mastigamos. Então, começou o segundo round:

– Vocês sabiam que Neil adora windsurf? E que ele tem ingressos para a sinfonia beneficente da semana que vem? Quando soube que eu já tinha combinado de ir com você, Sophia, ele sugeriu que fôssemos os quatro.

– Hum, parece divertido. Eu estava mesmo pensando em convidar o Ryan. Que, aliás, também adora windsurf. Todos eles adoram. Surfam na baía sempre que podem.

Além disso, ele agora dirige uma instituição de caridade que fornece computadores e material pedagógico a escolas carentes de toda a Califórnia. Chama… – disse Sophia.

– No Line for Online? – Mimi concluiu rapidamente.

Sophia anuiu.

– Adoro essa instituição! Faço doações todo ano. E é Ryan quem a dirige? Uau… mundo pequeno! – Mimi refletiu, começando a cortar seus ovos.

O silêncio desceu sobre nós enquanto mastigávamos novamente; tentei pensar em mais alguma coisa para dizer sobre Simon que não tivesse a ver com o fato de ele ter me beijado, de eu tê-lo beijado, ou de ele saber sobre minhas noturnas poluções verbais.

– Hum, Simon tem Too Short em seu iPod – murmurei, o que foi recebido com “hums”, mas eu sabia que minha fofoca não era

grande coisa.

– Música é importante. Quem era mesmo aquele cara que você namorou que tinha lançado um álbum? – perguntou Mimi.

– Não, ele não tinha lançado um álbum. Ele tentava vender seus CDs no porta-malas do carro. Não é exatamente a mesma coisa. – Soltei uma gargalhada.

– Você saiu com outro cantor também: Joe do Café, lembra dele? – Sophia riu pelo nariz.

– Sim. Ele estava uns quinze anos atrasado quanto ao uso de flanela, mas era perito em angústia existencial. E era mais do que decente na cama – suspirei, recordando.

– E quando essa abstinência autoimposta vai acabar? – perguntou Mimi.

– Não sei. Eu meio que gosto de não estar saindo com ninguém.

– Por favor! Quem você está tentando enganar? – Sophia riu pelo nariz de novo.

– Precisa de um lenço de papel aí, Miss Piggy? Falando sério, foram Joes do Café e Metralhadoras Cory demais. Não estou a fim de casinhos. É uma montanha-russa. Não vou mais investir tempo e esforço em algo que não tem futuro. E, além disso, o O se tornou um eremita. Talvez seja melhor eu fazer o mesmo – acrescentei, experimentando o café de novo, evitando os olhos das duas.

Elas tinham seus Os e agora tinham novos meninos. Eu não queria que ninguém se juntasse a mim na minha abstinência amorosa. Mas seus rostos ficaram tão tristes… Precisava fazer a conversa voltar a ser sobre as duas de novo.

– Então, a noite de ontem foi boa pra vocês, hein? Algum beijinho de despedida? Troca de saliva? – perguntei, sorrindo animadamente.

– Sim! Quer dizer, Neil me beijou – Mimi suspirou.

– Hummmm, aposto que ele beija bem. Ele te pegou bem apertado e passou a mão pra cima e pra baixo nas suas costas? Ele tem mãos formidáveis. Você reparou nas mãos dele? Mãos ótimas – Sophia divagou, a cara enterrada em uma panqueca. Mimi e eu trocamos um olhar e esperamos que ela emergisse para tomar fôlego. Quando Sophia percebeu que a encarávamos, corou um pouco. – O quê? Reparei nas mãos dele, e daí? São enormes. Como poderia não reparar? – ela balbuciou e encheu a boca para mudarmos de assunto.

Dei uma risadinha e voltei minha atenção para Mimi.

– E aí, o sr. Mãos Formidáveis usou suas mãos formidáveis?

Foi a vez de Mimi corar.

– Na verdade, ele foi bem fofo. Só um beijinho nos lábios e um abraço gostoso em frente à porta – ela respondeu, com um

sorriso gigante.

– E você, dona Coisa? O gênio da informática foi *caridoso* no beijo de despedida? – gracejei.

– Hum… Sim, foi. Ele me deu um beijo de boa-noite fantástico – ela respondeu, lambendo o xarope das costas de sua mão. Sophia não pareceu notar os olhos de Mimi queimarem um pouquinho quando ela mencionou o seu boa-noite, mas eu notei.

– Então, você escapou ilesa de ontem à noite, deduzo? – Mimi perguntou, bebericando seu café. Eu ainda estava tratando a minha língua queimada, por isso decidi ficar só no suco.

– Sim. Nós demos uma trégua, e eu vou tentar ser mais amigável.

– O que isso quer dizer exatamente? – ela indagou.

– Quer dizer que ele tentará restringir suas atividades a um horário mais razoável e que

eu tentarei ser mais compreensiva com sua vida sexual, por mais animada que seja – respondi, vasculhando minha bolsa atrás do dinheiro.

– Uma semana – murmurou Sophia.

– Como?

– Vai sonhando. Uma semana. É o quanto vai durar essa trégua. Você não consegue ficar calada, e ele não consegue fazer a Risadinha ficar calada. Uma semana – ela repetiu, e Mimi abriu um grande sorriso.

Bem, veremos...

* * *

Segunda-feira de manhã, bem cedinho, uma Jillian cintilante entrou valsando em meu escritório.

– Toc, toc – ela chamou. Era o retrato do casual chic: cabelo para trás, preso num coque descontraído, vestidinho preto em seu

corpinho bronzeado, pernas quilométricas que terminavam em scarpins vermelhos. Scarpins que provavelmente haviam custado meu salário. Jillian era minha mentora em todos os sentidos, e fiz uma nota mental para ter certeza de que um dia alcançaria a confiança serena que ela emanava.

Ela sorriu ao ver as novas flores no vaso que ficava sobre minha mesa. Naquela semana, eu tinha escolhido tulipas laranja, três dúzias.

– Bom dia! Você viu que os Nicholson acrescentaram um home theater? Eu sabia que eles iam mudar de ideia. – Sorri e me recostei na cadeira. Jillian sentou na cadeira à minha frente e retribuiu o sorriso. – Oh, e Mimi vem jantar hoje. A gente espera finalizar os planos do novo sistema de closet que ela está criando. Ela agora quer pôr um tapete. – Balancei a cabeça e bebi um gole de café. Minha língua já estava quase curada.

Jillian apenas continuou sorrindo.

Comecei a me perguntar se tinha um cereal no meu dente.

– Contei que consegui um desconto da fábrica em Murano nas peças que encomendei para o lustre do banheiro? Vai ficar lindo. Desconfio que vamos querer usá-las de novo – acrescentei, sorrindo esperançosamente.

Ela suspirou e se inclinou para a frente com uma expressão de gato-que-comeu-o-canário-e-ainda-tem-as-penas-na-boca.

– Jillian, você foi ao dentista esta manhã? Está tentando me mostrar sua nova dentadura? – perguntei, e ela finalmente cedeu.

– Como se eu precisasse de dentadura! Não! Estou esperando você me falar sobre seu vizinho, o sr. Parker. Ou devo dizer Simon Trepador de Paredes? – Jillian gargalhou, recostou-se na cadeira e me lançou um olhar que dizia que eu não estava

autorizada a deixar meu escritório até que contasse tudo o que ela desejava saber.

– Ah, o Trepador de Paredes. Por onde começar? Primeiro de tudo, não me diga que você não sabia que ele morava no apartamento ao lado. Como você pode ter vivido lá por tanto tempo e não saber que era ele quem batia na parede toda santa noite? – indaguei, lançando mão do meu sorriso investigativo mais sarcástico.

– Ei, você sabe que eu raramente dormia lá, especialmente nos últimos anos. Sabia que ele morava na vizinhança, mas não fazia ideia que era na porta ao lado do meu apartamento. Quando o vejo, é sempre com Benjamin, e sempre saímos para beber, ou então ele vai à nossa casa. Enfim, o que importa é que é o começo de uma ótima história, não acha? – ela provocou, sorrindo de novo.

– Ah, você e suas cupidices… Simon me contou que você tinha falado de mim. Te

peguei.

Ela ergueu as mãos para o ar.

– Espera, espera, espera! Eu não fazia ideia de que ele era tão… ativo. Nunca teria sugerido você se soubesse que ele tinha tantas namoradas. Benjamin devia saber… mas é coisa de homem, acho.

Desta vez, fui eu quem me inclinei para frente.

– Me conta, como ele conheceu Simon?

– Bem, Simon não é da Califórnia. Ele cresceu na Filadélfia e só se mudou para cá quando entrou em Stanford. Benjamin o conhece desde sempre, praticamente. Era muito amigo do pai de Simon. Benjamin meio que tomou conta de Simon. Tio predileto, irmão mais velho, pai substituto, esse tipo de coisa – ela disse, sua expressão tornando-se mais branda.

– *Era* muito amigo do pai dele? Eles brigaram ou algo assim? – Não, não.

Benjamin sempre foi muito amigo do pai de Simon. Ele foi o mentor de Benjamin no início da sua carreira. Benjamin era muito próximo de toda a família – Jillian falou, com uma tristeza crescente nos olhos.

– E agora…? – pressionei.

– Os pais de Simon morreram quando ele estava no colégio – ela disse em voz baixa.

Minha mão voou até minha boca.

– Não… – murmurei, meu coração inundado de simpatia por alguém que eu mal conhecia.

– Acidente de carro. Benjamin diz que eles morreram rápido, quase instantaneamente.

Permanecemos em silêncio por um momento, perdidas em nossos próprios pensamentos. Eu não conseguia sequer imaginar como aquilo tinha sido para Simon.

– Depois do enterro, Benjamin ficou um pouco na Filadélfia, e os dois começaram a

conversar sobre Simon estudar em Stanford – Jillian continuou depois de um instante.

Sorri diante da visão de Benjamin fazendo tudo o que podia para ajudar.

– Suponho que, para ele, tenha sido uma boa ideia se afastar de tudo – falei, imaginando como eu própria lidaria com algo como aquilo.

– Pois é. Acho que Simon viu a oportunidade e aproveitou. E saber que Benjamin estaria por perto sempre que ele precisasse… Isso deve ter tornado tudo mais fácil – ela acrescentou.

– Quando *você* conheceu Simon?

– No seu último ano de faculdade. Naquele verão, ele passou as férias na Espanha e, quando voltou, em agosto, veio à cidade para jantar conosco. Benjamin e eu já namorávamos havia algum tempo, então ele tinha ouvido falar de mim, mas não me conhecia pessoalmente.

Simon na Espanha. Pobres dançarinos de flamenco – não tinham a menor chance contra ele.

– Saímos para jantar, e Simon deixou a garçonete louca ao pedir os pratos em espanhol. Depois, disse ao Benjamin que, se ele fosse idiota o bastante de me deixar escapar algum dia, ficaria muito contente em… quais foram as suas palavras mesmo? Ah, sim, ele ficaria muito contente em esquentar a minha cama. – Ela deu uma risadinha e ficou vermelha.

Revirei os olhos. Isso combinava perfeitamente com o que eu já conhecia dele. No entanto, dado que eu e minhas amigas vivíamos flertando com Benjamin, era o sujo julgando o mal lavado.

– E foi assim que conheci Simon – Jillian concluiu, o olhar distante. – Ele é realmente ótimo, Caroline, trepadas à parte.

– É, trepadas à parte – refleti, passando

meus dedos distraidamente pelas pétalas das flores.

– Espero que você possa conhecê-lo um pouco melhor – ela disse com um sorrisinho, de novo bancando a cupida.

– Pode parar por aí. Nós demos uma trégua, mas foi só isso. – Eu ri, brandindo meu indicador para ela.

Jillian se levantou e começou a caminhar em direção à porta.

– Você está muito atrevida para uma pessoa que supostamente trabalha para mim – declarou, tentando parecer severa.

– Bem, eu trabalharia muito mais se você me deixasse voltar ao batente e parasse com essas tolices – respondi, imitando sua severidade.

Ela riu e lançou um olhar à recepção.

– Ei, Ashley! Quando foi que eu perdi o controle desta empresa? – gritou.

– Na verdade, você nunca o teve, Jillian! –

Ashley gritou de volta.

– Ah, vai fazer café ou algo assim! E você – ela disse, virando-se para mim com o dedo apontado –, crie algo brilhante para o porão dos Nicholson.

– De novo, o tanto de coisas que eu poderia ter feito enquanto você ficou tagarelando aqui… – murmurei, tamborilando um lápis em meu relógio.

Ela suspirou.

– Sério, Caroline, ele é um doce. Eu acho que vocês dois dariam ótimos amigos – Jillian falou, inclinando-se no vão da porta.

Por que todo mundo anda se inclinando no vão da porta?

– Bem, um amigo nunca é demais, não é mesmo? – acenei enquanto ela desaparecia.

Amigos. Amigos que dão trégua.

* * *

– Ok, os assoalhos do quarto serão reformados, madeira cor de mel, mas você tem certeza que quer carpete no closet? – perguntei, afundando no sofá ao lado de Mimi, começando meu segundo Bloody Mary.

Estávamos revisando seu projeto já havia uma hora, e eu tentava fazê-la ver que eu não era a única que precisaria ser flexível. Ela também precisava. Mimi sempre acreditou que ganhava todas as discussões. Via-se como uma valentona que podia vencer qualquer um no braço de ferro. Mal sabia que eu e Sophia tínhamos descoberto que bastava fazê-la *pensar* que estava ganhando – o que a tornava muito mais tolerável.

Eis a verdade: eu sabia desde sempre que queria carpete no closet – só que por motivos diferentes dos dela.

– Sim, sim, *tem* que ter carpete! Bem grosso e chique! Vai ser tão gostoso senti-lo

sob os pés frios pela manhã – ela gritou, quase tremendo de entusiasmo. Eu realmente torcia para que Neil durasse o bastante para dar a Mimi o pacote romântico completo. Ela precisava aliviar um pouco aquele excesso de energia.

– Tudo bem, Mimi, acho que você está certa. Carpete no closet. Mas, para isso, você tem que me devolver aqueles sessenta centímetros do banheiro para a prateleira de calçados giratória que eu vetei – falei com cuidado, imaginando se ela ia cair nessa.

Mimi refletiu por um momento, olhou novamente suas anotações, tomou um longo gole de seu drinque e assentiu com a cabeça.

– Sim, toma seus sessenta centímetros de volta. Eu fico com meu carpete; não vou morrer por isso. – Suspirou e estendeu a mão para mim.

Cumprimentei-a solenemente e ofereci meu aipo. Clive perambulou sala adentro e

começou a caminhar em frente à porta de entrada.

– Aposto que nossa comida tailandesa está chegando. Vou pegar o dinheiro – falei, apontando para a porta enquanto me dirigia ao balcão da cozinha, onde estava minha bolsa. Mal acabei de falar isso, ouvi passos no corredor.

– Mimi, abra a porta, deve ser o motoboy – gritei, revolvendo a bolsa.

– É pra já – ela gritou de volta, e eu ouvi a porta sendo aberta. – Oh, olá, Simon! – Mimi falou.

Então, escutei algo muito estranho. Eu juraria sobre a Bíblia em um tribunal de verdade que ouvi meu gato falar:

– Purrrrriiiiiina.

Fiquei zonza.

Em um intervalo de cinco segundos, mil coisas aconteceram: vi Simon e Purina no corredor, sacolas do Whole Foods em mãos,

chave na porta de Simon. Vi Mimi na minha porta, descalça e se inclinando (mais uma inclinada) no vão. Vi Clive se apoiando nas patas traseiras e se preparando para saltar de um jeito que eu só o vira fazer uma vez, quando escondi a erva-de-gato em cima da geladeira. Bebês nasceram, idosos morreram, ações foram compradas, e alguém fingiu um orgasmo. Tudo isso em cinco segundos.

Eu me lancei à porta numa corrida em câmera lenta que fez lembrar todos os filmes de ação já produzidos.

– *NÃÃÃOOOO!* – gritei ao notar a expressão de pânico no rosto de Purina e a de pura luxúria no de Clive, que se preparava para acasalar. Se eu tivesse alcançado a porta antes, um segundo antes, talvez evitasse o pandemônio que se seguiu.

Simon abriu sua porta e sorriu um sorriso confuso para mim quando nossos olhos se cruzaram. Sem dúvida, ele imaginou por que eu estava correndo para a porta enquanto

gritava “Nããããoooo”. Foi aí que Clive pulou. Saltou. Se lançou. Purina viu Clive saltando contra ela e fez a pior coisa que poderia ter feito. Correu. Correu para o apartamento de Simon. Claro que a garota que miava durante o orgasmo tinha medo de gato.

Clive a perseguiu; do corredor, eu, Mimi e Simon escutamos berros e miados. Aquilo soou estranhamente familiar. Balancei a cabeça e me recompus.

– Caroline, o que foi isso? Seu gato acabou de… – Simon começou a dizer, mas eu tapei sua boca com minha mão quando passei correndo por ele.

– Não temos tempo, Simon! Temos de pegar o Clive!

Mimi me seguiu para dentro da casa de Simon. Rastreei os guinchos e miados até os fundos do apartamento, não sem notar que era a imagem espelhada do meu. Típico de homem solteiro, com a TV de tela plana e o

sistema de som maravilhoso. Não tinha tempo para uma averiguação rigorosa, mas reparei na bicicleta de montanhismo estacionada na sala de jantar e nas lindas fotografias que preenchiam todas as paredes, iluminadas por arandelas retrô. Não pude admirá-las por muito tempo, já que ouvia Clive começando seus trabalhos no quarto.

Me detive na porta e escutei os gritos de Purina. Olhei por cima do ombro para Simon e Mimi, que tinham a mesma expressão medrosa e confusa – embora Mimi também demonstrasse um tantinho de divertimento.

– Vou entrar – anunciei em uma voz baixa, corajosa. Respirando fundo, empurrei a porta e vi pela primeira vez a Alcova do Pecado. Mesa em um canto. Guarda-roupa contra uma parede. Mais fotos, todas em preto e branco. E lá estava: a cama.

Soem as trombetas.

Encostada na parede, na minha parede, estava uma cama californiana gigante, com uma cabeceira almofadada de couro. Almofadada. Só podia ser, né? Era imensa. E ele conseguia mover aquela coisa só com a força dos quadris? Uma vez mais, a Pequena Caroline se empertigou e tomou nota.

Eu respirei, me concentrei, afastei os olhos da Central de Orgasmos. Rastreei e mirei o alvo: ali, na poltrona de couro diante da janela. Purina se empoleirara atrás da cadeira, as mãos no cabelo, gemendo e chorando e gritando. Sua saia estava em farrapos, e havia pequenas marcas de unha em suas meias. Todas as fibras do seu ser se encolhiam de pavor do gato à sua frente.

E Clive?

Clive se pavoneava. Andava pra frente e pra trás, dando tudo de si. Ele se virou como se estivesse numa passarela, caminhando sobre uma linha imaginária e olhando despreocupadamente para Purina.

Se pudesse usar um smoking, o teria tirado, jogado por cima do ombro e apontado para ela. Me segurei para não cair na gargalhada. Dei um passo na direção dele, e Purina gritou algo em russo. Ignorei e concentrei minha atenção em Clive.

– Ei, Clive. Ei. Cadê meu garotão? – cantarolei, e ele se virou. Deu uma olhada para mim e voltou a cabeça na direção de Purina, como se estivesse nos apresentando. – Quem é sua nova amiga? – cantarolei de novo, meneando a cabeça para Purina quando ela tentou falar qualquer coisa. Pressionei o indicador contra os lábios. Aquilo exigiria sutileza.

– Clive, vem cá! – berrou Mimi, precipitando-se no quarto como uma bala. Ela nunca foi boa em conter seu entusiasmo.

Clive correu para a porta, e Mimi correu para ele. Purina alcançou a cama enquanto eu perseguia Mimi, que trombou com Simon (que ainda segurava as sacolas do Whole

Foods) na porta do quarto. Produtos orgânicos cuidadosamente selecionados choveram sobre os dois quando eu abri passagem, saltando sobre asas e coxas e uma roda de brie em meu caminho de volta à porta de entrada. Peguei Clive no momento em que ele escapava para a escada e o segurei firme.

– Clive, você sabe que não pode com a mamãe – repreendi, e Mimi e Simon finalmente nos alcançaram.

– O que você está fazendo, Empata-foda? Tentando me matar? – Simon berrou.

Mimi o rodeou.

– Não a chame assim, seu… seu… Trepador de Paredes! – ela disparou e bateu no peito dele.

– Ah, calem a boca, vocês dois! – gritei. Então, Purina, calçando apenas um sapato e uma cara possessa, surgiu no corredor e começou a vociferar em russo.

Mimi e Simon berravam, Purina espumava, Clive se debatia para se libertar e se juntar à sua alma gêmea, e, no meio desse caos, eu tentava entender o que tinha acontecido nos últimos dois minutos.

– Vê se controla esse seu gato maldito! – Simon gritou enquanto Clive tentava se desvencilhar.

– Não grita com a Caroline! – Mimi ameaçou, batendo nele outra vez.

– A minha saia! – berrou Purina.

– Alguém encomendou comida tailandesa? – ouvi por cima do tumulto. Avistei um atônito motoboy parado no último degrau, relutante em dar o passo seguinte.

Todo mundo parou.

– Inacreditável – Mimi resmungou e entrou em meu apartamento, acenando para que o motoboy a seguisse. Pousei Clive no lado de dentro e fechei a porta, abafando

seus miados. Simon acompanhou Purina até sua casa, dizendo-lhe carinhosamente para pegar alguma roupa em seu quarto.

– Já volto – ele falou, fazendo um gesto para ela entrar. Purina me lançou outro olhar e girou sobre os calcanhares, batendo a porta.

Ele se virou para mim, e nós nos encaramos, ambos desatando a rir ao mesmo tempo.

– Isso realmente aconteceu? – Simon perguntou entre gargalhadas.

– Receio que sim. Por favor, peça mil desculpas a Purina – respondi, enxugando lágrimas dos olhos.

– Pode deixar. Mas vou dar um tempo antes de tentar fazer isso… Espera, do que você a chamou?

– Hum, Purina? – falei, ainda lacrimejando.

– Por que Purina? – ele perguntou, já não

mais rindo.

– Sério? Você não desconfia de nada?

– Não, me conta. – Simon passou a mão pelo cabelo.

– Jura que você vai me fazer falar? Purina… porque ela, meu Deus, porque ela *mia*! – desembuchei, rindo de novo.

Ele enrubesceu e fez que sim com a cabeça.

– Certo, certo, é claro que você ouviu aquilo. Purina… – Simon sorriu. Escutei Mimi discutindo com o motoboy em meu apartamento, algo sobre rolinhos primavera que estavam faltando.

– Ela é meio assustadora, sabia? – Simon comentou enquanto apontava para minha porta.

– Você não faz ideia – respondi. Ainda ouvia Clive ronronando. Aproximei meu rosto do batente e abri a porta só um pouquinho.

– Quieto, Clive! – ordenei. Uma pata surgiu na fresta e, juro, me deu um peteleco.

– Eu não sei muito sobre gatos, mas acho que esse não é um comportamento normal – disse Simon.

– Ele tem uma estranha atração pela sua amiga... Desde a minha segunda noite nesta casa. Acho que está apaixonado.

– Entendi. Bem, vou transmitir os sentimentos dele a *Nadia*. Quando for seguro, claro. – Ele riu e se preparou para entrar em seu apartamento.

– É melhor vocês se controlarem esta noite, ou eu mando Clive de volta – ameacei.

– Por favor, não!

– Bem, então coloca uma música. Você tem que me ajudar aqui – pedi. – Ou ele vai subir pelas paredes de novo.

– Certo, música. Alguma em especial? – respondeu Simon, já dentro de seu apartamento, antes de se virar para me fitar.

Dei um passo para dentro do meu e pousei a mão na porta.

– Tudo menos big band, tá? – falei, desanimada. Senti meu coração em meu estômago.

Uma expressão de decepção se estampou no rosto de Simon.

– Você não gosta de big band? – ele indagou em voz baixa.

Apertei meu ombro com os dedos, e minha pele se sentiu quente sob seu olhar, que então acompanhou minhas mãos e me aqueceu ainda mais.

– Eu amo – sussurrei, e seus olhos se arregalaram de surpresa. Sorri um sorriso tímido e desapareci em meu apartamento, deixando-o também com um sorriso nos lábios.

Mimi ainda estava gritando com o motoboy quando entrei para disciplinar Clive – ambos tínhamos um sorrisinho

condescendente no rosto. Cinco minutos depois, com a boca cheia de noodles, ouvi Purina gritar algo indecifrável em russo, e em seguida a porta de Simon bateu. Tentei esconder minha cara de satisfação – botei a culpa em um pedaço de comida particularmente bem temperado. Nada de trepada pelas paredes hoje, suponho… Clive ia ficar tão deprimido.

Lá pelas onze e meia da noite, eu me arrumava para dormir, quando uma música atravessou a parede. Não era uma big band, mas era demais: "Pussy Control", do Prince.

Não segurei um sorriso diante do perverso senso de humor de Simon.

Amigos? Definitivamente. Talvez. Possivelmente.

"*Pussy Control*". Pensei de novo naquilo e suspirei.

Boa jogada, Simon. Boa jogada.

CAPÍTULO OITO

Poucas noites depois, estava saindo para a aula de ioga, quando dei de cara com Simon mais uma vez. Ele subia a escada enquanto eu descia.

– Se eu disser: “A gente tem que parar de se encontrar assim”, vai soar tão brega quanto na minha cabeça? – comentei.

Ele riu.

– Não sei. Só dizendo mesmo.

– Ok. Uau, a gente tem que parar de se encontrar assim! – exclamei.

Nós dois esperamos um momento e então começamos a rir.

– Sim, brega – ele disse.

– Talvez a gente consiga bolar uma

espécie de programação, uma custódia partilhada do corredor, ou algo assim. – Joguei meu peso de uma perna para a outra. *Boa, agora parece que você precisa mijar.*

– Aonde você está indo? Parece que sempre te pego quando você está saindo – ele falou, apoiando-se na parede.

– Bem, é óbvio que a um lugar muito chique. – Apontei para a calça de ginástica e a regata. Em seguida, mostrei minha garrafa de água e meu tapete de ioga.

Ele fingiu refletir com muito cuidado e depois arregalou os olhos.

– Para a aula de cerâmica!

– Exatamente para onde estou indo… burrão. – Ele sorriu aquele sorriso. Eu retribuí.

– Sabe, você nunca me contou o que ficou sabendo no brunch do outro dia. O que está rolando com nossos amigos? – ele perguntou, e *é claro* que eu não senti uma

palpitação no estômago ao escutar a palavra *nossos*. Claro…

– Bem, posso dizer que minhas amigas adoraram seus amigos. Sabia que os quatro vão à sinfonia beneficente na próxima semana? – comentei, imediatamente horrorizada por liberar a informação tão depressa.

– Ouvi dizer. Neil ganha ingressos todo ano. Privilégios do ofício. Locutores esportivos sempre vão a concertos de música erudita, não é mesmo?

– Imagino que sim, especialmente se estão cultivando a *persona* de homem sofisticado – acrescentei, com uma piscadela.

– Ah, você percebeu? – Ele piscou de volta, e nos descobrimos sorrindo de novo. Amigos? Definitivamente, uma possibilidade cada vez mais forte.

– Vamos ter que comparar nossas anotações depois, checar como o Quarteto

Fantástico está indo. Sabia que os quatro saíram juntos a semana inteira? – falei. Sophia tinha me contado que os encontros estavam sendo constantes, mas sempre a quatro. Hum…

– Escutei algo a respeito… Parece que eles estão se dando bem. Isso é legal, certo?

– É legal. É muito legal! Na verdade, eu vou sair com eles na próxima semana. Você devia ir junto – falei casualmente. *Tudo pela trégua, apenas pela trégua…*

– Puxa, eu adoraria, mas vou estar fora do país. Parto amanhã, aliás.

Se eu não soubesse das coisas, diria que Simon pareceu quase desapontado. – Mesmo? Vai fotografar? – eu disse e logo percebi meu erro. O famoso sorriso insolente regressou com uma vingança:

– Fotografar? Andou me pesquisando, é?

Senti o meu rosto passar de rosa para um adorável vermelho pimentão.

– Jillian mencionou o que você faz, tá? E reparei nas fotos do seu apartamento. Quando meu gato caçou sua russa. Lembra?

Ele pareceu encolher um pouco com minha escolha de palavras. *Hum, ponto fraco*?

– Você reparou nas minhas fotos?

– Reparei. Você tem um belo conjunto de arandelas. – Sorri docemente e fitei diretamente sua virilha.

– Arandelas? – ele grunhiu e pigarreou.

– Ossos do ofício. Mas para onde você vai, afinal? Digo, que país? – Deliberadamente arrastei meus olhos para os seus e percebi que eles não estavam nem perto do meu rosto. Ei, ei, ei…

– O quê? Ah, Irlanda. Vou fotografar uma série de regiões costeiras para a Condé Nast e depois umas aldeias menores – Simon explicou, finalmente trazendo seu olhar de encontro ao meu.

Foi gostoso vê-lo um pouquinho sem jeito.

– Irlanda, bacana. Bem, me traz um suéter.

– Suéter, anotado. Mais alguma coisa?

– Um pote de ouro? E um trevo?

– Ótimo. Não vou precisar nem sair da loja de suvenires do aeroporto.

– E, quando você voltar, farei uma dança irlandesa pra você! – exclamei e comecei a rir do absurdo daquela conversa.

– Ah, Garota do Baby-Doll, você acabou de se oferecer para dançar pra mim? – ele disse em voz baixa e deu um passo na minha direção.

E, assim, sem mais nem menos, a balança do poder se alterou.

– Simon, Simon, Simon – suspirei e balancei a cabeça. Principalmente para espantar o efeito de tê-lo tão perto. – Já passamos por isso. Eu não tenho o menor

desejo de entrar para o seu harém.

– O que faz você pensar que eu convidaria?

– O que faz você pensar que não? Além disso, acho que isso estragaria a trégua, não acha? – Eu ri.

– Hum, a trégua.

Foi então que ouvi passos no andar de baixo.

– Simon? É você? – uma voz chamou.

Com isso, ele se inclinou para trás, afastando-se de mim. Olhei para o chão e me dei conta de que tínhamos estado a milímetros um do outro durante quase toda nossa conversa.

– Ei, Katie, aqui em cima! – Simon falou.

– Mais uma odalisca? Vou ficar de olho nas minhas paredes esta noite – eu disse baixinho.

– Para com isso. Ela teve um dia duro no trabalho. Nós vamos ao cinema, só isso.

Ele deu um sorriso envergonhado, e eu soltei uma risada. Se íamos ser amigos, eu tinha que conhecer o harém, por Deus!

Um instante depois, Katie juntou-se a nós, que, é claro, eu conhecia como Castigada. Abafei uma gargalhada e sorri para ela.

– Katie, esta é Caroline, minha vizinha – disse Simon. – Caroline, esta é Katie.

Estendi a mão, e Katie olhou com curiosidade para Simon e depois para mim.

– Oi, Katie. Prazer em conhecê-la.

– Igualmente, Caroline. Você é a dona do gato? – ela perguntou, com um brilho nos olhos. Olhei para Simon, que se encolheu.

– Culpada, embora Clive pudesse argumentar que, na verdade, é uma pessoa.

– Ah, sei bem como é. Minha cachorra costumava ver televisão; ela latia até eu colocar no seu canal favorito. Era um saco – Katie contou.

Ficamos os três parados por um

momento, e a situação começou a ficar meio constrangedora.

– Muito bem, crianças, vou pra ioga. Simon, faça uma boa viagem. Quando você voltar, eu te atualizo com as fofocas dos novos casais.

– Combinado. Ficarei fora por um tempo. Espero que eles não deem muito trabalho enquanto isso. – Ele deu uma risadinha, e os dois começaram a subir os degraus.

– Vou ficar de olho neles. Prazer em conhecê-la, Katie – falei.

– Igualmente, Caroline. Boa noite! – ela respondeu.

Descendo a escada mais devagar do que o necessário, ouvi Katie dizer:

– A Garota do Baby-Doll Cor-de-Rosa é bonita.

– Quieta, Katie – Simon repreendeu, e eu poderia jurar que deu um tabefe na bunda dela. O gritinho de Katie, um segundo

depois, confirmou a suposição.

Revirei os olhos, empurrei a porta de entrada e saí do prédio. Chegando à academia, mudei minha aula: de ioga para kickboxing.

– Quero um vodca martíni com três azeitonas, por favor.

O barman começou a preparar o drinque, e eu olhei ao redor do restaurante lotado; estava dando um tempinho do Quarteto Fantástico. Depois de duas semanas ouvindo sobre os fabulosos encontros a quatro, concordei em sair com eles e, assim, formar o Quinteto Fantástico. Estava sendo legal, e eu estava me divertindo muito, mas, depois de passar a noite toda com dois casais recém-formados, precisava de uma folga. Observar as pessoas no bar era uma boa maneira de conseguir isso. À minha esquerda, encontrava-se um casal interessante: um cavalheiro grisalho com uma mulher mais

nova do que eu, a qual ostentava um par de seios recentemente adquirido. Garota esperta! Quem dá, tem que receber. Quero dizer, se eu tivesse que olhar para a bunda flácida de um velho, também ia querer peitos maiores.

Nunca pensei que fosse gostar de ficar sozinha, mas, ultimamente, vinha me sentindo muito bem sem um homem na minha vida. Estava só, porém não solitária. Orgasmos à parte, sentia falta da companhia de um namorado de vez em quando, mas gostava de ir aos lugares sozinha. Se podia viajar sozinha, por que não? De qualquer modo, na primeira vez em que resolvi ir ao cinema sem ninguém, achei que seria estranho – a probabilidade de encontrar um conhecido no meio de uma selva costa-riquenha era próxima de zero; já na selva de San Francisco? A probabilidade era muito maior – só que foi ótimo! E ir sozinha a um restaurante também foi bacana. O fato é que

eu sou uma ótima companhia.

Ainda assim, o jantar com meus amigos estava sendo bem interessante. Era engraçado assistir ao modo como os dois novos casais se rodeavam. Mimi e Sophia tinham agarrado os homens que elas sempre cultivaram em suas cabeças como o par perfeito.

Avistei Sophia na multidão, sua estatura e seu magnífico cabelo ruivo destacando-a entre centenas. Restaurante da moda, bar ainda mais da moda, o lugar fervilhava de gente e de vaidade.

Vi que ela batia papo com alguém; um tanto afastados, divisei Mimi e Ryan. Por que isso era estranho? *Neil*, e não Ryan, parecia ser o interlocutor de Sophia. *Ryan* estava completamente fascinado por Mimi, cujas mãos se moviam no ar e enfatizavam suas palavras com um palito espetado numa azeitona enquanto ele escutava. A distância me proporcionava uma visão perfeitamente clara. Não contive um sorriso. Cada uma

tinha encontrado o homem que sempre achou que queria e agora parecia encantada com o da outra... Ah, bem, a grama do vizinho sempre foi mais bonita, certo?

Sophia olhou em volta e me achou no bar; pouco depois, pediu licença e veio em minha direção.

– Se divertindo? – perguntei, e ela se empoleirou no banco ao meu lado.

– Muito! – declarou. Em seguida, explicou ao barman exatamente como ele deveria fazer seu drinque.

– E o Neil?

Seus olhos brilharam por um breve instante, e então ela pareceu se conter.

– Neil? Está bem, acho. O Ryan está lindo, não está? – falou, apontando para o local onde havíamos deixado nosso grupo; e onde Mimi e Ryan continuavam imersos em sua conversa. De fato, Ryan ficava bem de jeans e uma camisa que combinava perfeitamente

com seus olhos verdes, avidamente fixados na srta. Mimi.

Como eles não perceberam o que está rolando?

– Neil também está um gato – comentei, voltando a atenção para o musculoso locutor esportivo. Malha cor de chumbo, calça de sarja: era o homem metropolitano sem tirar nem pôr.

– É – ela concordou friamente, lambendo um pouquinho do sal da borda de seu copo.

Ri e pousei uma mão em seu braço. – Vamos lá, belezura, vamos voltar para o seu homem perfeito – falei, e nós duas nos reunimos com o grupo.

Fui embora um pouco antes dos meus amigos, cansada mas feliz. Mais uma vez, tinha passado uma noite desacompanhada e sobrevivido para contar a história. Imaginei se outras mulheres solteiras compreendiam as delícias de segurar vela. Não precisar ficar

inventando assunto com o cara que arranjaram para você, não precisar se preocupar com um idiota com hálito de medalhão envolto em pimenta tentando enfiar a língua na sua nuca, não precisar explicar para esse mesmo idiota por que você insiste em pegar um táxi quando o Camaro superpotente dele está estacionado bem ali.

Eu havia desfrutado – ou, devo dizer, havia *principalmente* desfrutado – de diversos relacionamentos desde o colégio, mas não me apaixonava havia um bom tempo. Desde o último ano da faculdade. E, desde que aquilo acabou, pulara de um namorico a outro, sem nunca me sentir realmente devotada a alguém. Daí meu atual hiato romântico. Toda a ideia das partes se ajeitando e se alinhando se mostrava mais difícil para mim à medida que eu envelhecia, e esse processo podia ser exaustivo. A Pequena Caroline até podia

embarcar com tudo, mas o Cérebro e o Coração sempre tinham ressalvas. Além disso, agora que meu O se ausentara por tempo indefinido, eu estava achando meu estilo de vida solitário cada vez mais atrativo.

Enquanto pensava em tudo isso em um táxi, a caminho de casa, meu telefone apitou. Era uma mensagem de um número desconhecido.

Você se divertiu esta noite?

Quem diabos está me mandando mensagem?

Quem diabos está me mandando mensagem?

Enquanto esperava a resposta, tirei os sapatos. Saltos fantásticos, mas como machucavam meu pé! O celular apitou de novo, e eu li:

Algumas pessoas me chamam de Trepador de Paredes.

Odiei a mim mesma pelo modo como meus dedos do pé se contraíram. Sapatos idiotas.

Trepador de Paredes, hein? Espera, como você conseguiu meu número?

Eu sabia que tinha sido Mimi ou Sophia. Malditas. Elas estavam começando a abusar.

Não posso revelar minhas fontes. Então, se divertiu esta noite?

Tudo bem, eu posso jogar esse jogo.

Na verdade, sim. Estou voltando para casa. Como vai a Ilha Esmeralda? Continua sozinho?

É linda, estou tomando café da manhã. E nunca estou sozinho. Acredito. Comprou meu suéter?

Ainda não, quero escolher o certo.

Por favor, quero um bem gostoso.

Nem vou responder a isso… Como vai seu bichana, ops, bichano?

Eu é que não vou responder a essa… E como vai sua bichana?… Você queria alguma coisa?

Essa coisa de não responder está ficando cada vez mais dura…

Eu te entendo. É duro não tocar nisso…

Ok, para acabar oficialmente com esse round: tenho medo de parecer grosso com essas insinuações.

Ah, não sei, quanto mais grosso, melhor…

Uau. Estou curtindo nossa trégua mais do que esperava.

Tenho que admitir que eu também.

Já chegou em casa?

Sim, acabei de estacionar em frente ao prédio.

Ok, vou esperar você entrar.

Ah, você não é capaz de esperar para entrar.

Você é terrível, sabia?

Já me falaram. Ok, entrei. A propósito, acabei de chutar sua porta. Obrigado.

Só estou sendo uma boa vizinha.

Boa noite, Caroline.

Bom dia, Simon.

Gargalhei quando virei a chave na fechadura e entrei em casa. Afundei no sofá, ainda rindo. Clive rapidamente pulou em meu colo e ronronou suas boas-vindas enquanto eu afagava seu pelo sedoso. Meu celular apitou mais uma vez.

Você chutou a minha porta mesmo?

Cala a boca. Vai tomar seu café.

Ri de novo e deitei no sofá. Clive se aninhou em meu peito quando relaxei, pensamentos daquele maldito trepador de

paredes na cabeça. Era chocante a clareza com que eu era capaz de imaginá-lo: jeans levemente desbotado, botas de caminhada, malha irlandesa de gola olímpica, cabelo todo desalinhado. Um bronzeado ligeiramente desbotado, mãos no bolso. E aquele sorriso…

CAPÍTULO NOVE

Mensagens entre Caroline e Simon:

Chegou uma encomenda para você. Assinei o recibo, o pacote está comigo. Obrigado. Pego quando voltar. Como você está?

Bem, trabalhando apenas. Como vão os irlandeses?

Com sorte. E o gato doido?

Sem sorte. Estava tentando escalar a parede outro dia. Ainda está atrás da Purina. Sente saudades.

Não acho que os dois estejam destinados a ficar juntos.

Provavelmente não… Mas ele não vai superar isso tão cedo. Talvez eu tenha que

aumentar o estoque de erva-de-gato. Quando você volta?

Cuidado para não exagerar na dose. Ninguém gosta de gatos que não conseguem manter uma conversa.

Saudades, é?

Não. Pretendia pendurar umas fotos na parede atrás da minha cabeceira e queria saber quanto tempo tenho.

Volto em duas semanas. Se puder esperar, eu te ajudo quando voltar. É o mínimo que posso fazer.

O mínimo do mínimo. Vou esperar. Você entra com o martelo, eu com os coquetéis.

Curiosa sobre o meu martelo?

A caminho do corredor para chutar a sua porta de novo.

Mensagens entre Mimi e Caroline:

Menina, adivinha? A casa dos avós da Sophia está livre no mês que vem. Vamos

para Tahoe, gata?

Que delícia! Vai ser o máximo! Estava louca para dar uma escapada com minhas meninas.

Estávamos pensando em convidar os meninos… Tudo bem pra você?

Claro. Vocês quatro vão se divertir muito.

Idiota, você ainda está convidada.

Muitíssimo obrigada! Adoraria passar um fim de semana romântico com dois casais. FANTÁSTICO!

Não seja escrota. É claro que você vai. Você não vai ficar segurando vela. Vai ser demais! Sabia que Ryan toca guitarra? Ele vai levá-la pra gente cantar junto!

O quê? Acampamento? Não, obrigada!

Mensagens entre Mimi e Neil:

Ei, Grandão, o que vai fazer no meio do mês que vem?

Oi, Baixinha. Não fiz planos ainda. O que está rolando?

Os avós da Sophia vão emprestar sua casa em Tahoe. Topa? Fala com o Ryan…

Claro que sim! Pode contar comigo. Vou perguntar pro nerd se ele vai.

Estou tentando convencer a Caroline a ir também.

Ótimo. Quanto mais, melhor. O bar de hoje à noite com Sophia e Ryan ainda está de pé?

Claro. A gente se vê lá.

Combinado, pequena.

Mensagens entre Simon e Neil:

Que porra de leprechaun é essa?

Ah, esquece! Ei, quando você volta? Vamos pra Tahoe mês que vem.

Chego semana que vem. Quem vai?

Sophia e Mimi, eu e Ryan. Talvez

Caroline. Aquela mina é bem legal. Sim, ela é bem legal quando não está empatando nenhuma foda. Tahoe, hein?

É, os avós da Sophia têm uma casa lá.

Bacana.

Mensagens entre Simon e Caroline:

Você vai pra Tahoe?

Como é que você já está sabendo disso?

As novidades voam… Neil está bem empolgado.

Ah, deve estar mesmo. Sophia tomando banho de banheira… não é tão difícil imaginar.

Espera aí, eu pensei que ele estivesse saindo com Mimi.

Ele está, mas definitivamente está pensando em Sophia tomando banho de banheira, pode acreditar.

Como assim?

Coisas estranhas acontecem em San Francisco. Todos eles estão namorando a pessoa errada.

O quê?

É chocante. Mimi não para de falar do Ryan, que não para de olhar pra ela como um cachorrinho triste. E Sophia está tão ocupada fantasiando com as gigantescas mãos de Neil, que não percebe que ele a observa o tempo todo.

Por que eles não trocam?

Falou o cara que tem um harém… Não é tão fácil assim.

Espera eu voltar. Vou resolver isso.

Ok, sr. Pau Pra Toda Obra. Antes ou depois de pendurar minhas fotografias?

Não se preocupe, Baby-Doll. Estou chegando no seu quarto. Suspiro.

Você acabou de escrever a palavra suspiro, é isso mesmo?

Suspiro…

Você vai pra Tahoe?

Não, se puder evitar. Se bem que talvez valha a pena, pra ver o caos quando a ficha dos quatro finalmente cair.

Com certeza.

Mensagens entre Sophia e Caroline:

Que história é essa de que você não vai pra Tahoe?

Afe! Qual é o problema?

Calma, tigresa. Que bicho te mordeu?

Não entendo por que é tão importante que eu acompanhe vocês num fim de semana romântico. Ficarei feliz de ir numa próxima vez. Sair com vocês quatro aqui é uma coisa. Mas em Tahoe? Acho que não.

Não vai ser assim. Prometo.

Já sou obrigada a ouvir Simon trepando pelas paredes quando ele está em casa. Não preciso ouvir Ryan metendo em você no

quarto ao lado, ou Mimi sendo “manuseada”.

Você acha que ele está manuseando Mimi?

O quê?

Neil. Você acha que ele está manuseando Mimi?

Ele está o quê?

Ah, você entendeu…

Você está me perguntando se nossa querida amiga Mimi está fazendo sexo com seu novo boy magia?

Sim! Estou perguntando!

Não. Não houve manuseio ainda. Espere, por que você está perguntando? Você dormiu com o Ryan, certo? Certo????

Preciso ir.

Mensagens entre Sophia e Ryan:

É estranho a gente sempre sair com Mimi e Neil?

O quê?

É estranho?

Não sei. É?

É. Hoje à noite, você vem em casa, sozinho, e nós vamos ver um filme.

Sim, senhora.

A propósito, convide seu amigo Simon para ir a Tahoe.

Alguma razão especial?

Sim.

Posso saber?

Não. Traga pipoca.

Mensagens entre Ryan e Simon:

Já enjoou de verde?

Quero voltar pra casa, sim. Meu voo é amanhã, quase de madrugada. Ou hoje. Merda, não sei.

Sophia me pediu para te convidar oficialmente para Tahoe. Topa? Tahoe,

hein?

Sim. Acho que Caroline vai.

Pensei que ela não ia.

Você tem falado com a Empata-foda?

Um pouco. Ela é bem legal. A trégua está dando certo.

Hum. Então, Tahoe?

Preciso pensar. Windsurf no fim de semana?

Claro.

Mensagens entre Simon e Caroline:

Então, fui convidado para Tahoe. Você vai?

Você foi convidado? Afe...

Presumo que você ainda não comprou a ideia?

Não sei. Adoro ir lá, e a casa é fantástica. Você vai? Você vai?

Perguntei primeiro.

E daí?

Que infantil. Sim, suponho que vou acabar indo.

Ótimo! Adoro aquele lugar!

Ah, agora você vai?

É bem possível. Parece divertido.

Hum, veremos. Volta pra casa amanhã, né?

Sim, voo da madrugada. Vou dormir o dia inteiro amanhã.

Me avise quando acordar. Preciso te entregar aquele pacote.

Pode deixar.

E vou fazer pão de abobrinha hoje. Vou guardar um pouco para você. Sua despensa deve estar vazia, né?

Você faz pão de abobrinha?

Faço.

Suspiro…

Acordei de repente e ouvi música vinda do

apartamento ao lado. Duke Ellington. Olhei o relógio. Já passava das duas da manhã. Clive tirou a cabeça de dentro das cobertas e protestou.

– Ah, fica quieto. Não seja ciumento – protestei de volta.

Ele me encarou, me deu o traseiro e voltou para debaixo das cobertas, a cabeça primeiro.

Também me aninhei e apreciei a música, sorrindo.

Simon estava em casa.

Na manhã seguinte, acordei feliz por ser sábado. Já tinha cuidado de tudo: nada de roupa para lavar, nenhuma tarefa pendente. Um dia para aproveitar e relaxar. Fantástico.

Decidi começar com um bom e demorado banho; depois, resolveria o que fazer. Talvez uma corridinha no Parque Golden Gate à tarde. O outono em San Francisco é tão lindo

quando o tempo ajuda. Podia levar um livro e passar a tarde inteira lá.

Comecei a preparar o banho, e Clive veio para me fazer companhia. Serpenteou entre minhas pernas enquanto eu jogava o pijama no chão e explorou a borda da banheira. Ele adorava se equilibrar nela. Nunca caiu, embora tenha molhado o rabo algumas vezes. Bobo – um dia desses, ia ser mais do que o rabo.

Verifiquei a água. Estava começando a encher a lateral da enorme banheira, quando resolvi que precisava de um pouco de café antes de entrar. Caminhei até a cozinha – despreocupadamente nua – para preparar uma xícara. Bocejei ao medir os grãos.

Coloquei umas colheres no filtro da máquina e fui buscar água. Assim que abri a torneira, os gritos começaram.

Primeiro, ouvi Clive miar como ele nunca tinha feito. Depois, o barulho de algo caindo

na água. Comecei a sorrir, achando que ele finalmente tinha caído, e então um jato de água acertou minha cara.

Pisquei furiosamente, confusa, antes de perceber que a água estava jorrando do topo da torneira, molhando toda a cozinha.

– *Merda!* – gritei, tentando fechá-la. Sem sorte.

Ainda xingando, corri até o banheiro e encontrei Clive escondido atrás da privada, todo encharcado, e a torneira da banheira espirrando água no banheiro inteiro.

– Mas o que…? – berrei, tentando de novo parar a água. Comecei a entrar em pânico. Era como se cada parte do apartamento tivesse enlouquecido de uma só vez. A água jorrava pra todo lado, e Clive ainda miava a plenos pulmões.

Eu estava pelada, ensopada e pirando.

– Putaqueparіuvaitomarnocucaralho! – gritei e peguei uma toalha. Tentei pensar,

tentei me acalmar. Tinha que haver um registro em algum lugar. Eu planejava casas, pelo amor de Deus! *Pensa, Caroline!*

Foi nessa hora que ouvi uma batida vinda de outra parte do apartamento. É claro que pensei que viesse do quarto. Mas não: vinha da porta da frente.

Me enrolando na toalha e ainda xingando o bastante para fazer um marinheiro corar, esmaguei o assoalho – por sorte não escorregando na água acumulada – e escancarei furiosamente a porta.

Era Simon.

– Você perdeu o juízo? Que gritaria é essa?

Praticamente nem reparei na cueca xadrez verde, no cabelo desgrenhado pelo sono, nos abdominais sarados. Praticamente.

Entrei no modo sobrevivência: agarrei-o pelo cotovelo enquanto ele esfregava os olhos e o puxei para dentro do apartamento.

– Onde fica a porra do registro nesses apartamentos? – rugi.

Ele deu uma olhada no caos: água jorrando da cozinha, água escoando do banheiro, e eu enrolada na minha toalha do Snoopy, a primeira que encontrei.

Mesmo no epicentro de uma crise, Simon olhou para o meu corpo quase nu por 2,5 segundos. Ok, pode ser que eu tenha olhado para o dele por uns 3,2.

Então, ambos entramos em ação. Ele disparou para o banheiro como um homem com uma missão, e eu o ouvi batendo na parede. Clive silvou e fugiu direto para a cozinha. Percebendo que estava igualmente encharcada, deu um salto acrobático e pousou no alto da geladeira. Comecei a correr para o banheiro e bati em Simon, que voava para a cozinha. Resoluto, ele deslizou pelo chão e abriu o armário sob a pia, jogando meus produtos de limpeza pra todo lado. Deduzi que estava tentando alcançar o

registro e tentei não reparar que a parte de trás da sua cueca estava bem coladinha na bunda. Tentei com toda a força. A essa altura, ele já estava coberto de água, e seu pé escorregou, fazendo-o cair.

– Ai – ele falou debaixo da pia, suas pernas esparramadas no chão inundado da minha cozinha. Aí, ele rolou. Estava completamente encharcado e só um pouquinho delícia.

– Me ajuda. Não consigo desligar essa aqui – ele pediu por sobre o barulho da água e do gato desesperado.

Lembrando que estava usando nada além de uma toalha, me ajoelhei com cautela e tentei evitar olhar para seu corpo – seu corpo molhado, esguio e sarado, perigosamente próximo ao meu. Outro jato de água direto no meu globo ocular foi o bastante para me tirar daquele estupor e renovar meu foco.

– O que eu faço? – gritei.

– Você tem chave inglesa?

– Tenho!

– Pode pegar?

– Claro!

– Por que você está gritando?

– Não sei! – Continuei lá, tentando ver debaixo da pia.

– E então? Vai pegar, pelo amor de Deus!

– Certo. Certo – berrei e corri para o armário do corredor.

Ao voltar, dei uma escorregada no piso molhado e deslizei para junto de Simon.

– Aqui! – gritei e passei a chave inglesa sob a pia.

Observei-o trabalhando, o rosto escondido. Seu braço se retesou, e eu vi como ele era realmente forte. Fascinada, assisti ao seu estômago endurecer e revelar seis pequenos gomos. Ops, eu quis dizer oito. E então o V deu as caras. Oi, V…

Ele gemeu e grunhiu e, quando fez força para girar a válvula, seu corpo inteiro mostrou o esforço. Testemunhei a sua luta na Batalha do Registro e o seu triunfo. Também fiquei atenta àquela cueca xadrez, que ficou encharcada, colada a ele como uma segunda pele. Pele que estava molhada, provavelmente quente e…

– Consegui!

– Viva! – Bati palmas quando a água parou.

Ele soltou um último grunhido – estranhamente familiar – e relaxou. Observei enquanto saía de baixo da pia.

Ficou estendido no chão, perto de mim, ensopado e de cueca.

Sentei ao seu lado, ensopada e de toalha.

Clive sentou no topo da geladeira, ensopado e aborrecido.

Ele continuou miando, e Simon e eu continuamos nos fitando, respirando

pesadamente – ele por causa da sua batalha, e eu… por causa da sua batalha. Clive finalmente pulou para um canto da cozinha e patinou através da grande poça, acertou o rádio, perdeu o equilíbrio e caiu no chão, e um Marvin Gaye no último volume tomou a cozinha inundada. Clive se sacudiu e correu para a sala.

– *Let's get it on*… – Marvin cantou com sinceridade, e Simon e eu nos encaramos, nossas caras pintadas de vermelho.

– Só pode ser brincadeira… – falei.

– Jura que isso está acontecendo? – ele disse, e ambos começamos a gargalhar do caos, do ridículo da situação, da completa loucura que tinha acabado de acontecer e do fato de estarmos seminus, deitados na cozinha, ouvindo uma música que nos encorajava a "deixar rolar".

Por fim, me endireitei e enxuguei as lágrimas. Ele se sentou ao meu lado, ainda

segurando a barriga.

– Está parecendo um episódio ruim de *Um é pouco, dois é bom, três é demais*. – Simon sorriu.

– Nem me fale. Espero que ninguém chame o sr. Fuller – brinquei, apertando um pouco mais a toalha.

– Vamos arrumar esta zona? – ele perguntou e se colocou de pé.

Sua cueca – e tudo que ela continha – ficou ao nível de meus olhos. *Juízo, Caroline*.

– É, acho que precisamos. – Ri de novo, e ele estendeu a mão para me ajudar a levantar. Eu não conseguia me firmar; me agarrei à sua mão, meus pés escorregando descontroladamente.

– Isso não vai funcionar – ele murmurou e me ergueu nos braços. Depois, me carregou até a sala e me pôs de volta no chão. – Cuidado aí. O Snoopy está quase caindo. – Simon apontou para a parte da toalha que

cobria os meninos.

– Você ia adorar isso, né? – bufei, ajeitando a toalha. – Vou me trocar e trazer umas toalhas secas. Se comporta, hein? – Ele piscou. Eu ri de novo e fui para o quarto, onde Clive não passava de uma lombada sob as cobertas.

Olhei no espelho que ficava sobre a cômoda enquanto procurava algo para vestir. Eu estava nitidamente brilhando. *Hum*. Devia ser por causa de toda aquela água gelada.

Uma hora mais tarde, as coisas estavam de novo sob controle. Tínhamos secado a água, avisado aos vizinhos de baixo sobre um possível vazamento e ligado para o cara da manutenção.

Avançamos rumo à porta de entrada, secando as últimas gotas com toalhas que Simon havia generosamente providenciado.

– Que desastre! – choraminguei, me

levantando do chão e me jogando no sofá.

– Podia ser pior. Você podia ter sido obrigada a lidar com isso depois de apenas três horas de sono e de ser acordada por uma mulher berrando a plenos pulmões – disse ele, sentando no braço do sofá. Levantei a sobrancelha, e Simon emendou: – Ok, mau exemplo, já que você está bem familiarizada com esse enredo. O que vai fazer agora?

– Não sei. Tenho que esperar o cara que vai consertar essa zona. Enquanto isso, estou sem água, ou seja, sem café, sem banho, sem nada. Saco – resmunguei e cruzei os braços.

– Bem, eu estarei do outro lado do corredor bebendo café e pensando no meu banho, se você precisar de alguma coisa – ele disse, dirigindo-se à porta.

– Besta, você vai fazer café pra mim!

– E dar banho também?

– Não, isso eu faço sozinha.

– Tudo bem, vou deixar você tomar uma

ducha mesmo assim. Vamos lá, sua empata-foda – ele falou, me puxando do sofá e me conduzindo até o corredor. Clive, ainda no quarto, soltou um último miado zangado, e eu o mandei fechar o bico.

– Ops, espera. Vou pegar o café da manhã. – Apanhei um pacote embrulhado em papel-alumínio que estava sobre a mesa.

– Que é isso? – perguntou Simon.

– Seu pão de abobrinha.

Juro que ele quase mordeu o lábio. Simon devia adorar pão de abobrinha.

Trinta minutos mais tarde, eu me achava sentada à mesa da cozinha dele, as pernas cruzadas, tomando café feito na cafeteira francesa e secando o cabelo com uma toalha. Ele parecia verdadeiramente relaxado e feliz e tinha devorado o pão de abobrinha. Eu mal tinha conseguido comer meia fatia antes que ele a roubasse de mim e a engolisse de

uma só vez.

Simon se levantou e murmurou alguma coisa, dando uma palmadinha na barriga cheia.

– Quer mais pão? Assei bastante, porquinho. – Enruguei o nariz para ele. – Aceito tudo o que você quiser me dar, Garota do Baby-Doll. Você não imagina o quanto eu gosto de pão caseiro. Não faziam algo assim pra mim havia anos. – Ele deixou escapar um pequeno arroto.

– Uau, sexy. – Franzi a testa e levei meu café para a sala de estar; abri a porta e dei uma espiada no corredor para saber se o cara da manutenção tinha chegado.

Simon me seguiu e sentou em seu amplo e confortável sofá. Passeei pela sala e olhei as suas fotografias. Em uma parede, havia uma série em preto e branco, vários retratos da mesma mulher numa praia. Mãos, pés, barriga, ombros, costas, dedos dos pés e,

finalmente, rosto. Ela era deslumbrante.

– Isso é lindo! Faz parte do seu harém? – perguntei, fitando-o por cima do ombro.

Ele suspirou e passou a mão pelo cabelo.

– Nem todas as mulheres passaram pela minha cama, sabia?

– Desculpe. Estava brincando. Onde as fotos foram tiradas? – indaguei, sentando ao lado dele.

– Em Bora Bora. Era uma série de fotografias de viagem, as praias mais bonitas do Pacífico Sul, num estilo bem retrô. Ela estava na praia um dia, uma mulher de lá mesmo, e a luz era perfeita, então perguntei se podia tirar algumas fotos. Saíram boas.

– Ela é linda – falei, bebericando meu café.

– Sim – ele concordou, com um sorriso fofo.

Ficamos calados por um instante, confortáveis com o silêncio.

– Então, quais são seus planos para hoje? – Simon perguntou.

– Você quer dizer: quais eram antes da revolta dos canos?

– É, antes do ataque. – Ele sorriu por trás da sua caneca, os olhos azuis bruxuleando.

– Na verdade, eu não tinha muita coisa planejada e estava bem feliz com isso. Ia correr um pouco, talvez sentar no parque e ler. – Suspirei; estava me sentindo aquecida e confortável e aconchegada. – E você?

– Estava pensando em dormir o dia todo antes de ter que lidar com uma montanha de roupa suja.

– Você pode dormir, sabe disso, né? Eu posso esperar no meu apartamento. – Comecei a me levantar. Tadinho, tinha chegado de madrugada, e eu não o deixava dormir.

Mas ele fez que não com as mãos e apontou para o sofá.

– Se eu dormir, meu sono vai ficar desajustado o resto da semana. Preciso voltar ao nosso fuso o quanto antes. O ataque dos seus canos foi uma coisa boa.

– Hum, pode ser. Me conta, como foi na Irlanda? Divertido? – perguntei, sentando de novo.

– Sempre me divirto quando estou viajando.

– Que trabalho sensacional o seu. Eu adoraria viajar assim, viver com uma mala e nada mais, ver o mundo, demais… – Me distraí olhando de novo para todas as fotos. Na parede mais afastada, avistei uma prateleira fininha com garrafas minúsculas sobre ela. – O que é aquilo? – perguntei e caminhei até a curiosa prateleira. Cada uma das garrafinhas continha o que parecia ser areia. Havia areia branca, cinza, rosa e uma negra como azeviche. Todas etiquetadas. Enquanto as olhava, senti, mais do que vi, Simon se mover atrás de mim. Sua

respiração era cálida em minha orelha.

– Cada vez que visito uma praia nova, trago um pouco de areia. Uma espécie de lembrete de onde estive e quando estive – ele explicou em uma voz baixa e saudosa.

Olhei as garrafinhas mais de perto e me maravilhei com alguns dos nomes que li: *Harbour Island, Bahamas; Enseada do Príncipe Guilherme, Alasca; Punaluu, Havaí; Vik, Islândia; Sanur, Fiji; Patara, Turquia; Galícia, Espanha.*

– E você esteve em todos esses lugares?

– Aham.

– E por que areia? Por que não cartões-postais ou, melhor ainda, as próprias fotos que você tira? Elas já não são uma lembrança? – Me virei para fitá-lo.

– Tiro fotos porque amo fazer isso e, por acaso, é o meu trabalho. Mas isto? Isto é tangível, é tátil, é real. Posso *sentir*; é areia em que eu realmente pisei, de cada

continente. Isto me leva de volta a esses lugares instantaneamente – ele falou, o olhar cada vez mais sonhador.

Vindo de qualquer outro cara, em qualquer outro contexto, aquilo teria soado absolutamente brega. Mas vindo de Simon? Ele tinha que ser profundo. Droga.

Meus dedos continuaram percorrendo as garrafas – tão numerosas que eu mal podia contar. Me demorei mais nas poucas que continham areia da Espanha, o que Simon notou.

– Espanha, hein? – ele falou.

Virei para encará-lo.

– É, Espanha. Sempre quis conhecer. Um dia. – Suspirei e retornei ao sofá.

– Você viaja bastante? – ele perguntou, afundando ao meu lado outra vez.

– Tento conhecer um novo lugar todo ano. Não com a mesma sofisticação que você, nem com a mesma frequência, mas

tento viajar todo ano.

– Você e suas amigas? – Ele sorriu.

– Às vezes, mas, nos últimos anos, tenho gostado de viajar sozinha. É gostoso poder fazer as coisas no seu próprio ritmo, ir somente aonde você quer ir e não precisar fazer uma conferência cada vez que quer sair para jantar, sabe?

– Sei. Só estou surpreso – ele comentou, franzindo ligeiramente a testa.

– Surpreso por eu querer viajar sozinha? Está brincando? É o máximo! – exclamei.

– Não sou eu que vou discordar. Só estou surpreso. A maioria das pessoas não gosta de viajar sozinha… é intimidante. Elas acham que vão se sentir solitárias.

– Você se sente solitário?

– Já disse, nunca estou sozinho – ele respondeu, balançando a cabeça.

– Sim, sim, eu sei, mas devo dizer que acho isso um pouco difícil de acreditar. –

Enrolei nos dedos uma mecha de cabelo quase seca.

– Você se sente solitária?

– Quando viajo? Não. Sou uma ótima companhia – respondi de pronto.

– Detesto admitir, mas concordo – ele disse e ergueu sua caneca em minha direção.

Sorri e corei um pouco – e me odiei por isso.

– Uau, estamos ficando amigos? – perguntei.

– Hum, amigos... – Ele pareceu refletir com cuidado enquanto examinava a mim e ao meu rubor. – Sim, acho que sim.

– Interessante. De empata-foda para amiga. Nada mau. – Dei uma risadinha e bati minha caneca na sua.

– Ah, ainda não sei se o seu status de empata-foda foi revogado. Vamos esperar.

– Bem, é só me avisar a próxima vez que a Castigada vier, tá bom, *amigo*? – Sorri da

sua expressão confusa.

– Castigada?

– Ah, sim, você a conhece como Katie. – Dei risada.

Ele teve a decência de corar e sorrir timidamente.

– Bem, acontece que a srta. Katie não faz mais parte daquilo a que você se refere de forma tão simpática como meu harém.

– Ah, não! Eu gostava dela! Você deu muito forte com a palmatória? – provoquei de novo, minhas risadas começando a ficar fora de controle.

Ele passou freneticamente as mãos pelo cabelo.

– Olha, esta é a conversa mais estranha que já tive com uma mulher.

– Duvido muito, mas, falando sério, por que Katie foi embora?

Ele sorriu.

– Ela conheceu outra pessoa e parece

estar muito feliz. Então, terminamos nossa relação física, claro, mas continuamos bons amigos.

– Hum, isso é bom. – Anuí com a cabeça e fiquei calada por um momento. – Como é que isso funciona?

– Como funciona o quê?

– Bem, você tem que concordar que as suas relações são, no mínimo, pouco convencionais. Como você faz isso? Como mantém todo mundo feliz?

Ele riu.

– Você não está me perguntando como eu satisfaço essas mulheres, está?

– Claro que não! Já escutei como você faz isso! Não restou nenhuma dúvida. Quero dizer, como ninguém se magoa?

Ele ponderou por um instante.

– Acho que é porque nós deixamos rolar. Não é como se um de nós tivesse decidido criar esse mundinho, apenas acontece. Katie

e eu sempre nos demos muito bem, principalmente *nesse* aspecto, e simplesmente caímos nesse relacionamento.

– Gosto da Castigada… perdão, da Katie. Ela foi a primeira? No harém?

– Chega dessa história de harém. Você fala como se fosse algo sórdido. Katie e eu estudamos juntos na faculdade, tentamos namorar sério, não deu certo. Mas ela é ótima, ela… Espera, quer mesmo ouvir isto?

– Oh, sou toda ouvidos. Estou louca para tirar essa pulga de trás da orelha desde que você derrubou aquele quadro da minha parede e acertou minha cabeça. – Eu sorri, me recostei no sofá e dobrei as pernas.

– Derrubei um quadro da sua parede? – ele perguntou, ao mesmo tempo curioso e orgulhoso. Que figura.

– Foco, Simon. Me conte os segredos das suas damas de companhia. E não me poupe de nenhum detalhe. Cacete, isso é melhor do

que a HBO!

Ele riu e assumiu a sua cara de contador de casos.

– Tudo bem, acho que tudo começou com Katie. Não demos certo como casal, mas, quando nos esbarramos depois da faculdade, alguns anos atrás, o café virou almoço, o almoço virou drinque, e o drinque virou… bem, cama. Nenhum de nós estava namorando, então começamos a nos ver sempre que eu estava na cidade. Ela é ótima. Ela é simplesmente… Não sei como explicar. Ela é… fofa.

– Fofa?

– É, ela é toda redondinha e calorosa e doce. Ela é… fofa. É a melhor.

– E Purina?

– Nadia. Ela se chama Nadia.

– Meu gato discorda.

– A *Nadia*, eu conheci em Praga. Era inverno, e eu estava tirando umas fotos.

Normalmente, não faço fotografia de moda, mas fui convidado a fotografar pra *Vogue*… Tudo muito artístico, muito conceitual. Ela tinha uma casa nos arredores da cidade. Passamos um fim de semana juntos, e, quando ela se mudou para os Estados Unidos, me procurou. Está terminando o mestrado em relações internacionais. Pra mim, é uma loucura pensar que, aos vinte e cinco anos, ela esteja no fim da carreira. De modelo, quero dizer. Por isso, está dando duro para fazer outra coisa. Ela é muito inteligente. Já viajou o mundo inteiro e fala cinco línguas! Estudou na Sorbonne. Você sabia disso?

– Como poderia saber?

– É fácil julgar uma pessoa sem conhecê-la, não é?

– Touché. – Fiz que sim com a cabeça e, com o pé, o cutuquei para que continuasse.

– E, por fim, Lizzie. Cara, aquela mulher é

insana! Eu a conheci em um pub de Londres, completamente bêbada. Ela caminhou até mim, agarrou minha gola, me beijou loucamente e me arrastou pra casa. Ela sabe exatamente o que quer e não tem medo de pedir.

Eu lembrava bem de alguns dos seus momentos mais ruidosos. De fato, ela era bem específica quanto ao que queria, desde que você conseguisse ignorar as risadas.

– Ela é advogada, e um dos seus principais clientes é daqui. O escritório de Lizzie fica em Londres, mas, quando estamos na mesma cidade, sempre damos um jeito de nos encontrar. E é só isso. Acabou.

– Só isso? Três mulheres, e é só isso? Como elas não ficam com ciúme? Como levam isso tão na boa? E você? Não quer algo mais? Elas não querem algo mais?

– Por enquanto, não. Todo mundo está recebendo exatamente o que quer, então está

tudo bem. E, sim, elas sabem umas das outras, e, como nenhum de nós está apaixonado, ninguém espera mais do que amizade… com os melhores benefícios possíveis. Não me entenda mal. Eu adoro cada uma delas e as amo pelo que são. Sou um cara de sorte. Essas mulheres são espetaculares. Mas eu sou ocupado demais para namorar sério, e a maioria das mulheres não quer saber de um namorado que passa mais tempo do outro lado do mundo do que em casa.

– Sim, mas nem todas as mulheres querem a mesma coisa. Nem todas desejamos brincar de casinha.

– Todas as mulheres com quem namorei falavam que não queriam, só que queriam. E tudo bem, eu entendo, mas, com a minha vida maluca, é muito difícil para mim ficar com alguém que precise que eu seja algo que não sou.

– Você nunca se apaixonou?

– Eu nunca disse isso.

– Então, você já teve um relacionamento? Com uma única mulher, quero dizer.

– Claro que sim, mas, como falei, é difícil para uma mulher continuar apaixonada por um cara que leva a vida que eu levo, com as viagens constantes. Pelo menos, foi o que a minha ex disse quando começou a sair com um contador. Você conhece o tipo: usa terno, carrega uma pasta, chega em casa toda noite às seis. Parece que é isso que as mulheres querem. – Ele suspirou e pousou sua caneca, afundando um pouco mais no sofá. Suas palavras diziam que ele estava de bem com aquilo tudo, mas a expressão melancólica em seu rosto dizia o contrário.

– Não é o que todas as mulheres querem – argumentei.

– Correção: é o que as mulheres que namorei queriam. Pelo menos, até agora. É por isso que o que tenho funciona tão bem

pra mim. Essas mulheres com quem fico quando estou em casa? Elas são sensacionais. São felizes, eu sou feliz. Por que vou mexer em time que está ganhando?

– Bem, você só tem duas agora, e acho que pensaria diferente se conhecesse a mulher certa. A mulher certa não iria querer que você mudasse nada na sua vida.

– Você é uma romântica, não é? – Ele se inclinou para frente e deu uma palmadinha em meu ombro.

– Sou uma romântica prática. Sou capaz de enxergar algum encanto em ter um namorado que viaja muito, sabe por quê? Porque gosto do meu espaço. Além disso, eu ocupo a cama inteira, é difícil pra mim dormir com outra pessoa. – Balancei a cabeça lamentosamente ao lembrar a rapidez com que costumava expulsar meus casos de uma noite. Uma parte do meu passado não era tão diferente do de Simon. Suas escapadas sexuais apenas estavam amarradas

num pacote muito mais arrumado.

– Uma romântica prática. Interessante. E você? Está saindo com alguém?

– Não, e estou bem assim.

– Sério?

– É tão difícil acreditar que uma mulher sexy, atraente, com uma bela carreira profissional não precise de um homem pra ser feliz?

– Antes de mais nada, é ótimo que você se chame de atraente e sexy. Porque é verdade. É legal ver uma mulher falar assim de si mesma em vez de ficar caçando elogios. Mas não estou falando de casar, estou falando de ficar. Sabe? Sair? Sem compromisso?

– Você está me perguntando se estou dando pra alguém atualmente? – disparei, e ele engasgou com o café.

– Definitivamente, a conversa mais estranha que já tive com uma mulher.

– Uma mulher atraente e sexy.

– Completamente de acordo. Me conta. Já se apaixonou?

– Isto está parecendo uma minissérie da ABC, com todo esse café e essa conversa sentimental – falei. Talvez, só talvez, eu estivesse fugindo do assunto.

– Ah, qual é, vamos celebrar este momento das nossas vidas. – Ele soltou um riso abafado e gesticulou com sua caneca.

– Se já me apaixonei? Sim. Sim, já.

– E?

– E nada. Não terminou de um jeito muito legal. Mas o que termina de um jeito legal, né? Ele mudou, eu mudei, então caí fora. Foi isso.

– Você caiu fora, tipo…

– Nada dramático. Ele apenas não era quem eu pensei que fosse – expliquei, pousando meu café e brincando com meu cabelo.

– O que aconteceu?

– Ah, você sabe como são essas coisas. Eu já era veterana em Berkeley, e ele estava terminando a faculdade de direito. O começo foi ótimo, depois não foi mais, então abri mão. Mas ele me ensinou a escalar, sou grata por isso.

– Um advogado, hein?

– É, e que queria uma esposinha de advogado. Eu devia ter desconfiado quando ele se referiu aos meus planos de carreira como "um negocinho de decoração". Na verdade, só queria um rostinho bonito que buscasse suas camisas na lavanderia. Não era pra mim.

– Ainda não te conheço tão bem, mas, definitivamente, não consigo te enxergar morando fora de uma grande cidade.

– Afe, nem eu. Isso não é pra mim.

– Você não pode se mudar! Quem faria pão pra mim?

– Você só quer me ver de avental!

– Você nem imagina… – ele disse e piscou um olho.

– É difícil conseguir tudo o que você precisa da mesma pessoa. Entende o que quero dizer? Espera, é óbvio que *você* entende. No que eu estava pensando? – Gargalhei e apontei para ele.

Nós dois demos um pulo com a batida na minha porta, do outro lado do corredor. O cara da manutenção finalmente havia chegado.

– Obrigada pelo café, pelo banho e por me salvar dos canos – falei, me espreguiçando enquanto caminhava em direção à porta aberta. Acenei para o cara no corredor e, com a mão levantada, avisei que já estava indo.

– Não há de quê. Não foi o jeito mais gostoso de acordar, mas suponho que eu estava merecendo.

– Verdade. Mas obrigada mesmo assim.

– De nada. E obrigado pelo pão. Estava delicioso. E, assim, se outro pão aparecesse aqui, eu não reclamaria.

– Verei o que posso fazer. Ei! Cadê meu suéter?

– Você tem ideia de como esse tipo de coisa é caro?

– Ah, eu quero meu suéter! – falei, dando um tapinha em seu peito.

– Bem, acontece que eu trouxe uma coisinha pra você. Uma espécie de agradecimento por chutar minha porta.

– Sabia! Você me entrega depois. – Atravessei o corredor, abri a porta do meu apartamento para o cara da manutenção e indiquei a cozinha. Voltei para Simon. – Amigos, hein?

– Parece que sim.

– Posso conviver com isso. – Sorri e fechei a porta.

Enquanto o encanador resolvia o

problema, fui até o quarto para ver como Clive estava. Assim que entrei, meu telefone apitou. Uma mensagem de Simon. Já? Abri um sorriso enorme e caí na cama, aninhando um gato ainda assustado ao meu lado, que imediatamente começou a ronronar.

Você não respondeu à minha pergunta…

Minha pele se arrepiou quando entendi a que ele se referia. De repente, senti calor e um formigamento – como quando o pé fica dormente, só que no corpo inteiro. E gostoso. Droga, ele sabia escrever mensagens interessantes.

Sobre se estou dando pra alguém?

Grossa! Mas sim. Amigos podem perguntar essas coisas, não?

Sim, podem.

E então?

Você é chato pra cacete! Sabe disso, né?

Me conta. Não vá ficar tímida agora.

Não. Não estou.

Ouvi um ruído surdo no vizinho e depois batidinhas leves mas persistentes na parede.

O que você está fazendo?! Isso é sua cabeça?

Você está me matando, Garota do Baby-Doll.

CAPÍTULO DEZ

Estava sentada em meu escritório, olhando fixamente pela janela. Diante de mim, uma lista de coisas para fazer – e não era pequena. Precisava passar na casa dos Nicholson. A reforma estava quase completa; o banheiro e o quarto tinham sido concluídos, e restavam apenas alguns detalhes. Precisava pegar novas amostras no centro de design. Tinha uma reunião com um novo cliente a quem Mimi me indicara. E, mais importante, tinha que encarar uma pasta cheia de faturas.

Enquanto olhava pela janela, Simon monopolizava minha mente. E com razão. Com a explosão dos canos, as batidas com a cabeça na parede e as constantes mensagens

me pedindo mais pão de abobrinha, meu cérebro simplesmente não conseguia se livrar dele. E, para completar, ontem à noite, Simon lançou mão de artilharia pesada: colocou Glenn Miller para tocar. Até bateu na parede para ter certeza de que eu estava escutando.

Naquela noite, tinha ido direto do trabalho para a ioga; estava subindo a escada rumo ao meu apartamento, quando ouvi uma porta se abrir.

– Caroline? – ele chamou.

Sorri e continuei subindo.

– Sim, Simon?

– Você está chegando tarde.

– O quê? Deu pra vigiar minha porta agora? – Eu ri e contornei o último patamar. Dei de cara com ele encostado no corrimão, cabelo no rosto.

– Isso mesmo. Estou aqui pelo pão. Quero

abobrinha, mulher!

– Você é doido. Sabe disso, não sabe? – Subi o último degrau e parei à sua frente.

– Já me disseram. Hum, você está cheirosa! – ele falou, inclinando-se.

– Você acabou de me farejar? – perguntei, incrédula, enquanto abria a porta.

– Uhum-mmm, muito bom. Está vindo da ginástica? – Ele entrou atrás de mim e fechou a porta.

– Ioga, por quê?

– Você tem um cheiro maravilhoso quando está toda malhadinha – falou, erguendo sobrancelhas diabólicas em minha direção.

– Sério que você pega mulher com cantadas desse nível? – Me afastei para tirar o casaco e apertar uma coxa contra a outra maniacamente.

– Não é uma cantada. Você tem um cheiro maravilhoso mesmo – ouvi-o dizer e

fechei os olhos para bloquear a magia de Simon, que fazia a Pequena Caroline se contorcer.

Clive veio saltitando do quarto quando ouviu minha voz e parou de repente ao ver Simon. Infelizmente, o assoalho de madeira não oferecia muita tração, e ele patinou um tanto desgraciosamente sob a mesa de jantar. Tentando recuperar a dignidade, executou um complicado salto sobre quatro patas em direção à estante de livros e acenou para mim. Queria que eu fosse até ele – típico de homem.

Joguei a sacola de ginástica no chão e obedeci.

– Oi, meu garotão! Como foi seu dia? Hein? Brincou bastante? Tirou uma soneca? Hein? – Cocei a parte de trás da sua orelha. Ele ronronou alto e me fitou com seus olhos sonhadores de gato. Então, mirou Simon e, juro, deu um sorrisinho afetado.

– Pão de abobrinha, né? Presumo que você queira mais? – perguntei, jogando meu casaco no encosto de uma cadeira.

– Eu sei que você tem mais. Passa tudo! – ele brincou, apontando o dedo como uma arma.

– Você é meio excêntrico quando se trata de pão, né? Está frequentando algum grupo de apoio pra pessoas assim? – falei e entrei na cozinha para localizar o último pedaço de pão. Talvez eu estivesse guardando para ele.

– Sim, o P. A., Padeiros Anônimos. Nós nos reunimos na padaria da rua Pine – Simon respondeu, sentando na banqueta do balcão.

– Bom grupo?

– Muito bom. Existe um melhor no mercado, mas não posso mais frequentá-lo – ele disse tristemente enquanto balançava a cabeça.

– Foi expulso? – perguntei, me virando

em sua direção.

– Pior que sim. – Fez um sinal com o dedo para que me aproximasse e sussurrou: – Me pegaram acariciando umas roscas.

Dei risada e um peteleco em seu queixo.

– Acariciando roscas – suspirei enquanto ele afastava minha mão.

– Apenas passe o pão, e ninguém sairá ferido.

Ergui as mãos em rendição e peguei uma taça no armário sobre sua cabeça. Arqueei uma sobrancelha; ele fez que sim.

Entreguei-lhe uma garrafa de Merlot e o saca-rolha e peguei um cacho de uvas na geladeira. Ele serviu o vinho, brindamos, e, sem mais uma palavra, comecei a fazer o jantar para nós.

O resto da noite transcorreu naturalmente, sem que eu me desse conta de nada. Uma hora, estávamos conversando sobre as novas taças que eu havia com-prado na Williams-

Sonoma e, meia hora depois, comendo massa na mesa de jantar. Eu, com minha roupa de malhação, e Simon, de jeans, camiseta e meia, sem tênis. Ele tinha tirado seu moletom de Stanford para escorrer o macarrão, algo que nem precisei pedir que fizesse. Simplesmente ficou andando atrás de mim na cozinha, escorreu o macarrão e o devolveu à panela enquanto eu terminava o molho.

Falamos sobre a cidade, seu trabalho, meu trabalho, a viagem para Tahoe e sentamos no sofá com o café.

Me recostei nas almofadas, com as pernas dobradas sob mim. Simon me contava sobre uma viagem que fizera ao Vietnã, cinco anos atrás.

– É diferente de tudo que você já viu: as aldeias nas montanhas, as praias, a comida. Ah, Caroline, a comida! – Simon suspirou e jogou os braços ao longo do encosto do sofá. Sorri e tentei ignorar as borboletas em meu

estômago quando ele pronunciou o meu nome daquela maneira, com um “ah” na frente… Ai, ai.

– Parece maravilhoso, mas eu odeio comida vietnamita. Não suporto. Posso levar manteiga de amendoim?

– Conheço um cara, ele faz o melhor macarrão que existe. Fica numa casa flutuante, no meio da baía. Uma mordida, e você vai jogar sua manteiga de amendoim longe.

– Como eu queria poder viajar como você. Você não cansa?

– Hum, sim e não. É sempre ótimo voltar pra casa. Amo San Francisco. Mas, se fico em casa por tempo demais, sinto uma coceira pra voltar à estrada. E nada de comentários sobre a coceira. Estou começando a entender como a sua mente funciona, Garota do Baby-Doll. – Ele deu um tapinha carinhoso em meu braço.

Tentei simular indignação, mas a verdade é que eu ia fazer uma piada sobre a coceira. Ele continuou com a mão em meu braço, distraidamente desenhando círculos com a ponta dos dedos. Minha cabeça foi a mil. Fazia tanto tempo assim que eu não deixava um homem desenhar aqueles círculos em mim? Ou a questão era que *esse* homem estava fazendo aquilo? *Ai, meu Deus, seus dedos*. O que quer que fosse, estava mexendo comigo. Se fechasse os olhos, praticamente podia imaginar "O" acenando para mim – ainda distante, mas não tão distante como antes.

Olhei de relance para Simon e percebi que ele observava as próprias mãos, como se estivesse curioso sobre seus dedos em minha pele. Respirei fundo, o que atraiu seus olhos para os meus. Nos olhamos. A Pequena Caroline reagia, é claro, e agora Coração também passara a bater um tanto descontroladamente.

Aí, Clive pulou no encosto do sofá, colocou a bunda na cara de Simon e acabou com tudo. Eu e Simon caímos na risada, e ele se afastou de mim enquanto eu explicava a Clive que não era nada bonito fazer aquilo com visitas. Clive parecia estranhamente satisfeito consigo mesmo; eu soube que ele estava tramando alguma coisa.

– Puxa, são quase dez! Tomei sua noite inteira! Espero que você não tivesse planos – disse Simon, ficando em pé e se alongando. Quando ele se esticou, sua camiseta subiu um pouco, e eu precisei morder a língua para não lamber o pedaço de pele que apareceu acima de seu jeans.

– Bem, eu tinha planejado uma excitante noite em frente ao Food Channel. Por isso, vai se ferrar, Simon! – Brandi o punho diante de seu rosto depois de me levantar.

– E você até cozinhou pra mim, que estava ótima, por sinal – ele falou, procurando seu moletom.

– Não foi nada. Foi legal cozinhar pra alguém além de mim. É o que faço pra qualquer cara que aparece exigindo pão. – Finalmente lhe entreguei o pedaço de pão que tinha deixado separado.

Ele abriu um sorriso enquanto pegava sua blusa no chão.

– Bem, da próxima vez, eu que vou cozinhar pra você. Farei um fantástico… Hum, que estranho – ele se interrompeu e fez uma careta.

– O quê? – perguntei, vendo-o desdobrar o moletom.

– Parece que está úmido. Na verdade, está mais do que úmido, está… molhado? – ele disse, confuso. Meu olhar passou do moletom para Clive, que se achava inocentemente sentado no encosto do sofá.

– Oh, não… – murmurei, o sangue se esvaindo do meu rosto. – Clive, seu bostinha!

Ele pulou do sofá e passou correndo por

entre minhas pernas, em direção ao banheiro. Tinha descoberto que eu não conseguia alcançá-lo atrás do armário e era para lá que ia quando fazia algo feio, muito feio. Clive não se escondia ali havia um bom tempo.

– Simon, por favor, deixe o moletom aqui. Vou lavar, secar, limpar, tudo. Desculpa, desculpa! – falei, horrivelmente constrangida.

– Oh, ele fez…? Putz, ele fez, não fez? – Seu rosto se contraiu enquanto eu tirava a blusa de suas mãos.

– Sim, ele fez. Sinto muito, Simon. Ele tem essa coisa de marcar território. Quando um cara deixa a roupa no chão… ai, Deus… ele eventualmente faz xixi em cima. Me desc…

– Caroline, tudo bem. Quer dizer, é nojento, mas tudo bem. Já passei por coisa pior. Está tudo bem, juro. – Ele ameaçou

colocar a mão em meu ombro, mas reconsiderou, provavelmente tendo se lembrado da última coisa que havia tocado.

– Desculpa… – recomecei enquanto ele se dirigia à porta.

– Para com isso. Se você pedir desculpa mais uma vez, vou fazer xixi em alguma roupa sua. Estou falando sério.

– Ok, *isso* é nojento. – Gargalhei. – Mas nossa noite foi tão legal e acabou em xixi de gato! – choraminguei, abrindo a porta para ele.

– Foi uma noite legal, mesmo com o mijo. E haverá outras. Não se preocupe, Garota do Baby-Doll. – Ele piscou para mim e atravessou o corredor.

– Toque algo bom para mim esta noite, tá? – pedi, observando-o abrir sua porta.

– Conte com isso. Durma bem – ele disse, e fechamos as portas ao mesmo tempo.

Encostei na porta fechada, abraçando o

moletom. Tenho certeza de que tinha o sorriso mais bobo do mundo no rosto ao lembrar o toque de seus dedos. Então, lembrei que estava abraçando um moletom cheio de mijo.

– Clive, seu idiota! – berrei e corri para o quarto.

Dedos, mãos, pele quente pressionada contra a minha num esforço para chegar mais perto. Senti seu hálito tépido, sua voz como sexo úmido em meu ouvido:

– Hum, Caroline, você é tão gostosa…

Gemi e rolei, trançando braço com braço e perna com perna, enfiando minha língua na sua boca sedenta. Chupei seu lábio inferior, sugando menta e calor e a promessa do que viria, e ele entrou em mim pela primeira vez. Gemi, ele suspirou; num piscar de olhos, eu estava presa sob seu corpo.

Seus lábios deslizaram da minha boca

para o meu pescoço, lambendo e chupando e encontrando o ponto certo – aquele ponto debaixo do queixo que me fazia explodir por dentro e meus olhos revirarem. Uma risada devassa contra minha clavícula, e eu sabia que era toda sua.

Rolei para cima dele e senti o seu peso ceder, mas agora as minhas pernas prendiam cada lado do seu corpo, que se contraía e pulsava, no exato lugar em que eu queria que estivesse. Ele afastou o cabelo do meu rosto e me fitou com aqueles olhos – olhos capazes de me fazer esquecer meu próprio nome e gritar o seu:

– Simon! – exclamei, sentindo as suas mãos agarrarem meus quadris e me puxarem.

Sentei na cama, o coração disparado, as últimas imagens do sonho se dissipando em minha mente. Pensei ter escutado uma risadinha do outro lado da parede, junto com os acordes de Miles Davis.

Deitei de novo e tentei encontrar um ponto fresco no travesseiro; minha pele ardia. Minha cabeça foi tomada pelo que havia do outro lado da parede, a poucos centímetros de distância. Eu estava ferrada.

No fim daquela manhã, em meu escritório, eu me preparava para uma reunião com um novo cliente – um cliente que solicitara especificamente a mim. Ainda uma designer em início de carreira, muito do meu trabalho vinha de indicações, e, quem quer que houvesse me indicado desta vez, eu estava lhe devendo. Redesign de todos os ambientes de um apartamento de alto padrão – praticamente do zero, um projeto dos sonhos. Ao me preparar para um novo cliente, eu sempre separava fotos de projetos antigos e deixava o caderno de esboços à mão; hoje, fiz isso com especial cuidado. Se deixasse minha mente vagar por um segundo, Cérebro regressaria imediatamente

ao sonho da noite anterior. Eu corava cada vez que pensava no que deixara o Simon do Sonho fazer comigo e no que a Caroline do Sonho fizera com ele…

O Simon do Sonho e a Caroline do Sonho eram crianças bem sapecas. – Hum-hum – alguém pigarreou atrás de mim, e me virei. Ashley se achava parada no vão da porta. – Caroline, o sr. Brown chegou.

– Excelente, estou indo. – Assenti com a cabeça, levantei e alisei a saia. Minhas mãos pressionaram minhas bochechas; torci para que elas não estivessem muito vermelhas.

– E ele é uma graça! – Ashley murmurou enquanto percorria o corredor ao meu lado.

– Sério? Deve ser meu dia de sorte. – Eu ri e me dirigi à recepção para cumprimentar o cliente.

Ele era uma graça mesmo. Eu sabia bem: era meu ex-namorado.

– Meu Deus! Quais são as chances? – Jillian falou durante o almoço, duas horas mais tarde.

– Bem, considerando que a minha vida inteira parece ser governada por coincidências bizarras, não vejo nada de estranho. – Rasguei um pedaço de pão e mastiguei resolutamente.

– Não, sério! As chances de uma coisa dessas acontecer são muito pequenas – ela insistiu, abastecendo-nos de San Pellegrino.

– Não tem nada de coincidência. Não há coincidência com esse cara. Ele sabia perfeitamente o que estava fazendo quando falou com você, no mês passado.

– Não! – ela disse.

– Sim. Ele me contou. Ele me viu e, quando descobriu que eu trabalhava pra você, pronto! Precisava de uma designer de interiores. – Sorri ao pensar em como ele sempre dava um jeito de fazer as coisas

acontecerem exatamente como queria. Bem, nem todas as coisas.

– Não se preocupe, Caroline. Vou passá-lo a outro designer, ou cuidar dele eu mesma. Você não precisa trabalhar com ele – ela falou, colocando sua mão sobre a minha.

– Ah, de jeito nenhum! Já aceitei. Vou fazer isso. – Cruzei os braços sobre o peito.

– Tem certeza?

– Tenho. Sem problemas. A gente não terminou de um jeito ruim. Na verdade, perto do que costuma acontecer, até que foi tranquilo. Ele não queria aceitar que eu estava terminando, mas foi obrigado. Não achou que eu tinha coragem, mas, olha, o rapaz se surpreendeu. – Brinquei com meu guardanapo.

Namorara James durante quase todo meu último ano em Berkeley. Ele já cursava a faculdade de direito, seguindo resolutamente seu caminho rumo a um futuro perfeito.

Jesus, ele era bonito – atlético e elegante e bastante charmoso. Nos conhecemos na biblioteca, tomamos café algumas vezes, e a coisa evoluiu para uma relação sólida.

O sexo? Fantástico.

Foi meu primeiro namorado de verdade, e eu sabia que ele queria casar comigo no futuro. James tinha ideias bem específicas sobre o que desejava para sua vida, e isso certamente me incluía como esposa. E ele era tudo o que eu *pensava* que queria em um marido. O noivado era inevitável. Então, comecei a reparar em certas coisas, pequenas a princípio, mas que aos poucos revelaram um cenário completo. Sempre jantávamos onde ele queria. Eu nunca escolhia. Certa vez, ouvi-o dizer a alguém que achava que minha fase "decoradora" não duraria muito, mas que seria legal ter uma esposa capaz de montar uma casa bonita. O sexo ainda era ótimo, porém eu estava cada vez mais irritada e comecei a pensar em mim.

Percebi que ele já não era o que eu queria para o *meu* futuro, e as coisas ficaram tensas. Passamos a brigar constantemente, e, quando decidi terminar, ele tentou me convencer de que era a escolha errada. Eu sabia que não, e James finalmente aceitou que era para valer – e não um "capricho feminino", como gostava de dizer. Não mantivemos contato, mas ele foi uma parte importante da minha vida, e eu estimava as lembranças do nosso tempo juntos. Estimava o que ele me ensinou sobre mim.

Não demos certo amorosamente, mas isso não significava que não podíamos dar certo profissionalmente, não é mesmo?

– Tem certeza? Quer mesmo trabalhar com ele? – Jillian perguntou mais uma vez, e eu percebi que ela não se oporia.

Refleti mais um pouco; a lembrança dele parado na recepção cruzou minha mente. Cabelo loiro-claro, olhos penetrantes, sorriso encantador: fui engolfada por uma onda de

nostalgia e abri um largo sorriso quando ele veio em minha direção.

– Oi, estranha – James falou e estendeu a mão.

– James! – arquejei, mas me recompus rapidamente. – Você está ótimo! – Nos abraçamos, para a surpresa de uma estupefata Ashley.

– Sim, tenho certeza – respondi a Jillian. – Vai ser bom pra mim. Uma experiência de amadurecimento, digamos assim. Além disso, não quero abrir mão da comissão. Veremos o que acontece hoje à noite.

Ela levantou os olhos do cardápio.

– Hoje à noite?

– Ah, não falei? Vamos sair para tomar algo e pôr a conversa em dia.

Diante do espelho, afofei o cabelo e conferi se tinha batom nos dentes. O restante do dia de trabalho tinha voado, e agora eu me

encontrava em casa e me preparava para a noite. Havíamos combinado de tomar um drinque apenas, embora eu não descartasse a opção de jantar. Ainda assim, uma calça skinny, uma malha preta de gola olímpica e uma jaquetinha de couro cinza era o mais chique a que eu chegaria.

O tempo que passamos no escritório tinha sido agradável e quando James me convidou para tomar algo e colocar a conversa em dia, aceitei imediatamente. Estava ansiosa para saber o que ele andava fazendo e também para me certificar de que podíamos trabalhar juntos. James tinha sido uma parte muito importante da minha vida, e a ideia de ser capaz de trabalhar com alguém que fora tão íntimo me pareceu boa. Pareceu madura. Ponto final na relação? Não sabia bem como definir, mas parecia ser a coisa natural a fazer.

Ele me buscaria às sete, e eu pretendia esperá-lo na rua. Estacionar ali era bem

difícil. Uma espiada no relógio me mostrou que era hora de ir andando; dei um beijinho de despedida em Clive, cujo comportamento desde o incidente do xixi era o melhor possível, e abri a porta do apartamento.

E dei de cara com Simon.

– Ok, é oficial: você está me perseguindo! Acabou o pão de abobrinha, senhor. Espero que tenha feito valer aquele último pedaço, porque não tem mais nada pra você – adverti, empurrando-o com o indicador.

– Eu sei, eu sei. Na verdade, estou aqui em uma missão oficial. – Ele riu e lançou os braços em rendição.

– Me acompanha? – perguntei, acenando em direção à escada.

– Também vou sair. Vou alugar um filme – ele disse conforme começamos a descer.

– As pessoas ainda alugam filmes? – brinquei, contornando o patamar.

– Sim, as pessoas ainda alugam filmes. Só

por isso, você vai ser obrigada a assistir ao que eu escolher – Simon respondeu e levantou uma sobrancelha.

– Hoje?

– Claro, por que não? Eu ia perguntar se você não queria fazer algo. Te devo uma pelo jantar e estou louco pra ver algum filme assustador… – Ele assobiou o tema de *Além da imaginação*.

Não pude deixar de rir de suas mãos em forma de garra e dos olhos vesgos.

– Da última vez que alguém me chamou pra alugar um filme, era um código para dar uns amassos no sofá. Posso confiar em você?

– Ah, por favor! Temos a trégua, lembra? Sou completamente pró-trégua. E então?

– Eu bem que queria, mas tenho planos para hoje. Amanhã à noite? – Descemos o último lance de escada e chegamos à entrada do prédio.

– Beleza, amanhã. Aparece em casa

depois do trabalho. Mas eu escolho o filme. E vou preparar o jantar. É o mínimo que posso fazer pela minha pequena Empata-foda. – Ele deu aquele sorrisinho, e eu, um soquinho em seu braço.

– Para de me chamar assim. Ou eu não levo a sobremesa – falei baixando a voz e batendo os cílios como uma retardada.

– Sobremesa? – Simon abriu a porta para mim, e eu saí para a noite.

– Aham. Comprei maçãs ontem. Estou salivando por uma torta desde o começo da semana. Que tal? – perguntei, olhando ao redor à procura de James.

– Torta de maçã? Caseira? Cruzes, mulher, você está querendo me matar? Hummmm… – Ele estalou os lábios e olhou para mim com voracidade.

– O senhor está com cara de quem viu algo que gostaria de comer. – Se levar torta de maçã amanhã, é possível que eu nunca

mais deixe você sair – ele disse, as bochechas rosadas e o cabelo esvoaçando ao vento frio.

– Isso seria terrível – murmurei. *Uau.* – Tudo bem, vai alugar seu filme. – Empurrei a delícia de um metro e oitenta que se achava diante de mim. *Lembre-se do harém!*, gritei dentro da minha cabeça.

– Caroline? – disse uma voz preocupada às minhas costas, e me virei para ver James caminhando em nossa direção.

– Oi, James – falei, me afastando de Simon com uma risadinha.

– Pronta para ir? – James perguntou, examinando Simon cuidadosamente. Simon se endireitou e também o examinou.

– Pronta para ir. Simon, este é James. James, este é Simon. – Eles apertaram as mãos, e eu reparei que ambos aplicaram uma força extra; nenhum queria ser o primeiro a soltar. Revirei os olhos. *Não tenho tempo para uma queda de braços, rapazes*.

– Prazer em conhecê-lo, James. É James, certo? Meu nome é Simon. Simon Parker.

– Isso mesmo. James. James Brown.

Vi o princípio de uma risada no rosto de Simon.

– James, é melhor irmos andando. Simon, falo com você depois – eu disse, encerrando o aperto de mão do século.

James se virou em direção ao seu carro – estacionado em fila dupla –, e Simon me lançou um olhar.

– Brown? James Brown? – cochichou. Foi a minha vez de sufocar uma risada.

– Prazer em conhecê-lo, Simon. A gente se vê por aí – James se despediu e me conduziu até o carro com a mão em minhas costas. Não dei bola para isso, pois sempre andávamos assim, mas os olhos de Simon se arregalaram um pouco diante da cena.

Hum…

James abriu a porta para mim e se dirigiu

ao seu lado do carro. Simon ainda estava na entrada do prédio quando partimos. Esfreguei as mãos diante do aquecedor e sorri para James, que se embrenhava no trânsito.

– E aí, pra onde a gente vai?

Nos acomodamos confortavelmente no pretensioso bar que ele escolheu. Era muito James: chique e sofisticado, com uma sensualidade oculta. Os bancos de couro escarlate, finamente almofadados, nos acolheram, e demos início ao processo de nos conhecermos depois de tantos anos afastados.

Enquanto esperávamos que um garçom nos atendesse, estudei seu rosto. Era o mesmo: cabelo loiro-claro cortado bem curto, olhos intensos e uma estrutura pungente que se recolhia em si mesma, como a de um gato. A idade só tinha melhorado sua aparência, e o jeans

cuidadosamente rasgado e a malha de caxemira aderiam a um corpo visivelmente em forma. James fora um alpinista implacável. Encarava cada rocha, cada montanha como um obstáculo a ser ultrapassado, algo a ser conquistado.

Mesmo tendo crescido com algum medo de altura, acompanhei-o em algumas escaladas, já no fim de nosso relacionamento. Vê-lo escalar, ver aqueles músculos vigorosos se retesarem e conduzirem seu corpo a posições que não pareciam naturais era uma experiência arrebatadora, e, à noite, na barraca, eu pulava sobre James como uma mulher possuída.

– O que você está pensando? – James perguntou, interrompendo minhas divagações.

– Estava lembrando que você escalava bastante. Continua?

– Sim, mas já não tenho tanto tempo livre. A firma me consome. Tento fugir para uma montanha sempre que posso – ele respondeu e sorriu.

A garçonete se aproximou.

– Querem pedir algo? – ela perguntou, posicionando os guardanapos.

– Ela vai beber um vodca martíni puro com três azeitonas. Para mim, três dedos de Macallan – ele pediu. A garçonete anuiu e se afastou.

Tornei a estudá-lo quando se recostou; então, James se virou para mim e me encarou.

– Oh, Caroline, desculpe. Essa ainda é a sua bebida favorita?

Espremi os olhos para ele.

– Por acaso, é. Mas e se eu quisesse outra coisa hoje? – falei meio afetada.

– Erro meu. Claro, o que você quer beber? – Com um aceno, ele pediu à garçonete que

voltasse.

– Quero um vodca martíni puro com três azeitonas, por favor – falei e pisquei para ela.

Ela pareceu confusa.

James riu alto, e a garçonete se retirou, balançando a cabeça.

– Touché, Caroline. Touché – ele disse, me examinando novamente.

– Então, me conta o que você tem feito nos últimos anos. – Pousei o cotovelo na mesa e apoiei o queixo nas mãos.

– Hum, como resumir alguns anos em poucas palavras? Terminei a faculdade de direito, associei-me a uma empresa e me matei de trabalhar durante dois anos. Consegui diminuir o ritmo um pouco, só umas sessenta e cinco horas por semana, e, devo admitir, é bom voltar a ver a luz do dia. – Ele sorriu, e eu não pude evitar sorrir também. – E, claro, trabalhando tanto assim,

sobra muito pouco tempo para a vida social. Foi pura sorte te ver no evento beneficente, no mês passado – James concluiu, apoiando-se nos cotovelos, como eu. Jillian comparecia a muitos eventos sociais na cidade, e, de vez em quando, eu a acompanhava. Era bom para os negócios. Deveria saber que eventualmente toparia com James em uma dessas festas.

– Quer dizer que o senhor me viu e não falou comigo? E agora está aqui, depois de semanas, me pedindo pra trabalhar no seu apartamento. Por quê, exatamente? – Minha bebida chegou; tomei um longo gole.

– Eu queria falar com você, acredite. Mas não consegui. Passou tanto tempo… Então, soube que você trabalha para Jillian, que um amigo me indicou, e pensei: "Perfeito!". – Ele inclinou seu copo na direção do meu para um brinde.

Fiquei parada por um momento; toquei meu copo no seu.

– É pra valer essa história de trabalhar comigo? Não é um pretexto pra me levar pra cama, é?

Ele me fitou calmamente.

– Direta como sempre, hein? Mas não. É totalmente profissional. Não gostei do modo como as coisas terminaram entre nós, você sabe, mas aceitei sua decisão. E cá estamos. Eu *preciso* de um decorador. Você *é* uma decoradora. Parece certo, não?

– Designer – falei tranquilamente.

– Como?

– Designer – repeti, desta vez mais alto. – Sou uma designer de interiores, não uma decoradora. Existe uma diferença, sr. Advogado. – Dei outro gole em minha bebida.

– Claro, claro – ele respondeu, fazendo um sinal para a garçonete.

Surpresa, olhei para baixo e vi meu copo vazio.

Durante a conversa que continuou pela hora seguinte, falamos, entre outras coisas, sobre o que ele precisava em seu novo lar. Jillian estava certa. James desejava refazer o lugar, dos tapetes à iluminação. A comissão seria enorme, e ele até me autorizou a tirar fotos para uma revista de design com a qual Jillian queria que eu colaborasse. James vinha de uma família muito abastada – os Brown da Filadélfia –, e eu sabia que a conta iria para eles. Advogados jovens não ganham o bastante para bancar aquele tipo de apartamento, sobretudo numa das cidades mais caras dos Estados Unidos. Mas fundos de investimento perduram, e James possuía um bem grande. Uma das vantagens de namorá-lo durante a faculdade era poder ter encontros de verdade, e não apenas sair para lugares baratos. Eu desfrutara bastante esse aspecto de nossa relação, não vou mentir.

E desfrutaria o mesmo aspecto naquele projeto. Um orçamento praticamente

ilimitado? Eu mal podia esperar para começar.

No fim, foi uma noite agradável. Como sempre acontece com velhas chamas, houve um sentimento de cumplicidade, uma nostalgia que você só pode partilhar com alguém que o conheceu na intimidade – especialmente naquela idade em que ainda está se formando como pessoa. Foi ótimo revê-lo. James tinha uma personalidade muito forte, intensa e confiante, e eu me lembrei do motivo por que um dia me atraí por ele. Nós rimos e contamos histórias de coisas que havíamos feito juntos, e fiquei aliviada ao perceber que seu charme continuava lá. Podíamos nos dar muito bem dentro de uma relação social. Não houve nenhum daqueles constrangimentos que *poderiam* ter existido.

Depois que a noite terminou e ele me levou para casa, James fez a pergunta que, eu sabia, estava morrendo de vontade de

fazer. Estacionou o carro em frente ao meu prédio e se virou para mim:

– Então, você está saindo com alguém? – falou em voz baixa.

– Não, não estou. E essa não é uma pergunta que um cliente faria – alfinetei e olhei para minha janela. Avistei Clive sentado em seu posto habitual e sorri. Era gostoso ter alguém à minha espera. E não pude evitar relancear a janela ao lado para verificar se havia luz no apartamento de Simon – tampouco pude evitar que minha barriga desse uma pequena pirueta quando vi sua sombra na parede e a luz azul de sua TV.

– Bem, como cliente, não farei mais perguntas desse tipo no futuro, senhorita Reynolds. – James deu uma risada.

Me virei para encará-lo.

– Tudo bem, James. Já passamos da fase designer-cliente há muito tempo. – Me senti

triunfante ao perceber o rubor que abriu uma fissura em sua fachada meticulosa. – Acho que vai ser divertido.

Foi minha vez de rir.

– Ok, me liga amanhã no escritório, e a gente começa tudo. Vou meter a faca em você, cara. Prepare-se para usar o cartão de crédito – brinquei enquanto saía do carro.

– Estou contando com isso! – Ele piscou e fez tchau com a mão.

James esperou que eu entrasse; acenei novamente e fechei a porta. Fiquei contente por saber que era capaz de me controlar em sua companhia. Subindo as escadas, girei a chave na fechadura e pensei ter ouvido algo. Olhei por cima do ombro, mas não havia nada. Clive me chamou de dentro do apartamento; sorri, entrei e o peguei no colo, sussurrando em sua orelhinha. Com suas patas em volta do meu pescoço, ele me deu um minúsculo abraço de gato.

Na noite seguinte, estava abrindo a massa da torta com o rolo, quando chegou a mensagem de Simon.

Vem a hora que quiser. Começo a fazer o jantar assim que você chegar.

Ainda estou fazendo a torta, mas já, já está pronta.

Precisa de ajuda?

Você é bom em descascar maçã?

A próxima coisa que ouvi foi a batida na porta. Fui até ela, as mãos cobertas de farinha, e a abri com o cotovelo.

– Ei! Tudo bem? – falei enquanto segurava a porta aberta com um pé.

– Este lugar está parecendo o final de *Scarface* – Simon observou, tocando meu nariz com a ponta do indicador e depois me mostrando a farinha.

– Eu tendo a perder o controle quando há

massa de torta envolvida – eu disse, e ele fechou a porta.

– Anotado. Essa informação pode ser muito útil no futuro. – Simon afastou minha mão quando tentei lhe dar um tapinha. Depois, me lançou um olhar demorado, os olhos azuis percorrendo meu rosto e então meu corpo. – Hum, você não estava brincando sobre o avental. Não sei quanto tempo vou aguentar sem tentar dar uma passadinha de mão em sua bunda.

– Vem, você pode apalpar uma maçã – falei e rumei à cozinha, acrescentando um requebrado extra ao caminhar. Ouvi-o suspirar pesadamente. Dei uma espiada em minha roupa: regatinha colada, calça jeans surrada, pés descalços e avental que dizia: "Você deveria provar o meu bolo"…

– Hum, quando você disse "descascar", a que estava se referindo exatamente? – ele perguntou, já na cozinha, e começou a tirar sua malha.

Sacudi a cabeça diante da visão de Simon com camiseta preta e jeans desbotado. Ele estava só de meias outra vez, e me admirei com o quão à vontade parecia ficar em minha cozinha.

Peguei o rolo de massa.

– Saiba que eu não hesitarei em te castigar com isso se você insistir nesse assédio sexual – ameacei, sugestivamente passando a mão para cima e para baixo no rolo.

– Serei obrigado a pedir que não faça isso se estava falando sério sobre eu descascar maçãs – ele disse, arregalando os olhos.

– Quando o assunto é torta, eu nunca brinco, Simon. – Espalhei mais um pouco de farinha sobre o balcão de mármore.

Ele ficou em silêncio e respirou pela boca enquanto me observava abrir a massa.

– O que você vai fazer com isso? – perguntou em voz baixa.

– Com isso? – Me inclinei sobre o balcão. Pode ser que eu tenha arqueado as costas só um pouquinho ao fazer isso.

– Aham.

– Vou desenrolar a crosta. Assim, vê? – provoquei de novo, passando o rolo sobre a massa, deliberadamente empinando o bumbum ao fazer o movimento para trás e espremendo os peitos na volta.

– Uau – ele murmurou, e eu abri um sorriso sacana.

– Você vai ficar bem, gostosão? Isso é só a cobertura; ainda preciso trabalhar a parte de baixo.

Suas mãos apertaram a borda do balcão.

– Maçãs. Maçãs. Vamos descascar maçãs – Simon falou para si mesmo e se dirigiu até a pia, onde uma tigela cheia delas o esperava.

– Vou pegar o descascador pra você. – Passei roçando pelas suas costas e me pressionei contra ele para alcançar o

descascador, na outra pia. Aquilo era divertido.

– Descascar maçãs, nada além de descascar maçãs. Nem senti seus peitos nas minhas costas. Jamais! – ele entoou, e eu gargalhei.

– Aqui, descasca isto. – Fiquei com pena de Simon e me afastei. Talvez tenha farejado sua camiseta no caminho.

– Você me cheirou? – ele perguntou, ainda virado para o outro lado.

– É bem possível – admiti ao retornar ao meu rolo, que apertei energicamente.

– Foi o que pensei.

– Ei, se você pode me cheirar, eu posso fazer o mesmo com você – repliquei, descontando minha frustração sexual na massa indefesa.

– O que é justo é justo. E que tal meu cheiro?

– Bom. Muito bom, na verdade. Downy?

– Bounce. Perdi meu Downy Ball.

Eu ri, e continuamos amassando e descascando. Quinze minutos depois, tínhamos uma tigela cheia de maçãs descascadas e fatiadas, uma massa de torta perfeitamente esticada e duas taças de vinho vazias.

– Ok, e agora? – Simon perguntou.

– Agora, adicionamos tempero e um pouco de acidez – respondi, posicionando sobre o balcão canela, noz-moscada, o açucareiro e um limão.

– Ok, e onde eu entro nisso? – Ele me mostrou suas mãos, cobertas de farinha.

Visões passaram pela minha cabeça, e eu precisei engolir a tentação de mostrar onde exatamente queria que ele entrasse.

– Primeiro, se limpa, daí a gente começa. Você pode ser meu ajudante.

Ele olhou ao redor em busca de um pano de prato, e eu me virei para procurar o que

estava usando antes. Quando comecei a me dirigir ao balcão, senti duas mãos muito fortes e muito certeiras na minha bunda.

– Mas… Oi? – falei, congelando no lugar.

– Oi – ele disse alegremente, sem retirar as mãos.

– Explique-se, por favor – exigi, tentando ignorar o fato de que meu coração estava querendo sair pela boca.

– Você me mandou limpar as mãos – Simon gaguejou, mordendo cada uma de suas bochechas para não cair na risada.

– E você achou que seria apropriado limpar na minha bunda? – Eu ri e me virei para encará-lo, retirando suas mãos com as minhas.

– Ah, o que posso dizer? Eu gosto de tomar liberdades com meus vizinhos. – Seus olhos agora iam e voltavam dos meus lábios para os meus olhos.

– Temos uma torta para acabar, senhor.

Lembre-se das boas maneiras. Ninguém põe a mão na minha bunda sem ser convidado. – Dei uma risadinha, ainda segurando suas mãos. Senti seu polegar traçar pequenos círculos em minha mão, e minha cabeça ficou zonza. Aquele cara ia acabar comigo. – Pra lá, mão-boba, e se comporte!

Simon sorriu e se afastou – uma oportunidade para eu murmurar "Ai, meu Deus" para ninguém em particular antes de me juntar a ele e à tigela de maçãs.

– Muito bem, você faz o que eu mandar, certo? – falei, salpicando açúcar nas frutas.

– Certo!

Comecei misturando as maçãs com as mãos, e Simon seguiu minhas instruções ao pé da letra. Pedi mais açúcar, ele deu. Pedi mais canela, ele deu. Pedi para espremer o limão, ele espremeu tão bem que eu tive dificuldade para manter minha língua dentro da minha boca e fora da sua.

Mexi e experimentei e, quando achei que as maçãs estavam boas, levei um tantinho à boca de Simon.

– Abra – falei, e ele se inclinou.

Coloquei o recheio em sua língua, e Simon fechou a boca antes que eu pudesse remover meus dedos. Deixou seus lábios os abocanharem, e eu os tirei devagar, sentindo sua língua se enrolar neles delicada e deliberadamente.

– Uma delícia – falou suavemente.

– Ah... – murmurei, e meus olhos envesgaram um pouco diante do sexo sobre duas pernas à minha frente.

Ele mastigou.

– Doce. Doce, Caroline.

– Ah... – murmurei de novo. Cérebro sabia que a coisa estava preta; Coração galopava dentro do peito.

– Está bom para você? – Simon perguntou, com um sorriso perspicaz

perigosamente próximo da insolência.

– Bom para mim – respondi, fervida depois do sexo dedal. Trégua, harém, blá-blá-blá. Quem se importava se não havia O? Eu precisava estar em contato com aquele homem da maneira mais profunda possível.

Minha fortaleza sexual tinha sido atingida; eu estava preparada para rasgar suas roupas, jogá-lo no chão e cavalgá-lo entre uma pilha de maçãs e canela, com somente um rolo de massa para nos orientar, e o telefone tocou.

Obrigada, Jesus.

Olhei para o demônio de olhos azuis e me lancei à sala, para longe daquele vodu maldito. Vislumbrei seu rosto enquanto corria; parecia um pouco desapontado.

– Garota, o que você vai fazer esta noite? – Mimi guinchou do outro lado da linha. Afastei o telefone da orelha antes que começasse a sangrar. Mimi possuía três níveis de som: alto-normal, alto-empolgado e

alto-bêbado. Ela estava no caminho de empolgado para bêbado.

– Estou preparando o jantar. Onde você está? – perguntei, anuindo com a cabeça para Simon, que começara a colocar as fatias de maçã na assadeira.

– Saí pra tomar uns drinques com Sophia. O que você está fazendo? – ela berrou.

– Acabei de falar, preparando o jantar. – Dei risada.

Simon entrou na sala com a torta nas mãos.

– Coloco no forno?

– Um instante, Mimi. Ainda não. Preciso pincelar com um pouco de manteiga – respondi, e ele voltou à cozinha.

– Caroline, isso era um homem! Quem é? Com quem você vai jantar? Quem você vai pincelar com manteiga? – Mimi disparou, a voz ainda mais alta.

– Relaxa. Nossa, como você grita! Vou

jantar com Simon. Estamos fazendo uma torta de maçã – expliquei, e ela imediatamente relatou-berrou a informação a Sophia. – Merda – resmunguei ao ouvir o telefone sendo arrancado da mão de Mimi.

– Reynolds, o que você pensa que está fazendo? Assando tortas com seu vizinho? Você está pelada? – Sophia gritou; era a sua vez de me atormentar.

– Ok, não, e vocês precisam muito se acalmar – gritei por cima dos gritos das duas. Escutei Mimi guinchando as coisas mais sórdidas sobre tortas e manteiga. Sophia estava me ameaçando caso eu desligasse o telefone na cara dela quando fiz exatamente isso.

Suspirei e fui até Simon, cujas mãos estavam cheias de torta. Suspirei com pena de mim mesma.

– Hum, isso é tão bom – gemi, fechando meus olhos e me abandonando às sensações.

– Sabia que você ia gostar, mas não tanto assim – ele sussurrou, me fitando com uma atenção extasiada.

– Para de falar, você vai estragar o momento – murmurei, me esticando e sentindo meu corpo responder a tudo que eu recebia.

– Mais uma? – Ele se apoiou em seus cotovelos.

– Se eu disser sim, não vou conseguir andar amanhã.

– Ah, vai, você é uma menina má, você merece. Eu sei que você quer, Caroline – ele provocou, chegando mais perto.

– Ok – foi o que consegui dizer e me abri mais uma vez. Fechei os olhos e o escutei se ajeitar antes de colocar lá dentro. Suspirando, meus lábios se fecharam ao redor do que ele me oferecia.

– Nunca conheci uma mulher que aguentasse tanto de uma só vez – ele se

admirou ao me ver entregue novamente.

– É porque você nunca conheceu uma mulher que gostasse tanto de almôndega quanto eu – grunhi com a boca cheia, me sentindo empanturrada mas desejando que a comida não terminasse nunca.

Simon fez o melhor jantar de todos os tempos, atingindo cada nota de sabor que precisava ser atingida. Ele aprendera a fazer almôndegas com uma senhora de Nápoles e me jurara que seriam as mais deliciosas que eu jamais comeria. Fui obrigada a concordar que aquelas bolas – de carne – eram as melhores que eu já havia colocado na boca.

Ainda devorei quase meio quilo de macarrão sozinha, além de todas as minhas almôndegas e metade das dele. Insisti para que Simon comesse a última, mas ele se recusou e a levou à minha boca sedenta.

Simon era um excelente anfitrião; teimou para que eu ficasse sentada, bebesse vinho e

só observasse. Contou histórias de suas viagens enquanto preparava tudo, e, embora fosse simples, a comida estava divina.

– Nonna me fez prometer que eu só serviria sua *polpetta* junto com seu molho especial. Se eu ousar servir com um frasco de Pomarola, ela atravessa o oceano e dá com a colher de pau na minha bunda.

– Ela te fez chamá-la de Nonna? – Eu ri e me recostei na cadeira, desabotoando o primeiro botão da minha calça jeans. Não tive qualquer pudor. Havia comido uma quantidade obscena.

– Você sabe o que significa Nonna? – Simon perguntou, surpreso.

– Tive uma bisavó italiana. Ela insistia para que todo mundo a chamasse de Nonna. – Dei outra risada quando seus olhos pousaram em minhas mãos, que massageavam meu estômago.

– Você está bem? – Ele arqueou uma

sobrancelha e se levantou para tirar a mesa.

– Aham, só preciso respirar um pouco – gemi e me levantei também.

– Não, não! Não precisa ajudar! – Simon correu até mim e pegou meu prato.

– Eu não ia ajudar mesmo. Só ia passar o prato e desmaiar naquele sofá – respondi acenando em direção à sala.

– Vai relaxar. Uma mulher tão gulosa merece um descanso – ele alfinetou, e dei um peteleco em sua orelha.

– Com licença, vou morrer um pouquinho agora. – Me arrastei até a sala. Tinha comido como uma porca, fato, mas tudo estava tão bom. Me acomodei e abri outro botão do jeans, relaxando nas almofadas e relembrando os melhores momentos da noite.

Ver Simon cozinhando era, numa palavra, sexy. Ele se sentia à vontade na cozinha – sem contar a sujeira com a torta de maçã.

Até mesmo sua salada – folhas verdes com limão, azeite, sal, pimenta e um bom parmesão – era simples e perfeita.

– Obrigado, sal rosa do Himalaia – ele falara orgulhosamente ao pegar um saquinho em sua despensa. Tinha trazido de uma das suas muitas viagens e me fez provar um pouco antes de salpicá-lo na salada. Poderia ter sido algo pretensioso, mas combinava com ele. As muitas facetas daquele homem eram assombrosas. Minhas primeiras suposições sobre ele estavam se provando completamente erradas. Como costuma acontecer com suposições…

Eu podia ouvi-lo lidando com a louça do jantar e, embora a boa educação me mandasse ajudá-lo, simplesmente não consegui sair do sofá. Deitei de lado e passei os olhos pela sala novamente; e de novo fui atraída pelas pequenas garrafas que continham areia do mundo inteiro. Me admirava o quanto ele viajava e o quanto

continuava gostando disso. Fitei as fotografias da mulher em Bora Bora – sua pele escura e bela e o relevo suave de seu corpo – e pensei no quão diferentes eram as três mulheres do harém. Perdão, as duas – já que Katie/Castigada tinha um novo homem agora.

De súbito, senti o cheiro da torta de maçã e ouvi o clique da porta do forno sendo fechada. Eu tinha colocado a torta para assar assim que chegáramos ao apartamento de Simon, para que ficasse pronta logo depois do jantar.

– Não ouse me dar torta agora. Estou explodindo, juro! – gritei.

– Calma, só está esfriando. – Simon surgiu da cozinha. – Você vai ter que mover essa bunda, mulher. É hora de ver filme – ele ordenou e me empurrou com o dedão do pé; lutei para conseguir me sentar.

– O que vamos assistir?

– *O exorcista* – ele sussurrou, apagando o abajur que ficava na mesinha ao lado do sofá, o que deixou a sala ao breu.

– Você está me zoando? – guinchei, me debruçando sobre ele para acender a luz.

– Deixa de ser medrosa. Você vai assistir – Simon insistiu e apagou a luz novamente.

– Não sou medrosa, só que existe burrice e não burrice, e burrice é ver um filme como *O exorcista* com a luz apagada. É pedir pra dar merda! – Liguei a luz.

O lugar já estava começando a parecer uma discoteca…

– Ok, vamos fazer um acordo. Luz apagada, mas… – Ele me calou com o indicador quando fiz menção de interromper. – Se você ficar com muito medo, a gente acende. Combinado?

Ainda me encontrava debruçada sobre ele para acender a luz e notei como estava perto de seu rosto. E que, naquela posição, eu

parecia uma garota à espera de receber umas palmadas. E Simon dava palmadas…

– Ok – resmunguei, e os créditos do filme despontaram. Retornei a uma posição normal, sentada. Ele sorriu triunfalmente e levantou um polegar. – Se você mostrar esse polegar mais uma vez, eu mordo fora! – ameacei, tirando uma manta afegã do encosto do sofá e me enrolando nela. Um minuto de filme, e já me assustei.

Fiquei tensa daí em diante, e, se algum dia achei ridículo o jeito como algumas garotas se comportam perto dos caras ao verem filmes de terror, mudei de ideia quando Regan mijou nas calças durante o jantar.

E, quando o padre chegou para uma visitinha, eu já me achava praticamente no colo de Simon, com minha mão direita enterrada em sua coxa, e assistia ao filme através dos buracos da manta, a esta altura totalmente envolta na minha cara.

– Juro que te odeio por me fazer ver esse filme – murmurei em seu ouvido, colado em mim, já que eu me recusava a deixar qualquer espaço entre nós. Inclusive o acompanhara ao banheiro antes, quando fizemos um pequeno intervalo. Simon insistiu que eu ficasse no corredor, e eu fiquei – mas junto à porta, relanceando furtivamente em volta, ainda com a manta na cabeça.

– Quer que eu pare? Não quero que você tenha pesadelos – ele murmurou de volta, seus olhos na tela da TV.

– Só não bata na parede por algumas noites, por favor. Não vou sobreviver – falei, fitando-o através de um dos buracos da manta.

– Você tem escutado alguma batida ultimamente? – ele perguntou e revirou os olhos, gesto que repetiu todas as vezes que me viu com aquele ridículo pano na cabeça.

– Não, na verdade não. E por que, hein?

Ele respirou fundo.

– Bem, eu… – E então os barulhos mais alucinadamente assustadores saíram da TV, e ambos pulamos no lugar.

– Ok, talvez esse filme seja um pouco assustador. Quer sentar mais perto? – Simon perguntou, apertando o botão de pausa.

– Pensei que você nunca ia perguntar – choraminguei, saltando sobre seu colo e me acomodando entre suas coxas. – Vai uma mantinha aí? – perguntei, e ele riu.

– Não, vou encarar como um homem. Mas você continua aí embaixo – provocou.

Estreitei meus olhos para ele através dos buracos da manta e introduzi um dedo em um deles.

– Adivinha que dedo é.

– Psiu, o filme! – Simon passou os braços à minha volta e me puxou ao encontro de seu peito.

Ele era quente e forte e vigoroso, mas não era páreo para o terror de *O exorcista*. Do que estávamos falando antes? Eu não conseguia pensar em ninguém batendo na parede a não ser a despirocada da Regan – que ainda por cima vomitava uma sopa de ervilha. Assistimos ao restante daquele filme maldito enredados um no outro como pretzels, e Simon finalmente sucumbiu à falsa segurança proporcionada pela manta afegã.

Clic. Clic. Clic.

Que merda é essa?

Clic. Clic. Clic.

Ah, não.

Fiquei paralisada na cama, cada luz do meu apartamento acesa.

Clic. Clic. Clic.

Puxei as cobertas mais para cima, cobrindo o rosto até os olhos, que se

mantiveram vigilantes. Cérebro sabia que estávamos sãos e salvos, mas continuava repetindo cenas daquele filme horroroso, não me deixando apagar as luzes e dormir. Meus nervos estavam travados, e um rastro inflamável de adrenalina atravessava meu corpo. Odiei Simon com cada fibra do meu ser.

Clic. Clic. Clic.

O que é isso?

Clic. Clic.

Nada.

Então, Clive pulou na cama, e eu berrei com toda a força. Ele espessou o rabo e bufou para mim, certamente querendo saber por que mamãe estava gritando. O tal clic-clic-clic eram suas malditas unhas sendo afiadas.

Meu celular vibrou um segundo depois, fazendo balançar o criado-mudo e provocando outro berro meu. Era Simon.

– O que está acontecendo aí? O que são esses gritos? Você está bem? – ele gritou; eu conseguia ouvi-lo pelo telefone e pela parede.

– Vem já para cá, seu exibidor de filme de terror desgraçado – falei e desliguei. Bati na parede e corri para destrancar a porta. Disparei de volta para o quarto e, exatamente do mesmo jeito que subia correndo os últimos degraus do porão quando era criança, saltei os últimos metros antes da cama e aterrissei no meio dela. Me enrolei nas cobertas e espiei. Ele bateu na porta, e eu a ouvi sendo aberta.

– Caroline?

– Aqui atrás – gritei. Estava contente em vê-lo.

– Eu trouxe a torta – Simon falou, com um sorriso envergonhado. – E isto – acrescentou, revelando a manta afegã.

– Obrigada! – Sorri para ele detrás do

meu escudo de travesseiro.

Poucos minutos mais tarde, nos achávamos em minha cama, cada um equilibrando um copo de leite e um prato. Havíamos estado empanturrados demais e, depois, aterrorizados demais para comer a torta mais cedo. Clive e sua fantasmagórica afiação de unha se retiraram do cômodo depois que ele revirou os olhos para Simon e chicoteou o rabo.

– Quantos anos você tem? – perguntei, cortando um pedaço da torta.

– Vinte e oito. E você?

– Vinte e seis. Vinte e oito e vinte e seis anos e morrendo de medo de um filme. – Dei uma garfada. A torta estava boa.

– Eu não diria morrendo de medo. Assustado? Sim. Mas só vim pra você parar de gritar.

– E para provar o doce da Caroline – falei e dei uma piscadinha.

– Nem começa – Simon alertou. Ele comeu um pedaço da torta. – Nossa, que delícia! – murmurou, os olhos fechados enquanto saboreava.

– Eu sei. Maçã e massa de torta caseira, existe coisa melhor?

– Se a gente estivesse comendo isso sem roupa, seria melhor! – Ele abriu um olho.

– Ninguém vai tirar a roupa, amigo. Limite-se a comer sua torta. – Apontei para seu prato com meu garfo.

Mastigamos.

– Já me sinto melhor – falei alguns minutos depois, bebendo meu leite.

– Eu também. Não estou mais tão assustado. – Ele sorriu.

Coloquei seu prato no criado-mudo. Suspirei e me recostei nos travesseiros, saciada e menos amedrontada.

– Eu preciso perguntar… James Brown? Sério, *James Brown*? – Simon gargalhou, e eu

o cutuquei com o pé quando ele se esticou ao meu lado. Ficamos de lado, um de frente para o outro, os braços sob os travesseiros.

– Eu sei, eu sei. Não acredito que você aguentou se segurar por tanto tempo! Sei que está doido para me zoar desde ontem à noite.

– Falando sério, quem é aquele cara?

– Um novo cliente.

– Ah, entendi – ele disse; parecia contente.

– E um ex-namorado – acrescentei, atenta à sua reação.

– Sei. Cliente novo, namorado antigo… Peraí, o advogado? – Simon tentou manter a expressão neutra, porém falhou.

– Aham. Fazia uns anos que não o via.

– Como vai ser isso?

– Não sei direito. Veremos.

De fato, eu não sabia como seriam as coisas com James. Estava feliz por voltar a

vê-lo, mas seria duro manter as coisas num nível profissional se ele quisesse algo mais. E cada um dos meus instintos me alertava que ele queria algo mais. No passado, James tivera mais controle sobre mim do que eu gostaria. Havia sido sugada pela força gravitacional que era James Brown – o advogado, não o Padrinho do Soul.

– Enfim, só vamos trabalhar juntos. É um trabalho irrecusável. Ele quer refazer seu apartamento inteiro. – Suspirei, já imaginando a paleta de cores. Rolei sobre minhas costas e me estiquei. Eu tinha abusado do meu estômago naquela noite, e o sono começava a bater.

– Não vou com a cara dele – Simon disse após uma longa pausa.

Eu me virei e notei que sua testa estava franzida.

– Você nem o conhece! Como pode não ir com a cara dele? – Dei risada.

– Não indo. – Ele virou seu olhar para o meu e soltou o poder de seus olhos azuis.

– Ah, vá! Você não passa de um moleque fedido. – Gargalhei e baguncei seu cabelo. Ops, fiz besteira. Como seu cabelo era macio…

– Não sou fedido! Você mesma disse que eu tinha o frescor da primavera! – ele protestou, erguendo o braço e cheirando o sovaco.

– Sim, Simon, você cheira deliciosamente – falei inexpressivamente, inalando o ar ao meu redor.

Ele permaneceu com o braço no alto do travesseiro; eu sabia que bastava virar só um pouquinho para me aninhar a ele. Simon olhou para mim e ergueu ligeiramente as sobrancelhas. Estava pensando o que eu estava pensando?

Queria ficar de conchinha?

Eu queria ficar de conchinha?

Ah, que se dane…

– Conchinha! – anunciei e me aconcheguei toda, mas as pernas, deixei onde estavam; não fui *tão* tola assim.

– Opa! – ele disse, surpreso, e imediatamente se enrolou em mim. Suspirei de novo, envolta em meu vodu masculino. – Como isso aconteceu, *amiga*? – Simon sussurrou em meu cabelo, e eu estremeci.

– Efeito colateral de Linda Blair. Preciso de um pouco de conchinha. Amigos podem fazer conchinha, não podem?

– Claro, mas *nós* podemos fazer conchinha? – Traçou círculos em minhas costas. Ele e seu dedo diabólico.

– Eu aguento. Você?

– Eu aguento quase qualquer coisa, mas… – Simon começou, porém se deteve.

– O quê? O que você ia falar? – perguntei, levantando a cabeça para fitá-lo. Uma mecha do meu rabo de cavalo se desprendeu e caiu

entre nós. Devagar, e com muito cuidado, ele a prendeu atrás da minha orelha.

– Digamos que, se você estivesse usando aquele baby-doll, teríamos muitos problemas.

– Bem, ainda bem que somos apenas amigos, certo? – me forcei a dizer.

– Amigos, sim.

Ele me olhou profundamente nos olhos.

Eu inspirei, Simon expirou. Trocamos o mesmo ar.

– Só me abraça, Simon – falei baixinho, e ele sorriu.

– Vem cá – ele disse e me aconchegou em seu peito. Deslizei para baixo e repousei sobre a batida de seu coração. Simon estendeu a manta, e notei novamente como era macia. Tinha me servido bem, o tal pano.

– Amei esta manta, mas tenho que dizer que ela não combina com a decoração

“solteirão descolado” do seu apartamento – provoquei. Ela era laranja e verde e bastante retrô. Ele permaneceu calado, e pensei que talvez houvesse adormecido.

– Era da minha mãe – sussurrou, e seu abraço se tornou imperceptivelmente mais apertado.

Não havia nada a dizer depois daquilo.

Simon e eu dormimos juntos naquela noite, com todas as luzes do apartamento acesas.

Clive e suas unhas ficaram de fora.

CAPÍTULO ONZE

Acordei poucas horas mais tarde, sobressaltada pelo calor do corpo a meu lado, definitivamente maior do que o gato que habitualmente se aninhava a mim. Cautelosamente me afastei de Simon para poder observá-lo. E eu podia observá-lo perfeitamente, já que o abajur – assim como todas as outras luzes do apartamento – continuava brilhando na noite, combatendo os demônios daquele filme horrível.

Esfreguei os olhos e examinei meu parceiro de cama: deitado de costas, os braços dobrados como se eu ainda repousasse sobre eles. Pensei em como havia sido bom ficar de conchinha com Simon.

Só que eu não devia ficar de conchinha

com Simon. Cérebro sabia disso. Nervos estavam de acordo. Aquela era uma encosta muito, muito escorregadia. Imagens nada inocentes de um Simon escorregadio sendo escalado por mim tomaram minha mente, mas as afastei. Desviei o olhar e notei a manta incrivelmente maravilhosa enrolada em suas pernas – e nas minhas.

Tinha sido de sua mãe. Meu coração se despedaçava cada vez que eu lembrava a sua voz doce, tímida, partilhando aquilo comigo. Ele não fazia ideia de que eu havia conversado com Jillian sobre seu passado, de que sabia da morte de seus pais. A ideia de que Simon ainda se apegava à manta afegã de sua mãe era inexoravelmente doce, e mais uma vez meu coração se fez em pedaços.

Eu era próxima de meus pais. Eles ainda viviam na mesma casa em que cresci, numa cidadezinha do sul da Califórnia. Eram pais maravilhosos, e eu os via sempre que podia, ou seja, nos feriados e um ou outro fim de

semana. Como alguém com vinte e poucos, curtia minha independência. Mas meus pais estavam lá para mim quando eu precisava, sempre. O pensamento de que, um dia, eu vagaria por esta terra sem minha âncora, sem sua orientação, me fez estremecer – não podia sequer imaginar perder ambos sendo uma criança de dezoito anos.

Me deixava tranquila o fato de Simon aparentemente ter bons amigos e um guardião tão poderoso quanto Benjamin. Entretanto, por mais próximos que amigos e amantes possam ser, há algo de especial em pertencer completamente a quem nos deu nossas raízes – e, muitas vezes, é dessas raízes que precisamos quando o mundo está contra nós.

Simon se mexeu levemente, e eu o observei de novo. Ele murmurou algo que não compreendi – mas que soou como *almôndegas*. Sorri e permiti que meus dedos deslizassem pela seda macia e desgrenhada

que eram seus cabelos.

Céus, suas almôndegas…

Minha mão permaneceu em seu cabelo, e meu espírito vagou por um mundo em que almôndegas choviam infinitamente e as tortas duravam dias. Abri um sorriso. O sono começou a retornar, e voltei à conchinha. Ao sentir o conforto que somente os braços quentes de um homem podem proporcionar, um pequeno alarme disparou em minha mente e me advertiu de não chegar perto demais. Precisava ser cuidadosa.

Era óbvio: estávamos divinamente atraídos um pelo outro, e, em outro espaço, em outro tempo, o sexo seria em todos os espaços, o tempo todo. Porém, ele tinha seu harém, e eu, meu jejum, sem mencionar que eu *não* tinha meu O. Continuaríamos amigos, portanto.

Amigos que dividiam bolas de carne. Amigos que faziam conchinha. Amigos que

iriam a Tahoe muito em breve.

Imaginei Simon de molho numa jacuzzi e, ao fundo, o lago Tahoe estendido em toda sua glória. Qual das duas visões era mais gloriosa? Logo saberíamos. Me aconcheguei para dormir. Despertei ligeiramente quando Simon me puxou um pouquinho mais para perto.

E, embora não tenha sido mais do que um sussurro, escutei. Ele suspirou meu nome.

Sorri conforme adentrava o mundo dos sonhos.

Na manhã seguinte, senti cutucadas persistentes no ombro esquerdo. Tentei repeli-las, sem sucesso.

– Para com isso, Clive, seu idiota – resmunguei, escondendo a cabeça sob as cobertas. Sabia que ele não pararia até que eu o alimentasse. Esse era governado pelo estômago. Aí, ouvi uma inequívoca risada

humana – era abafada e definitivamente não era Clive.

Meus olhos se arregalaram, e a noite anterior atravessou minha mente num raio: o terror, a torta, a conchinha. Explorei a cama com o pé direito, deslizando-o pelo lençol e topei com algo morno e peludo. Embora estivesse mais convicta do que nunca de que não se tratava de Clive, cutuquei-o com os dedos, subindo devagarinho até escutar outra risada.

– Trepador de paredes? – murmurei, não querendo me virar. Como era de se esperar, eu estava esparramada diagonalmente na cama, cabeça de um lado, pés praticamente do outro.

– Primeiro e único – uma voz deliciosa sussurrou em meu ouvido.

Meus dedos do pé e a Pequena Caroline se contorceram. *Merda.* Rolei de costas para avaliar o estrago. Simon estava encolhido no

único canto que meu corpo permitia. Meus costumes de dividir a cama não haviam evoluído em nada.

– Você sabe ocupar uma cama, não resta dúvida – ele falou, sorrindo para mim debaixo do pedacinho de manta que lhe sobrara. – Se fizermos isso de novo, haverá algumas regras de ocupação do terreno.

– Isso não vai acontecer de novo. Foi uma reação ao filme horrível que você nos infligiu. Acabaram as conchinhas – falei com firmeza, imaginando o quão pavoroso estava meu hálito. Pus a mão em frente à boca, soprei e dei uma fungada.

– Rosas? – Simon ironizou.

– Óbvio.

Olhei para ele, perfeitamente amarrotado e na minha cama. Simon sorriu aquele sorriso, e eu suspirei. Permiti a mim mesma me perder momentaneamente em uma fantasia na qual era abruptamente virada e

devorada até quase morrer, mas sabiamente tomei o controle da vadia em mim.

– E se você ficar com medo esta noite? – Simon perguntou enquanto eu sentava e me espreguiçava.

– Não vou ficar.

– E se eu ficar?

– Vê se cresce, gracinha. Vamos fazer café, e depois preciso ir trabalhar. – Golpeei-o com meu travesseiro.

Ele escorregou para fora da manta, teve o cuidado de dobrá-la e a levou consigo para a cozinha, pousando-a gentilmente sobre a mesa. Sorri ao lembrar que Simon tinha falado meu nome durante a noite. Eu daria tudo para saber o que estava se passando em sua cabeça.

Nos deslocamos pela cozinha com silenciosa economia de passos, moendo grãos, medindo o café, vertendo água. Pus o açúcar e o creme no balcão, ele descascou e

fatiou uma banana. Despejei granola para nós dois, ele acrescentou o leite e a banana. Em poucos minutos, estávamos sentados lado a lado e tomávamos café da manhã como se fizéssemos aquilo havia anos. Nossa espontaneidade me intrigou. E me preocupou.

– Planos para hoje? – perguntei, raspando minha tigela.

– Preciso passar na redação do *Chronicle*.

– Está trabalhando pro jornal? – perguntei, eu mesma espantada com o grau de interesse que detectei em minha voz. Será que ele ficaria na cidade por um tempo? Por que eu estava preocupada? Merda.

– Uma matéria sobre refúgios na área da baía. Escapadas de fim de semana, esse tipo de coisa. Vai me tomar uns dias – ele respondeu com a boca cheia de banana.

– Quando você vai? – perguntei tentando não parecer ansiosa demais e observei as

uvas-passas na tigela.

– Semana que vem. Vou na terça – Simon disse, e imediatamente senti uma indisposição no estômago. Na próxima semana, viajaríamos para Tahoe. Por que diabo meu estômago se importava tanto com o fato de que ele não iria?

– Entendi – comentei, novamente fascinada pelas passas.

– Mas volto antes de Tahoe. Estava pensando em ir de carro direto pra lá quando terminasse de fotografar – ele falou enquanto me olhava por cima da sua xícara.

– Ah, legal – respondi baixinho, e meu estômago começou a quicar para todo lado.

– Quando vocês viajam, afinal de contas? – Simon perguntou, e agora era ele quem examinava sua própria tigela.

– As meninas vão com Neil e Ryan na terça, mas eu tenho que trabalhar até o meio-dia de sexta, pelo menos. Vou alugar

um carro e sair daqui à tarde.

– Não. Passo por aqui pra te pegar – ele ofereceu, e eu concordei, sem dizer uma palavra.

Com isso, terminamos nosso café e observamos Clive perseguindo uma bola de pelo ao redor da mesa, para lá e para cá. Não falamos muito, mas, sempre que nossos olhos se encontravam, nós dois sorríamos.

Mensagens entre Mimi e Sophia:

Você sabia que Caroline está trabalhando com James?

Que James?

James Brown, óbvio. Quem mais?

NÃO! Que história é essa?

Lembra que ela falou de um cliente novo? Só esqueceu de contar quem era.

Nossa, ela vai apanhar tanto. Ai dela se falar que não vai pra Tahoe. Ryan te contou

que vai levar o violão?

Sim, ele falou que você quer fazer uma porra de um karaokê.

Falou, é? Haha. Achei que seria legal.

Mensagens entre Neil e Mimi:

Oi, Baixinha, o boliche de hoje com Ryan e Sophia ainda está de pé?

Claro, e acho bom você caprichar. Sophia e eu somos craques.

Sophia sabe jogar boliche? Uau.

Por que uau?

Só não esperava que ela soubesse jogar. A gente se vê à noite.

Mensagens entre Neil e Simon.

Vai mesmo viajar com a gente neste fim de semana?

Sim, mas vou um pouco depois, tenho

que fotografar.

Quando?

Lá pela sexta à noite. Vou passar na cidade antes.

Por que caralho você tem que voltar até San Francisco? As fotos são em Carmel, não?

Tenho que pegar umas coisas pro fim de semana.

Cara, já leva suas coisas e vai pra Tahoe.

Sim, mas vou passar pra pegar Caroline.

Já entendi.

Você não entendeu nada.

Entendi tudo.

Tem certeza, Grandão? E Sophia?

Sophia?

Por que todo mundo fica me perguntando sobre Sophia? Vejo vocês em Tahoe.

Mensagens entre Mimi e Caroline:

Você tem algumas explicações a dar…

O que foi que eu fiz?

Posso saber por que não me contou sobre seu novo cliente?

Caroline, não me ignore! CAROLINE!

Ah, relaxa! É exatamente por isso que eu NÃO contei.

Caroline Reynolds, essas são novidades das quais eu obviamente deveria ter sido informada!

Escuta, eu posso lidar com isso, tá? Ele é um cliente, nada além disso. E vai gastar uma quantidade obscena de dinheiro nesse projeto.

Eu sinceramente estou me lixando para o quanto ele vai gastar. Não quero você trabalhando com ele.

Se liga! Eu trabalho com quem eu quiser! Está tudo sob controle.

Veremos... Ouvi um rumor de que você vai pra Tahoe com o Trepador de Paredes, é isso mesmo?

Uau, mudança de assunto. Sim, vou com ele.

Muito bem. Peguem o caminho mais longo.

O que você quer dizer?

Mimi? Está aí?

Porra, Mimi! Alô???

Mensagens entre Caroline e Simon:

Trepador de Paredes… Apareça, Trepador de Paredes.

O Trepador de Paredes não está, só o exorcista.

Não tem a menor graça.

E aí?

Que horas você vem me buscar, gatinho?

Devo estar de volta lá pelo meio-dia. Se você sair do trabalho por aí, a gente evita o horário de pico.

Já avisei Jillian que vou tirar metade do

dia de folga. Onde você está agora?

Em Carmel, num penhasco com vista pro oceano.

Rapaz, você é um romântico não assumido…

Sou um fotógrafo. Além disso, pensei que você fosse a romântica.

Já disse, sou uma romântica prática.

Bem, na prática, até você apreciaria esta vista: ondas quebrando, sol se pondo, demais.

Você está sozinho?

Sim.

Aposto que preferia não estar.

Você não faz ideia.

Seu molenga.

Não tem nada de molenga em mim, Caroline. Começou…

Caroline?

Sim?

Te vejo amanhã.

Tá.

Mensagens entre Caroline e Sophia:

Me passa o endereço da casa de novo pra eu colocar no GPS, gatinha?

Não.

Não?

Não até você me contar POR QUE ESTÁ ESCONDENDO JAMES BROWN.

Meu Deus, é como ter duas mães...

Isto não é sobre sentar direito ou comer mais legumes, mas a gente precisa ter uma conversinha sobre sua postura.

Inacreditável.

Sério, Caroline, a gente se preocupa.

Sério, Sophia, eu sei. Endereço, por favor?

Vou pensar no seu caso.

Não vou pedir de novo.

Vai, sim. Você quer ver Simon naquela jacuzzi. Não minta pra mim.

Te odeio…

Mensagens entre Simon e Caroline:

Já saiu do trabalho?

Sim. Em casa, esperando você.

Hum, que imagem bacana…

Prepare-se, estou tirando o pão do forno.

Não me provoque, mulher… Abobrinha?

Cranberry e laranja. Hummmm…

Jamais uma mulher fez preliminares de pão melhor do que você.

Ah… Quando você chega aqui?

Não. Consigo. Escrever. Direito.

Podemos ter uma conversa sem que você aja como um adolescente de 12 anos?

Desculpe. Estarei aí em 30 minutos.

Perfeito. Assim dá tempo de esfriar os docinhos.

Como?

Ah, não falei? Também fiz rolinhos de

canela. Estarei aí em 20 minutos.

– Não vou ouvir isso.

– Até parece. O carro é meu. O motorista escolhe a música.

– Na verdade, não. O passageiro sempre escolhe a música. É uma compensação por renunciar aos privilégios de dirigir.

– Caroline, você nem tem um carro, como poderia ter privilégios de dirigir?

– Exato, portanto a gente vai ouvir o que eu escolher – teimei. Peguei o iPod e rolei até encontrar algo que achei que agradaria a ambos.

– Boa – ele admitiu, e cantarolamos a letra juntos.

A viagem tinha sido ótima até então. Quando vi – ou melhor, *ouvi* – Simon pela primeira vez, jamais poderia ter adivinhado, mas ele estava rapidamente se tornando uma das minhas pessoas favoritas. Eu estava

totalmente errada quanto a ele.

Olhei-o de soslaio: cantarolando a música, batucando no volante. Enquanto se concentrava na estrada, aproveitei para catalogar algumas de suas características mais arrebatadoras.

Queixo? Forte.

Cabelo? Escuro e bagunçado.

Barba? De dois dias e charmosa.

Lábios? Lambíveis mas com cara de solitários. Talvez eu devesse averiguar, fazer uma inspeção linguística…

Sentei em cima das mãos para não correr o risco de me lançar por cima do câmbio. Ele continuava cantarolando e batucando.

– O que foi, Garota do Baby-Doll? Você está um pouco vermelha. Mais ar? – Ele ligou o ar-condicionado.

– Não, estou bem – respondi com uma voz ridícula.

Simon olhou para mim de um jeito

estranho, mas logo voltou ao seu batuque.

– Acho que está na hora de atacarmos aquele pão de cranberry e laranja, hein? – ele disse uns minutos depois, enquanto eu fantasiava sobre o malabarismo que precisaria fazer para sentar em seu colo sem que o carro perdesse velocidade.

– É pra já! – berrei, mergulhando no banco traseiro e surpreendendo a nós dois. Fiquei com as pernas para o ar e a bunda em evidência. Atrás do banco, segurei o rosto com as duas mãos; pude sentir o quão vermelhas estavam minhas bochechas e me dei um tapa para recuperar a dignidade.

– Está aí um belo traseiro! – Ele suspirou e encostou a cabeça em minha bunda como se ela fosse um travesseiro.

– Ei, bundão. Presta atenção na estrada, não na minha poupança. Ou não vai ganhar pão. – Dei uma bundada em sua cabeça e chicoteei quando ele ziguezagueou o carro.

– Caroline, você precisa se controlar aí atrás, ou serei obrigado a parar no acostamento.

– Ah, cala a boca. Aqui está seu maldito pão. – De um jeito nada elegante, rastejei de volta ao meu assento e joguei o pão em Simon.

– Está louca? Não jogue assim. E se você tivesse estragado o pão? – Simon gritou, desembrulhando cautelosamente o papel-alumínio.

– Estou ficando preocupada com você, Simon. Sério. – Caí na risada vendo sua luta para abrir o resto do embrulho. – Quer que eu corte um… Ou não. – Franzi a testa quando ele deu uma mordida gigante.

– Efe pedafo é meu? – ele perguntou, espalhando migalha para todo lado.

– Como você funciona na sociedade normal? – falei e balancei a cabeça. Simon deu outra mordida monstruosa. Apenas

sorriu e continuou; menos de cinco minutos depois, o pão já não existia mais.

– Você vai passar tão mal hoje à noite! Esse pão é pra ser saboreado pedaço a pedaço, e não pra ser engolido de uma vez – falei; sua única resposta foi arrotar alto e bater na barriga.

Não pude evitar uma risada.

– Você é um homem muito perturbado, Simon.

– Mas você continua intrigada, não é mesmo? – Ele sorriu e virou seus olhos azuis para mim.

Minha calcinha se desintegrou. Juro.

– Pior que sim – admiti, sentindo meu rosto se inflamar outra vez.

– Eu sei. – Simon deu um sorrisinho, e nós seguimos viagem.

* * *

– Ok, o desvio deve ser logo depois dessa esquina… Ei, eu lembro dessa casa! – exclamei, balançando no assento.

Já fazia um tempo desde a última vez que estivera em Tahoe; havia esquecido de como era bonito. Eu adorava aquele lugar no verão – com os esportes aquáticos e tudo mais –, mas no outono? No outono, era maravilhoso.

– Graças a Deus. Preciso mijar – Simon gemeu, o que vinha fazendo nos últimos trinta quilômetros.

– Ninguém mandou beber aquele refrigerante tamanho família – repreendi, ainda balançando incontrolavelmente.

– Uau, é aquela? – ele perguntou quando viramos no desvio. Lanternas iluminavam o caminho até uma ampla casa de cedro de dois andares, com uma chaminé gigante que se erguia do lado esquerdo. Havia carros estacionados na entrada, e escutei música vinda do deque ao fundo.

– Parece que nossos amigos já começaram a festa – Simon observou. Gritinhos e risadas acompanhavam a música.

– Ah, não tenho dúvida. Meu palpite é que estão bebendo desde o jantar e agora estão na jacuzzi, seminus. – Peguei minha mochila na parte de trás do carro.

– Bem, teremos que alcançá-los, certo? – Ele piscou um olho e tirou uma garrafa de licor de pêssego de sua mochila. – Achei que podíamos fazer um *Sex on the beach*, mesmo estando em um lago.

– Olha que interessante! Eu pensei a mesma coisa! – Tirei da minha bagagem uma garrafa idêntica.

– Sabia que você estava ansiosa pra me ter dentro de você, Caroline. – Simon gargalhou e pegou minha mochila.

– Ah, por favor, você inventaria um coquetel chamado Baby-Doll Cor-de-Rosa só pra me ter na sua boca. E não venha dizer

que não – brinquei, dando-lhe uma leve cotovelada.

Ele se deteve no meio do caminho e me fitou vorazmente.

– É um convite? Sabe, eu sou um tremendo barman – falou, seus olhos brilhando na escuridão.

– Eu acredito – arquejei. O espaço entre nós crepitava com aquela tensão que estava ficando ridiculamente difícil ignorar. Respirei bem fundo. Notei que ele fez o mesmo.

– Vamos. Vamos encher a cara e começar o fim de semana. – Ele riu e, com uma ombradinha em mim, quebrou o encanto.

– Amém – murmurei e o segui pelo caminho.

Recebido pela porta aberta, Simon largou nossas mochilas. Rumamos ao deque, onde o lago se estendeu à nossa frente, tibiamente iluminado pelas tochas que pontilhavam o

cais e os caminhos que conduziam à margem. Toda a parte de trás da casa era flanqueada por pátios e deques de tijolo, e foi aí que encontramos nossos amigos.

– Caroline! – Mimi guinchou de dentro da jacuzzi, onde ela e Ryan espirravam água um no outro. E já estávamos no alto-bêbado.

– Mimi! – guinchei de volta e olhei ao redor em busca de Sophia. Ela e Neil se achavam empoleirados no banco de pedra próximo à fogueira e assavam marshmallows. Os dois acenaram alegremente, e Neil fez um gesto pornográfico com seu espeto.

– Acho que mostrar aos nossos amigos o erro que eles cometeram vai ser mais fácil do que pensamos, colega alcoviteiro – sussurrei para Simon, que já preparava um coquetel no bar do pátio.

– Acha que vai ser tão fácil assim? – ele sussurrou de volta, dando a seus amigos o

aceno de cabeça masculino que significa “E aí, cara?” em qualquer parte do mundo.

– Com certeza! Eles já estão quase lá e nem precisaram da nossa ajuda. Agora, só precisamos apontar o que já está bem na frente do nariz dos quatro.

Ele me passou um coquetel.

– Então, está gostoso? – Simon perguntou e piscou um olho.

– Isto é um *Sex on the beach*?

– É.

Tomei um gole, espalhando o sabor pela minha boca e pela minha língua.

– Está tão gostoso quanto pensei que seria – sussurrei, engolindo uma quantidade perigosamente grande.

– Às coisas que estão bem na nossa cara – Simon brindou, bateu seu copo no meu e deu um grande gole também.

– Às coisas que estão bem na nossa cara – repeti, nossos olhos perdidos na orla.

Maldito vodu do Trepador de Paredes.

CAPÍTULO DOZE

– De quem é este pé?

– É meu, Neil. Para de esfregar.

– Cara! Para de roçar o pé na minha canela, Ryan!

– É você que está segurando meu pé!

Ryan e Neil tentaram parecer indiferentes ao fim do esfrega-esfrega sob a água borbulhante. Abri um sorriso quando meu olhar cruzou com o de Simon, do outro lado da jacuzzi, e ele sorriu de volta.

– Quer outro? – sussurrou, acenando para o meu copo vazio.

– Já bebi o bastante por hoje, não acha? – também sussurrei, enquanto nossos amigos cacarejavam à nossa volta.

– Pensei que você fosse a garota que sempre quer mais. – Seu sorrisinho insolente retornou.

Olhei para ele: a imagem de Simon na jacuzzi que havia ocupado minha mente nas últimas semanas empalidecia em comparação com a coisa real. Braços fortes estendidos ao longo da borda, cabelo molhado e artisticamente jogado para trás. Vê-lo molhado e seminu na minha cozinha tinha sido atraente, mas não era nada perto de tê-lo emoldurado pelas tochas, no meio de toda aquela excitação.

Simon era agora o homem mais singularmente lindo que eu já tinha visto. E estava tentando me embebedar. Cérebro já se achava um pouco confuso. Coração já cantarolava Etta James.

– Você está tentando me embebedar? – perguntei e soltei um risinho bobo enquanto afastava o copo, decidida a não beber mais álcool.

– Não. Não tenho interesse nenhum em uma Garota do Baby-Doll toda piegas.

Espirrei água em sua direção, e ele sorriu. Nossos amigos haviam sossegado e agora nos espiavam com indisfarçável interesse.

Assim que chegamos, Simon e eu pegamos nossas bebidas, e lhe apresentei o resto da casa. Deixei minhas coisas na entrada, já que não sabia como seria a distribuição dos quartos. Quando retornamos ao pátio, vimos que Sophia e Neil tinham se juntado a Ryan e Mimi Pinguça na jacuzzi. Um pulo na casa da piscina me deixara só com um biquíni verde e um sorriso enquanto me aproximava dos cinco. Simon já havia pulado na banheira, e eu o observei me observar. Enquanto deslizava para dentro da água morna, suguei meu coquetel diante do olhar do meu vizinho, molhado e de shorts. Sophia teve que me cutucar para parar com aquela encaração.

Agora, estávamos exatamente no meio de

uma sopa erótica, borbulhando com dois pares de amantes incompatíveis e mais feromônios do que dávamos conta.

Se eu queria outro coquetel? Não importava. Não podia arriscar.

Precisei sacudir a cabeça para me recompor enquanto examinava o restante do grupo. Em um canto, Mimi, já completamente excitada, chutava Neil conforme balançava os pés para frente e para trás sob a água. Ele a tolerava como um irmão mais velho tolera a caçula. Na outra extremidade, Sophia e Ryan se acotovelavam; ela coçava as costas dele e falava sem parar com Neil sobre a formação inicial ou sobre a linha de defesa do 49ers ou sobre alguma coisa relacionada a futebol americano – enfim, sobre alguma coisa chata.

– E aí, quais são os planos pro fim de semana? – perguntei, me concentrando no grupo como um todo, e não nos olhos azuis que me encaravam. Malditos olhos! Seriam o

meu fim.

– Estávamos pensando em fazer uma trilha amanhã. Quem topa? – Ryan perguntou.

Sophia balançou a cabeça.

– Estou fora. Não vou fazer trilha de jeito nenhum.

– Por que não? – Neil indagou.

Simon e eu trocamos um olhar rápido diante do súbito interesse de Neil.

– Não posso. Da última vez, caí que nem merda e torci o pulso. Não posso correr o risco. – Sophia gesticulou as mãos para nos lembrar de que ganhava a vida com elas. Violoncelista que era, tirava o corpo fora de vez em quando.

– E você, Baixinha? – Neil perguntou a Mimi.

– Hum, não, Mimi não faz trilha – ela respondeu e ajustou seu quase inexistente biquíni preto. Seu namorado *atual* não

reparou, mas os olhos de Ryan ficaram do tamanho de tortas quando Mimi quase pagou peitinho.

– Você também vai amarelar? – Simon me questionou.

– De jeito nenhum. Vou fazer trilha com os rapazes amanhã! – Abri um sorrisão, e Sophia e Mimi reviraram os olhos. Elas nunca entenderam o meu gosto por "atividades montanhescas de macho", como as chamavam.

– Boa – Simon murmurou, e, por um segundo, eu calculei a distância entre a minha boca e a sua.

De repente, estávamos todos quietos, todos perdidos nos próprios pensamentos. Lembrei dos planos de abrir os olhos daqueles quatro e fui com tudo:

– Ryan, você sabia que a nossa Mimi aqui faz doações pra sua instituição todo ano? – perguntei, surpreendendo os dois.

– Sério, Mimi?

– Sim, todo ano – ela disse. – Já vi do que a inclusão digital é capaz, principalmente no caso de crianças que não teriam essa oportunidade de outra forma. – Mimi olhou para ele com timidez, e ambos deram início a uma conversa sobre o processo que Ryan usava para determinar quais escolas receberiam o benefício a cada ano.

Simon e eu trocamos um sorriso. Olhando de soslaio para Sophia, ele lançou a segunda onda de ataque:

– Ei, Neil, quantos lugares você descolou pra sinfonia deste ano?

Neil corou.

– Você comprou ingressos? – Sophia indagou.

– Ingressos pra *temporada* – Simon acrescentou enquanto Neil fazia que sim com a cabeça. Sophia e Neil então se envolveram numa discussão sobre as melhores cadeiras, e

Simon levantou um pé para fora da água.

– Ei, não me deixe no vácuo.

– O quê?

– Toca aqui. Não alcanço sua mão – ele insistiu, mexendo o pé para frente e para trás. Ri e deslizei no lugar, esticando um pé e tocando o seu levemente.

– Que nojo, sua enrugada! – Ele gargalhou.

– Você vai ver a enrugada – respondi, afundando meu pé e jogando água em Simon.

– Eu não poderia estar mais confortável. Sério. Literalmente, não estaria mais aconchegada nem se estivesse dentro de um marshmallow – murmurei com a língua forrada de Baileys e café. Tinha me enrolado no topo de umas cinquenta almofadas, perto da lareira – cuja abertura possuía quase três metros e a chaminé, quase três andares.

Talhada em pedra da região, era descomunal e funcionava como ponto focal da casa, com quartos irradiando de seu centro. O calor que proporcionava era igualmente descomunal.

Estávamos gelados até os ossos quando finalmente entramos. Tínhamos nos aquecido demais na jacuzzi, então, um a um, saímos e ficamos no pátio para nos refrescar. Quando nos demos conta do quanto a temperatura havia caído, já estávamos tremendo e bufando fumaça e querendo relaxar perto do fogo. Como ainda precisávamos dividir os quartos – o que não demorei a descobrir –, eu, Mimi e Sophia nos esgueiramos até o quarto principal para colocarmos o pijama e depois nos reunimos com os rapazes, agora descontraidamente vestidos com camiseta e calça de dormir. Preparamos uma garrafa de café, e eu fatiei um pão adicional de cranberry e laranja que sabiamente escondera de Simon. Uma dose ou duas de Baileys na xícara, e logo nos achávamos

relaxando perto da lareira.

Simon tinha se recostado junto à lareira e ajeitado a pilha de almofadas ao seu lado. Quando mergulhei nelas, algumas penas rodopiaram sobre nossas cabeças.

Descobrimos que cada menino tinha uma maneira de acender o fogo – lenha, jornal, lenha *e* jornal – antes que Sophia enfiasse a cabeça lá em cima e informasse que a chaminé continuava fechada. Ela voltou com alguns prendedores de madeira, e então os homens delegaram a tarefa a Ryan, pelo simples fato de que era ele quem tinha os fósforos na mão. Em poucos minutos, um grande fogo resplandecia, e os seis nos encontrávamos sentados em frente à lareira, sonolentos e satisfeitos.

Respirei fundo. Nada se compara ao cheiro do fogo verdadeiro – não uma lareira a gás, não um punhado de velas, mas a boa e velha lareira, com estalidos e crepitações e zunidos engraçadinhos quando o vapor se

solta da madeira.

– Então, Caroline, já pediu ao Simon pra te ensinar windsurf? – Mimi perguntou de repente, empoleirada no braço do sofá. Tínhamos ficado em silêncio por um tempo, entorpecidos, quase dormindo, e me sobressaltei quando ela falou.

– Como? Quer dizer… Como? – indaguei, me endireitando nas almofadas e regressando ao presente.

– Bem, todos os rapazes aqui praticam windsurf. Você quer aprender, e aposto que Simon te ensinaria, não é mesmo, Simon? – Ela riu, bebeu as últimas gotas de seu café e escorregou do braço do sofá para o colo estrategicamente posicionado de Ryan. Os dois trocaram um sorriso antes de perceberem o que estavam fazendo, e, brincando, Ryan a jogou do seu colo para o de Neil. Este, que não havia despertado com a pergunta dela a mim, agora tinha os olhos arregalados e o colo cheio de uma Ardilosa

Mimi.

– Você quer aprender windsurf? – Simon perguntou, virando-se para minha pilha de almofadas.

– Pra falar a verdade, sim! Sempre quis experimentar.

– É difícil, não vou mentir. Mas vale muito a pena. – Ele sorriu, e Ryan concordou com a cabeça.

– Claro que Simon te ensina. Ele vai adorar – Ryan falou, ganhando uma piscadinha de Mimi e uma careta minha.

– Podemos combinar alguma coisa quando voltarmos à cidade – sugeri.

– Chega de conversa. Esta menina aqui está pregada – Sophia anunciou. – Onde a gente vai dormir? – Ela pousou a cabeça no braço da poltrona em que estava aninhada.

– Bem, quantos quartos são? – Simon perguntou, enquanto eu me sentava e bocejava.

– São quatro quartos, façam suas escolhas – disse Sophia, que em seguida virou uma garrafa inteira de água. Esperta.

– Vamos fazer menino-menina, menino-menina? – indaguei, rindo da cara de espanto de Simon.

– Pode ser, claro – Mimi concordou e olhou um tanto nervosamente para Neil.

Sufoquei uma risada ao ver Sophia e Ryan trocarem um olhar parecido. Simon também reparou.

– Sim, claro! Eu e Caroline não vamos atrapalhar os pombinhos! Mimi e Neil, escolham um quarto. Sophia e Ryan, escolham outro. Caroline e eu vamos ficar nos que sobrarem. Perfeito. Certo, Caroline?

– Pra mim, está ótimo. Só vou lavar estas xícaras. Já pra cama, vocês! Vamos! Vamos! – exclamei. Simon e eu nos apressamos em recolher a louça, espiando nossos quatro amigos, que olhavam por cima do ombro.

Parecia que eles estavam prestes a entrar em um mata-mata.

– Nossa, espero muito que isso dê certo… pro meu próprio bem – murmurei para Simon enquanto observávamos os dois casais se separarem diante dos respectivos quartos.

– Por que pro seu próprio bem? – ele sussurrou e aproximou o rosto do meu, ficando a centímetros.

– Porque, neste exato momento, sabe o que está acontecendo atrás daquelas portas? Sophia e Mimi estão planejando a melhor maneira de me fazer sofrer. Sofrer fisicamente mesmo – falei, me afastando para enxaguar a última xícara de café e depois colocá-la no lava-louça.

Simon acrescentou o detergente, ligou a máquina e se dirigiu à sala para apagar o fogo da lareira. Conforme apagávamos as luzes da casa, discutíamos a trilha que faríamos amanhã.

– Você não vai me atrasar, né? – ele provocou.

Empurrei-o na parede.

– Até parece! Você vai comer a minha poeira, amigo! – falei, pegando minha mochila e me dirigindo aos quartos.

– Veremos, Garota do Baby-Doll. Por falar nisso, tem alguma camisola aí pra mim? – Ele enfiou a mão na minha mochila enquanto me seguia pelo corredor.

– Tira a patinha! Não tem nada pra você aqui e em lugar nenhum. – Parei em frente ao quarto que iria ocupar.

Ele passou por mim rumo ao quarto ao lado.

– Veja só! Dividindo uma parede mais uma vez! – Sorriso insolente.

– Bem, eu sei que você está sozinho, então acho bom não ouvir nenhuma batida – adverti, abrindo minha porta.

– Não, sem batida. Boa noite, Caroline –

ele disse suavemente e começou a entrar em seu quarto.

– Boa noite, Simon – respondi, dando um tchauzinho com a ponta dos dedos e então fechando minha porta. Coloquei a mochila em cima da cama e sorri.

– Vamos, rapazes, falta pouco! – gritei quando a última etapa da trilha se descortinou. Já caminhávamos havia umas duas horas e, se no começo todo mundo tinha se mantido junto, nos últimos trinta minutos, Ryan diminuíra muito o passo, e Neil ficara para trás com ele. Simon e eu mantivéramos o ritmo e agora estávamos próximos do cume.

Eu tinha sido bem-sucedida em evitar ficar sozinha com Mimi ou Sophia. A olheira e o rosto cansado dos quatro indicavam que nenhum deles dormira direito – ao contrário de Simon e de mim.

Depois do café da manhã, me troquei

bem rápido e esperei os meninos do lado de fora da casa e, assim, escapei do pelotão de fuzilamento. Sabia que estaria ferrada quando voltasse; ainda assim, estava curiosa para saber como Mimi e Sophia explodiriam sem admitir que dormir com os caras com quem vinham saindo não era, de fato, o que queriam.

Como dissera Simon: "Às coisas que estão bem na nossa cara". Resumindo, a noite prometia.

Galguei a última rocha e cheguei ao topo. Simon estava poucos metros atrás de mim, e pude ouvi-lo se aproximar. Respirei fundo, o ar límpido pinicando meus pulmões. Fazia frio, mas o esforço me mantinha aquecida. Eu não saía da cidade havia algum tempo, e meu corpo tinha sentido falta de caminhadas como aquela. Minhas pernas queimavam, meu nariz escorria, eu suava como uma porca – e não conseguia lembrar a última vez em que me sentira tão bem. Ri alto ao

contemplar o lago abaixo e avistei falcões planando no céu. O azul acerado da água, o verde profundo dos bosques, os brancos e beges puros das rochas: era deslumbrante.

E então havia meu novo azul favorito. Simon surgiu ao meu lado, respirando fundo como eu. Abriu amplamente os braços e acolheu o vale lá embaixo. Tendo se despido de algumas camadas durante a subida, vestia agora uma camiseta branca e uma camisa de flanela amarrada na cintura; calça cáqui, bota de caminhada e um largo sorriso completavam o sonho molhado que eu contemplava em vez de admirar as maravilhas da natureza que nos rodeavam. E aqueles olhos azuis – pude vê-los tirando fotos enquanto Simon olhava em volta.

– Lindo. – Suspirei, e ele se virou para mim. Fui pega no flagra. – Digo, a paisagem… não é linda? – gaguejei, fazendo um gesto amplo.

Ele parecia saber exatamente o que tinha

acontecido; senti o sangue tomar minhas bochechas. Já estava um pouco exausta por conta da subida; desejei estar suficientemente corada também.

– Sim, é linda *mesmo*. Muito linda. – Ele sorriu, e nos olhamos nos olhos. Simon deu alguns passos mais para perto de mim, e senti o ar se deslocar. Mordi o lábio. Simon passou a mão pelo cabelo. Sorrimos. Não houve palavras, mas mesmo os animais do bosque sabiam que algo estava prestes a acontecer e sabiamente permaneceram em suas tocas.

– Oi – ele disse baixinho.

– Oi.

– Oi – falou novamente e deu um último passo em minha direção. Mais um pouquinho, e ficaria em cima de mim. Não sabia o quanto.

– Oi – respondi, inclinando a cabeça para o lado, deixando claro que ele podia ter

dado aquele último passo.

Simon se inclinou para mim, um pouquinho de nada, mas quase como se fosse…

– Parker! – trovejou lá de baixo, e nós dois recuamos. – Parker! – ecoou de novo, e reconheci a voz de Ryan sob o grito de homem da selva.

– Ryan – ambos dissemos. E sorrimos.

Agora que o vodu já não estava tão concentrado, eu conseguia ver as coisas com clareza outra vez. Repeti a palavra *harém* várias vezes em minha mente.

– Aqui em cima! – bradou Simon, e Ryan surgiu após contornar uma curva.

– Oi, gente! Neil já era, *kaput*, jogou a toalha. Vocês já vão descer? – Ryan perguntou, pulando da rocha para a trilha e da trilha para a rocha com a destreza de uma cabra-montês. Nem pareceu se cansar. *Hummmm…*

– Sim, já estávamos indo procurar vocês – falei, esticando uma perna para trás para um rápido alongamento.

– Ele amarelou mesmo? Tão perto do final? – Simon indagou, apontando a trilha com a cabeça.

– Está deitado na trilha como se fosse o dono do lugar e se recusa a subir mais um centímetro. – Ryan riu, dando um pulo para trás e gritando para avisar a Neil que estávamos a caminho.

Simon me deteve antes que eu começasse a descer.

– Tem certeza que não quer ficar mais um pouco? A gente se esforçou tanto pra chegar aqui.

Senti o calor da sua mão no meu ombro e desejei que meus hormônios fugissem para o outro lado do meu corpo.

– Sim, tenho certeza. É melhor voltarmos. Parece que uma tempestade vem aí. – Acenei

para o horizonte, onde um grupo de nuvens negras começava a se acumular. Os olhos de Simon seguiram os meus, e ele franziu a testa.

– É, tem razão. Não queremos ser pegos aqui em cima, totalmente sozinhos – murmurou.

– Além disso, se não corrermos, não vamos poder tirar sarro de Neil por ter sido derrotado por uma garota. – Abri um largo sorriso, e Simon gargalhou.

– Não queremos perder isso! Vamos.

E descemos a trilha.

– Então, como foi a suruba, Caroline? – Sophia cantarolou docemente ao entrar na cozinha, onde matávamos a sede depois da caminhada. Os três homens se engasgaram; eu continuei bebendo a água como uma dama.

– Fantástica, obrigada. Destaque para

Neil. Praticamente tivemos que carregá-lo montanha abaixo depois do que fiz com ele – respondi com a mesma doçura.

Os rapazes se recompuseram, porém Neil não conseguia parar de olhar para o tomara-que-caia apertadíssimo de Sophia. Seu pretendente atual? Brincando de "Onde está Mimi", a cabeça girando tão depressa, que o confundi com uma coruja. Balancei a cabeça e pus fim a seu sofrimento:

– Cadê a Mimi, hein?

– Banho. Algo de que vocês quatro estão claramente precisando. Está gelado lá fora, como conseguiram suar tanto? – Sophia perguntou, enrugando o nariz.

– Não é fácil subir aquela montanha. Fazer trilha é mais difícil do que você pensa. – Neil suspirou, e o restante de nós sabiamente não disse um pio sobre o ataque cardíaco que ele quase teve a quinze metros do topo.

Peguei uma maçã e me dirigi ao meu quarto, com Sophia no meu rabo, como era de se esperar. Abri um sorrisinho e pensei em pegar leve com ela – só perguntar sobre o assunto, sem forçar a barra.

– Esses shorts ficam horríveis em você, Caroline – ela afirmou no caminho para o quarto.

Não. Nada de pegar leve.

– Obrigada, querida. Eu deveria ter separado um pouco de ração pra você quando fiz a malinha do Clive? – alfinetei.

Ela desabou na minha cama e se enroscou em uma das almofadas gigantes.

– Aliás, cadê ele? Quem está tomando conta?

– Ficou com tio Euan e tio Antonio. A uma hora destas, meu gato está refestelado numa cama de seda, ganhando rolinhos de atum na boca. Um vidão.

– Esse sabe viver bem, isso é inegável –

disse Sophia, o rosto sendo brevemente encoberto enquanto procurava uma posição confortável.

Despi as roupas suadas e me embrulhei num roupão que se achava pendurado atrás da porta. Ela elogiou minha escolha de sutiã esportivo e riu quando viu que eu o tinha combinado com uma calcinha de oncinha – então retomou sua expressão melancólica.

– O que houve, Sophia? – perguntei, deitando ao seu lado e também me enrolando numa almofada.

– Nada, por quê?

– Você está deprimente.

– Ah, só não dormi bem, acho.

– Ah, é? O sr. Ryan te manteve acordada até tarde, hum? Realmente, ele parecia bastante cansado durante a caminhada… – Cutuquei-a com o cotovelo.

– Não, não, não foi nada disso… Não sei. Não consegui relaxar ontem à noite.

Normalmente, durmo superbem aqui, mas ontem tudo estava tão sossegado, que eu… – Ela deu um soquinho na almofada, dando-lhe uma nova forma.

– Entendi. Bem, eu dormi divinamente! – Eu ri, e ela tentou dar uma nova forma à minha *cabeça*.

– Está a fim de encher a cara hoje? – Sophia perguntou quando nos acalmamos.

– Claro que sim! E você?

– Sim, senhora!

Ouvimos uma batida na porta, e Mimi introduziu sua cabeça enrolada numa toalha.

– É uma sessão particular, ou uma não lésbica também pode subir nessa cama? – Acenamos para que ela entrasse, e Mimi se lançou à cama e aterrissou em cima de nós duas. – E então, meninas? Preliminares ou vamos direto para o que interessa?

– Por favor, digam preliminares – ressoou uma voz masculina desde a porta, agora

aberta. Rolamos para dar com os três homens no vão – três versões do mesmo olhar "oh-meu-Deus-garotas-juntas-na-cama".

– Ah, se liguem! Como se a gente precisasse de um cara para nos dizer se queremos preliminares ou não. – Sophia soltou uma risadinha, levantou uma perna e acenou para eles por cima do meu ombro. Os três se ajeitaram no lugar e pigarrearam. Tão previsíveis.

– Estamos pensando em encher a cara hoje. Topam? – Mimi gritou. Embora não houvesse álcool correndo por suas veias ainda, o volume Mimi Bêbada resolveu dar as caras.

– Com certeza – respondeu Ryan, acenando uma saudação esquisita que nos fez rir ainda mais.

– Agora, desapareçam, rapazes. É o momento das garotas – Sophia falou, levantando um pouco meu robe e dando

uma palmada na minha bunda. Guinchei e tentei me cobrir, mas já era tarde demais.

– Cara. Estampa de oncinha – Neil sussurrou para Simon naquele sussurro mais alto do que uma fala normal.

– Eu sei, eu sei – Simon respondeu e passou a mão pelo rosto, como se estivesse tentando remover fisicamente a imagem de seu cérebro.

Simon gostava de estampas de animais. Devidamente anotado.

– Vamos lá. As moças pediram um tempo para elas, vamos obedecer. – Ryan os arrastou para o corredor e fechou a porta depois de lançar uma piscadinha que deixou o pescoço de Mimi cor de carmim. Sophia examinou suas unhas.

Definitivamente, a noite prometia.

– Onde você aprendeu a cozinhar assim, mulher? Céus, está delicioso! – Neil

exclamou ao pegar sua terceira porção de paella da travessa gigante, no centro da mesa.

– Obrigada, Neil! – Dei risada enquanto ele cavava outra pilha de arroz.

Simon acenou em direção à minha taça de vinho, e eu acenei de volta.

Tive a ideia de fazer uma rápida versão de paella ao ver todos aqueles maravilhosos frutos do mar no mercado local, e, quando me deparei com as promoções de rosé e espumantes espanhóis, a coisa ficou decidida. Começamos pelo espumante durante os preparativos – que combinou perfeitamente com o manchego que eu escolhera, assim como com as azeitonas temperadas. Mais uma vez, Simon foi meu ajudante, e nos movemos em sincronia pela cozinha. Os outros quatro se instalaram em alguns banquinhos, alguém pôs na vitrola um velho disco de Otis Redding, e mãos à obra.

O vinho fluía tão livremente quanto a conversa, e pensei que aquele grupo tinha potencial para ser unha e carne. Interesses semelhantes, senso de humor semelhante, mas todo o resto diferente o bastante para manter a animação.

Falando em animação, à medida que o álcool subia, as barreiras caíam. Mimi e Sophia já mal se davam ao trabalho de esconder seus interesses extraviados. Não que os rapazes se importassem. De fato, até as encorajaram. Ryan examinava o pé de Mimi por causa daquilo que, segundo ela, era uma picada de aranha. O fato de ele estar fazendo isso havia vários minutos e de o suposto exame incluir uma massagem não escapou à minha atenção, nem à de Simon.

Ele sorriu e fez sinal para que eu chegasse mais perto. Deslizei pelo balcão e inclinei minha cabeça em direção à sua. Simon aproximou sua boca de minha orelha. Respirei fundo; vinho, calor e sexo fluíram

pelas minhas narinas e invadiram meu cérebro, tornando tudo confuso.

– Quanto tempo até que se beijem? – sussurrou, a boca tão próxima, que eu quase senti seus lábios roçarem meu ouvido.

– Como? – perguntei e comecei a rir como faço quando bebo além da conta e uma delícia além da conta paira diante de mim.

– Quanto tempo? Você sabe, antes que eles beijem a pessoa errada? – Simon falou, e me virei para olhá-lo nos olhos.

Aqueles olhos. Estavam me chamando, aqueles olhos.

– Você quer dizer a pessoa certa, né? – sussurrei.

– É, a pessoa certa. – Ele se inclinou um pouco mais sobre o balcão.

– Sei lá, mas, se esse beijo não sair logo, eu vou explodir – admiti, sabendo muito bem que não estava mais falando de nossos

amigos.

– Ah, eu não quero que você exploda. – Simon estava a poucos centímetros do meu rosto.

Harém. Harém. Harém. Repeti o mantra incessantemente.

– Quero ir pra jacuzzi.

Aquele choramingo me afastou do vodu e me devolveu à cozinha. Onde havia pessoas presentes.

– Quero ir pra jacuzzi – ouvi de novo e me virei em direção a Mimi. Imagine minha surpresa quando percebi que a chorona era Sophia, agora pendurada em Neil como uma mochila.

– Ok, vá pra jacuzzi. Ninguém está te segurando – falei, deslizando para longe de Simon e retornando a meu prato para começar a separar as ervilhas da lagosta. Estava empanturrada, mas jamais deixaria lagosta no prato. Tenho princípios, afinal de

contas.

– Você precisa vir também – Sophia choramingou novamente, e minha ficha caiu: ela estava bêbada. E Sophia ficava pegajosa quando estava bêbada.

– Vai lá. Eu dou uma geral na cozinha e depois encontro vocês – Simon disse, pegando meu prato e fazendo menção de se levantar.

– Ei, ei, ei! Ainda tem lagosta, cara! – protestei, agarrando meu garfo.

– Toma. Eu nunca me meteria entre uma mulher e sua lagosta. – Simon sorriu e me devolveu o garfo. Mordi e me levantei. Estava um pouquinho mais bêbada do que pensei, o que ficou óbvio quando a gravidade começou a me desafiar.

– Opa! Você está bem? – ele perguntou ao me amparar, e Sophia se dirigiu ao quarto.

– Estou bem, estou bem – respondi,

firmando meus pés no chão e vencendo aquela batalha.

– Talvez você devesse ir mais devagar… – Simon sugeriu, pegando minha taça.

– Ah, relaxa, é uma festa – gritei e comecei a rir. De repente, tudo parecia engraçado.

– Ok, divirta-se. – Ele sorriu, e eu segui para o quarto, a fim de vestir o biquíni. O que se mostrou bastante difícil. Biquínis cortininha são bastante complicados de amarrar quando se está zonza.

– Caroline é a próxima. Verdade ou desafio – Mimi gritou, provando mais uma vez que Mimi Bêbada só possuía um nível de volume.

– Verdade – berrei de volta, sem querer jogando água em Sophia ao me virar para pegar minha taça. Havíamos aberto a última garrafa de espumante e a estávamos

atacando. E, conforme ela nos atacava de volta, o jogo se tornava mais e mais perigoso. O céu tremeluziu com relâmpagos longínquos, e baixos estrondos de trovões soaram por cima das risadas e da água.

Minutos após termos nos instalado na jacuzzi, Neil sugeriu que jogássemos Verdade ou Desafio, e Sophia concordou na hora. A princípio, debochei da sugestão; disse que não participaria de jeito nenhum de uma brincadeira tão infantil. No entanto, quando Simon insinuou que eu estava pipocando, o álcool mostrou sua faceta mais feia e proclamou:

– Vou jogar Verdade ou Desafio, seu trouxa, até que você não aguente as consequências da sua verdade!

A declaração fez perfeito sentido em minha cabeça – e deve ter feito também para Sophia e Mimi, que me cumprimentaram aos gritos de "É isso aí, gata". Estou quase certa de que vi Simon balançar a cabeça, mas ele

estava sorrindo, então deixei passar. E enchi mais uma taça de espumante.

– Que lugar você gostaria muito de conhecer e ainda não teve a oportunidade? – Sophia perguntou, cantarolando junto com as notas que atravessavam as portas francesas.

Sophia tinha encontrado todos os discos antigos do avô, e Simon quase teve um negócio quando viu a coleção. Ele selecionou um álbum de Tommy Dorsey, que caiu como uma luva naquela noite.

– Que pergunta chata! Desafio! Desafio! – Simon cantou, e lhe mostrei a língua.

– Não é chata, e ela escolheu verdade, então é verdade. Caroline, qual é o lugar que você sonha em conhecer? – Sophia perguntou mais uma vez.

Apoiei a cabeça na borda da jacuzzi. Olhei para as estrelas e fui imediatamente tomada por uma imagem: brisa suave

soprando, sol tépido em meu rosto, oceano se espalhando diante de mim, pontilhado de rochas escarpadas. Sorri só de pensar.

– Espanha – falei em voz baixa, o sorriso ainda lá.

– Espanha? – disse Simon.

Virei o rosto para ele. Simon também sorria.

– Espanha. É pra lá que desejo ir. Mas está tão caro, vai ter que ficar pra depois. – Continuei sorrindo, a cabeça ainda tomada pela imagem de uma praia espanhola.

– Ei, espera aí! Simon, você não vai pra Espanha no mês que vem? – Ryan indagou, e meus olhos se arregalaram.

– Hum, sim. Na verdade, eu vou.

– Ótimo! Caroline, você pode ir com ele – Mimi decidiu, batendo palmas e se virando para Ryan. – Ryan, você é o próximo.

– Não, não! Calma! Em primeiro lugar, não posso simplesmente ir pra Espanha com

Simon. Em segundo lugar, é minha vez – protestei, e Simon se sentou.

– Na verdade, você pode simplesmente ir pra Espanha com Simon, sim – falou, virando-se completamente para mim. O outro lado da jacuzzi ficou em silêncio.

– Hum, não, não posso. Você vai a trabalho. Não posso pagar uma viagem dessas e, além disso, não sei se posso tirar férias no mês que vem. – Senti meu coração aumentar de tamanho quando processei o que ele havia acabado de dizer.

– Peraí, outro dia, ouvi Jillian te falar que mês que vem era um bom momento para você sair de férias, antes do feriado de final de ano – Mimi entregou. Ela se afundou nas sombras quando a encarei.

– Seja como for, não tenho dinheiro pra isso, e fim de papo. Muito bem, creio que é minha vez. Vejamos, quem eu escolho? – Olhei bem para cada um.

– Não vai ser tão caro. Vou alugar uma casa, um gasto a menos. Passagem de avião e dinheiro pra gastar lá, você só vai gastar com isso – Simon insistiu.

– Nossa, é uma proposta irrecusável, Caroline! – Mimi berrou, sua energia gerando pequenas ondas na água.

– Ok, Mimi, verdade ou desafio? – falei, rangendo os dentes e tentando continuar o jogo.

– Ei, estamos no meio de uma discussão aqui. Não mude de assunto – ela teimou.

– Pra mim, a discussão acabou. Verdade ou desafio, sua bostinha? – falei de novo, desta vez deixando claro que não estava de brincadeira.

– Afe. Desafio.

– Ótimo. Eu te desafio a beijar Neil – disparei sem hesitar.

– O quê?! – ela gritou, e a jacuzzi inteira engoliu em seco.

– Oras, é só um jogo, certo? E, Mimi, vai, não é nada de mais beijar o cara com que você está saindo há semanas, ou é?

– Bem, não, é só que eu não gosto de demonstrações públicas de afeto – ela disse atabalhoadamente, quase se afundando. Aquela era a garota que, certa vez, quase foi presa por atentado ao pudor por ficar pelada num jogo de calouros, em Berkeley.

– Ah, vai, o que tem de mais? – Simon se intrometeu, e olhei para ele com gratidão.

– Nenhum, é só que… – Mimi começou novamente, e, desta vez, quem a interrompeu foi Neil:

– Ah, vem cá, Baixinha! – Ele a puxou para si. Os dois se olharam nos olhos por alguns segundos, e então Neil afastou o cabelo do rosto dela. Ele sorriu, Mimi se inclinou para frente. Ouvi Sophia e Ryan respirarem fundo ao mesmo tempo, e todos assistimos ao beijo entre Mimi e Neil.

E foi bizarro.

Eles se separaram, e Mimi nadou de volta ao seu canto. Ao lado de Ryan. Tudo ficou em silêncio por um instante. Simon e eu nos entreolhamos, sem saber o que fazer. Tínhamos sido tapeados. E eu fico puta quando sou tapeada. Comecei a ferver. O fato de estar bêbada não teve *nada* a ver com a minha reação… exagerada.

– Ok, acho que é minha vez. Hum… Ryan, verdade ou desafio? – Neil falou, mas eu me levantei, espirrando água em todo mundo.

– Na-na-ni-na-não! Não era pra ser assim! – gritei, batendo o pé na água, perdendo o equilíbrio e me afundando. As mãos fortes de Simon me trouxeram de volta à superfície, e continuei meu escândalo alcoolizado. Lampejos de luz, agora muito mais próximos, riscaram o céu. – *Você* não devia ter deixado que *ela* beijasse *ele* – falei cuspindo água e apontando para Ryan e Mimi. Então, me virei para Sophia: – E você

devia ter ficado furiosa com *ela*!

– Por que eu ficaria furiosa com Mimi? Porque ela beijou o namorado? – resmungou Sophia, subitamente interessada em suas unhas.

– Ahhhhhh! – berrei e me voltei para Mimi. – Mimi, você está minimamente interessada em Neil? – desafiei, as mãos na cintura, as faíscas pulando.

– Neil é exatamente o que eu sempre quis num homem. É meu tipo, sem tirar nem pôr – ela contestou roboticamente, vacilando quando Ryan a fitou com mágoa nos olhos.

– Blá-blá-blá, você já deu pro Neil? – espumei, gesticulando desgovernadamente, como costumo fazer quando bebo.

– Ok, Caroline, eles entenderam – Simon moderou e tentou me fazer sentar.

– Entenderam o quê? Do que vocês dois estão falando? – Sophia indagou, inclinando-se para frente.

– Ah, por favor! Vocês quatro são ridículos! Estou me lixando para o que vocês querem na teoria! Na prática, estão fazendo tudo errado! – Esmurrei a água para enfatizar minhas palavras. Como eles não entendiam aquilo? Não sei em que momento surtei, mas, nos últimos sessenta segundos, tinha ficado completamente louca.

– Você está brincando? – gritou Mimi, levantando-se dentro da jacuzzi, o que não alterou em nada o nível da água.

– Qual é, Mimi? Qualquer um que tenha olhos consegue ver o que você e Ryan sentem um pelo outro! Por que vocês estão perdendo tempo com outra pessoa? – insisti.

Simon me puxou para seu colo e tentou me acalmar.

– Ok, isso já foi longe demais – disse Neil, começando a deixar a jacuzzi.

– Não, não! Neil, olha pra Sophia. Não vê que ela está totalmente a fim de você? Por

que vocês são tão tapados? Fala sério! Simon e eu somos os únicos que estamos enxergando claramente? – Coloquei Simon na discussão, quisesse ele ou não.

Neil olhou para Ryan e depois para Simon e exclamou:

– Cara!

– Cara – respondeu Ryan, gesticulando na direção de Sophia, que se levantou como se fosse falar algo. Neil pousou a mão em seu ombro, e ela se deteve e se sentou novamente. Neil acenou para Ryan.

– Cara? – perguntou, e Ryan anuiu com a cabeça. Neil respirou fundo e olhou para Sophia. – Sophia, verdade ou desafio?

– Não estamos mais jogando… – tentei gritar, mas Simon tapou minha boca com a mão.

– Continuem, por favor – ele falou e, com a outra mão em minha cintura, me segurou com mais firmeza em seu colo. Um trovão

soou, conferindo à cena um ar ameaçador.

– Sophia? – repetiu Neil. Ela estava quieta e evitava olhar na direção de Mimi e Ryan.

– Desafio – Sophia sussurrou e fechou os olhos.

O álcool deixou tudo *muito* mais dramático.

– Desafio você a me beijar – disse Neil, e tudo o que se ouviu depois foi um ocasional pato no lago. Os patos na jacuzzi finalmente estavam calados. Todos observamos Sophia se virar para Neil e colocar a mão em sua nuca, puxando-o para si. Ela o beijou lenta e convictamente, e aquilo durou séculos. Sorri sob a mão de Simon; ele afagou minha barriga, o que me deu vertigem.

Quando os dois pararam de se beijar, Sophia estava rindo na boca de Neil, que respondeu com seu sorriso gigante e abobalhado.

– Bem, já não era sem tempo – Simon

falou e soltou minha boca.

– Mimi, eu… – Sophia começou, virando-se para Mimi e dando com uma banheira vazia.

Mimi e Ryan tinham desaparecido. Ainda entrevi a toalha de Ryan sumindo na casa da piscina – com uma parceira molhada e escorregadia em seus braços.

– Bem, acho que é isso por hoje – disse Sophia, segurando a mão de Neil.

– Boa noite! – Dei uma risadinha, e ela e Neil se dirigiram à casa.

Olhei para a casa da piscina e notei que nenhuma luz tinha sido acesa – e provavelmente nenhuma seria por um bom tempo.

– Uau, bela operação cupido, apesar do seu método sutil ter deixado a desejar. – Simon gargalhou e deixou a cabeça repousar em minhas costas. Eu continuava em seu colo. Sua mão deixara minha boca e agora

escorregava em direção ao sul, enquanto a outra permanecia firme em minha cintura.

– É, geralmente eu deixo muito a desejar – observei ironicamente, sem querer abandonar aquele lugar maravilhoso, mas sabendo que precisava, e depressa. Simon continuava imóvel, e comecei a me levantar.

– Você deixa tudo a desejar, Caroline – ele falou suavemente, e eu congelei. Fez-se silêncio novamente, nós dois parados e ainda assim nos movendo em direção um ao outro.

Sem olhar para trás, deixei escapar uma risadinha.

– Mas o que você está dizendo? Que há muito a desejar ou…

Seus dedos passaram a delinear pequenos círculos em minha pele.

– Você sabe perfeitamente o que estou dizendo. – Simon respirou bem perto da minha orelha. Uma atmosfera de tensão se instaurou entre nós. Mais pequenos círculos.

No fim das contas, foram eles que acabaram comigo.

Perdi todo o controle. Me virei rapidamente, pegando-o desprevenido; passei minhas pernas ao redor da sua cintura e joguei a cautela e o mantra do harém para longe. Afundei minha mão em seu cabelo, me deleitando com a sensação de seda molhada na ponta dos dedos e o puxando para mim.

– Por que você me beijou na festa? – perguntei, minha boca a milímetros da dele. Quando percebeu o que eu estava fazendo, Simon pressionou seu quadril contra o meu, e ficamos mais próximos do que nunca.

– Por que *você* me beijou? – ele indagou, percorrendo minhas costas com os dedos, detendo-se no ponto em que suas mãos se encaixavam perfeitamente em minha cintura, polegares na frente, demais dedos atrás, e me apertando ainda mais contra seu corpo.

– Porque eu precisava – respondi com franqueza, lembrando como aquele beijo tinha sido uma reação instintiva, vital. – Por que *você* me beijou?

– Porque eu precisava – ele disse, e o sorriso insolente voltou. Felizmente, o sorriso não durou muito tempo. Eu finalmente descobri o grande segredo. Como você faz o Trepador de Paredes parar de sorrir daquele jeito? Você o beija.

CAPÍTULO TREZE

O céu desabou, cobrindo-nos com uma chuva fria, que se misturou ao calor que havia ao redor e entre nós. Olhei para Simon, debaixo de mim, quente, molhado, e não existia nada no mundo que eu desejasse mais do que seus lábios nos meus. Embora cada alarme em minha cabeça soasse, me concentrei, apertei minhas pernas em torno de sua cintura e olhei diretamente em seus olhos.

– Hum, Caroline, você está bem? – Ele sorriu, as mãos firmes em meus quadris, os dedos afundados em minha pele. Sua pele deslizou contra a minha de um jeito que me fez ficar tonta, e pude sentir – pude de fato *sentir* – seu abdominal de encontro à minha barriga. Ele era tão forte, tão poderosamente

delicioso, que Cérebro começou a pifar e outros órgãos passaram a tomar todas as minhas decisões.

Acho até que O colocou a cabeça para fora por um instante, como uma marmota. Olhou rapidamente em volta e se declarou muito mais próximo de desabrochar do que tinha estado em meses.

Lambi meus lábios, e Simon espelhou meu gesto. Mal conseguia vê-lo através da névoa de vapor que a jacuzzi emanava e da excitação que fermentava naquele pequeno caldeirão de química clorada.

– Estou atacada, Simon, bem atacada. – Respirei fundo e me ergui só um pouquinho. A sensação dos meus seios se espremendo contra a sua pele foi inimaginável. Quando me ajeitei novamente em seu colo, senti sua reação de um modo muito tangível, e ambos gememos ao contato.

– Atacada, hein? – Simon disse, a voz

áspera e rouca se derramando sobre mim.

– Bem atacada – sussurrei em seu ouvido enquanto ele pressionava sua boca contra meu pescoço. – Quer atacar junto comigo?

– Tem certeza? – ele murmurou, e suas mãos agarraram minhas costas com deliciosa naturalidade.

– Ah, Simon, vamos bater em algumas paredes – respondi, permitindo que minha língua se lançasse por entre meus lábios e percorresse a pele logo abaixo de seu queixo. Sua barba arranhou os meus lábios e me ofereceu um prelúdio do que faria em outras regiões macias do meu corpo.

A essa altura, O ergueu a cabeça um pouco mais e se dirigiu diretamente a Cérebro, que, por sua vez, falou diretamente às minhas mãos. Agarrei Simon com firmeza pela base do pescoço e o posicionei exatamente à minha frente; seus olhos fagulhavam, eram como pequeninos objetos

hipnotizadores.

Seu sorriso era rijo – e ele também estava rijo.

Eu me inclinei e suguei seu lábio inferior entre meus dentes, mordiscando-o antes de mordê-lo de verdade e puxá-lo para mim. Ele não resistiu; perdeu o controle quando meus dedos puxaram seu cabelo e minha língua avançou contra sua boca, que gemeu colada à minha. Meu mundo agora era sentir esse homem, esse homem maravilhoso em meus braços, preso em minhas pernas, e o beijei como se esse mundo fosse acabar.

Não foi terno e hesitante; foi resultado de pura frustração carnal combinada com um desejo incompreensível, tudo acumulado em uma bola gigante de por--favor-Deus-me-deixe-viver-na-boca-deste-homem. Minha boca conduziu a sua numa dança tão antiga quanto as montanhas que nos observavam, nossas línguas e dentes e lábios se chocando e estalando e sucumbindo à doce tensão que

havia se edificado desde que apareci em sua porta vestindo a inspiração para o meu apelido.

Estremeci ao sentir suas mãos descerem até minha bunda e me puxarem ainda mais para perto, e minhas pernas deslizaram enquanto eu arfava como uma puta na igreja. A Igreja de Simon… e eu estava morrendo de vontade de ajoelhar e rezar.

Meus olhos estavam fechados, minhas pernas, abertas, e agora eu gemia em sua boca como uma espécie de cão raivoso. A ideia de que um beijo, apenas um beijo, tinha me transformado em uma lasciva Caroline-Precisa-Daquilo era irrefutável; eu sabia que, se ele continuasse me fazendo sentir daquele jeito, iria convidá-lo para o meu Tahoe particular. *Ótima ideia.*

– Entre no meu Tahoe, Simon – murmurei incoerentemente em seus lábios.

Ele parou.

– Caroline, entrar onde? Oh, Deus – Simon falou, e, com um impulso na borda, eu nos impeli através da jacuzzi, esvaziando metade do seu conteúdo no deque, enquanto a outra metade ondulou à nossa volta tal qual maré alta. Ele me lançou à lateral oposta, me ergueu contra a borda e novamente enrolou minhas pernas em volta de sua cintura; pressionei meus lábios nos seus, resoluta a não soltá-lo. Em determinado momento, beijei-o com tanto ímpeto, que Simon precisou me afastar para poder respirar.

– Respira, Simon, respira. – Ri e dei um tapa em seu rosto.

– Você... é... danada – Simon ofegou. Suas mãos passaram sob meus braços e se enroscaram ao redor dos meus ombros, retendo-me firmemente contra a lateral da banheira; meus calcanhares se afundaram em suas costas, posicionando-o exatamente onde eu o queria. Ele fechou os olhos e mordeu

seu lábio inferior, e um rugido animalesco soou em sua garganta no momento em que lancei a segunda onda de ataques sob o comando da Pequena Caroline.

– Você é incomparavelmente gostoso – murmurei e voltei a prová-lo, chovendo beijos em sua boca, em sua face, em seu queixo, deslizando para baixo a fim de sugar e morder seu pescoço, que se inclinou para trás, consentindo meu assédio. Suas mãos se moviam impetuosamente, mergulhando na minha lombar e agarrando o cordão do biquíni, agora frouxo nas laterais. O pensamento dos meus seios nus contra o seu peito me deixou louca de desejo, e minha mão soltou seu cabelo e serpenteou para trás do meu pescoço, desatando o laço. Ao fazer isso, bati em uma das garrafas vazias de espumante, desencadeando um efeito dominó de garrafas. Dei risada quando Simon se deteve, sobressaltado com o barulho.

Seus olhos azuis estavam enfumaçados, inundados de desejo, mas, ao se fixarem em mim, começaram a cristalizar. Finalmente consegui desfazer o laço e senti a água remoinhar contra minha pele. Quando comecei a soltar o cordão, Simon o agarrou com força. Balançou a cabeça como se quisesse clareá-la, então fechou os olhos com firmeza, cortando nossa conexão.

– Ei, ei, ei! – Eu o cutuquei, forçando-o a abrir os olhos e olhar para mim. – Cadê você? – sussurrei.

Ele entrelaçou os dedos, ainda segurando o cordão. Lentamente, começou a amarrar meu biquíni. Senti meu rosto ficar vermelho; todo o sangue do meu corpo me traiu naquele instante.

– Caroline – falou, respirando pesadamente e me encarando com cuidado.

– O que foi?

Suas mãos repousaram em meus ombros,

e ele pareceu manter uma distância cautelosa entre nós.

– Caroline, você é demais, mas eu… Não posso.

Agora foi a minha vez de fechar os olhos. Emoções rodopiavam por trás das minhas pálpebras, lideradas pela vergonha. O coração martelava no peito. Podia sentir seus olhos em mim, suplicando para que eu abrisse os meus.

– Você não pode – falei, abrindo os olhos e olhando para qualquer lugar, menos para ele.

– Não, quero dizer, eu… – gaguejou, claramente constrangido conforme se afastava.

Comecei a tremer.

– Você… não pode? – perguntei, de repente me sentindo gelada, mesmo dentro da água quente. Soltei minhas pernas, dando-lhe o espaço de que precisava para recuar.

– Não, Caroline, não com você. Não assim…

– Porra, eu sou uma idiota mesmo – falei, rindo abruptamente e me levantando.

– O quê? Não, você não entendeu, eu não posso… – ele disse e tentou me alcançar com o braço, mas eu estiquei uma perna e, com o pé no meio do seu peito, o impedi.

– Eu entendi, Simon. Você não pode. Tudo bem. Que noite louca, hein? – Ri de novo e transpus a borda para retornar à casa; queria dar o fora dali antes que ele visse as lágrimas que certamente estavam a caminho. Claro, ao percorrer os degraus, escorreguei em um trecho molhado e caí com um baque enorme. Senti a parte de trás dos meus globos oculares arder enquanto me levantava rapidamente, em pânico diante da possibilidade de começar a chorar antes de estar dentro da casa. Passei a sentir também os efeitos do álcool, e uma dor de cabeça fortíssima deu as caras.

– Caroline! Você está bem? – Simon gritou, começando a deixar a jacuzzi.

– Estou bem, estou bem. Só… – Eu saí, e minha garganta se fechou quando sufoquei um soluço. Mantive uma mão para trás, para fazê-lo entender que eu não precisava da sua ajuda. – Estou bem, Simon.

Não era capaz de me virar e encará-lo. Simplesmente continuei andando. Embora a maldita big band ainda tocasse no toca-discos, ouvi meu nome uma vez mais. Ignorei e me dirigi à porta, me sentindo idiota naquele biquíni minúsculo, que obviamente não era tão atraente quanto eu tinha pensado.

Nem me dei ao trabalho de pegar uma toalha. Escancarei a porta de vidro e ouvi o estrondo às minhas costas enquanto disparava para o quarto, deixando pequenas poças no piso de ardósia do corredor. Tentei ignorar as risadinhas que vinham do quarto de Sophia. Quando as lágrimas finalmente

rolaram pelas minhas bochechas, tranquei a porta e tirei o biquíni. Cambaleei até o banheiro, acendi a luz e ali fiquei, diante do meu reflexo. Nua, o cabelo molhado pingando nas costas, um hematoma começando a se formar na coxa por causa da queda… e lábios vermelhos, inchados dos beijos.

Enrolei o cabelo numa toalha e me inclinei na bancada, o rosto a poucos centímetros do espelho.

– Caroline, minha querida, você acabou de ser rejeitada por um homem que já fez uma mulher miar por trinta minutos sem parar. Como está se sentindo? – a mulher nua no espelho me indagou, fazendo do meu polegar um pequeno microfone. Ela então colocou o microfone diante da minha boca.

– Bem, eu bebi uma quantidade de vinho capaz de abastecer uma pequena cidade espanhola, não gozo há milênios e provavelmente vou morrer velha e sozinha

num apartamento lindamente planejado, junto com todos os filhos ilegítimos de Clive à minha volta… Como você acha que estou me sentindo? – falei, devolvendo à Caroline do Espelho o seu polegar.

– Caroline, sua tonta, você castrou o Clive – ela disse e balançou a cabeça.

– Vai se foder, Caroline do Espelho, já que nem isso eu posso – falei, encerrando a entrevista e retornando ao quarto. Joguei uma camiseta na cama e desabei sobre ela, bêbada, exausta da caminhada e do jantar e do vinho e da música e da melhor pegação da minha vida. A lembrança fez novas lágrimas brotarem, e rolei na cama para alcançar alguns lenços, mas dei de cara com uma caixa vazia, o que me fez chorar ainda mais.

Estúpido vodu do Trepador de Paredes.

Aquela noite não podia piorar.

Então, meu telefone tocou.

– Panquecas, docinho?

– Quero. Obrigado, bebê.

Jesus!

– Ainda tem creme pro café? – Seu creme está bem aqui, fofinha.

Meu bom Jesus Cristo.

Ficar escutando um novo casal, quer dizer, *dois* novos casais era de revirar o estômago. Acrescente a isso uma ressaca, e aquela seria uma longa manhã.

Na noite anterior, depois de falar com James ao telefone, caí em um sono profundo – um oferecimento de todo o vinho que ingeri, sem dúvida. Acordei com a língua espessa, uma dor de cabeça violenta e o estômago indisposto – e ele se indispôs ainda mais quando pensei que teria de encarar Simon e ter a bizarra conversa-sobre-os-amassos-de-ontem-à-noite.

James tinha feito eu me sentir um pouco melhor. Falou coisas engraçadas, e lembrei

como ele cuidara bem de mim no passado. Era uma lembrança gostosa, e o sentimento que ela provocou foi ainda melhor. Ele ligou sob o pretexto de perguntar algo sobre um tom de tinta – uma desculpa esfarrapada, percebi de cara –, então, admitiu que só queria falar comigo. Como havia acabado de levar o maior fora da história, fiquei feliz em conversar com alguém que queria minha atenção. *Vá se ferrar, Simon.* Quando James me convidou para jantar no fim de semana seguinte, aceitei imediatamente. Tínhamos nos divertido muito… e, já que O retornara à toca, eu bem podia ter uma noite agradável na cidade.

Agora, estava sentada na mesa do café, rodeada por dois novos casais que inundavam a cozinha com tanta satisfação sexual que eu tinha vontade de gritar. Mas não gritei. Fiquei na minha enquanto Mimi se empoleirava alegremente no colo de Ryan e Neil dava pedacinhos de melão na boca de

Sophia como se tivesse sido enviado a este mundo com esse único propósito.

– Como foi o resto da sua noite, srta. Caroline? – Mimi gorjeou, arqueando uma sobrancelha como quem sabia a resposta. Pressionei os dentes de meu garfo em sua mão e a mandei calar a boca.

– Uau, credo. Alguém deve ter passado a noite sozinha – Sophia murmurou para Neil.

Olhei para ela, atônita. A naturalidade com que eles lidavam com o assunto estava começando a me irritar.

– É claro que passei a noite sozinha. Com quem você acha que eu passei a noite? Hein? Que merda! – falei e me levantei intempestivamente, derrubando meu copo de suco de laranja. – Ah, que se foda! – murmurei e fui para o pátio, as lágrimas me ameaçando pela segunda vez em menos de doze horas.

Sentei em uma cadeira de madeira e fitei

o lago. O frio da manhã atenuou o fervor de meu rosto, e enxuguei desajeitadamente as lágrimas ao ouvir passos às minhas costas.

– Não quero falar sobre isso, ok? – avisei enquanto as meninas se sentavam nas cadeiras à minha frente.

– Ok... Mas você precisa falar alguma coisa. Quando nós saímos da jacuzzi, ontem à noite, eu tinha certeza que... Quero dizer... Você e Simon são... – Mimi começou, mas eu a interrompi:

– Eu e Simon, nada. Não existe eu e Simon. Vocês acharam que a gente ia se pegar só porque vocês quatro arrumaram a merda que estavam fazendo? Ah, e de nada, viu? – disparei, puxando a aba do meu boné para baixo, para esconder das minhas melhores amigas as lágrimas intermináveis.

– Caroline, a gente só achou... – Sophia disse, e também a cortei:

– Vocês acharam que, como eu e ele

tínhamos sobrado, iríamos magicamente virar um casal? Que romântico! Três casais perfeitos, certo? Como se isso acontecesse na vida real. Não estamos numa novelinha.

– Ah, para com isso, vocês dois são perfeitos um pro outro. Ontem à noite, você falou que *nós* éramos cegas, não falou? Bem, olá, sujo, aqui é o mal lavado – Sophia replicou.

– Oi, mal lavado, você tem trinta segundos antes do sujo aqui quebrar sua cara. Não aconteceu nada. Não vai acontecer nada. Caso vocês tenham esquecido, ele tem um harém, senhoras. Um harém! E eu não estou a fim de me tornar sua terceira odalisca. Portanto, tirem isso da cabeça, ok? – gritei. Eu me levantei, me virei para voltar à casa e dei de cara com um Simon calado. – Ótimo! Você também está aqui! E estou vendo vocês dois atrás da cortina, seus babacas! – berrei para Neil e Ryan, que se afastaram da janela.

– Caroline, vamos conversar, por favor? – Simon pediu e agarrou meu braço, virando-me para ele.

– Claro, por que não? Vamos deixar o vexame completo. Eu sei que vocês estão doidos para saber, então aí vai: eu me joguei nesse cara ontem à noite, e ele me deu um fora. Pronto, falei. Podemos esquecer isso agora? – Eu me soltei e caminhei em direção à trilha que conduzia ao lago. Não ouvi passos atrás de mim; me virei e vi os cinco com os olhos arregalados, sem saber o que fazer.

– Ei! E aí, Simon? Vamos! – Estalei os dedos, e ele me seguiu; parecia com medo.

Marchei pela trilha e tentei acalmar minha respiração. Meu coração pulava. Não queria conversar com ele naquele estado; nada de bom sairia dali. Inspirando e expirando, acolhi a linda manhã que me rodeava e deixei que ela jogasse um pouco de luz no meu coração. Eu precisava deixar a

situação ainda mais constrangedora do que já era? Não. Eu tinha o controle, apesar da noite anterior. Podia fazer de conta que ela nunca aconteceu. Podia tentar, pelo menos.

Respirei fundo outra vez e senti um pouco da tensão me deixar. Afinal, eu gostava da companhia de Simon e o considerava um amigo agora. Meu caminhar tempestuoso aos poucos deu lugar a um passo moderadamente irritado.

Deixei as árvores para trás e não parei até chegar ao fim da doca. O sol assomava depois da tempestade do dia anterior, lançando uma luz dourada sobre a água.

Ouvi Simon se aproximando e se detendo atrás de mim. Respirei fundo mais uma vez. Ele permaneceu em silêncio.

– Você não vai me empurrar, né? Isso não seria nada inteligente. – Ele soltou uma risada, e eu sorri ligeiramente; não queria, mas não consegui evitar.

– Caroline, posso me explicar? Você precisa saber que… – Por favor, não. Não podemos simplesmente pôr a culpa no vinho? – perguntei, virando-me para encará-lo, tentando me antecipar a ele.

Simon me fitou com uma expressão estranha no rosto. Parecia ter se vestido às pressas: camiseta branca, jeans surrado e bota de caminhada desamarrada, os cadarços agora sujos e enlameados da caminhada no bosque. Ainda assim, estava lindo, com o sol da manhã iluminando os planos vigorosos de sua face e aquela barba deliciosa.

– Eu gostaria, Caroline, mas… – ele começou.

Balancei a cabeça.

– Sério, Simon, apenas… – arrisquei, mas parei quando ele pousou os dedos em minha boca.

– Você precisa calar a boca, ok? Se me interromper mais uma vez, vou te jogar no

lago sem hesitar – ele advertiu e deu aquela piscadinha de olho com a qual eu estava tão acostumada.

Concordei com a cabeça, e ele tirou a mão. Tentei ignorar as chamas que me lamberam os lábios, trazidas à superfície por aquele leve toque.

– Então, ontem à noite, a gente ficou muito perto de cometer um erro enorme – Simon falou e, quando percebeu que minha boca estava prestes a abrir, ergueu o dedo.

Tranquei o bico e joguei uma chave imaginária na água. Ele deu um sorriso triste e prosseguiu:

– Obviamente, eu me sinto atraído por você. Como poderia ser diferente? Você é maravilhosa. Mas você estava de porre, eu estava de porre, e, por mais sensacional que fosse, isso… ah, isso mudaria as coisas, entende? E eu simplesmente não posso, Caroline. Não posso permitir a mim mesmo

que... Eu não... – ele lutou contra as palavras e passou a mão pelo cabelo, um gesto de absoluta frustração, como eu já havia aprendido. Simon me encarou à espera de que eu lhe dissesse que tudo estava bem entre nós.

Eu queria perder um amigo por causa daquilo? De jeito nenhum.

– Ei, como eu disse, está tudo bem. Foi vinho demais. Além disso, eu sei que você tem seu *arranjo*, e *eu* não... As coisas fugiram do meu controle ontem à noite, só isso – tentei convencê-lo.

Ele abriu a boca para falar algo, porém, depois de um instante, fez que sim com a cabeça e suspirou.

– Ainda somos amigos? Não quero que as coisas fiquem estranhas entre nós. Eu gosto de você, Caroline. Gosto de verdade – Simon finalmente falou. Pela sua cara, parecia que o mundo ia acabar.

– Claro. Amigos. O que mais seríamos? – Engoli em seco e forcei um sorriso. Ele também sorriu, e começamos a regressar pela trilha. Ok, não tinha sido tão ruim. Talvez isso funcionasse. Ele parou para apanhar um pouco de areia da praia e a colocou em um pequeno saco plástico.

– Garrafas?

– Garrafas. – Simon anuiu, e nós seguimos em frente.

– Então… Parece que nosso pequeno plano funcionou – comentei para quebrar o gelo.

– Com aqueles quatro? Ah, sim, acho que funcionou muito bem. Parece que eles encontraram o que precisavam.

– É o que todo mundo está tentando fazer, certo? – Eu ri conforme atravessávamos o pátio rumo à cozinha. Quatro cabeças desapareceram da janela e começaram a tomar uma postura blasé ao redor da mesa.

Abri um sorriso.

– É sempre bom quando aquilo que você precisa e aquilo que você quer são a mesma coisa – disse Simon, segurando a porta aberta para mim.

– Está aí uma grande verdade. – Uma nova pontada de tristeza me atingiu, mas, agora, vendo a alegria dos meus amigos, não precisei forçar um sorriso.

– Quer tomar café? Acho que sobraram uns bolinhos de canela – disse Simon, contornando a bancada.

– Hum, não. Acho que vou arrumar minhas coisas – falei. Notei certo desapontamento em seu rosto antes que ele sorrisse bravamente.

Ok, isso não era bom. Bem, é o que acontece quando dois amigos se beijam. As coisas nunca mais são as mesmas. Acenei para minhas amigas e fui para o quarto.

Apressados pela minha insistência em retornar à cidade, dentro de duas horas, todos se achavam de malas prontas e decidiam quem iria com quem. Eu não queria voltar sozinha com Simon, então chamei Mimi de lado e ordenei que ela e Ryan fossem conosco. Agora, estávamos na entrada da casa, guardando as bagagens nos carros. Depois que Simon terminou de empilhar tudo no Land Rover, senti um calafrio e me dei conta – tarde demais – de que havia guardado minha jaqueta na mochila, já soterrada. Ele percebeu.

– Frio?

– Um pouquinho, mas tudo bem. Minha mochila ficou no fundo, e eu não quero que você tenha que tirar e guardar tudo de novo – respondi, batendo os pés no chão para me manter quente.

– Ah! Isso me faz lembrar de algo. Tenho uma coisinha pra você! – Simon exclamou e revolveu sua mochila, que estava no topo.

Então, me passou um pacote irregular, embrulhado em papel marrom.

– O que é isto? – perguntei, e ele corou. Então Simon corava? Que coisa rara de se ver…

– Você não pensou que eu esqueceria, né? – ele disse, com um sorriso infantil e o cabelo caindo nos olhos. – Eu ia te dar ontem à noite, mas…

– Ei, Parker! Preciso de uma mãozinha aqui! – Neil chamou, lutando contra a imensa bagagem de Sophia. Ontem, aquilo teria sido tarefa de Ryan. Hoje, era de Neil. Ontem. Como o mundo tinha mudado em apenas um dia.

Simon se afastou, e Ryan e Mimi se acomodaram no banco de trás.

Abri o pacote e me deparei com um suéter irlandês muito grosso e muito macio. Tirei-o do embrulho para sentir seu peso e sua textura. Apertei-o contra o nariz,

inalando o perfume da lã e o inconfundível perfume de Simon. Abri um sorriso e o coloquei por cima da camiseta; fiquei admirada com a maneira como era solto e comprido e ainda me cobria de um jeito confortável. Me virei e vi Simon me olhando do jipe de Neil. Ele sorriu quando dei uma voltinha.

– Obrigada – murmurei.

– De nada – Simon murmurou de volta.

Cheirei meu suéter longa e profundamente. Torci para ninguém ter notado.

CAPÍTULO CATORZE

Dentro de um Land Rover preto, no caminho de volta para San Francisco…

CAROLINE –*Ok, eu posso fazer isso… São poucas horas até a cidade. Posso ser o adulto aqui. Posso agir como se ele não tivesse se recusado a ver meus peitos ontem à noite e… Mas que porra! Que homem diz não a uns peitos? Quero dizer, são belos peitos. Estavam legais naquele biquíni, firmes, pra cima, estavam até molhados, pelo amor de Deus… Por que ele não quis? Caroline, calma… Apenas sorria pra ele e aja como se estivesse tudo bem. Espera, ele está olhando pra cá. Sorria! Ok, ele retribuiu o sorriso. Rejeitador de peitos*

maldito! Qual é?! E ele estava duro!

SIMON *–Ela está sorrindo pra mim... Posso sorrir de volta, certo? A gente está agindo naturalmente, certo? Pronto. Espero que tenha parecido mais espontâneo do que foi. Nossa, quem diria que um suéter gigante ficaria tão bem numa garota? Mas tudo fica bem em Caroline – especialmente aquele biquíni verde. Cara, eu realmente dei um fora nela ontem? Céus, teria sido tão fácil simplesmente... Mas eu não podia. Por que não? Meu Deus, Simon. Bem, a gente estava bêbado... Digo, ela estava bêbada. Será que Caroline teria se arrependido? Pode ser que sim. Eu não podia correr o risco. Podia ter sido um desastre. Ou foi por causa das garotas? Eu também não devia fazer isso com as garotas. Mas as coisas não têm mais funcionado tão bem com as garotas, não é? Hum, não pensei nelas nem uma vez sequer neste fim de*

semana... porque não conseguia parar de pensar em Caroline. Ela está olhando pra mim de novo. Sobre o que a gente vai conversar durante esta maldita viagem? Ryan não está nem aí. Desgraçado. Eu falei que ia precisar da sua ajuda... Ele só quer saber de Mimi. Caroline e eu não devíamos ter nos esforçado tanto para juntar esses dois. Hum... Caroline e eu... Caroline e eu numa jacuzzi em que biquínis são proibidos... Droga, espera aí... Sim, estou começando a ter uma...

CAROLINE *–Por que ele está se remexendo desse jeito? Céus, será que precisa mijar? Talvez eu precise mijar. Talvez seja um bom momento pra sugerir uma parada na estrada... Quem sabe, assim eu consiga fazer Mimi entender que eles não estão aqui pra ficarem se comendo, e sim pra quebrar o gelo entre mim e o sr. Tenho-Pavor-de-Peitos. Ok, apenas peça*

pra ele parar no próximo posto de gasolina. Uau, acho que ele realmente precisa mijar. Espero que esse posto tenha Pringles.

SIMON *–Ainda bem que ela quis parar. Assim, posso dar uma ajeitada sem parecer um pervertido… A quem estou tentando enganar? Eu sou um pervertido. Estou no carro com uma mulher que montou em mim ontem à noite e, só de pensar nisso, fiquei de pau duro. Você é doente, cara. Tomara que esse posto tenha Pringles.*

MIMI *–Ah! Estamos parando! Tomara que esse posto tenha chiclete!*

RYAN *–Cara, já estamos parando? Assim, não vamos chegar antes de escurecer. Mimi quer me mostrar seu apartamento, e eu realmente espero que isso signifique andar pelada pela casa enquanto eu observo…*

Tomara que esse posto tenha camisinha.

CAROLINE *–Ok, você podia ter lidado um pouco melhor com aquilo. Mimi não fez nada de mais ao sugerir que você e Simon dividissem um saco grande de Pringles. Será que estou um pouco sensível hoje? É, acho que sim... Mas tenho certeza que Simon olhou pra minha bunda quando saí do carro. Por que ele quer olhar pra minha bunda agora? Ontem, não quis nem dar uma espiada por baixo do biquíni... Será que ele é tão complicado assim? Por que está me olhando? Está estendendo a mão. Tranquila, Caroline, não se mexa... Ah, tenho batata no queixo. Bem, se você não ficasse olhando pra minha boca, não teria notado, sr. Confuso. Já era! Essas migalhas nunca serão suas, amigo. Merda! Por que este suéter tem que ser tão cheiroso? Tomara que ele não tenha percebido que fiquei cheirando o suéter o caminho inteiro...*

SIMON *–Será que ela está com o nariz entupido? Espero que não esteja ficando gripada. Passamos o fim de semana inteiro do lado de fora da casa... Odiaria se ela pegasse alguma coisa. Acabou de fungar de novo. Será que ofereço um lenço?*

MIMI *–Peguei, Caroline! Sabia que você estava cheirando esse suéter.*

RYAN *–Será que Mimi tem mais daquele chiclete? Tomara que ela não tenha me visto comprando camisinhas. Não quero que ache que eu acho que... Mas eu realmente quero ficar debaixo dela outra vez. E logo. Quem diria que alguém tão pequeno poderia fazer tanto barulho e... Ok, fiquei de pau duro.*

MIMI *–Ryan Hall... Mimi Reyes Hall... Mimi Hall... Mimi Reyes-Hall...*

CAROLINE –*Muito bem, Caroline, chegou a hora de ter aquela conversa – com você mesma. Me diz, por que razão você se atirou em Simon ontem à noite? Foi o vinho? Foi a música? Foi o vodu? Foi a combinação de todas essas coisas? Ok, ok, chega de palhaçada. Eu me atirei porque… porque… Porra, preciso de mais Pringles.*

SIMON – *Ela é tão bonita. Tipo, existe bonita e existe bonita… Eu sou tão bundão! Bonita pra caralho – ela é linda… E cheirosa… Bundão… Por que algumas garotas são mais cheirosas? Algumas têm um cheiro frutado, floral, sei lá… Por que alguém ia querer cheirar a manga? Manga! Talvez, se ficar pensando na palavra* manga, *eu pare de pensar em como sou um bundão… Caroline… manga… Caroline… bundão… Porra! E estou de pau duro…*

CAROLINE –*Parece que ele precisa mijar*

outra vez... Isso é café demais. Já tomou uns seis copinhos. Interessante... Em casa, ele nunca tomou mais do que uma xícara. Por que eu sei quantas xícaras de café ele toma? Encare os fatos, Caroline, você sabe tanto sobre esse cara porque... porque...

RYAN *–Cara, a gente vai parar de novo? Nunca vamos chegar em casa. Meu garoto está com sérios problemas hoje... Talvez seja melhor perguntar se ele quer tomar uma cerveja quando a gente chegar, falar sobre o que aconteceu ontem à noite. Será? Uau, Mimi fica demais nessa calça... Será que vai comprar mais chiclete?*

MIMI *–Para de cheirar esse suéter, Caroline! Sério, menina. Se eu conseguisse ficar a sós com ela... Ah, acho que Simon está indo ao banheiro. Vou pegá-la perto da prateleira Baconzitos.*

CAROLINE –*Afe... Não acredito que Mimi percebeu que eu estava cheirando o suéter. Será que Simon também notou?*

SIMON –*Parece que ela está melhor... Parou de fungar.*

MIMI –*Preciso mandar uma mensagem pra Sophia. Ela precisa saber que a situação Caroline-Simon não está evoluindo. O que a gente vai fazer com esses dois? Não, sério... às vezes, as pessoas não conseguem ver o que está bem debaixo do nariz delas. Ai, que fofo... Ryan quer que eu coce suas costas. Adoro esse cara... E, nossa, como seus dedos são compridos...*

RYAN –*Mais pra baixo... Hum... Coça... Mais pra cima... Coça... Hum...*

CAROLINE –*Muito bem, para de evitar o assunto na sua própria cabeça, Reynolds.*

Uau, me chamei pelo sobrenome, a coisa é séria. Então, escuta aqui, Reynolds… Hi-hi-hi… Eu pareço tão durona!

SIMON *–Então… Caroline está rindo? Piada interna, segundo ela. Talvez já esteja de bem com a situação… Ops, acho que peguei o pote errado de Pringles. Ela acabou de rosnar pra mim?*

CAROLINE *–Esnoba meus peitos e depois tenta roubar minhas Pringles? Só porque você quer, gatão. Ok, Reynolds, parou com as risadinhas. Você não pode evitar isso pra sempre, nem mesmo na sua cabeça. Eis as questões que estão na mesa. Um: por que você pulou em Simon ontem à noite? E sem essa de culpar o álcool, ou a música, ou o clima de festa, ou Nervos, ou Coração. Dois: por que ele te rejeitou? Se não estava a fim, por que passou semanas flertando com você? Ele tem um harém, pelo amor de*

Deus. Não é nenhum puritano. Porra! Três: ter levado um fora de Simon tem alguma coisa a ver com o fato de ter aceitado o convite de James pra jantar? Quatro: como Simon e eu vamos voltar a ser apenas amigos agora que conhecemos o gosto da boca um do outro? E ele é muito, muito, muito gostoso. Ok, sim. Você pode dar outra cheiradinha no suéter. Só não deixa ninguém ver.

SIMON –*Preciso resolver essa parada com Caroline. Ela é demais, demais mesmo… Não existe outra mulher que possua todas as qualidades que eu procuro. A não ser Natalie Portman, claro. Mas Caroline? Preciso parar de assistir a tantos programas de mulher… Sério, qual é o cara normal que pensa em algo como: "Não existe outra mulher que possua todas as qualidades que eu procuro". Espera, eu estou à procura dessa mulher? Não, não*

estou. Não tenho tempo pra isso, não tenho espaço pra isso... E minhas garotas não querem brincar de casinha. Elas fogem da casinha. Caroline diz que não quer brincar de casinha... Katie decidiu brincar de casinha, estou feliz por ela. Quando foi a última vez que falei com Nadia ou Lizzie? Talvez elas não sejam mais tão certas pra mim. Eu não as quero do jeito que talvez queira... do jeito que poderia querer Caroline. Você é tão bundão, Parker... Jesus, Caroline... ela é pra casar. Espera. Porra! Você está realmente considerando a hipótese de... gulp... um relacionamento? E por que diabo eu pensei na palavra gulp? Isso foi um pouco dramático, Parker. Pense nisso... Se bem me lembro, você a convidou pra ir à Espanha! Não tente fugir disso, cara. Ei, é impressão minha, ou ela acabou de cheirar o suéter?

RYAN –*Hummmm... minha garota gosta de*

bacon! Eu não podia ser mais sortudo? Ela coça minhas costas e gosta de Baconzitos. Acho que morri e fui pro céu.

MIMI – *Não acredito que ele comeu – todo meu Baconzitos!*

CAROLINE –*A questão número um é muito difícil. Não dá pra começar por ela. Vou responder de trás pra frente. Quatro: não sei se podemos ser amigos, mas eu gostaria muito. Amigos de verdade. Gosto de Simon, e, ainda que o episódio de ontem tenha sido um desastre, acho que podemos resolver a situação… O que você fumou, Caroline? Três: É CLARO QUE ACEITEI SAIR COM JAMES POR CAUSA DO QUE ACONTECEU COM SIMON. Interessante, até na minha cabeça essa resposta apareceu em letras maiúsculas. Dois: se eu soubesse por que ele me deu um fora, seria uma gênia. Mau hálito? Não. Porque eu*

estava bêbada? É possível... Mas, se foi porque a gente estava bêbado, então foi a pior hora pra bancar o cavalheiro na história do universo. Ele de fato ficou repetindo: "Não posso", é um "erro". Erro, pode ser. Mas talvez tivesse valido a pena... Talvez ele estivesse sendo fiel ao harém, quem sabe? O que, de um jeito bizarro, seria fofo. Sei que ele se preocupa com elas. Droga, ele é ótimo quando se trata delas! Mas "não posso" foi muito vago. Você fala "não posso" quando não consegue ficar de pau duro. E eu senti aquela coisa dura na minha coxa. Suspiro. Suspiro pelas coxas. Este suéter está mexendo com a minha cabeça. Ai, ai...

SIMON *–Ela fungou de novo... por que está fazendo isso? Quando usei o suéter, não notei nenhum cheiro estranho. Garotas são estranhas... estranhamente maravilhosas... Bundão... Bundão da*

Caroline… E estou duro. Por que estou fingindo que não estou completamente louco por essa mulher? E não tem nada a ver com seu bundão… E estou mais duro ainda.

CAROLINE *–Para de fugir da pergunta. Seja adulta! Por que você se jogou em Simon? Como esqueceu a amizade e o harém e a seca de O e todas as ótimas razões que tinha pra se me manter longe dele e do seu vodu de trepador??? Sem essa, Caroline. Diga logo de uma vez. O que foi que Simon disse quando você perguntou por que ele te beijou na noite da festa? "Porque eu precisava." Céus, até na minha cabeça ele fica maravilhoso dizendo isso… Aí está a sua resposta, Caroline: porque você precisava. E agora você precisa entender esta merda. Eu o beijei e ele me beijou porque nós precisávamos. E as escolhas que fizemos foram nossas e*

somente nossas... E o fato dele ter parado e dito que não podia? Mesmo depois de todas as semanas de flerte? Depois de ter me convidado pra viajar à Espanha? Pra porra da Espanha! E eu quero ir pra porra da Esp... Espera, eu quero ir pra Espanha com ele? Argh! Seja como for, é bom que ele tenha um excelente motivo, porque eu sou do tipo pra casar... Com O ou sem O, sou pra casar. Sim, você é, Reynolds. Curioso como você pula da primeira pra segunda e pra terceira pessoa durante seus monólogos interiores... Graças a Deus, a ponte! Chega de introspecção...

SIMON *–Merda, a ponte. Estamos chegando, e não faço ideia de como as coisas vão ficar com Caroline. Não falamos praticamente nada durante a viagem. Pensando melhor, ainda bem que estamos chegando. A gasolina está acabando. E eu preciso trocar o meu óleo...*

MIMI *–Eba, a ponte! Será que Ryan se importaria de dormir na minha casa?*

RYAN *–Finalmente, a ponte! Estamos chegando. Será que Mimi sabe que vou dormir na casa dela? E que pretendo fazê-la telefonar pro serviço amanhã e dizer que está doente? Gatinha, as coisas que vou fazer com você... Mas nunca mais vou comer tanto Baconzitos. Esta foi a viagem mais silenciosa de todos os tempos.*

Deixamos o novo casal na casa de Mimi – não que os dois tenham notado, absorvidos que estavam em seu mundinho de chiclete e Baconzitos – e seguimos para nossos apartamentos. Embora houvéssemos estado perdidos em pensamentos durante a maior parte da viagem, a tensão aumentara e, agora que nos encontrávamos sozinhos no carro, era ainda mais evidente. Simon e eu tínhamos tanto a discutir, que permanecemos

calados. Eu não queria que as coisas ficassem estranhas; precisava mostrar a ele que eu estava bem. Simon havia feito sua parte para que tivéssemos uma conversa madura, e, mais uma vez, meu jeito elefante-numa-loja-de-cristais impedira que isso acontecesse.

Uma visão de mim mesma no deque proclamando que tinha me atirado em Simon cruzou minha mente, e, embora minhas bochechas tenham corado de vergonha, ri por dentro ao imaginar o quão patética deve ter sido a cena: braços imparáveis, cara de quem vai cuspir pregos. Depois, ainda lati para que ele me seguisse até a praia. Tadinho, deve ter imaginado que eu iria esquartejá-lo e jogar seus pedaços no lago.

Olhando para suas mãos no volante, as mesmas mãos que estiveram em mim de um jeito tão veemente na noite anterior, admirei sua capacidade de se segurar, pois sei que ele estava muito a fim. Sua mente talvez não,

mas seu corpo estava.

A questão, porém, é que eu *realmente* pensei que sua mente estivesse a fim, pelo menos até ele começar a pensar demais. Olhei para Simon novamente e me dei conta de que já estávamos em nossa rua. Após estacionarmos, ele me fitou e mordeu o mesmo lábio que menos de vinte e quatro horas antes eu tivera a deliciosa sorte de morder.

Simon saltou do carro e correu até o meu lado antes que eu pudesse soltar o cinto de segurança.

– É... só vou... pegar as malas – ele gaguejou, e o examinei de perto. Passou a mão direita pelo cabelo, e a esquerda se manteve apoiada no capô do carro. Estava nervoso? – É. Isso – gaguejou de novo e desapareceu atrás do Land Rover.

Sim, ele estava nervoso, assim como eu. Simon tirou minha mochila do porta-malas,

e nos arrastamos pelos três lances de escada até nosso andar. Não trocamos uma palavra; o único som que se ouviu foi o das chaves na fechadura. Eu não podia deixar as coisas assim. Precisava me acertar com ele. Respirei fundo e me virei:

– Simon, eu…

– Caroline, olha…

Nós dois sorrimos.

– Você primeiro.

– Não, você – ele disse.

– Não, o que você ia dizer?

– O que *você* ia dizer?

– Ei, desembucha, parceiro! Preciso resgatar meu gato daquelas duas rainhas – falei ao ouvir Clive me chamar do apartamento no andar de baixo.

Simon suspirou e se inclinou contra sua porta.

– Acho que só queria dizer que me diverti muito no fim de semana.

– Até ontem à noite, você quer dizer? – Eu me inclinei contra minha porta e percebi que ele hesitou diante da menção ao elefante na banheira.

– Caroline – murmurou, fechando os olhos e deixando a cabeça cair para trás. Seu rosto se contorceu; Simon parecia estar sofrendo de verdade. Fiquei com pena. Não devia, mas fiquei.

– Ei, não podemos simplesmente esquecer o que aconteceu? – eu disse. – Quer dizer, eu sei que não podemos, mas podemos fingir que esquecemos? Sei que as pessoas falam que as coisas não vão ficar estranhas e tal, mas elas sempre ficam. O que podemos fazer pra que as coisas não fiquem estranhas?

Ele abriu os olhos e me encarou com firmeza.

– É só a gente não deixar, acho. Não vamos deixar as coisas ficarem estranhas. Ok?

– Ok. – Concordei com a cabeça e fui recompensada com o primeiro sorriso autêntico desde que desembrulhei meu suéter, em Tahoe. Ele ergueu sua mochila.

– Toque algo bom para mim esta noite, tá? – pedi ao entrar em casa.

– Pode deixar – ele respondeu, e fechamos nossas portas.

Mas ele não colocou big band naquela noite.

E não nos falamos de novo naquela semana.

– Que é que está rolando?

Levantei a cabeça para ver Jillian, arrumada como sempre, com seu coque elegante, calça lápis preta, blusa de seda branca e malha de caxemira cor de vinho. Como eu sabia que era caxemira estando do outro lado da sala? Ora, estamos falando de Jillian.

Selecionei um dos cinco lápis espetados em meu coque desajeitado e voltei a atenção para o caos que era minha mesa. Era quarta-feira, e aquela semana pare-cia voar e se arrastar ao mesmo tempo. Nenhuma palavra de Simon. Nenhuma mensagem de Simon. Nenhuma música de Simon.

É verdade que eu também não o havia procurado.

Estava até o pescoço com os últimos detalhes da casa dos Nicholson, os caríssimos bibelôs que precisava encomendar para o apartamento de James e os esboços de um projeto de design comercial programado para o mês que vem. *Parecia* um caos, mas, às vezes, eu necessitava disso para realizar o trabalho. Havia dias em que precisava de arrumação e ordem e outros em que precisava que a confusão em minha mesa refletisse a confusão em minha cabeça. E hoje era um destes dias.

– Oi, Jillian! – lati, derrubando a xícara

com lápis coloridos ao alcançar o café.

– Quantos cafés você já tomou hoje, Caroline? – Ela riu, se sentou na cadeira à minha frente e recolheu os lápis que tinham caído no chão.

– Difícil dizer... Quantas xícaras há em uma garrafa e meia? – respondi, recolhendo alguns papéis para abrir espaço para o chá de Jillian. A mulher andava por aí com uma xícara de porcelana chinesa.

– Uau, presumo que você não irá receber nenhum cliente hoje... – ela falou, inclinando-se sobre a mesa e surrupiando meu café. Rosnei, e Jillian sabiamente devolveu a xícara ao seu lugar.

– Não, nada de clientes – falei e coloquei os novos esboços em pastas separadas por cores, que guardei numa gaveta.

– Muito bem, gata, o que aconteceu?

– Como assim? Estou trabalhando. É pra isso que você me paga, esqueceu?

Me estiquei para pegar um anel de amostras de tecido e derrubei o vaso de flores. Havia escolhido tulipas púrpuras, quase negras, agora espalhadas pelo chão. Suspirei profundamente e tentei me acalmar. Minhas mãos tremiam por conta da cafeína. Quando me sentei e olhei para o estado das coisas em meu escritório, senti duas lágrimas gordas se formarem em meus olhos.

– Droga – resmunguei e cobri o rosto com as mãos. Permaneci imóvel por um minuto, apenas ouvindo o tique-taque do relógio retrô na parede, à espera que Jillian dissesse algo. Como não disse, espiei por entre meus dedos. Ela se achava em pé, em frente à porta, com minha bolsa e minha jaqueta nas mãos.

– Você está me enxotando? – sussurrei, e as lágrimas se lançaram pelo meu rosto. Com os braços, Jillian acenou em direção à porta. A contragosto, me levantei, e ela colocou minha jaqueta sobre meus ombros e

me entregou minha bolsa.

– Vamos, querida. Você vai me pagar o almoço. – Jillian piscou e me arrastou pelo corredor.

Vinte minutos depois, eu me achava abrigada numa cabine vermelha toda ornada e parcialmente escondida atrás de duas cortinas douradas. Jillian, que me levara a seu restaurante favorito na Chinatown e pedira chá de camomila para mim, agora aguardava em silêncio a explicação para o meu semicolapso. Na verdade, o silêncio não era absoluto; havíamos pedido também a fervilhante sopa de arroz.

– Então, seu fim de semana em Tahoe deve ter sido agitado, hein? – ela finalmente perguntou.

Sorri para minha sopa.

– É, acho que você pode dizer isso.

– O que aconteceu?

– Bem, Sophia e Neil finalmente se entenderam e…

– Espera um minuto! Sophia e *Neil*? Pensei que Sophia estivesse com *Ryan*.

– Ela estava. Mas, no fundo, sempre quis estar com Neil, e tudo deu certo no fim.

– Pobres de Mimi e Ryan. Deve ter sido bizarro pra eles.

– Ah! Claro, pobres de Mimi e Ryan. Não se preocupe, eles se resolveram na casa da piscina.

Jillian arregalou os olhos.

– Na casa da piscina… uau! – ela sibilou, e eu concordei com a cabeça.

Sugamos a sopa.

– Então, Simon foi pra Tahoe, certo? – Jillian perguntou alguns minutos depois enquanto olhava para todos os lados menos para os meus olhos. Abri um pequeno sorriso diante da sua pretensa dissimulação. Jillian era muitas coisas, mas sutil não era

uma delas.

– Sim, Simon também foi.

– E...?

– Foi ótimo, depois não foi, e agora tudo está estranho – admiti, colocando a sopa de lado para beber meu chá. Era tranquilizante e não possuía cafeína, Jillian insistira em dizer.

– Então, nada de casa da piscina pra vocês dois? – indagou, de novo passando o olhar pelo restaurante como se estivesse perguntando algo totalmente sem importância.

– Não, Jillian, nada de casa da piscina. Jacuzzi, sim; casa da piscina, não – falei enfaticamente antes de confessar a história inteira.

Ela escutou, ela concordou, ela gemeu nas partes certas – e ela se indignou nas partes certas. Quando terminei, eu já estava em lágrimas de novo, o que me irritou.

– Sabe o que é pior? Eu não devia ter feito aquilo, mas foi *ele* que parou, e eu não acho que ele queria parar! – arquejei, enxugando furiosamente as lágrimas com o guardanapo.

– Então, por que você acha que ele fez isso?

– Ele é gay? – falei, e ela sorriu. Respirei fundo e me recompus.

Jillian me olhou pensativamente e depois se inclinou para mim.

– Você percebe que somos duas mulheres inteligentes que não estão agindo de maneira inteligente neste momento?

– Hein?

– A gente sabe que não adianta tentar descobrir o que se passa na cabeça de um homem. As coisas vão se ajeitar quando tiverem que se ajeitar. Essas suas lágrimas? São de tensão e frustração, nada mais. Agora, vou te falar uma coisa…

– O quê?

– Desde que conheço Simon, ele nunca convidou alguém para acompanhá-lo em uma viagem de trabalho. Nunca, jamais. Quero dizer, te convidar pra Espanha? Nem parece o Simon.

– Se é que ainda estou convidada… – Suspirei dramaticamente.

– Vocês ainda são amigos, certo? – ela perguntou, com uma sobrancelha arqueada. – Por que você simplesmente não pergunta a ele? – Como não respondi nada, Jillian acrescentou: – Enfia isso no cachimbo e chupa.

– Acho que é fumar, Jillian. Enfia isso no cachimbo e fuma.

– Ah, fumar, chupar, que seja. Coma seu biscoito da sorte, querida. – Ela sorriu e deslizou o biscoito pela mesa. Abri-o e tirei o papelzinho.

– O que o seu diz? – perguntei.

– Mande embora todos os seus funcionários que têm mais de um lápis no cabelo – ela falou seriamente. Rimos juntas, e finalmente senti um pouco da tensão deixando meu corpo. – E o seu?

Desenrolei o papel, li as palavras e revirei os olhos.

– Biscoito da sorte idiota. – Suspirei e passei o papel para ela.

Jillian leu, e seus olhos se arregalaram de novo.

– Gata, você não tem pra onde correr! Vamos. Vamos voltar pro escritório. Ela riu, agarrou minha mão e me guiou para fora do restaurante. Jillian me devolveu o papel, e eu ameacei jogá-lo fora, mas o guardei na bolsa:

ESTEJA CONSCIENTE DAS PAREDES QUE VOCÊ ERGUE
E DO QUE PODE ESTAR DO OUTRO LADO

Confúcio, você me mata.

Mensagens entre James e Caroline:

Oi!

Oi!

Continua de pé o jantar de sexta?

Claro. Aonde vamos?

Tem um novo restaurante vietnamita que estou doido pra conhecer.

Esqueceu que não sou muito chegada em comida vietnamita?

Ah, qual é, você sabe que é minha comida favorita. Você pede sopa.

Tudo bem, vamos no vietnamita. A propósito, a última parte das mobílias deve ser entregue na segunda. Estarei lá pra receber e arrumar.

Quanto falta pra acabar o projeto?

A não ser por umas pecinhas no banheiro, deve estar concluído no fim da semana que

vem. Antes do prazo, devo dizer…

Ótimo. Você também estará lá pra finalizar as coisas no quarto?

Pode parar, Jaime.

Detesto quando me chama de Jaime.

Eu sei, Jaime. Te vejo na sexta à noite.

Foi um dia exaustivo. Não sobrou nada por fazer. Tinha planos de ir à ioga, mas, quando a noite se aproximou, tudo o que queria era voltar para casa. Queria Clive e não podia mais fingir que não queria Simon. Será que ele estava em casa? Subindo a escada, ouvi o som de sua televisão. Já estava girando a chave na fechadura quando me lembrei do biscoito da sorte. Eu podia bater em sua porta, certo? Podia simplesmente dar um oi, não? Enquanto ponderava, ouvi seu telefone tocar e, em seguida, sua voz:

– Nadia? Oi! Tudo bem? – Simon falou, e minha decisão foi tomada. Ele tinha seu

harém, e eu não podia me envolver naquilo. Se queria Simon, queria Simon *inteiro*. Havia prometido a mim mesma que queria algo sério. Sentindo lágrimas pinicarem meus olhos pela milésima vez naquele dia, entrei para dar com Clive à minha espera e sorri através das lágrimas. Peguei-o no colo e o apertei enquanto ele relatava seu dia em gatês. Pelo que entendi, consistira em um lanche leve, uma soneca, trinta minutos de higiene, outro lanche, outra soneca, e depois Clive ficou observando a vizinhança pelo resto da tarde e da noite. Comida do dia anterior com Ina e Jeffrey, um banho rápido, e deitei cedo. Simplesmente não aguentava mais aquele dia.

Com Clive aconchegado entre minhas pernas, dormi. Mais uma vez, não houve música do outro lado da parede.

Na noite de sexta, me encontrava diante do espelho e experimentava diferentes sapatos

para o meu encontro/não é um encontro/claro que é um encontro com James. Pensei em desmarcar, mas, no fim, resolvi me vestir. Às vezes, tudo o que uma garota precisa é se produzir, e, nessa noite, eu estava um arraso: blusa preta e justa, saia vermelha não menos justa, salto agulha altíssimo.

Durante toda a semana, aquele encontro – ou o que quer que fosse – tinha me deixado confusa. Eu queria ir. Mas eu estava usando James? Um pouquinho? Talvez. Entretanto, eu e ele nos dávamos bem, e talvez não fosse a pior coisa do mundo se voltássemos.

– Caroline Reynolds, sua destruidora de corações – murmurei para o espelho e gargalhei. Envergonhado por nós dois, Clive escondeu o focinho atrás de uma pata. Ainda ria quando ouvi uma batida. Agulhei o corredor até a porta, com Clive em meu calcanhar.

Respirei fundo e a abri.

– Oi, James.

– Caroline, você está sensacional – ele murmurou, deu um passo para dentro e me abraçou.

Assim que seus braços me envolveram, eu soube: aquilo era um encontro.

James tinha um cheiro picante. E isso é bom; quente e picante. Abracei-o de volta. Meu corpo ainda se encaixava no dele. Sempre fôramos bons em abraçar.

– Pronta?

– Sim, só vou pegar minha bolsa.

Me ajoelhei para dar um beijinho em Clive, que agitou a cauda raivosamente na direção de James e não aceitou o beijo.

– Qual é o problema? – perguntei a Clive, que me deu o traseiro e saiu. – Sabe, sr. Clive, isso está se tornando um hábito muito feio – adverti e peguei minha bolsa na mesa. Mostrei a língua para o meu gato, puxei James e fechei a porta atrás de nós. – Pronto.

Então, jantar?

– Sim, jantar – James respondeu, bem perto de mim. Olhamos nos olhos um do outro por alguns segundos, porém aquilo pareceu durar muito mais. Ele deu mais um passo para a frente; eu arfei. É claro que Simon decidiu abrir sua porta neste exato momento.

– Ei, Caroline! Eu só ia... Oh, e aí. James, certo? – Seu sorriso empalideceu ao ver quem era meu encontro. Encontro, encontro, encontro.

– Sheldon, né? – disse James, estendendo a mão.

– Simon, na verdade. – Simon ergueu as mãos cheias de sacos de lixo e recusou o cumprimento. – Depois de vocês. – Ele acenou para a escada, e os três começamos a descer os degraus. Atrás de nós, Simon perguntou: – E aí, aonde os jovens estão indo?

Eu podia sentir seus olhos em minha nuca. Quando cheguei ao térreo, olhei para trás. Simon tinha um sorriso falso no rosto, e sua voz era mais fria do que nunca.

– Caroline e eu estamos indo jantar – James respondeu.

Sorri por cima do ombro.

– Sim, um pequeno e adorável restaurante vietnamita – arrulhei, fingindo estar animadíssima.

– Mas você não gosta de comida vietnamita – Simon observou, a testa franzida.

Isso me deixou radiante por dentro.

– Vou experimentar a sopa – eu disse.

James encarou Simon enquanto segurava a porta para mim. Então, a soltou exatamente quando Simon passou carregado de sacos de lixo, porém eu a parei a tempo.

– Bem, boa noite – falei, e James pousou a mão em minhas costas para me

acompanhar até o carro.

– Boa noite – Simon respondeu, os lábios cerrados. Percebi que estava irritado.

Ótimo.

James me colocou no carro, e partimos.

* * *

O jantar foi bom. Pedi arroz frito (a versão menos tradicional), e, por um instante depois que o prato chegou, tudo em que consegui pensar foi comer noodles com Simon em um restaurante flutuante no meio da baía de Ha Long.

Ainda assim, como disse, o jantar foi bom, a conversa foi boa, o homem com que eu estava era bom. Bonito, com um grande futuro à frente, suas próprias aventuras por viver, montanhas por conquistar. Naquela noite, eu era a montanha. E meio que tinha vontade de deixá-lo escalar.

James me acompanhou até a porta do meu apartamento, embora eu pudesse tê-lo impedido de subir. Enquanto procurava minhas chaves, ouvi o telefone de Simon tocar.

– Nadia? Oi. Sim, quando você quiser. – Ele riu.

Meu coração se encolheu. Tudo bem. Me virei para dar boa-noite a James, devastadoramente lindo e bem ali. O sumira havia um longo tempo, mas ele e James costumavam ser bem íntimos. Será que ele conseguiria? Será que queria? Eu iria descobrir em pouco tempo. Convidei-o a entrar.

Enquanto tirava um vinho da geladeira, notei que James inspecionava a sala, tomando nota de tudo: o aparelho de som da Bose, a poltrona Eames, perto da mesa. Examinou até mesmo a taça que lhe entreguei e agradeceu, seus olhos queimando dentro dos meus quando nossos dedos se

roçaram.

A natureza então tomou o controle. As mãos souberam, as peles se reconheceram, os lábios provocaram e se reencontraram. Um jogo antigo e novo ao mesmo tempo. Estaria mentindo se dissesse que não era bom. Ele tirou a camisa. Minha saia desceu. Tirei os saltos. Nossos braços se entrelaçaram. Inevitavelmente, fomos para o quarto.

Ricocheteei na cama e, através de olhos nebulosos, vi-o se ajoelhar no chão, diante de mim.

– Senti saudades de você.

– Eu sei. – Puxei-o para cima de mim. Tudo estava bom, tudo estava como deveria estar, e, quando mecanicamente enrosquei minhas pernas em sua cintura, a fivela fria de seu cinto roçou minha coxa e James olhou para mim com olhos profundos e sorridentes.

– Estou tão feliz por ter precisado de uma

decoradora.

E, assim, de repente, bom já não era o suficiente.

– Não, James. – Suspirei e empurrei seus ombros. – O que foi, bebê?

Eu detestava quando ele me chamava de bebê.

– Não, não, apenas não. Levanta. – Suspirei de novo quando ele voltou a beijar meu pescoço. Meus olhos se encheram de lágrimas; entendi que aquilo que outrora me fazia sentir algo já não me fazia sentir nada.

– Você está brincando, certo? – ele murmurou em meu ouvido, e o empurrei de novo.

– Eu disse pra levantar, James – ordenei, um pouco mais alto desta vez.

Sua ficha caiu. O que não significa que tenha ficado feliz. James se levantou, e eu ajeitei minha camisa, que, felizmente, estava quase toda abotoada.

– Você precisa ir embora – murmurei, as lágrimas começando a escorrer.

– Caroline, mas que…

– Simplesmente vá, ok?! – gritei. Não era justo com ele, mas eu tinha de ser justa comigo. Não podia dar um passo para trás, não agora.

Cobri o rosto com as mãos e ouvi James suspirar, depois se afastar e então bater a porta. Não podia culpá-lo. O homem morreu com o zap na mão. Eu estava triste e brava e um pouquinho bêbada e odiei meu O. Meus olhos pousaram em um dos meus saltos Por-Favor-Me-Coma, que peguei e lancei com toda a força em direção à sala.

– Ai! – ouvi uma voz profunda, e não era de James Brown. Era do homem que eu queria em minha cama, o homem com o qual eu estava puta naquele momento.

Segurando o sapato como uma espécie de Príncipe Encantado para minha Cinderela

vadia e sem O, Simon apareceu na porta do quarto, descalço e com a calça do pijama. A visão de seus abdominais perfeitos me fizeram passar de brava para P-O-S-S-E-S-S-A.

– Que porra você está fazendo aqui?! – perguntei, enxugando furiosamente as lágrimas do meu rosto. Ele iria me ver chorando.

– É... Eu escutei você e James... Bem, ouvi vocês e depois ouvi você gritar e quis ter certeza de que estava tudo bem – Simon gaguejou.

– Você não está aqui pra me salvar, está? – gritei, colocando aspas em *salvar*.

Ele recuou enquanto eu descia da cama – parecia assustado com a minha iminente explosão. Até eu sabia que aquilo ia ser feio.

– Por que todo homem acha que uma mulher precisa ser salva? A gente não é capaz de se salvar? Por que eu preciso ser salva? Não preciso que um homem me salve,

muito menos um trepador de paredes, comedor de Purina, bisbilhoteiro do caralho! Entendeu bem?!

Enquanto falava, brandi o dedo e agitei os braços como se alguém fosse arrancá-los. Ele tinha todo o direito de parecer assustado.

Ninguém ia me segurar agora. Àquela altura, eu só estava botando para fora, pura e simplesmente. Andei ao redor de Simon batendo o pé e gritando enquanto ele tentava entender, até que, por fim, desistiu e só ficou me observando com os olhos arregalados.

– Quero dizer, você não força alguém a comer comida vietnamita se essa pessoa não gosta de comida vietnamita, certo? Eu não devia ser obrigada a comer, devia, Simon?

– Não, Caroline, acho que você não devia… – ele começou.

– Não, claro que eu não devia! Foi por isso que comi arroz frito! Arroz frito, Simon!

Nunca mais como comida vietnamita de novo. Nem pelo James, nem por você, nem por ninguém! Deu para entender?

– Bem, Caroline, acho que…

– E, pra sua informação, eu não precisava ser salva hoje! Sei muito bem tomar conta de mim. Ele já foi. E eu sei que você pensa que James é algum tipo de psicopata, mas não é – falei, começando a perder o fio da meada. Meu lábio inferior tremeu de novo; tentei resistir, mas por fim desisti. – Ele não é ruim. Ele só… ele só… ele só não é o cara certo pra mim. – Suspirei e me deixei desabar no chão, em frente à cama, com a cabeça nas mãos.

Simon permaneceu em pé, petrificado, enquanto eu chorava. Depois de alguns instantes, olhei para ele.

– Alô? Garota chorando aqui embaixo, não está vendo? – balbuciei.

Ele engoliu um sorriso e se sentou à

minha frente, com as pernas cruzadas. Então me puxou e me envolveu em seus braços. E eu deixei totalmente. Simon me acomodou em seu colo e me apertou enquanto eu soluçava em seu peito. Era caloroso e meigo, e, embora eu soubesse que não devia – ah, como eu sabia –, me aconcheguei e deixei que me consolasse. Suas mãos subiam e desciam em minhas costas, e seus dedos delineavam pequenos círculos em meus ombros enquanto eu fungava – e o fungava. Fazia tanto tempo que eu não era abraçada – apenas abraçada – por um homem, que, entre aqueles pequenos círculos e o aroma do seu amaciante, comecei a perder a razão.

Finalmente, meus soluços esmoreceram.

– Por que você não tocou nenhuma música pra mim esta semana? – choraminguei.

– Meu som quebrou. Preciso mandar consertar.

– Oh, eu pensei que… Bem, senti falta da música, só isso – murmurei timidamente.

Ele alisou meu cabelo para trás, então pegou delicadamente meu queixo e ergueu minha cabeça.

– Eu senti falta de *você*. – E sorriu com ternura.

– Eu também – funguei, e suas safiras começaram a girar de um lado a outro. Oh, não! O vodu! – E Purina? Tudo bem com ela? Aposto que ela também sentiu sua falta – sussurrei e observei sua expressão mudar.

– Por que você sempre tem que mencionar a *Nadia*?

– Ouvi você falando com ela ao telefone. Parecia que estavam fazendo planos.

– É, a gente se encontrou pra tomar um drinque.

– Por favor, você quer que eu acredite que ela não veio pra sua casa? – perguntei e então me dei conta de que ainda me

encontrava em seu colo.

– Pergunta pro seu gato. Ele ficou maluco? – Simon apontou para Clive, que havia voltado ao quarto e nos observava de trás do sofá.

– Não, de fato, não ficou.

– É porque ela não veio. A gente se encontrou para tomar alguma coisa e se despedir. – Simon me fitou com cuidado.

Meu coração começou a bater tão alto que é impossível que ele não tenha ouvido. Por que Coração tinha que se envolver tanto?

– Despedir?

– Sim, ela vai voltar a Moscou pra terminar o mestrado.

Coração sossegou um tanto.

– Ah, então vocês se despediram porque ela está *indo embora*, nada além disso. Que boba que eu sou. – Tentei sair de seu colo, porém ele me segurou. Me debati.

– Sim, ela está indo embora, mas não foi por isso que nos despedi- mos. Eu…

Continuei me contorcendo.

– Uau, só sobrou a Risadinha! Só uma. Acredito que uma só não configura um harém. Como vai ser? Ela vai assumir a função das outras, ou você vai recrutar mais mulheres? Como é que isso funciona?

– Na verdade, vou ter uma conversa com Lizzie muito em breve. Acho que seremos apenas amigos a partir de agora – Simon disse enquanto me fitava bem de perto. – O que funcionava pra mim antes já não funciona mais.

Pode parar tudo! *O quê?*

– Não funciona mais pra você? – resfoleguei, sem acreditar no que tinha ouvido.

– Uhum. – Seu nariz roçou a pele bem embaixo de minha orelha e respirou fundo.

Será que ele perceberia se eu lambesse

seu ombro? Só uma lambidinha básica?

– Caroline?

– Sim, Simon?

– Desculpe não ter tocado música pra você esta semana. Desculpe por... Bem, me desculpe por um monte de coisas.

– Ok – murmurei.

– Posso pedir algo?

– Não, não tenho pão de abobrinha – sussurrei, e seu riso ecoou pelo quarto. Ri junto com ele. Estava com saudade de rir com Simon.

– Venha pra Espanha comigo.

– O quê? – indaguei, minha voz ondulando. *O quê, o quê, o quê?* – Você está falando sério?

– Muito sério.

Tive que lembrar a mim mesma de respirar. Já tonta por causa do vodu e do amaciante de roupa, sacudi a cabeça para clareá-la. Ele estava vindo com Espanha pra

cima de mim?

Fiquei feliz por Simon estar concentrado no espaço atrás da minha orelha, pois duvido que permaneceria interessado se visse como meus olhos ficaram vesgos. Eu precisava de um momento. Me afastei e me levantei, enfim.

– Vou lavar o rosto. Não saia daí – ordenei.

– Doce Caroline, não vou a lugar nenhum. – Seu sorriso sexy estava de volta.

Caminhei para fora dali. Cada passo, cada choque dos meus calcanhares contra o chão de madeira era como um cântico na minha cabeça: *Espanha, Espanha, Espanha*. Já no banheiro, joguei água no rosto – e a maior parte dela parou em minha boca, porque eu não conseguia deixar de sorrir. Nova contagem do harém: duas fora, falta uma? Há ocasiões em que se deve ser cautelosa, e há aquelas em que é preciso ter colhões e

correr o risco. Eu precisava ser forte. Pensei no que Jillian havia dito mais cedo e segui meu instinto. Estufei o peito, juntei minhas bolas metafóricas e saí do banheiro de cabeça erguida.

– Ok, já é tarde, Simon. Hora de você ir andando. – Peguei sua mão, levantei-o do chão e o guiei até a porta do apartamento.

– Jura? Você quer que eu vá embora? Não quer, sei lá… conversar um pouco mais? Eu queria te falar como…

Continuei a empurrá-lo.

– Não. Chega de papo por hoje. Estou cansada. – Abri a porta e o empurrei ao corredor. Ele começou a falar alguma outra coisa, e eu levantei dois dedos. – Preciso dizer duas coisas, tá? Duas coisas.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Primeiro, você me magoou em Tahoe – falei, e ele tentou me interromper. – Calado! Não quero discutir sobre isso de novo.

Apenas saiba que você me magoou. Não faça mais isso – concluí. Não consegui conter um sorriso quando vi sua reação.

Seus olhos se fixaram no chão, seu corpo inteiro arrependido.

– Caroline, eu realmente sinto muito por aquilo. Você precisa saber que eu só queria…

– Desculpa aceita. – Sorri de novo e comecei a fechar minha porta.

Sua cabeça surgiu no vão de repente.

– Espera, espera! E a segunda coisa? – Simon perguntou, inclinando-se para dentro do apartamento. Dei um passo em sua direção, nossos corpos a centímetros um do outro. Senti o calor da sua pele no quase inexistente espaço entre nós e fechei os olhos, tomada por um turbilhão de emoções. Respirei fundo e os abri para aquelas safiras pousadas em mim.

– Vou pra Espanha com você, Simon. – E,

com uma piscadinha, fechei a porta na sua cara atônita.

CAPÍTULO QUINZE

– Ovos com a gema pra cima, bacon, torrada integral com geleia de framboesa.

– Mingau de aveia com passas, groselha, canela e açúcar mascavo, com salsicha à parte.

– Waffle belga, salada de frutas, bacon *e* salsicha – disse Sophia, completando nosso pedido e ganhando uma sobrancelha arqueada tanto de Mimi quanto de mim. – O quê? Estou com fome.

– É bom ver você tomando café da manhã de verdade pra variar. Acho que o sr. Neil abriu seu apetite ontem à noite, hein? – brinquei e pisquei um olho para Mimi por cima do meu suco de laranja.

Nós três estávamos tomando café da

manhã num domingo, algo que não fazíamos desde Tahoe. As duas andavam ocupadas com a vida a dois com seus namorados recém-trocados, o que me deixava de fora a maioria das vezes. Quando saíam com os caras errados, minha companhia era mais do que bem-vinda – quanto mais, melhor, diziam. Isso ajudava quando não existia química. Mas agora? Mimi e Sophia estavam com os homens certos e desfrutavam cada segundo.

No começo, fiquei preocupada que a operação cupido deixasse as coisas constrangedoras, mas, no fim, fiquei orgulhosa das meninas. Elas tiraram aquilo de letra, e, agora que cada uma estava com a sua cara-metade, todas as minhas preocupações foram postas de lado.

Ríamos como bobas conforme colocávamos as pequenas fofocas em dia. Novidades bombásticas, só depois de a comida chegar. Era o protocolo.

– Ok, quem começa? Quem tem novidades? – Mimi perguntou, e nosso ritual teve início. Sophia parou de revolver os waffles, indicando assim que daria o primeiro saque.

– Neil vai a Los Angeles para uma conferência de colunistas esportivos e me convidou pra ir junto – informou. Mimi e eu fizemos que sim com a cabeça.

– Ryan está pensando em me deixar reorganizar seu homeoffice. Vocês deviam ver aquilo! Só o sistema de arquivo dele me dá urticária – Mimi relatou, com um calafrio.

– Natalie Nicholson me indicou a dois novos clientes, ambos de Nob Hill, muito finos, obrigada – contei e me servi de mais café enquanto elas me felicitavam.

Mastigamos.

– Neil fala dormindo. É a coisa mais fofa do mundo. Ele narra touchdowns!

– Ontem à noite, Ryan me deixou pintar

suas unhas dos pés.

– Eu disse ao Simon que vou pra Espanha com ele.

Eis a verdade sobre fazer os outros cuspirem com uma novidade bombástica: no cinema, é histérico; na vida real, é uma sujeira só.

– Espera! Espera aí... O quê? – Sophia gaguejou; ainda havia suco escorrendo pelo seu queixo.

– Caroline, você disse o que pra ele? – Mimi indagou, ainda em choque ao acenar para o garçom pedindo mais guardanapos.

– Eu disse que vou pra Espanha com ele. Nada de mais – sorri. Claro que era de mais.

– Não acredito que você teve a cara de pau de sentar aqui e falar um monte de merda nada a ver durante a manhã inteira e não contar logo *isso*. Quando foi? – disse Sophia, apoiando-se nos cotovelos e se inclinando para frente.

– Na noite em que saí com James. – Sorri de novo.

– Ok, já chega de enrolação. Desembucha. – Mimi me ameaçou com uma faca de manteiga e um semblante fechado.

– Porra, Caroline! Não acredito que você escondeu isso da gente! Quando você saiu com James? E não se atreva a omitir um detalhezinho que seja! Conta tudo agora, ou eu solto Mimi em você! – Sophia advertiu. Mimi voltou a brandir a faca ameaçadoramente. Bem ao estilo de *Amor, sublime amor*, saca? Imaginei que uma briga de verdade com Mimi envolveria voadoras e barris sendo virados...

Enfim, respirei fundo e contei tudo. Tudinho. Por que saí com James, os sentimentos que rolaram entre mim e Simon, que James me chamou de decoradora, que o enxotei. Elas ouviram atentamente e só me interromperam uma vez ou outra para tirar dúvidas.

– Estou tão orgulhosa de você! – Sophia declarou quando acabei. Mimi concordou com a cabeça.

– Por quê?

– Caroline, houve uma época em que você se jogaria da ponte se James pedisse. Acho que, com o reaparecimento dele e tal, ficamos com medo de você voltar a ser aquela garota – Sophia explicou.

– Eu sei que vocês ficaram preocupadas. Vocês são uns amores, e ninguém jamais vai tomar conta de mim melhor do que as duas, mas as senhoritas se preocupam como duas galinhas velhas num galinheiro. – Sorri para minhas amigas malucas.

– Então, você deu um pé na bunda de James, e depois? – perguntou Sophia, e eu concluí o relato: a aparição de Simon, seu pedido de desculpas, o sumiço de Purina, seu convite.

– Quer dizer que você teve essa revelação

no banheiro, do nada? De ir pra Espanha com Simon? – Mimi perguntou.

– Aham. Não pensei demais. Eu simplesmente… bem, não consigo explicar… Eu simplesmente sei que preciso fazer essa viagem. Pô, sempre quis ir pra Espanha e sei que ele vai ser um bom guia e… vai ser demais! A gente vai se divertir muito!

– Bobagem! – Sophia falou secamente.

– Como?

– Bobagem, Caroline. Você vai porque quer que role alguma coisa entre vocês. Não negue. – Ela me fitou gravemente.

– Não nego nada – falei e pedi a conta ao garçom.

– Então, acabou o harém? – Mimi perguntou.

– Parece que sim. Não sou trouxa. Sei que um homem como ele não muda da noite pro dia, mas se a Risadinha sair do caminho antes da Espanha… Bem, então será um

outro Simon, não? – Abri um sorriso largo e mexi as sobrancelhas para cima e para baixo.

– Caroline Reynolds, por que estou com a sensação de que você planeja seduzir esse homem? – Sophia perguntou, e Mimi bateu palmas de alegria.

– Simon vai trazer os Os de volta! – Mimi cantarolou, atraindo a atenção geral.

– Vamos com calma. Veremos. Se, e esse é um grande *se*, meninas, *se* algum dia eu permitir que role algo entre mim e Simon, será nos meus termos. Ou seja, sem harém, sem bebida e sem jacuzzi.

– Não sei, não, Caroline. Sem bebida? Seria um crime ir pra Espanha e não tomar uma sangriazinha – comentou Mimi.

– Ah, uma sangriazinha, tudo bem – ponderei. Visões de Simon e eu bebendo sangria e assistindo a um pôr do sol espanhol. Hummmm…

* * *

Mensagens entre Simon e Caroline:

Então, você é o tipo de garota que usa aqueles chapelões na praia?

Como?

Você sabe, aqueles chapéus gigantes de praia… Você tem um?

Tenho, sim. Está preocupado com alguma coisa?

Preocupado, não. Só imaginando você em uma praia espanhola…

E como está sendo isso?

Muito supimpa.

Supimpa? Você disse supimpa?

Digitei, na verdade. Você tem alguma coisa contra supimpa?

Isso explica os discos antigos…

EI!

Eu gosto dos discos antigos. Você sabe

disso… É, eu sei.

A gente realmente vai pra Espanha juntos?

Aham.

Você está em casa? Não vi o Land Rover de manhã.

Me vigiando?

Talvez… Onde você está, Simon?

Fotografando em Los Angeles. Volto daqui a uns dias. Posso passar aí quando voltar?

Veremos…

Vou tocar uns discos pra você.

Supimpa.

– Bem, já que o projeto dos Nicholson está concluído, eu estava pensando… Tenho um tempinho até aquele projeto comercial, e você falou uma vez que eu podia tirar um tempo de folga antes das férias de fim de ano, então, bem, talvez eu pudesse…

– Desembucha, Caroline. Você está tentando me perguntar se pode ir pra Espanha com Simon? – disse Jillian, sem fazer muito esforço para disfarçar um sorriso.

– Talvez. – Fiz uma careta e bati a testa na mesa.

– Você é uma mulher adulta, capaz de tomar suas próprias decisões, e sabe que eu acho uma boa época pra tirar férias. Então, por que eu deveria dizer se você deve fugir pra Espanha com Simon ou não?

– Jillian, não vou fugir com Simon. Você faz parecer um caso ilícito.

– Certo, certo, são apenas dois jovens que vão curtir um pouco da *cultura* espanhola. Como pude esquecer? – ela disse pausadamente, a expressão cheia de insinuações (e alguma satisfação). Estava se divertindo com minha falta de jeito.

– Tudo bem, tudo bem, posso ir, então? –

perguntei. Aquilo não acabaria nunca se eu não fosse direta.

– Claro que pode. Posso dizer só uma coisa? – Jillian franziu a testa.

– Como se eu pudesse impedi-la – murmurei.

– De fato, não pode. Tudo o que peço é que você aproveite, se divirta muito, mas, por favor, tome conta dele enquanto estiver lá, tá? – ela falou, e seu rosto assumiu uma expressão séria que eu raramente via.

– Tomar conta *dele*? Quantos anos ele tem, sete? – Eu ri, mas parei assim que percebi que ela *não* estava brincando.

– Caroline, essa viagem vai mudar as coisas. Você deve saber disso. E eu amo vocês. Não quero que nenhum dos dois se machuque, não importa o que aconteça enquanto estiverem lá – Jillian falou suavemente. Ensaiei uma piadinha, mas me detive. Eu sabia o que ela queria dizer.

– Jillian, eu não sei muito bem o que está acontecendo entre mim e Simon e não faço a menor ideia do que vai acontecer na Espanha. Mas uma coisa posso garantir: estou muito animada com essa viagem. E acho que ele também está.

– Ah, minha querida, ele está animado. Definitivamente. Apenas… Ok, deixa pra lá. Vocês são adultos. Enlouqueçam na Espanha.

– Primeiro, você me fala pra pegar leve e depois pra enlouquecer?

Ela esticou o braço por cima da mesa e colocou a mão sobre a minha. Então, respirou fundo e transformou completamente o astral da sala.

– Bem, agora me diz: em que pé estão as coisas com James Brown. O que falta fazer?

Sorri e abri minha agenda no fim da semana – quando eu terminaria tudo relacionado a James Brown.

Algumas noites depois, estava confortavelmente instalada em meu sofá com Clive e a Barefoot Condessa, quando ouvi algo no corredor. Clive e eu nos entreolhamos, e ele pulou do meu colo para investigar. Sabia que Simon ainda não tinha voltado – por causa das mensagens e também porque eu estava contando os dias –, então segui meu gato até meu velho posto: o olho mágico.

Havia um cabelo loiro-avermelhado em frente à porta de Simon. Quem o estava visitando? Era muito errado espiar? O que era o embrulho que ela trazia? A mulher bateu uma vez, duas vezes e, antes que eu me desse conta, se virou e olhou diretamente para minha porta, encarando com curiosidade o olho mágico. Desa-costumada com alguém me espiando espiar, me paralisei e não pisquei um olho. Então, a mulher atravessou o pequeno corredor e bateu sonoramente em minha porta.

Surpresa, dei um pulinho para trás e trombei com meu guarda-chuva, deixando óbvio que havia alguém em casa. Virei o rosto para o outro lado e gritei:

– Estou indo!

Marchei sem sair do lugar. Clive me observou com interesse e balançou a cabeça para confirmar que eu não era tão esperta quanto achava.

Fiz um estardalhaço ao abrir as trancas e então abri a porta.

Nós instantaneamente nos avaliamos, como as mulheres fazem. Ela era alta e possuía uma beleza fria, aristocrática. Vestia um terninho escuro, perfeitamente cortado e abotoado até o colarinho. Seu cabelo loiro-avermelhado se achava enrolado e preso para trás, porém uma mecha se desprendera e agora caía sobre seu rosto. A mulher enganchou a mecha na orelha. Seus lábios vermelho-cereja se franziram quando

finalmente acabou de me inspecionar e abriu um pequeno sorriso.

– Caroline, sim? – perguntou, e um sólido sotaque britânico perfurou o ar tão pungentemente quanto sua atitude. Eu sabia desde já que não gostava dela.

– Pois não? – De repente, me senti malvestida com meu short do Garfield e minha regatinha. Joguei o peso de uma perna para a outra, os pés revestidos em meias gigantes. Joguei o peso para a outra perna novamente. Me dei conta de que estava parecendo apertada para mijar. Também me dei conta de que aquela mulher me deixava nervosa e eu não sabia por quê. Me endireitei e fiz cara de pôquer. Tudo isso aconteceu em menos de cinco segundos, o tempo de uma vida no mundo de Uma Mulher Descobrindo Outra Mulher.

– Preciso entregar isto para Simon. Ele disse que, se eu não o encontrasse em casa, podia deixar no apartamento ao lado, que

Caroline tomaria conta. Você é Caroline, então aqui está – ela concluiu e me passou uma caixa de papelão. Peguei o pacote e afastei meus olhos da mulher por um momento.

– O que ele pensa que eu sou, o correio? – resmunguei, colocando o embrulho sobre a mesinha próxima à porta e me voltando para a visitante. – Devo dizer quem deixou isto, ou ele sabe?

Ela continuou me examinando como se eu fosse uma grande charada.

– Oh, ele sabe – respondeu. Seu tom de voz frio era ao mesmo tempo musical e cortante. Confesso que sempre fui fascinada pelo sotaque britânico, mas não precisava daquele ar de superioridade todo.

– Ok, bem… Pode deixar que eu entrego. – Anuí com a cabeça e pousei uma mão na porta. Fechei-a ligeiramente, porém a mulher não se mexeu. – Mais alguma coisa?

– indaguei. Escutei Ina trabalhando a massa na TV; eu não queria perder aquilo.

– Não, mais nada – ela respondeu, ainda sem se mover.

– Ok… Então, boa noite… – falei quase perguntando enquanto fechava lentamente a porta. Aí, ela deu um passinho à frente; precisei segurar a porta para que não a atingisse.

– Sim? – perguntei, minha irritação dando as caras. Aquela azeda estava me impedindo de ver o fim da tortinha de nozes. Esperei o programa inteiro por isso!

– Só estou… é… estou contente por conhecê-la – ela respondeu. Seus olhos finalmente se suavizaram e um indício de sorriso rompeu em seu rosto – E você é adorável *mesmo*.

Olhei para ela novamente. Sua voz era estranhamente familiar.

– Ah… obrigada? – respondi.

A mulher começou a se afastar rumo à escada. Seu salto se prendeu ligeiramente, e ela cambaleou. Depois que fechei a porta, ouvi uma risadinha. Foi quando a reconheci.

Meus olhos se arregalaram, e escancarei a porta. Meu queixo caiu; o rosto dela se abriu em um sorriso enorme, atrevido. Corei; ela deu uma piscadinha. Testemunhei um dos grandes momentos da vida daquela mulher.

Ela se despediu com um aceno de dedos e então desapareceu escada abaixo. Clive me retirou do meu estupor com uma mordidinha na batata da perna. Fechei a porta.

Sentei no sofá, tortinhas de nozes completamente esquecidas conforme meu cérebro processava o que tinha acontecido.

A Risadinha disse que eu era adorável.

Basicamente, me contou que Simon contou a ela que eu era adorável. Simon me achava adorável.

A Risadinha estava fora do harém?

Ainda existia um harém?

O que aquilo significava?

Eu só pensava por meio de perguntas agora?

Se sim, quem é o pai do Cartman, do *South Park*?

Mensagens entre Simon e Caroline:

O que você está fazendo?

O que VOCÊ está fazendo?

Perguntei primeiro.

Aham.

Esperando…

Eu também…

Meu Deus, como você é teimosa. Estou voltando de Los Angeles. Contente agora?

Muito, obrigada. Estou assando pão de abóbora.

Ainda bem que estou parado num posto

de gasolina neste momento, ou teria bastante dificuldade pra manter o carro na estrada…

Ah, é, coisas no forno te excitam, né?

Você nem imagina.

Então eu provavelmente não deveria falar que estou cheirando a canela e gengibre, né?

Caroline.

Minhas passas estão de molho em conhaque neste exato minuto.

Já chega…

Espiei através da janela de novo para esquadrinhar a rua. Nenhum sinal do Rover. Havia bastante neblina, e, embora não quisesse bancar a chata, estava começando a me preocupar. Os pães já tinham esfriado, e nenhum Simon apareceu para cheirá-los. Peguei o celular para lhe enviar uma mensagem, mas acabei ligando. Não queria que ele digitasse ao volante. Tocou algumas vezes, e Simon atendeu.

– Oi, minha padeira favorita – falou, e meus joelhos se colidiram. Simon era o melhor exercício Kegel de todos os tempos: contração instantânea.

– Você está quase?

– Como? – Ele riu.

– Quase chegando. Está chegando? – expliquei, revirando os olhos e relaxando.

– Sim, por quê?

– Parece que tem muita neblina hoje. Mais do que o normal, quero dizer… Toma cuidado, ok?

– Que fofa, toda preocupada comigo!

– Cala a boca, cara. Sempre me preocupo com meus amigos – resmunguei e comecei a me aprontar para dormir. Sempre fui multitarefa. Era capaz de fazer a declaração do imposto de renda enquanto me depilava, sem piscar um olho. Obviamente, podia tirar a roupa enquanto falava com Simon. *Se podia.*

– Amigos? É isso o que somos? – ele perguntou.

– E o que mais seríamos? – repliquei, despindo o short e pegando um par bem grosso de meias de lã. Naquela noite, o chão estava gelado.

– Hummmm – Simon murmurou enquanto eu abotoava a camisa do pijama.

– Bem, enquanto você faz hum, vou contar sobre uma visita que recebi de uma amiga sua.

– Uma amiga *minha*? Intrigante.

– Sim, sotaque tipo Julie Andrews, britânico afetado, sabe? Desconfia de alguém? Ela deixou uma caixa pra você.

Sua gargalhada foi imediata.

– Sotaque tipo Julie Andrews, brilhante! Deve ser Lizzie. Você conheceu Lizzie! – Ele riu como se aquilo fosse a coisa mais engraçada do mundo.

– Pra mim, ela sempre será a Risadinha –

zombei e continuei aplicando uma loção, sentada na beirada da cama.

– Por que Risadinha? – Simon se fez de inocente. Notei que ele estava prestes a ter um ataque histérico.

– Quer mesmo que eu explique? Ah, vá, nem você é tão cabeçudo assim… Deixa pra lá! Dirija com cuidado. – Cortei a conversa antes que ele pudesse me dizer em detalhe o quão cabeçudo era. Eu havia sentido o quanto na jacuzzi. Kegel. Muito obrigada, outro Kegel.

– Gosto de troçar de você, Garota do Baby-Doll. É algo que mexe comigo.

– Primeiro, *supimpa*, e agora *troçar*? Estou preocupada, Simon. – Voltei à sala para apagar as luzes e deixar tudo pronto para dormir. Isso incluía pôr água fresca para Clive e esconder alguns biscoitinhos pelo apartamento. Clive gostava de brincar de caçador enquanto eu dormia, e os biscoitos

eram, claro, a presa. Às vezes, as almofadas desafortunadamente se envolviam na brincadeira, assim como fitas de cabelo, cadarços, enfim, qualquer coisa que parecesse convidativa às duas da madrugada. De fato, algumas vezes, o apartamento amanhecia parecendo o cenário de algum programa do Animal Planet.

– Tudo bem. Pego a caixa assim que voltar. E aí, vocês duas conversaram bastante?

– Conversamos um pouquinho, sim. Mas não trocamos segredos sujos. Se bem que, com as paredes finas e tal, já sou íntima, né? Como está a odalisca solitária? Com saudade das colegas de harém? – Apaguei as luzes e me dirigi à cozinha para buscar as pobres presas. Estava morrendo de vontade de perguntar se ele tinha terminado com a Risadinha. Tinha? Não tinha?

– É possível que ela esteja um pouco solitária, sim – Simon falou de um jeito que

me pareceu um tanto cauteloso. *Hum*...

– Solitária porque... – encorajei, terminando de distribuir os biscoitinhos.

– Solitária porque, bem, digamos que, pela primeira vez em muito tempo, eu estou... bem, estou... você sabe... – ele gaguejou e se enrolou e não falou nada.

– Vamos, desembucha – ordenei, mal respirando.

– Sem... companhia feminina. Ou, como você diria, estou livre de harém – suas palavras saíram suavemente, e minhas pernas passaram a titubear. Os biscoitos chacoalharam na caixa e alertaram Clive de que, naquela noite, sua caçada começaria mais cedo.

– Livre de harém, hein? – arquejei, e visões de um Simon Safado dançaram em minha mente. Simon Safado Solteiro. Simon Safado Solteiro na Espanha...

– Sim – ele sussurrou, e ambos

permanecemos em silêncio por uma eternidade. Na verdade, foi por tempo suficiente apenas para que Clive fizesse sua primeira vítima: o biscoito escondido em meu tênis, na entrada. Fui até ele para dar parabéns.

– Ela disse algo curioso – mencionei, quebrando o encanto.

– Ah, é? E o que foi?

– Ela disse que eu era, abre aspas, *adorável mesmo*.

– Sério? – Ele riu, de novo à vontade.

– Sim, e eu fiquei com a impressão de que ela estava concordando com alguma coisa que ouviu de alguém, sabe? Bem, não sou o tipo de garota que fica atrás de confete, mas tudo indica que você andou falando bem de mim, Simon. – Sorri, as bochechas vermelhas agora. Estava retornando ao quarto quando ouvi uma leve batida na porta. Dei meia-volta e a abri sem

espiar pelo olho mágico; tinha quase certeza de quem era.

Ali estava ele, celular na orelha, bolsa de viagem no ombro, um sorriso escancarado no rosto.

– Falei pra ela que você é adorável, mas a verdade é que você é muito mais do que adorável – Simon falou e curvou sua cabeça em direção à minha. Nossos rostos ficaram a centímetros um do outro.

– Mais? – perguntei, mal conseguindo respirar. Sabia que meu sorriso era igual ao dele.

– Você é preciosa.

Com isso, convidei-o a entrar. Mesmo estando só com a camisa do pijama. De muito longe, O acenou…

Uma hora depois, estávamos sentados na mesa da cozinha, com um pão dizimado à frente. Driblando momentaneamente a

frenética voracidade de Simon, ainda consegui dar uma dentada ou duas. Todo o resto se encontrava alojado em sua pança, na qual ele dava palmadinhas orgulhosas. Totalmente envolvidos, nós conversamos e comemos, vimos Clive concluir sua caçada e agora relaxávamos enquanto o café não ficava pronto. A mochila de Simon ainda estava perto da entrada – ele nem passara em seu apartamento. E eu ainda estava só de camisa, os pés cruzados sob a cadeira, fitando-o. Estávamos muito à vontade, mas aquele burburinho, aquela eletricidade faiscante e cortante continuava entre nós.

– Falando nisso, que toque fantástico! As passas? Amei. – Ele sorriu para mim e colocou mais uma na boca.

– Você é terrível. – Balancei a cabeça e me levantei, recolhendo os pratos e as poucas migalhas que não haviam sido pinçadas. Podia sentir seus olhos sobre mim conforme me movia pela cozinha. Peguei o

bule de café e ergui minhas sobrancelhas em sua direção. Ele fez que sim com a cabeça. Parei ao seu lado para encher sua xícara e o flagrei espiando minhas pernas.

– Viu algo que gostou? – Me debrucei sobre ele para alcançar o açucareiro.

– Sim – ele respondeu.

– Açúcar?

– Sim.

– Creme?

– Sim.

– Isso é tudo que você sabe falar?

– Não.

– Então, fala alguma coisa. Qualquer coisa. – Dei uma risadinha e voltei para o meu lado da mesa. Mais uma vez, ele me observou enquanto eu me ajeitava na cadeira.

– Que tal isto? – Simon disse finalmente, apoiado nos cotovelos, a expressão intensa. – Como já contei, terminei com Lizzie.

Olhei-o nos olhos, quase sem ar. Tentei parecer indiferente, mas não pude evitar um sorriso furtivo.

– Estou vendo que isso não te deixou nem um pouco arrasada – Simon gracejou e se recostou na cadeira.

– Não muito, de fato. Quer a verdade? – perguntei. O sorriso tinha se transformado em uma súbita onda de confiança.

– A verdade cairia bem.

– Estou falando da verdade verdadeira aqui. Nada de tiradas espirituosas, nada de piadas sarcásticas... embora sejamos muito bons nisso.

– Sim, nós somos. Mas eu topo alguma verdade – Simon falou calmamente. Seus olhos azuis como safiras brilharam para mim.

– Ok, a verdade. Fiquei contente por você ter terminado com Lizzie.

– Ficou, não ficou?

– Sim. Por que você fez isso? A verdade – frisei. Ele me olhou fixamente por um momento, deu um gole no café, passou a mão pelo cabelo de um jeito alucinado e respirou fundo.

– Muito bem, a verdade. Terminei com Lizzie porque não queria mais ficar com ela. Com nenhuma outra mulher – Simon falou e pousou sua xícara. – Tenho certeza que continuaremos amigos, mas, nos últimos tempos, tenho achado que três mulheres é demais. É muita coisa pra mim. Estou pensando em ir mais devagar, talvez tentar uma de cada vez. – Ele sorriu, o azul cada vez mais perigoso.

Sabendo que estava a um sorriso do constrangimento total, me levantei rápido para jogar o café na pia. Fiquei ali por um segundo, apenas um segundo, e os pensamentos rodopiaram. Ele estava solteiro. Ele estava… solteiro. Minha Nossa Senhora. O Trepador de Paredes estava *solteiro*.

Senti Simon caminhar pela cozinha e parar atrás de mim. Congelei quando sua mão afastou suavemente o cabelo do meu ombro e deslizou até minha cintura. Sua boca – sua adorada boca – encostou de leve em minha orelha, e ele sussurrou:

– A verdade? Não consigo parar de pensar em você.

Ainda de costas para ele, meu queixo caiu, e meus olhos se arregalaram; fiquei dividida entre um cumprimento de mano e sexo de verdade na cozinha. Antes que eu pudesse decidir, sua boca se moveu premeditadamente e pressionou a pele logo abaixo da minha orelha; meu cérebro ficou em chamas e minhas partes baixas dançaram salsa.

Suas mãos agarraram minha cintura e me viraram de frente para ele – de frente para aquele corpo e aquele sorriso safado. Rapidamente recompus meu rosto, tentando desesperadamente me controlar.

– A verdade? Tenho pensado em você desde a noite em que bateu na minha porta – Simon sussurrou e se curvou para beijar o meu pescoço com uma precisão de tirar o fôlego. Seu cabelo roçou meu nariz, e lutei para manter as mãos imóveis. Ele me empurrou um pouco para o lado e me surpreendeu ao me erguer sobre a bancada. Minhas pernas se abriram automaticamente para o receber. A Lei Universal do Trepador de Paredes suplantava qualquer pensamento que eu tinha na cabeça – sem problema, minhas coxas sabiam exatamente o que fazer.

Uma de suas mãos se esgueirou pelas minhas costas, enquanto a outra segurava minha nuca.

– A verdade? – perguntou mais uma vez, puxando meus quadris para a borda da bancada, o que me obrigou a me inclinar, já que minhas pernas de novo entraram em piloto automático e envolveram sua cintura. – Quero você na Espanha – ele sussurrou e

colocou a boca na minha.

Em algum lugar, um gato começou a miar… e O finalmente começou sua jornada de volta.

– Mais vinho, sr. Parker?

– Não para mim. Caroline?

– Não, obrigada. – Me estiquei suntuosamente em meu assento. Primeira classe para o LaGuardia e, depois, primeira classe para Málaga, Espanha. De lá, tomaríamos um carro para Nerja, a pequena cidade costeira onde Simon alugara uma casa. Mergulho, cavernismo, trilhas, praias lindas e montanhas, tudo em uma aldeia exótica. Simon se contorceu em seu lugar e lançou um olhar irritado por cima do ombro.

– O que foi? Qual é o problema? – perguntei após olhar para trás e não ver nada de estranho.

– Esse moleque fica batendo no meu banco – ele resmungou.

Gargalhei durante bons vinte minutos.

CAPÍTULO DEZESSEIS

– Fizemos aquilo cedo demais. Devíamos ter esperado.

– Esperamos o suficiente. Você está brincando? Sabe que eu tinha razão. Era hora de fazer aquilo.

– Era hora, uma ova! Se tivéssemos esperado só mais um pouco, não estaríamos nesta situação.

– Bem, eu não lembro de ouvir você reclamar na hora. Aliás, parecia bem contente, pelo que lembro.

– Eu não podia reclamar, minha boca estava cheia. Mas eu sabia. Sabia que era errado, que o que estávamos fazendo era completamente errado.

– Ok, desisto. Me fala, como posso dar um

jeito nisso?

– Bem, pra começar, você está segurando de cabeça pra baixo – falei, pegando o mapa e endireitando-o. Nos encontrávamos parados no acostamento havia cinco minutos e tentávamos descobrir como chegar a Nerja.

Depois de aterrissar em Málaga, passar pela alfândega e pelo sistema de aluguel de carro e finalmente sair do centro da cidade, estávamos perdidos. Como Simon era o motorista, eu me encarreguei do mapa. E, com isso, quero dizer que Simon pegou o mapa a cada dez ou quinze minutos para analisá-lo, murmurar algo e jogá-lo de volta para mim. Não escutou absolutamente nada que eu disse; em vez disso, confiou em seu mapa interior, aquele inato a todos os homens. Aham. Também se recusou a ligar o GPS que nos forneceram, determinado a nos levar ao destino da maneira tradicional.

Razão pela qual estávamos perdidos. Pegar um trem teria sido fácil demais. Simon

precisava de um carro para circular pelos cenários de suas fotos, que eram, afinal, *o* motivo da viagem. Após voarmos durante toda a noite, ambos nos encontrávamos exaustos, mas, aparentemente, a melhor maneira de combater o jet lag é se adequar ao horário local o quanto antes. Tínhamos combinado não tirar nenhum cochilo até que pudéssemos dormir de verdade naquela noite.

Agora, discutíamos para saber em que curva havíamos errado. Eu estava devorando uns churros comprados na estrada quando fizemos a curva supostamente errada; a partir daí, passamos a brincar de De Quem É a Culpa.

– Só estou dizendo que, se certa pessoa estivesse olhando pra estrada em vez de se empanturrar, não estaríamos…

– Me empanturrando? Sério? Você roubou quase todos os *meus* churros. E eu falei pra você comprar seus próprios churros

quando encostamos!

– Mas no começo eu não estava com fome! Aí, você começou a estalar os lábios e lamber aquele chocolate, e eu… Bem, eu me distraí. – Ele tirou os olhos do mapa, agora espalhado no capô do carro, e abriu um sorriso, quebrando a tensão.

– Se distraiu? – sorri de volta e cheguei mais perto dele.

Enquanto Simon examinava o mapa, eu examinava Simon. Como alguém que tinha acabado de ficar um século dentro de um avião podia estar tão maravilhoso? Mas estava: jeans desbotado, camiseta preta, jaqueta azul-escura da North Face. Barba de vinte e quatro horas suplicando para ser lambida. Quem é que lambe barba? Eu. Eu lambo barba. Ele cruzou os braços, e seus lábios se moveram em silêncio enquanto tentava decifrar o mapa. Me meti entre seus braços e me derramei no capô tão desavergonhadamente quanto uma modelo

de calendário de oficina.

– Posso fazer uma sugestão?

– É uma sugestão lasciva?

– Estranhamente, não. Podemos ligar o GPS, por favor? Eu queria muito chegar antes de ter que voltar pra San Francisco – choraminguei. Como tinha comprado a passagem de última hora, teria de retornar um dia antes de Simon. Mas... cinco dias na Espanha? Eu não estava reclamando.

– Caroline, só maricas usam GPS – Simon falou, virando o mapa novamente.

– Bem, esta maricas está louca por um jantar, um banho, uma cama e para se ver livre do jet lag. Então, a menos que você queira ver uma versão espanhola de *Aconteceu naquela noite*, ligue o GPS, Simon. – Peguei-o pela jaqueta e o puxei para mim. – Fui muito dura? – sussurrei, dando-lhe o menor dos beijinhos no queixo.

– Sim, estou morrendo de medo de você

neste momento.

– Isso significa GPS?

– Isso significa GPS. – Ele suspirou resignadamente, se inclinou para trás e me puxou do capô. Bati palmas e comecei a caminhar em direção à porta.

– Não, não, você foi dura, Garota do Baby-Doll. Agora, preciso de uma gostosura – disse Simon, os olhos cintilando.

– Você precisa de uma gostosura?

Ele agarrou meu braço e me puxou.

– Sim, eu preciso.

– Você é um pervertido, Simon. – Me debrucei sobre ele, passando meus braços em volta de seu pescoço.

– Você não faz ideia. – Ele lambeu os lábios e arqueou a sobrancelha como um gângster das antigas.

– Vem pegar sua gostosura – provoquei, e ele me beijou.

Eu nunca iria me cansar de beijá-lo. Como

poderia? Desde a noite da “verdade”, na bancada da minha cozinha, vínhamos lentamente explorando esse novo lado da nossa relação. Por baixo das brincadeiras e faíscas, uma tensão sexual séria se formara naqueles vários meses. Agora, estávamos pondo tudo para fora – ainda que devagar. Claro, poderíamos ter corrido para o quarto naquela noite e feito a cidade tremer por dias, mas Simon e eu, sem dizer uma palavra, parecíamos estar na mesma página pela primeira vez – e estávamos felizes em deixar as coisas rolarem naturalmente.

Ele estava me seduzindo. E eu estava deixando. Queria ser seduzida. Merecia ser seduzida. E queria o que vinha depois da sedução.

Por falar em sedução…

Minhas mãos deslizaram por seu cabelo, agarrando-o e torcendo-o e tentando puxar seu corpo inteiro para dentro do meu. Ele gemeu em meus lábios, senti sua língua tocar

a minha, e me desmanchei. Suspirei o menor dos murmúrios, e se tornou cada vez mais difícil beijá-lo por conta do sorriso gigante que tomava meu rosto.

Ele se afastou um pouquinho e riu.

– Você parece feliz.

– Continue me beijando, por favor – insisti, puxando seu rosto para o meu.

– É como beijar uma abóbora de Halloween. O que é esse sorrisão todo? – Ele me fitou com um sorriso tão grande quanto o meu.

– Estamos na Espanha, Simon. Sorrir é obrigatório. – Suspirei alegremente e baguncei seu cabelo.

– E eu aqui achando que era por causa do meu beijo… – Ele me beijou de novo, doce, ternamente.

– Muito bem, cowboy, pronto para descobrir aonde o GPS nos leva? – perguntei, me afastando. Não podia ficar com as mãos

nele por muito tempo, ou nunca mais sairíamos dali.

– Vamos ver o quão perdidos realmente estamos. – Ele sorriu, e seguimos em frente.

– Acho que é essa curva… Sim, ela mesma – Simon falou.

Ricocheteei no banco. No fim das contas, estávamos mais perto do que pensávamos, e a ansiedade tinha tomado conta de ambos. Quando fizemos a última curva, olhamos um para o outro, e soltei um gritinho histérico. Nos últimos quilômetros, havíamos avistado trechos do mar por entre fileiras de árvores e do topo de um rochedo. Agora, após descer um pequeno caminho de paralelepípedos, a compreensão de que Simon alugara uma casa não apenas *próxima* à praia, mas *na* praia, me arrebatou. Fiquei em silêncio diante daquela visão.

Os pneus estalejaram no cascalho quando Simon estacionou. Ele desligou o carro, e eu

escutei as ondas se quebrando nas rochas, a trinta metros dali. Permanecemos sentados por um momento, apenas curtindo e sorrindo, antes que eu descesse do carro.

– É aqui que vamos ficar? Essa casa inteira… é sua? – exclamei. Ele recolheu nossa bagagem e parou ao meu lado.

– É nossa. – Simon sorriu e, com um gesto, pediu que eu seguisse na frente.

A fachada era charmosa e magnífica ao mesmo tempo: paredes brancas de estuque, telhas de barro no teto, linhas limpas, arcadas suaves. Laranjeiras margeavam o caminho desde a garagem, e buganvílias escalavam os muros do jardim. Era uma construção clássica, feita para resistir ao mar e abraçar seus ocupantes. Enquanto Simon procurava a chave sob os vasos, inalei os aromas cítricos e o sal que havia no ar.

– Achei! Pronta pra ver por dentro? – Ele brigou com a fechadura por um instante

antes de se virar para mim.

Alcancei sua mão, passei meus dedos por entre os seus e me inclinei para beijar sua bochecha.

– Obrigada.

– Por quê?

– Por me trazer. – Sorri e o beijei nos lábios.

– Hum, quero mais dessa gostosura. – Ele deixou cair a mochila e me puxou para perto.

– Chega de gostosura por agora! Vamos ver a casa! – gritei, me soltando e disparando porta adentro. No entanto, assim que atravessei a soleira, me petrifiquei. Simon, que me seguia de perto, trombou em mim. Precisei parar para compreender aquela visão.

Uma sala de estar rebaixada com suntuosos sofás brancos e cadeiras confortáveis se estendia até aquilo que

deduzi ser a cozinha. No fundo da casa, portas amplas davam para vários, enormes pátios pavimentados, os quais mergulhavam em direção à praia. Mas o que me paralisou mesmo foi o mar. Ao longo da parte de trás, através das janelas gigantes, vi o azul profundo e preguiçoso do Mediterrâneo. A linha costeira se curvava para a cidade de Nerja, onde luzes começavam a bruxulear conforme o crepúsculo se espalhava sobre a praia e iluminavam as outras casas brancas que se agarravam aos penhascos. Depois de alguns segundos paralisada, corri para escancarar as portas e deixar o ar suave se derramar sobre mim e sobre a casa, cobrindo tudo com o perfume da noite.

Caminhei até a grade de ferro forjado que se perfilava na beirada de pátio de azulejo de barro, flanqueado por oliveiras. Apoiando as mãos no metal quente, contemplei, contemplei e contemplei. Senti Simon se aproximar atrás de mim e, sem uma palavra,

colocar seus braços em volta da minha cintura. Ele se aninhou e pousou a cabeça em meu ombro. Me recostei e senti meu corpo se encaixar nos ângulos e planos do seu.

Sabe aqueles momentos em que tudo é exatamente como deveria ser? Quando você e seu universo inteiro se alinham em perfeita sincronia? Quando você sabe que não poderia ser mais feliz? Eu estava vivendo um momento assim e tinha total consciência disso. Ri baixinho e senti um sorriso se espalhar pelo rosto de Simon, apoiado em meu pescoço.

– É bom, não é? – ele sussurrou.

– É muito bom – respondi, e assistimos ao pôr do sol em um silêncio encantado.

Após observarmos o pôr do sol quase por completo, exploramos o restante da casa. Ela se tornava mais bonita a cada cômodo, e soltei outro gritinho histérico ao ver a

cozinha. Era como se eu houvesse sido transportada à casa de Ina, no East Hampton, mas com um toque espanhol: geladeira Sub-Zero, bancada de granito deslumbrante, fogão Viking. Não quis nem saber o quanto Simon estava pagando pela casa. Decidi aproveitar apenas. E nós aproveitamos: corremos para cima e para baixo e rimos como crianças quando descobrimos o bidê no banheiro do corredor.

E, então, adentramos a suíte. Contornei o corredor e vi Simon ao final dele, na entrada do quarto.

– O que você encontrou que te deixou tão… Oh. Meu. Deus. Olha pra esse lugar! – Parei ao seu lado e admirei da porta.

Se minha vida tivesse trilha sonora, o tema de *2001: uma odisseia no espaço* estaria tocando agora.

Bem no meio do quarto – cujo terraço se debruçava sobre o mar mais lindo do mundo

–, havia a maior cama que eu já tinha visto. Talhada no que parecia ser teca, era quase do tamanho de um campo de futebol. Centenas de almofadas de seda branca se amontoavam na cabeceira e se derramavam sobre um edredom também branco, apenas parcialmente dobrado, dando a ver os lençóis de um zilhão de fios, os quais brilhavam – literalmente, como se fossem iluminados por dentro. Cortinas alvíssimas pendiam de varões suspensos sobre a cama e, assim, criavam um dossel, e mais cortinas pendiam do alto das janelas que davam para o mar. As janelas estavam abertas, e as cortinas dançavam suavemente com a brisa, conferindo ao cômodo inteiro certo movimento, certa ondulação.

Enfim: era a cama das camas. Era a cama que todas as caminhas aspiravam ser. Era o paraíso em forma de cama.

– Uau – exclamei, ainda no corredor, junto a Simon.

Era hipnótica. Era como uma cama-sereia atraindo-nos para o nosso fim.

– Você tirou as palavras da minha boca – ele balbuciou, os olhos fixos na cama.

– Uau – repeti, ainda estupefata.

Não podia evitar e, de repente, estava muito, impossivelmente, excruciantemente nervosa. Fui acometida por um adorável nervosismo. Cada um em um quarto?

Simon riu, o que me trouxe de volta a ele.

– Sem pressão, ok? – falou, com um olhar tímido.

Hã? Nervos? Tudo isso só pra um? Eu tinha uma escolha. Podia seguir a sabedoria convencional, segundo a qual duas pessoas adultas de férias numa casa maravilhosa com uma cama que era um altar erótico se lançariam instantaneamente em um sexo incessante… ou podia desencanar e apenas curtir. Curtir estar junto e deixar as coisas rolarem quando tivessem que rolar. Sim,

gostava mais da segunda alternativa.

Dei uma piscadinha e saltei na cama, fazendo almofadas voarem para todos os lados. Olhei por cima do montinho remanescente e vi Simon inclinado no vão da porta – uma visão já tão conhecida. Parecia um pouco nervoso, mas ainda lindo.

– E você, onde vai dormir? – falei, e seu rosto se descontraiu em um sorriso, meu sorriso.

– Vinho?

– Ainda estou respirando?

– Vinho, então – ele resfolegou, escolhendo um rosé na adega generosamente abastecida. A pedido de Simon, alguns mantimentos básicos haviam sido entregues antes de nossa chegada – nada extravagante, apenas o suficiente para matar a fome e nos manter confortáveis. Já havia escurecido completamente agora, e qualquer pretensão

que tínhamos de ir ao centro sucumbiu ao jet lag. Em vez disso, ficaríamos em casa, teríamos uma boa noite de sono e conheceríamos a cidade no dia seguinte. Havia frango assado, azeitonas, um pedaço de manchego, um presunto serrano maravilhoso e outras coisinhas para uma boa refeição. Peguei os pratos enquanto ele servia o vinho, e logo nos achávamos no terraço. A passarela de madeira que descia até a praia era pontuada de pequenas luzes brancas, e o oceano rugia lá embaixo.

– A gente devia ir até a praia antes de deitar. Dar uma voltinha, pelo menos.

– Fechado. O que você quer fazer amanhã?

– Depende. Quando você precisa começar a trabalhar?

– Bem, eu já conheço alguns lugares, mas ainda preciso fazer um reconhecimento do terreno. Quer vir comigo?

– Claro. Começar pela cidade bem cedinho e ver no que dá? – perguntei, mordiscando uma azeitona.

Ele ergueu sua taça e fez que sim.

– Um brinde ao ver no que dá.

Ergui a minha. Nossas taças tilintaram, e nossos olhos se travaram. Sorrimos um sorriso íntimo. Estávamos a sós enfim, e não havia outro lugar no planeta em que eu preferisse estar. Jantamos e trocamos olhares furtivos e bebemos nosso vinho. Isto me deixou sonolenta e um pouquinho emotiva.

Depois, descemos cautelosamente a costa rochosa até a praia. Demos as mãos por segurança a princípio, mas nunca mais as largamos. Agora, encontrávamo-nos no limite da terra, e o vento salgado agitava nossos cabelos e roupas, impelindo-nos um pouco para trás.

– É gostoso estar aqui – falei. – Eu... é... gosto de ficar de mão dada com você –

admiti, corajosa graças ao vinho. Tiradas espirituosas são legais, mas, às vezes, a verdade é tudo o que você precisa. Simon não respondeu: simplesmente sorriu e levou minha mão à sua boca, depositando nela um leve beijo.

Observamos as ondas, e, quando ele me puxou para seu peito e me aconchegou ali, eu suspirei lentamente. Fazia tanto tempo assim que eu não me sentia – espera, o que era isso que eu estava sentindo? – cuidada?

– Jillian falou que você sabe sobre meus pais – Simon disse tão baixinho que quase não o ouvi.

– Sim, ela me contou.

– Eles costumavam ficar de mãos dadas o tempo todo. Mas não pra se exibirem, sabe?

Concordei com a cabeça em seu peito e o inalei.

– Sempre reparo nesses casais que ficam de mãos dadas e fazem alarde, se chamando

de docinho ou fofinho ou benzinho. Sei lá, parece um pouco falso de algum modo. Quero dizer, será que eles fariam a mesma coisa se não houvesse ninguém por perto?

Concordei de novo com a cabeça.

– Meus pais, não. Nunca pensei muito sobre isso na época, mas, agora, percebo que suas mãos eram praticamente costuradas uma na outra, *sempre* entrelaçadas. Mesmo quando ninguém estava olhando, sabe? Eu voltava pra casa e encontrava os dois vendo TV, cada um em um canto do sofá, mas com as mãos sobre uma almofada para que continuassem se tocando… Era simplesmente… Não sei, era bacana.

Apertei sua mão e senti seus dedos retribuírem o aperto.

– Parece que eles nunca deixaram de ser um casal, que não eram apenas pai e mãe – falei. Notei sua respiração se acelerar um pouco.

– Exato.

– Você sente falta deles.

– Claro.

– Isto pode parecer estranho, já que não conheci seus pais, mas sinto que eles teriam muito orgulho de você, Simon.

– É.

Permanecemos em silêncio por um tempo, absorvendo a noite que nos envolvia.

– Quer voltar pra casa? – perguntei.

– Aham.

Ele beijou o alto de minha cabeça, e começamos a fazer o caminho de volta – as mãos grudadas como se alguém tivesse passado Super Bonder nelas.

Deixei a louça do jantar para Simon. Queria tomar um banho rápido antes de deitar. Depois de enxaguar os dias de aeroportos e estradas, enfiei uma camiseta velha e uma bermuda, cansada demais para a lingerie que

havia posto na mala. Sim, havia lingerie na mala. Qual é, não sou nenhuma freira.

Parei diante do espelho em meu quarto (isso mesmo, reivindiquei o quarto maior só para mim) após secar o cabelo, e Simon apareceu na porta. Estava a caminho de seu quarto depois de também tomar banho e vestia calça de pijama e uma toalha pendurada atrás do pescoço. Eu estava exausta, mas não a ponto de ignorar a formosura diante de mim. Observei sua imagem no espelho; ele me examinou.

– Tomou uma boa chuveirada? – perguntou.

– Sim, ótima.

– Vai deitar?

– Meus olhos estão fechando – respondi, abrindo um bocejo enorme.

– Quer alguma coisa? Água? Chá?

Me virei para encará-lo; Simon deu um passo para dentro do quarto.

– Nada de água nem de chá, mas tem uma coisa que eu queria antes de deitar – ronronei e caminhei em sua direção.

– E o que é?

– Um beijo de boa-noite?

Seus olhos se espremeram.

– Só isso? Ah, um beijo eu tiro de letra. – Ele percorreu a distância que ainda nos separava e escorregou os braços pela minha cintura.

– Me beija, seu bobo – provoquei e caí em seu abraço como se estivesse num melodrama antigo.

– Saindo um beijo bobo no capricho! – Ele riu, mas, segundos depois, ninguém estava rindo; minutos depois, ninguém estava em pé.

Após tombarmos na Montanha das Almofadas, nos enredamos um no outro, braços e pernas para lá e para cá, os beijos cada vez mais febris. Minha camiseta se

enrolou na altura da minha cintura, e a sensação daquela parte dele naquela parte minha foi indescritível. Simon choveu beijos em meu pescoço, lambendo e chupando enquanto eu gemia como se estivesse tentando vencer um concurso cujo prêmio era ser beijada e lambida no pescoço por Simon.

Nunca ouvi uma prostituta gemer na igreja, mas desconfio que não seja muito diferente dos sons profanos que jorravam da minha boca.

Simon me virou como se eu fosse uma boneca de pano e me colocou sobre ele, uma perna de cada lado, exatamente como eu desejava havia tanto tempo. Suspirou e olhou para cima, e eu afastei impacientemente o cabelo do meu rosto para apreciar a maravilha em que estava montada.

Nossos movimentos se desaceleraram e então cessaram ao mesmo tempo, e nos

encaramos desavergonhadamente, admirando um ao outro sem nenhum pudor.

– Incrível. – Ele suspirou e esticou o braço para segurar carinhosamente meu rosto, que, por sua vez, se esfregou em seus dedos.

– Essa é uma boa definição. Incrível. – Me virei para beijar a palma de sua mão. Ele olhou em meus olhos novamente, aquelas safiras me hipnotizando.

– Eu não quero estragar isto – Simon falou de repente, e suas palavras me tiraram daquele feitiço.

– O quê? Como? – Balancei a cabeça.

– Isto. Você. Nós. Não quero estragar isto – ele insistiu e se sentou, minhas pernas agora enroladas em suas costas.

– Então não estraga...? – falei, sem saber para onde aquela conversa estava indo.

– Você precisa saber... Eu não tenho experiência nisto.

Arqueei uma sobrancelha.

– Tem uma parede lá em casa que discorda de você... – Ri, e ele me apertou intensamente contra seu peito. – Ei, ei... O que foi? O que está acontecendo? – falei baixinho e acariciei suas costas.

– Caroline, eu... Cara, como falo isto sem parecer que estamos num episódio de *Dawson's Creek*? – ele falou com a boca encostada em meu pescoço.

Não consegui evitar: dei uma risadinha quando Pacey surgiu em minha cabeça, o que trouxe Simon de volta. Me afastei um pouco para poder olhá-lo, e ele sorriu um sorriso triste.

– Ok, pro inferno com *Dawson*: eu gosto de você, Caroline, de verdade. Mas não tenho uma namorada desde o colégio e não faço a menor ideia de como agir. Mas você precisa saber que o que sinto por você é... não sei, é diferente, sabe? E, não importa o que sua parede tem a dizer, preciso que *você* saiba que isto... isto que nós temos ou teremos,

sabe? Isto é diferente. Você sabe, não sabe?

Ele estava me dizendo que eu era diferente, que eu não era um substituto para o harém. E eu sabia disso. Simon me fitava tão intensamente, tão seriamente, que meu coração se abriu ainda mais. Dei um beijo em seus doces lábios.

– Em primeiro lugar, eu *sei* disso. Em segundo lugar, você é melhor nisso do que pensa. – Sorri e beijei cada uma de suas pálpebras. – E, só pra você saber, eu amava *Dawson's Creek*. – Gargalhei, e seus olhos voltaram a se abrir, refletindo alívio agora. Puxei-o para meu colo e o apertei enquanto balançávamos suavemente para frente e para trás. O frenesi hormonal de antes dava lugar a algo diferente, a uma intimidade serena igualmente viciante.

– Eu gosto do fato de estarmos indo devagar. Você é bom em seduzir – sussurrei.

Ele se contraiu sobre mim. Senti-o tremer

um pouquinho.

– *EU* sou bom em seduzir? – Ele segurou uma gargalhada, e lágrimas brotaram em seus olhos.

– Ah, cala a boca – exclamei, batendo em Simon com uma almofada. Nós rimos por minutos e nos estiramos naquela cama fabulosa. Quando o jet lag finalmente tomou conta de nós, estávamos totalmente à vontade. Juntos. Não havia mais qualquer dúvida em minha mente quanto a dormir em quartos separados. Eu o queria ali. Comigo. Rodeados de almofadas e de Espanha, nos aninhamos. O último pensamento que tive antes de adormecer entre seus braços fortes? Posso estar me apaixonando pelo meu Trepador de Paredes.

CAPÍTULO DEZESSETE

Fui acordada na manhã seguinte por um estrondo. Sem saber onde estava por uma fração de segundo, deduzi que em casa e que aquilo era um terremoto. Já me achava com um pé no chão, quando reparei que a vista da janela era definitivamente mais azul do que a do meu apartamento e decididamente mais mediterrânica. O estrondo? Que terremoto o quê… Era Simon roncando. *Roncando*. Roncando no volume máximo; seu nariz emitia um som que não pertencia a este mundo. Levei as mãos à boca para conter uma gargalhada e rastejei de volta à cama, para analisar melhor a situação.

Para variar, eu tinha ocupado a maior parte dela durante a noite; Simon havia sido

relegado a um canto distante, no qual se encontrava agora completamente enrolado, com uma almofada entre as pernas. No entanto, o que ele perdia em metros quadrados, compensava em decibéis. Os sons que emanavam de suas fossas nasais estavam entre urso-pardo e trator explodindo. Serpenteei pela cama quilométrica e me debrucei sobre sua cabeça para observar seu rosto. Mesmo produzindo aqueles barulhos horrorosos, ele era uma graça. Com cuidado, posicionei meus dedos bem perto de seu nariz e… apertei. E esperei.

Dez segundos depois, ele inspirou e sacudiu a cabeça, olhando em volta desesperadamente. Relaxou ao me ver empoleirada nas almofadas ao lado e deu um sorriso sonolento.

– Ei, ei, o que aconteceu? – murmurou e rolou até mim, envolvendo minha cintura com um braço e descansando a cabeça em minha barriga. Passei a mão pelo seu cabelo,

saboreando a liberdade que finalmente tínhamos para nos tocar.

– Acabei de acordar. Tinha alguém fazendo bastante barulho deste lado da cama.

Ele fechou um olho e me fitou com o outro.

– Um mangual que nem você não pode reclamar de nada.

– Mangual? Isso nem palavra é – resmunguei, desfrutando de seus braços em mim mais do que queria admitir.

– Mangual, aquela arma gigante medieval, sabe? Mas no seu caso é alguém que, mesmo dormindo numa cama do tamanho de Alcatraz, precisa do colchão inteiro pra se espalhar e chutar pra todo lado – Simon insistiu, acidentalmente-de-propósito erguendo minha camisa para repousar a cabeça em minha barriga nua.

– É melhor ser espaçosa do que roncar, senhor Roncador! – provoquei, tentando

ignorar sua barba, que arranhava minha pele de uma maneira deliciosa.

– Você é espaçosa. Eu ronco. O que vamos fazer a respeito? – Ele sorriu alegremente, ainda meio dormindo.

– Tampões de ouvido e caneleiras?

– Sexy! A gente pode vestir o fardamento antes de deitar, toda noite. – Simon suspirou e deu um beijinho em meu umbigo.

Um ruído que soou triste como uma lamúria escapou de meus lábios antes que eu pudesse detê-lo, e minhas orelhas queimaram ao ouvir o que ele disse sobre "toda noite", como se fôssemos dormir juntos *todas as noites*... Oh, meu Deus.

Tomamos um rápido café da manhã em casa e fomos para a cidade, pela qual me apaixonei instantaneamente: as ruas de paralelepípedos antigas, os muros caiados que tremeluziam sob os raios incandescentes

do sol, a beleza que emanava das arcarias. De cada partícula de azul que se espreitava desde a costa até o sorriso hospitaleiro no rosto amável das pessoas que chamavam aquela terra de lar, eu estava encantada.

Era dia de feira, e perambulamos pelas barracas e escolhemos frutas frescas para beliscar mais tarde. Eu já tinha visto lugares lindos neste planeta, mas essa aldeia era o céu para mim. Nunca vivenciara algo assim.

Havia anos que viajava sozinha e achava minha própria companhia bem agradável. Mas viajar com Simon? Era… tranquilo. Simplesmente tranquilo. Ele era quieto – como eu sou quando estou diante de coisas novas –, nunca sentia a necessidade de preencher o silêncio com tagarelice. Estávamos satisfeitos em absorver aquele cenário. Quando falávamos, era para chamar a atenção a algo que não queríamos que o outro perdesse, como cachorrinhos brincando num jardim, ou um velhinho e uma velhinha

conversando animadamente em suas sacadas. Simon era uma ótima companhia.

Regressamos ao carro alugado sob o sol vespertino, que queimava através do algodão fino que cobria meus ombros, e minha mão se entrelaçou à dele do modo mais despretensioso possível. Quando Simon abriu a porta para mim e se curvou para me beijar, seus lábios e o aroma das oliveiras eram as únicas coisas que eu precisava no mundo inteiro.

Desde que conhecera Simon, eu tinha gravado várias imagens suas em minha memória: a primeira vez que o vi, vestido apenas com um lençol e um sorriso insolente; sobre a ponte, ao voltarmos para casa da festa de Jillian e celebrarmos uma trégua; um Simon entrecortado visto de dentro da manta afegã; emoldurado por tochas, molhado e diabolicamente lindo na jacuzzi. E a recente aquisição para meus Melhores Momentos de Simon? A imagem

dele embaixo de mim enquanto me puxava mais para perto, sua pele tépida e seu hálito doce me banhando, ao nos aninharmos na Grande Cama do Pecado.

Ainda assim, nada – nada mesmo – era mais excitante do que observar Simon trabalhando. Sério. Eu precisei me abanar – o que ele não percebeu, pois, ao fotografar, ficava deliciosamente concentrado.

Cá estava eu agora, vendo Simon trabalhar. Havíamos subido a costa para fazer algumas fotos de teste em um local mencionado por um guia, e Simon, perigosamente lindo, se encontrava totalmente focado em sua tarefa. Como me explicou, não se tratava das fotografias que estava tirando naquele momento, mas de avaliar a luz e as cores. Assim, conforme ele abria caminho de uma rocha a outra, sentei sobre uma manta que havíamos pegado no porta-malas e observei. Empoleirados em penhascos muito acima do mar, podíamos

ver por quilômetros. A costa rochosa se estendia e se curvava sobre si mesma, e milhões de ondas se derramavam desde o mar profundo. Porém, embora a paisagem fosse deslumbrante, o que atraía minha atenção era o modo como a pontinha da língua de Simon despontava quando ele examinava o cenário. O modo como ele mordia o lábio inferior quando algo o intrigava. O entusiasmo que iluminava seu rosto quando captava algo novo através das lentes.

Eu estava contente por ter algo para fazer, algo em que me concentrar, pois uma batalha começava a ser travada em meu corpo. Desde que tínhamos tomado consciência da pressão que aquela cama gigantesca poderia ter lançado sobre nós, tudo em que eu conseguia pensar era justamente nessa pressão. Assim como na pressão de um O há muito tempo negado, pacientemente – às vezes, impacientemente –

à espera de alívio. Essa pressão era tão forte, tão intensa, que a sentia em cada parte de mim.

Tomando partido nesse debate, estavam Cérebro, Pequena Caroline (falando em nome do O distante), Espinha Dorsal e – embora meio sumido ultimamente, à mercê de Cérebro e Nervos – Coração.

Deve-se assinalar que PC (Pequena Caroline queria um nome estiloso e abreviado) de alguma forma recrutou o pênis de Simon para a refrega; ainda que o dito-cujo não houvesse tido acesso direto a ela, PC considerava necessário falar em seu nome. Conquanto eu não gostasse muito do termo *pênis*, intimamente me incomodava chamá-lo de Pau ou Pinto, então seria Pênis mesmo… por enquanto.

Muito bem: Espinha Dorsal e Cérebro se situavam resolutamente no acampamento espere-pelo-sexo, pois consideravam que esperar era essencial para alicerçar essa

relação florescente. PC e, portanto, o pênis de Simon obviamente faziam parte da sociedade faça-sexo-com-ele-o-quanto-antes. O, embora ausente, podia ser considerado um partidário de PC. Eu, porém, tinha um pressentimento – não mais do que um pressentimento – de que O oscilava entre os dois lados, assim como Coração, o qual, atualmente, cantava canções sobre amor eterno e outras cafonices.

Levando em conta tudo isso, o que nós temos? Uma Caroline totalmente confusa. Uma Caroline dividida. Não era de estranhar que eu houvesse parado com os encontros. Essa merda era complicada. Assim, estava feliz por ter algo em que pensar que não fosse a panela de pressão do sexo incerto? Sim, estava. Podia gastar mais algum tempo pensando em um nome melhor para o pênis de Simon? Provavelmente. Ele – o pênis – merecia. Membro de Mamute? Não. Pilar Pulsante da Paixão? Bandido da Porta dos

Fundos? Definitivamente, não. Pemba? Parecia o barulho de algo caindo ou quicando…

Falei aquilo em voz alta algumas vezes, caindo na risada.

– Pemba. *Pemba*. Pem-ba. Peeeeeem-ba – murmurei.

– Ei, Garota do Baby-Doll! Vem aqui – Simon chamou, interrompendo minha experiência com a pemba. Deixei a batalha mental para trás e caminhei cuidadosamente por entre as rochas escarpadas até ele.

– Preciso de você.

– Aqui? Agora?

Ele abaixou a câmera o suficiente apenas para arquear uma sobrancelha.

– Preciso de você *como escala*. Vai pra lá. – Simon apontou em direção à beira do penhasco.

– O quê? Nem pensar. Nada de fotos, não. – Comecei a recuar para minha manta.

– Sim, sim, fotos. Vamos lá. Preciso de alguma coisa em primeiro plano. Vai lá.

– Mas eu estou horrível! Toda despenteada e queimada de sol, está vendo? – Puxei meu decote em V um pouquinho para baixo para mostrar que estava ficando vermelha.

– Embora eu adore quando você me mostra o decote, pode parar! Isso é só pra mim, só pra me dar alguma perspectiva. E você não está despenteada. Só um pouquinho. – Ele bateu o pé no chão.

– Você não vai me obrigar a posar com uma rosa entre os dentes, vai? – Suspirei e me arrastei até perto da beirada.

– Você tem uma rosa? – Simon perguntou, a expressão séria a não ser pelo sorriso maroto.

– Ah, cala a boca. Tira suas fotos logo.

– Ok, aja naturalmente. Sem poses, apenas fique aí… olhando pro mar seria

ótimo.

Obedeci. Simon se moveu à minha volta experimentando diferentes ângulos; podia ouvi-lo murmurar sobre o que estava funcionando. Admito: apesar de estar envergonhada por ser fotografada, quase era capaz de sentir seus olhos me observando através das lentes. Ele me circundou por poucos instantes, que pareceram durar muito mais. A batalha interior estava sendo travada novamente.

– Está acabando?

– Você não pode apressar a perfeição, Caroline. Preciso fazer o trabalho direito – Simon advertiu. – Mas sim. Está acabando. Ficando com fome?

– Quero essas tangerinas que estão no cesto. Pega uma pra mim? Ou vai estragar sua obra-prima?

– Não vai estragar. Vou intitulá-la *Garota descabelada no penhasco com uma tangerina.*

– Ele riu e foi até o carro.

– Você é muito engraçado – ironizei, pegando a fruta que ele me jogou e começando a descascá-la.

– Não vai me dar nem um gominho?

– Talvez. Acho que é o mínimo que posso fazer pelo homem que me trouxe aqui, certo? – Abri um sorriso e mordi um gomo; senti o suco escorrer pelo meu queixo.

– Parece que tem um buraco na sua boca… – Simon falou e capturou o momento em que revirei os olhos para ele.

– Você realmente acha que é engraçado, né? – retruquei, mirando a casca em sua direção. Rindo, ele balançou a cabeça e pegou um gomo. Mordeu, e, claro, nada escorreu. Arregalou os olhos em um espanto fingido, e aproveitei a oportunidade para amassar um gomo em seu rosto. Seus olhos continuaram abertos conforme o caldo escorria livremente da ponta de seu nariz até

o queixo.

– Simon Sujinho – sussurrei quando ele olhou para mim. Num piscar de olhos, pressionou seus lábios contra os meus, espalhando suco por nós dois enquanto eu dava um gritinho em sua boca.

– Doce Caroline – Simon sussurrou através de um sorriso. Ele nos virou de maneira que o mar ficasse ao fundo, ergueu a câmera e bateu uma foto: Caroline e Simon cobertos de baba laranja.

– Uma dúvida: por que você estava repetindo pemba? – ele perguntou.

Soltei uma gargalhada.

* * *

– É definitivo. Isto é, oficialmente, a melhor coisa que já coloquei na boca – anunciei, fechando os olhos e gemendo.

– Você falou exatamente a mesma coisa

sobre tudo o que a gente comeu.

– Eu sei, mas, sério, isto é insuportavelmente bom. Me bate, me belisca, me joga no mar, isto é bom demais – gemi de novo. Ocupávamos uma mesinha a um canto de um pequeno restaurante, e eu estava determinada a experimentar tudo. Simon, exibindo seus dons linguísticos, havia feito os pedidos. Eu lhe disse para mandar ver; estava em suas mãos e sabia que ele não iria me desapontar. E o rapaz se saiu bem. Foi um banquete.

Fomos de tapas, claro, acompanhadas do vinho da casa. Pequenas tigelas e pratos surgiam na mesa a cada minuto: minúsculas almôndegas de porco, fatias de presunto, cogumelos marinados, lindas linguiças, lulas grelhadas com azeite de oliva local. A cada mordida, eu tinha certeza de que havia acabado de comer a melhor coisa da minha vida, e então comidinhas maravilhosas se materializavam, e eu era novamente

convencida. Aí, chegaram esses camarões. Irreais. Crocantes, fritos em azeite com muito alho e salsa, páprica defumada e só uma pitada de pimenta. Desmaiei. Sério, desmaiei.

Simon? Raspou o prato. Adorou. As minhas reações tanto quanto a comida, desconfio. Devorou.

– Sinceramente, não cabe mais – falei e passei um pedaço de pão no azeite. Ele sorriu e me observou saborear desavergonhadamente mais um pão antes de me afastar da mesa com um suspiro.

– A melhor refeição de todos os tempos? – Simon perguntou.

– É bem possível. Foi uma loucura. – Suspirei de novo e dei palmadinhas em minha barriga. Havia devorado a comida como se alguém fosse roubá-la de mim. Uma dama, de fato. Um garçom apareceu com duas pequeninas taças de um vinho local.

Doce e fresco, era a perfeita bebida pós-jantar; bebericamos lentamente. A brisa que entrava pelas janelas trazia um leve perfume de maresia.

– Foi um ótimo encontro, Simon. De verdade. Não podia ter sido mais perfeito – falei, dando mais um gole no vinho.

– Foi um encontro?

Minha cara congelou.

– Não. Suponho que não. Eu simplesmente…

– Relaxa, Caroline. Eu sei o que você quis dizer. É que é engraçado considerar isto um encontro: duas pessoas viajando juntas, mas tendo um encontro só *agora*. – Ele sorriu, eu relaxei.

– Hum, não seguimos as regras tradicionais até aqui, né? Inclusive, este pode ser nosso *primeiro* encontro, tecnicamente falando.

– Bem, tecnicamente falando, o que

define um encontro?

– Um jantar, acho. Mas já jantamos antes…

– E um filme. Já vimos um filme juntos.

Estremeci.

– Sim, e aquilo foi uma armadilha pra me fazer enroscar em você. Filme de terror. Que previsível.

– Deu certo, não deu? Aliás, acredito que dormi com você naquela noite, Garota do Baby-Doll.

– É, eu sou fácil, admito. Parece mesmo que a gente fez tudo de trás pra frente. – Sorri, deslizei meu pé por baixo da mesa e dei um chute carinhoso em sua canela.

– Eu gosto de trás para frente – ele ironizou.

Apertei os olhos.

– Besta.

– Mas é sério. Eu não tenho experiência nessas coisas, já falei. Como funciona? E se a

gente estivesse fazendo isto… não ao contrário? O que aconteceria em seguida?

– Bem, provavelmente haveria outro encontro, depois outro – aventei, sorrindo timidamente.

– E uma mão-boba? Seria de esperar que eu tentasse dar umas pegadinhas, certo? – Simon perguntou seriamente.

Engasguei com o vinho.

– Mão-boba? Sério? Tipo, passar a mão por cima da roupa, por baixo da roupa, esse tipo de coisa? – Sorri incredulamente.

– Exatamente. O que é permitido? Lembrando que sou um cavalheiro. Se isto fosse um primeiro encontro de verdade, não iríamos pra casa juntos, certo? É um encontro, não é pura pegação. Não esqueça: aparentemente, eu sou bom em seduzir – ele disse, os olhos brilhando.

– Sim, sim, você é. Não iríamos pra casa juntos, fato. Mas, pra ser sincera, não quero

você dormindo no outro quarto. É estranho? – Senti minhas orelhas fervendo.

– Não é estranho – Simon respondeu baixinho. Tirei a sandália e pressionei meu pé contra o seu, esfregando levemente sua perna.

– Conchinha é bom, não é?

– Definitivamente, conchinha é bom – ele concordou, retribuindo a carícia com o pé.

– Quanto à mão-boba, acho que você poderia contar com uma pegadinha por baixo da roupa. Isto é, se quisesse muito, claro. – Em meu interior, Cérebro e Espinha Dorsal comemoraram contidamente, e PC e Pemba foram à loucura. Já meus peitos ficaram emocionados por serem os protagonistas, e não apenas uma parada no caminho para o sul. Coração? Bem, ainda estava hesitante, cantando suas músicas.

– Então, vamos ser um pouco tradicionais, mas não completamente tradicionais. Vamos

devagar? – Simon perguntou, os olhos ardendo, as safiras começando a fazer sua dança hipnótica.

– Devagar, mas não devagar quase parando. Somos adultos, pelo amor de Deus.

– À pegadinha por baixo da roupa – ele propôs e ergueu o copo para um brinde.

– À pegadinha por baixo da roupa! – Eu ri, e nossas taças tilintaram.

Cinquenta e sete minutos mais tarde, estávamos na cama, e suas mãos quentes e convictas escorregavam de botão em botão, revelando minha pele. Deitado sobre mim, ele foi calmo, ele foi direto, e minha camisa se abriu. Simon me olhou intensamente, seus dedos desenhando uma linha desde minhas clavículas até meu umbigo. Suspiramos ao mesmo tempo.

Não consigo explicar, mas saber que tínhamos estabelecido certos limites para a

noite, por mais bobo que isso pareça, tornou as coisas muito mais sensuais; era obrigatório saborear cada momento. Seus lábios rondaram meu pescoço, sussurrando pequenos beijos em minha pele, sob minha orelha, sob meu queixo, na curva entre meu pescoço e meus ombros, rumo ao bojo de meus seios. Seus dedos varreram levemente, reverencialmente, furtivamente a pele sensível, e eu suspirei e prendi a respiração.

Quando roçaram meu mamilo, cada terminal nervoso do meu corpo se virou e pulsou naquela direção. Soltei o ar e senti a tensão de meses começar a sair de mim *e* se acumular ainda mais. Com beijos doces e toques suaves, ele deu início ao processo de conhecer meu corpo, e era exatamente disso que eu precisava. Lábios, boca, língua – tudo em mim, provando, afagando, sentindo, *amando*.

Quando seus lábios se fecharam em meus seios, seu cabelo roçou meu queixo da

maneira mais graciosa, e eu o envolvi em meus braços, apertando-o com força. A sensação da sua pele contra a minha era a perfeição, algo que eu jamais experimentara antes. Me senti… adorada.

Naquela noite, o que começou como uma coisa engraçada e fofa e parte do nosso clássico jogo de ironias se transformou em algo além. O que antes era grosseiramente chamado de "pegadinha por baixo da roupa" virou parte de um romance, e o que poderia ter sido meramente físico se tornou uma coisa emocional e pura. E, depois que ele me acalentou e me aninhou, dando beijos ternos e risadinhas sem fôlego, caímos em um sono saciado.

Srta. Mangual e sr. Roncador.

* * *

Nos dois dias seguintes, eu luxuriei. Sério, nenhuma outra palavra exprime a

experiência a que me entreguei. Para alguns, a definição de férias luxuriosas pode ser compras intermináveis, mimos de spa, jantares caros, shows requintados. Para mim, significava tirar um cochilo de duas horas sob o sol, no terraço da cozinha. Significava comer figo em calda com mel e queijo e ser servida por Simon de outra taça de espumante, tudo isso antes das dez da manhã. Significava ter tempo para caminhar sozinha pelas pequenas lojas familiares de Nerja, entre caixas lindamente enlaçadas. Significava explorar cavernas com Simon enquanto ele fotografava, errando pelas cores subterrâneas. Significava contemplar Simon se agarrando a uma rocha conforme procurava um apoio para o pé, sem camisa. Mencionei que era sem camisa?

E luxúria, com toda a certeza, significava passar cada noite naquela cama com Simon. Convenhamos, essa luxúria era incomparável – não fazia parte de nenhum pacote turístico.

A mão-boba bobeou por mais um lugar ou dois, e provocávamos um ao outro com alguns encontros por-cima-da-calcinha. Estávamos sendo ridículos ao esperar até nossa última noite na Espanha para consumar essa "coisa"? Provavelmente, mas quem se importava? Uma noite, ele passou uma hora beijando cada centímetro de minhas pernas, e eu passei o mesmo tempo tendo uma conversa com seu umbigo. A gente simplesmente… curtia.

Entretanto, com todo esse divertimento, vinha uma certa quantidade de… como dizer? Energia nervosa?

Em San Francisco, havíamos gastado meses em preliminares verbais. Mas, agora, na Espanha? As preliminares de verdade? Inacreditáveis. Meu corpo estava tão sintonizado com o de Simon, que eu sabia quando ele ia entrar no quarto, ou quando estava prestes a me tocar, segundos antes de acontecer. O ar entre nós se achava carregado

de sexo, e vibrações silvavam de um lado a outro, com energia suficiente para iluminar a cidade inteira. Química sexual? Sim. Frustração sexual? Crescendo, já próxima do ponto crítico.

Pro inferno! Vou dizer de uma vez: eu estava louca de T-E-S-Ã-O.

Por isso que, depois de passarmos a tarde nas cavernas, nos beijávamos alucinadamente na cozinha. Estávamos um pouco cansados, e eu queria experimentar o lindo fogão Viking. Preparava alguns vegetais para grelhar e mexia o arroz de açafrão, quando Simon entrara na cozinha depois de tomar banho. É quase impossível explicar aquela visão: camiseta branca, jeans desbotado, descalço, secando o cabelo com uma toalha. Ele sorriu, e eu comecei a ver em dobro. Literalmente, não conseguia enxergar através da neblina de desejo que me tomara de repente. Precisava colocar minhas mãos em seu corpo e precisava fazer isso imediatamente.

– Hum, que cheiro delicioso. Quer que eu ligue o grelhador? – Simon perguntou e se aproximou da bancada, onde eu cortava os vegetais. Ficou atrás de mim, seu corpo a milímetros do meu, e algo disparou. E não foram apenas as ervilhas que eu estava segurando…

Me virei para olhá-lo, e minha barriga vibrou. Vibrou! Pressionei minha mão contra seu peito, sentindo a força e o calor de sua pele através do algodão. Razão deu tchau – agora a coisa era puramente física. Uma coceira que precisava ser coçada, coçada, coçada e coçada de novo. Deslizei a mão até sua nuca e o puxei para mim. Meus lábios esmagaram os seus, e minha ânsia por ele se derramou em sua boca e desceu até a ponta de meus pés. Pés que chutaram as sandálias para longe e passaram a esfregar seu peito do pé desavergonhadamente. Meu corpo precisava sentir alguma pele, qualquer pele.

Ele respondeu com voracidade aos meus

beijos vorazes e sua boca cobriu a minha. Gemi ao sentir suas mãos em minhas costas, pertinho da minha bunda. Então, o girei rapidamente e o pressionei contra a bancada.

– Tira! Tira agora! – murmurei entre beijos e arranquei sua camiseta, que foi parar do outro lado da cozinha. Eu esfregava meu corpo no seu, suspirando ao contato, tentando ao mesmo tempo abraçá-lo e escalá-lo, o desejo correndo por mim como trem descarrilhado. Estiquei o braço entre nós e o apalpei por cima do jeans. Seus olhos encontraram os meus e ficaram ligeiramente vesgos. Eu estava no caminho certo. Sentindo-o ficar mais e mais duro sob meus dedos, tudo o que eu queria, tudo o que eu precisava, tudo o que eu necessitava para funcionar era ele. Na minha boca.

– Garota do Baby-Doll, o que você está… Oh, meu Deus…

Movida pelo instinto, escancarei sua calça, fiquei de joelhos e o puxei para mim. Meu

pulso se acelerou e acho que meu sangue entrou em ebulição ao vê-lo. Minha respiração parou diante do jeans rebaixado o bastante apenas para enquadrar aquela visão iluminada.

Simon não usa cueca. Deus salve a América.

Eu queria ser meiga, eu queria ser terna e delicada, mas precisava dele desesperadamente. Olhei em seus olhos, turvos mas frenéticos, e suas mãos desceram para afastar o cabelo do meu rosto. Peguei-as e as posicionei na bancada.

– Acredite, você vai querer se segurar firme agora – prometi. Ele gemeu de um jeito delicioso e, me obedecendo, se inclinou um pouquinho para trás. Seus quadris foram para frente, mas seus olhos permaneceram fixos nos meus. Sempre.

Meus lábios ronronaram conforme deslizei seu comprimento para dentro da

minha boca. Minha língua o recebeu e o acariciou, e a cabeça de Simon tombou para trás; o puro prazer disso, o prazer absoluto provocado pela sua reação era o suficiente para fazer minha cabeça se dividir em duas. Tirei-o devagar e, ao fazê-lo, deixei que meus dentes roçassem sua pele; ele agarrou a borda da bancada com mais força. Corri minhas unhas pelo interior de suas coxas e puxei seu jeans mais para baixo – queria ter acesso a mais da sua pele quente. Dando beijos na ponta, permiti que minhas mãos subissem e o agarrassem, acariciando e massageando. Ele era perfeito, todo macio e firme, e o abocanhei de novo, e de novo, e de novo. Me sentia alucinada, ébria do seu perfume e da sensação de tê-lo dentro de mim.

Simon gemeu meu nome uma, depois outra; suas palavras escorriam como chocolate derretido e se derramavam em meu cérebro, fazendo que cada sentido meu

se dedicasse a ele, somente a ele. Continuei, deixando-o louco, *me* deixando louca, lambendo, chupando, saboreando, provocando, me *luxuriando* na loucura que era aquele ato lascivo. Tê-lo ali, desse jeito, era a própria definição de luxúria.

Ele se endureceu ainda mais, e suas mãos finalmente voltaram a mim e tentaram me fazer recuar.

– Caroline, oh, Caroline, eu… você… primeiro… você… oh, Deus… você – Simon gaguejou, e fui capaz de interpretá-lo: queria que também eu recebesse alguma coisa. No entanto, sua entrega total era tudo o que eu precisava. Soltei-o por um instante, apenas para devolver suas mãos à bancada.

– Não, Simon. Você – respondi, engolindo-o profundamente outra vez, sentindo-o tocar o fundo da minha garganta, enquanto minhas mãos cuidavam da parte que minha boca não alcançava. Seus quadris se moveram uma vez, depois outra, e, com

um frêmito e o gemido mais gostoso que já escutei, Simon gozou. Jogou a cabeça para trás, fechou os olhos e gozou.

Foi maravilhoso.

Momentos depois, misturado a mim no chão da cozinha, ele suspirou, satisfeito:

– Nossa, Caroline. Isso foi… inesperado.

Dei uma risadinha e me curvei para beijar sua testa. – Não consegui me controlar. Você estava gostoso demais, e eu… bem… eu me deixei levar.

– Eu que o diga. Mas não acho justo estar um tanto exposto aqui, e você toda vestida. A gente podia corrigir isso fácil, fácil… – Simon puxou o cordão da minha calça.

Detive-o.

– Em primeiro lugar, você não está *um tanto* exposto, você está com os penduricalhos completamente soltos no chão da cozinha. E eu adoro. Depois, isso não foi sobre mim, embora eu admita que desfrutei

imensamente.

– E agora eu quero desfrutar de *você* – ele insistiu e passou os dedos ao longo do cós da minha calça, dançando pela pele próxima.

Nervos começaram a dançar flamenco, exigindo mais tempo – mais tempo! Não estamos prontos! PC quebrou algumas coisas.

– Não, não, hoje não. Quero fazer um jantar pra você. Me deixa cuidar de você um pouco. Posso fazer isso? – Retirei suas mãos diabólicas e as beijei.

Ele sorriu, suspirou resignadamente e fez que sim com a cabeça. Comecei a me levantar do chão, porém Simon me agarrou pela cintura e me puxou para baixo.

– Só uma coisa antes de você me deixar… Como foi que você falou mesmo? Com os penduricalhos soltos no chão da cozinha?

– Sim? – perguntei e levantei uma sobrancelha.

– Assim, com base na escala da mão-boba

que aplicamos esta semana, eu diria que queimamos algumas etapas, não?

– É, acho que sim. – Ri e dei um soquinho em sua cabeça.

– Então, acho que é justo te prevenir… Amanhã à noite? Sua última noite na Espanha? – Simon falou, seus olhos brilhando no crepúsculo.

– Sim? – sussurrei.

– Vou tentar assaltar sua casa.

Sorri.

– Bobinho. Não é assalto se eu te deixo entrar – ronronei e beijei sua boca.

Mais tarde, deitada e enredada em Simon, PC começou a se preparar. E Cérebro e Espinha Dorsal, a cantar: O! O! O! Pemba? Bem, sabíamos onde estava: bem pressionada contra minha Espinha Dorsal.

Coração continuava planando por aí, mas cada vez mais próximo de casa. E outra

entidade voltou a reivindicar seus direitos na tentativa de influenciar as demais. E coloriu meus sonhos com seus murmúrios surdos.

Oi, Nervos.

Meu sono foi decididamente… espaçoso.

CAPÍTULO DEZOITO

– Você sempre soube que queria ser fotógrafo?

– O que, como, quando? De onde saiu isso? – Simon riu, se recostou na cadeira e me fitou por cima de sua caneca.

Estávamos desfrutando um café da manhã bem preguiçoso em meu último dia na Espanha. Café preto, bolinhos de limão, framboesa fresca com creme, com uma costa ensolarada à parte. Vestindo somente uma camisa de Simon e um sorriso, eu estava no paraíso. Nervos pareciam bem distantes.

– *Sério* – insisti –, você sempre quis fazer isso? Você parece... bem, você fica tão envolvido quando está trabalhando. Parece que realmente ama o que faz.

– E amo. Quer dizer, é um trabalho, tem momentos de tédio, mas, sim, eu amo o que faço. Mas não foi algo que planejei desde o início. Pra falar a verdade, o plano era bem diferente – Simon disse, e uma sombra passou pelo seu rosto.

– Como assim?

– Durante muito tempo, pensei em seguir os passos do meu pai. – Ele suspirou e deixou escapar um sorriso melancólico.

Minha mão pousou na sua antes que eu percebesse. Simon a apertou e deu um gole em seu café.

– Você sabia que Benjamin trabalhou pro meu pai? Meu pai o contratou assim que Benjamin terminou a faculdade. Foi seu mentor, ensinou tudo pra ele. Quando Benjamin quis abrir seu próprio negócio, ao contrário do que se poderia pensar, meu pai ficou orgulhoso.

– Ah, Ben é o melhor. – Sorri.

– Você acha que eu não sei da paixão que todas as meninas têm por ele? Sei muito bem. – Simon me lançou um olhar severo.

– Ora, mas nós não escondemos isso de ninguém!

– A Parker Serviços Financeiros estava crescendo muito, muito mesmo, e papai queria que eu assumisse minha parte assim que terminasse a faculdade. Sinceramente, nunca pensei que sairia da Filadélfia. Teria sido uma vida ótima: trabalhar com meu pai, country clube, casarão no subúrbio. Quem não quer algo assim?

– Bem… – murmurei. Era uma vida idílica, sem dúvida, mas eu não conseguia imaginar Simon nela.

– Eu tinha trabalhado como fotógrafo pro jornal da escola. Me dei bem na matéria. E, mesmo tendo que fazer coisas como fotografar a peneira do time de hóquei feminino, gostei daquilo. Gostei de verdade.

Imaginei que seria um hobby bacana. Nunca pensei nisso como uma carreira. Mesmo assim, meus pais me apoiaram, minha mãe até me deu uma câmera no Natal daquele ano. O ano em que, bem…

Ele fez uma pausa e clareou a garganta.

– Enfim, depois do que aconteceu com mamãe e papai, Benjamin foi pra Filadélfia pro… pro funeral. Ficou lá por um tempo, para organizar as coisas, sabe? Ele foi o executor do testamento dos meus pais. E, como ele vivia na Costa Oeste… bem, a ideia de ficar sozinho na Filadélfia não parecia tão boa. Resumindo, fui aceito em Stanford, comecei a estudar fotojornalismo, tive muita sorte com alguns estágios, tipo o cara certo no lugar certo, e pronto! Foi assim que comecei a trabalhar com isso – Simon concluiu, molhando seu bolinho no café e dando uma mordida.

– E você ama seu trabalho.

– E eu amo meu trabalho.

– E o que aconteceu com a empresa do seu pai, a Parker Serviços Financeiros? – perguntei, dando uma colherada nas framboesas.

– Durante algum tempo, Benjamin tomou conta de alguns clientes e, por fim, fechou as portas sem estardalhaço. Os ativos foram transferidos pra mim, de acordo com o testamento, e ele cuida disso.

– Os ativos?

– É. Não te falei? Eu tenho muita grana. – Ele se encolheu e olhou para o mar.

– Eu sabia que tinha um motivo pra estar saindo com você! – Abasteci sua caneca.

– *Sério*. Muita grana.

– Ok, agora você só está sendo besta – falei na tentativa de dissipar a tensão que envolvera a mesa.

– As pessoas ficam estranhas quando há dinheiro envolvido. Nunca se sabe.

– Quando a gente voltar, você vai comprar o prédio e mandar pôr uma jacuzzi no terraço – brinquei, o que me rendeu um pequeno sorriso.

Sentados ali, nos olhamos, perdidos em pensamentos. Ele havia passado por tanta coisa sozinho. Simon sempre me pareceu um pouco perdido. Vivia com uma mala na mão, não se permitia prender-se a ninguém, não possuía um sentimento de pertencimento… Seria tão simples assim? O Trepador de Paredes tinha acumulado um harém porque não suportava perder outra pessoa. Discando para Freud neste momento…

Com Freud ou sem Freud, fazia sentido. Ele se atraiu por mim, *estava* atraído por mim desde o início. O que havia de diferente dessa vez? Obviamente, se sentira atraído também por todas as outras mulheres. Oi? Pouca pressão? Sacudindo a cabeça, tentei mudar de assunto:

– Não acredito que vou embora amanhã. Parece que acabamos de chegar. – Me apoiei nos cotovelos. Ele sorriu, tendo percebido minha tentativa nada sutil de mudar o assunto. Mas pareceu agradecido.

– Então fica. Fica comigo. A gente pode passar mais uns dias aqui, e, depois, quem sabe? Pra onde mais você quer ir?

– Até parece. Você está esquecendo que vou embora antes porque foi o único voo que consegui. Além disso, vou trabalhar segunda-feira. E preciso chegar ao escritório organizada e no fuso certo. Sabe quantos trabalhos Jillian passou pra mim?

– Ela vai entender. Jillian se derrete por um bom romance. Fica comigo, vai? Eu escondo você no compartimento de bagagem do avião. – Seus olhos piscaram por cima da caneca.

– Compartimento de bagagem, o caramba! E é isso o que está acontecendo

aqui? Um romance? Você não deveria estar me abraçando na praia? E rasgando meu corpete? – Coloquei minhas pernas nuas em seu colo, e ele não perdeu a oportunidade de massageá-las com suas mãos quentes.

– Sorte sua que sou um rasgador de corpete de longa data. Aliás, posso até arranjar uma roupa de pirata, se você curtir esse tipo de coisa – Simon respondeu, e as safiras começaram a fumaçar.

– Tem sido um belo romance, não? Se alguém me contasse essa história, eu provavelmente não acreditaria – brinquei e soltei um suspiro depois de dar minha última mordida.

– Por que não? O jeito como nos conhecemos não é tão estranho, é?

– Quantas mulheres você conhece que topariam ir pra Europa com o homem que, semanas antes, estava arrancando a pancadas o gesso da sua parede?

– Verdade, mas eu também poderia ser descrito como o cara que tocou todos aqueles ótimos discos pra você, ou o cara que te serviu, segundo suas próprias palavras, a melhor almôndega de todos os tempos.

– Hum, de fato, acho que você começou a me desarmar com Glenn Miller. Foi aí que me pegou. – Afundei na cadeira conforme seus dedos faziam coisas deliciosas na planta dos meus pés, cobertos com meias que eu também tinha surrupiado do seu lado do quarto.

– Quer dizer que te peguei, hein? – Simon provocou e se aproximou.

– Ha. Ha. – Empurrei carinhosamente seu rosto e abri um largo sorriso ao pensar no que ele disse. Ele tinha me pegado? Sim. Totalmente. E ia me pegar de novo, mais tarde.

E, com esse pensamento, senti um calafrio na barriga; meu sorriso se acanhou. Nervos

tinham montado acampamento e, *não importava* para onde Cérebro fosse, invadiam cada pensamento, cada ideia que eu tinha sobre aquela noite. Estava pronta – só Deus sabe o quanto –, mas estava nervosa pra cacete. O voltaria, certo? Eu sabia que sim. Já falei que estava nervosa?

– Seu trabalho já está no fim? Ou ainda tem bastante coisa pra fazer amanhã? – mudei de assunto novamente. Como sempre acontecia quando Simon falava de seu trabalho, seus olhos se iluminaram. Ele descreveu as fotos que ainda precisava tirar do aqueduto em estilo romano.

– Queria ter tido tempo de mergulhar! Que merda o tempo ter passado tão rápido – falei.

– De novo, isso é algo que resolveríamos se você ficasse aqui – Simon disse. Ele inclinou a cabeça para trás e parodiou minha expressão azeda.

– De novo, alguns de nós trabalham das nove às cinco. Preciso voltar pra casa!

– Certo, casa. Você sabe que vai ter um pelotão de fuzilamento à sua espera, né? Todo mundo vai querer saber o que aconteceu entre nós – Simon disse, sério.

– Eu sei. A gente supera. – Me encolhi ao pensar no interrogatório que sofreria das meninas. Isso sem falar de Jillian; imaginei se um boquete na cozinha era o que ela tinha em mente quando me pediu para tomar conta de Simon na Espanha.

– A gente?

– O quê? A gente o quê?

– Eu toparia ser a gente com você. – Ele sorriu.

– Já não somos a gente?

– Sim, mas estamos de férias. É diferente ser a gente em casa, no mundo real. Eu viajo a toda hora, e isso cobra um preço da gente – Simon disse e franziu a testa.

– Simon, relaxa. Eu sei que você viaja. Sei muito bem. Continue me trazendo presentinhos lindos de lugares distantes, e esta garota aqui não criará nenhum caso com o seu a gente, ok? – Coloquei minha mão sobre a sua.

– Presentinhos lindos, eu garanto.

– Por falar nisso, pra onde você vai depois daqui?

– Fico em casa por umas semanas, depois vou pro sul.

– Sul? Tipo Los Angeles?

– Não, um pouco mais pro sul.

– San Diego?

– Mais

– Ai, esses alunos de Stanford… Pra onde você vai?

– Promete que não vai ficar brava?

– Fala logo, Simon…

– Peru. Andes. Mais especificamente, Machu Picchu.

– O quê? Ah, já chega! É oficial, eu te odeio. Enquanto vou estar em San Francisco planejando árvores de Natal pra uma gente rica, você vai pra lá?

– Eu mando um cartão-postal…? – Parecia uma criança tentando não levar bronca. – Depois, não tem motivo pra você ficar chateada. Você adora seu trabalho, Caroline. E não venha me dizer o contrário.

– Eu amo meu trabalho, mas, neste momento, queria ir pro sul! – bufei e tirei meu pé de seu colo.

– Bem, se você faz tanta questão de ir pro sul, eu posso pensar em algo…

Coloquei minha mão sobre sua boca.

– Nem pensar, querido. Agora é que eu não machu seu picchu de jeito nenhum. Não, não – falei com firmeza; não vacilei nem quando Simon começou a beijar e lamber a palma da minha mão. Nem um tiquinho…

– Caroline – ele sussurrou contra minha

mão.

– Sim?

– Um dia – começou, movendo minha mão e depositando beijinhos na parte interna do meu braço. – Um dia… – Beijo. – Prometo… – Beijo. – Que vou levar você… – Beijo. – E meu vodu… – Beijo. – Pro Peru – concluiu e se ajoelhou à minha frente. Sua boca deslizou pelo meu ombro, afastou o tecido e se demorou em minha clavícula, seus lábios me deixando excitada e arrepiada.

– Você e seu vodu no Peru? – perguntei em uma voz alta e patética, porém não o enganei nem por um segundo; ele sabia perfeitamente o quanto estava mexendo comigo.

– E vou estar nu. – Seus dedos se enrolaram em meu cabelo e trouxeram minha boca à sua. Por uma fração de segundo, tentei encontrar algo que rimasse

com “nu”, mas desisti e me entreguei completamente ao beijo. E, assim, nós nos pegamos no terraço, com vista para o mar. Que era… azul. Hum!

Durante toda a semana, tínhamos visto indícios de um festival na cidade, o qual começava justamente esta noite, como se celebrasse minha partida. Simon e eu decidimos sair para jantar, desta vez em um restaurante muito mais chique do que aqueles em que havíamos comido até então. Descobri que possuíamos muitos gostos parecidos. Eu adorava me produzir de vez em quando, mas, em geral, preferia lugares menores e despretensiosos, assim como ele. Portanto, me produzir, ir a um restaurante mais sofisticado e depois dar uma passada no festival tinha um sabor especial. Estava excitada por aquela noite – em mais de um sentido.

Dizem que, quando um soldado perde

uma perna em batalha, às vezes, de madrugada, ele ainda sente fisgadas nessa perna – dor fantasma, assim a chamam. Pois bem: eu havia perdido meu O em batalha – a batalha de Cory Weinstein, a metralhadora maldita – e ainda sentia as sequelas. E, por sequelas, quero dizer nadica de nada. Todavia, existia luz no fim do túnel. Sentira fisgadas do O fantasma durante toda a semana e estava ansiosa pelo seu retorno nesta noite. *O retorno do O*. Naturalmente, em minha cabeça, esse era o título de um filme de ação – mas, sério, se era para ele voltar, eu capitalizaria em cima de qualquer coisa. Qualquer coisa.

Porque hoje, fãs do esporte, eu ia me dar bem. Sendo curta e grossa: eu estava mais do que pronta para a Pemba do Simon.

Passei os dedos pelo cabelo mais uma vez e notei como o sol intenso tinha realçado meus tons de mel naturais. Alisei a frente do vestido: linho branco, ligeiramente solto na

saia. Combinei-o com algumas joias turquesas que havia comprado em Nerja e sandálias de couro de cobra. Ainda não havia me produzido tanto naquela semana e – negativismo de Nervos à parte – estava me sentindo muito bem. Dei uma última olhada no espelho: minhas bochechas se achavam bem vermelhinhas, e nem tinha precisado passar blush.

Fui até a cozinha para pegar uma tacinha de vinho e esperar Simon. Enquanto servia o espumante, avistei-o no terraço, olhando o mar. Sorri ao reparar que vestia uma camisa de linho branco. Formaríamos um par de vasos... Uma calça cáqui completava seu visual. Simon se virou quando eu já saía para encontrá-lo; meus saltos clicaram através da pedra enquanto eu bebia meu vinho, e ele se recostou no parapeito de ferro forjado. Como fotógrafo, Simon possuía plena consciência do imaginário que criava, tive certeza disso. Sempre que se inclinava, ele

exsudava sexo. Só torci para não cair dos saltos… Exsudação sexual podia ser escorregadia.

Ofereci-lhe meu vinho, e ele me deixou levar o copo a seus lábios. Sorveu-o devagar, seus olhos nos meus. Assim que afastei a taça, enganchou um braço em minha cintura, me puxou e me beijou profundamente, o gosto do vinho ainda forte em sua língua.

– Você está… muito – ele disse e afastou os lábios para beijar a pele bem embaixo de minha orelha, sua barba me pinicando do jeito mais fantástico.

– Muito? – perguntei, jogando a cabeça para trás, encorajando tudo o que ele estava fazendo.

– Muito, muito gostosa – Simon sussurrou e roçou os dentes em meu pescoço, o suficiente apenas para que eu os sentisse.

– Uau – foi tudo o que consegui dizer enquanto envolvia seu pescoço com meus

braços e mergulhava em seu abraço.

O sol começava a se pôr, jogando um brilho cálido sobre tudo, transformando a terracota em escarlate e laranja, revestindo-nos de fogo. Meus olhos foram atraídos para o azul fresco do mar que se quebrava nos rochedos, e saboreei em minha língua o sal que impregnava o ar. Me agarrei a Simon e me permiti sentir e viver todas as coisas. Seu corpo firme e quente contra o meu, seu cabelo desarrumado em meu rosto, o calor do ferro forjado em meus quadris, o frenesi de cada célula do meu corpo se curvando para este homem e para o prazer que ele certamente me daria.

– Pronta? – Simon perguntou, a voz rouca em meu ouvido.

– Prontíssima – murmurei, e meus olhos se reviraram com sua proximidade, com sua presença.

Simon me levou à cidade.

Depois de me levar à beira da excitação com seus beijos no terraço, Simon literalmente me levou à beira. Estávamos agora em um restaurante que se erguia sobre o mar, algo não raro em uma cidade costeira. Porém, ao passo que os casebres que havíamos frequentado até então tinham seu charme aconchegante, este restaurante era romântico – com ênfase no romance. Servia romance. Estava no vinho, nos quadros, no assoalho e, caso você não tivesse notado o romance, no ar. Se apertasse os olhos, eu podia ver a palavra romance flutuando através da brisa do mar… Precisava apertar bastante, mas ela estava lá, juro.

As janelas, que iam do chão ao teto, haviam sido abertas para deixar entrar a maresia, e centenas de pequenas velas bruxuleavam em campânulas. Todas as mesas vestiam branco, e pequenos copos com flores de dália espalhavam tons luxuriantes de carmesim, romã e fúcsia.

Minúsculas luzes brancas de Natal enroladas nas vigas de madeira lançavam uma cor mágica de sépia sobre todo o cenário. Neste restaurante, não havia crianças, não havia mesas para quatro ou seis. Não, este restaurante estava cheio de amantes, novos e antigos.

Agora, sentados em um épico bar de mogno, bem próximos um do outro, tomávamos nosso vinho e esperávamos pela mesa. A mão de Simon repousou em minha lombar, reivindicando-me calma e sucintamente.

O garçom colocou diante de nós uma travessa de ostras. Retorcidas e escarpadas, elas reluziam entre fatias de limão. Simon levantou uma sobrancelha, e eu fiz que sim com a cabeça; então, seus dedos fortes e elegantes passaram a espremer o limão de um jeito conciso, erótico. Com um pequeno garfo, ele abriu uma ostra e a levou até minha boca.

– Abre, Garota do Baby-Doll – ordenou, e assim o fiz.

Era fria, fresca, como uma explosão de água do mar. Gemi conforme Simon retirava o garfo. Dando continuidade àquela brincadeira quase pornográfica, ele fisgou sua própria ostra, jogou-a na boca de um jeito másculo e lambeu os lábios. Depois, piscou para mim, que desviei o olhar; não queria demonstrar o quão desesperadamente excitada estava. O dia inteiro fora como uma gigantesca bolha controlada de tensão sexual, um fogo lento que agora ameaçava explodir. Simon abocanhou mais duas ostras, uma atrás da outra, e, ao divisar sua língua apontar para lamber os lábios, senti o desejo urgente de ajudá-lo. Sem nenhum pudor ou senso social, venci a distância entre nós e o beijei intensamente.

Surpreso, ele sorriu, mas retribuiu o beijo com igual intensidade. A fofura, a ternura que se desenvolvera entre nós durante toda a

semana se transformou rapidamente em um me-pega-agora – e eu caí de cabeça. Meu corpo inteiro se virou para ele, e minhas pernas se aninharam entre as suas, enquanto seus dedos encontravam minha pele – a pele logo acima da bainha do vestido. Foi um beijo hollywoodiano, cinematográfico. Demorado, desajeitado, molhado e maravilhoso. Minha cabeça se inclinou para poder beijá-lo mais profundamente, minha língua acariciando a sua, guiando e sendo guiada. Ele tinha um gosto doce e salgado e cítrico, e precisei me conter para não agarrar sua bela camisa de linho e tomá-lo ali mesmo, sobre o balcão do bar – mas como uma verdadeira dama. Sempre.

Ouvi alguém clarear a garganta e abri os olhos para dar primeiro com minhas safiras sensuais e, depois, com um garçom constrangido.

– Com licença, senhor, sua mesa está pronta – ele anunciou, evitando assistir à

nossa exibição em seu restaurante muito romântico, mas ainda assim muito público.

Pode ser que eu tenha resmungado de leve quando Simon retirou suas mãos de minhas pernas e virou meu banco para que eu pudesse me levantar. Pegando minha mão e me ajudando, deu um sorriso de canto de boca quando me desequilibrei ligeiramente. E sorriu para o garçom.

– Ostras, cara, ostras. – Simon riu, e seguimos para nossa mesa. Eu já estava prestes a deixar escapar uma pequena indignação, mas então o vi ajeitar discretamente a calça. Não era a única a sentir aquele fogo…

Sorri serenamente e baixei os olhos o suficiente para que ele soubesse que eu sabia. Chegando à mesa, Simon puxou a cadeira para mim. Acomodada, deixei uma mão cair levemente para trás e roçá-lo sem-querer-de-propósito, sentindo o quão excitado ele estava. Ouvi-o suspirar e sorri

por dentro. E, quando ia tocá-lo novamente, Simon agarrou minha mão com firmeza e discretamente a pressionou contra ele. Quase perdi o fôlego ao senti-lo ficar ainda mais duro.

Fechei os olhos e tentei me controlar; ele se sentou do outro lado da mesa e sorriu de um jeito diabólico. Enquanto o garçom se ocupava de nós, perfilando os talheres e apresentando os cardápios, eu não tirava o olho de Simon, viril e belo, ali, na minha frente. Esse jantar ia demorar séculos.

O jantar realmente durou séculos, mas, ao mesmo tempo que estava louca para ficar sozinha com Simon, eu não queria que a noite acabasse. Comemos uma formidável paella ao estilo costeiro, com pedaços gigantes de camarão e lagosta, chouriço e ervilha. Preparada do modo tradicional, era quase impossível de recriar; a caçarola plana em que fora cozinhada permitia que o arroz

de açafrão do fundo ficasse crocante e irresistível – delicioso em todos os sentidos da palavra. Ainda matamos uma garrafa de um excelente rosé e agora bebíamos preguiçosamente nosso cálice de Ponche Caballero, um conhaque espanhol com toques de canela e laranja.

Saboreei a bebida picante em minha boca. Eu estava agradavelmente aquecida e ainda mais agradavelmente alegre. Não bêbada, apenas inebriada o bastante para estar hiperconsciente do ambiente ao redor e achar tudo sensual: o modo como o conhaque escorregava suavemente pela minha garganta, a sensação das pernas de Simon entre as minhas por baixo da mesa, o jeito como meu corpo começou a murmurar. Ao que parecia, toda a população de Nerja havia saído de casa nesta noite disposta a se divertir no festival que tinha início no centro da cidade. A energia era crua e um pouco selvagem. Me recostei em minha cadeira e

provoquei Simon com o dedão do pé; um sorriso bobo surgiu em meu rosto quando ele me fitou com dureza.

– Comi sua paella uma vez – Simon falou de repente.

– O quê? Como? – gaguejei, engolindo a gota de conhaque em meu lábio antes que ela tombasse no vestido.

– Em Tahoe, lembra? Você fez uma paella pra gente.

– Ah, é, eu fiz. Não como a de hoje, claro, mas devo dizer que ficou bem gostosa. – Sorri ao pensar naquela noite. – Se bem me lembro, nós também bebemos um pouquinho de vinho, né?

– Comemos paella, bebemos vinho, juntamos os casais, e depois você me beijou.

– Sim, fizemos, e, sim, eu fiz. – Corei.

– E eu agi como um idiota – Simon continuou, também corado agora.

– Verdade – concordei com um sorriso.

– Você sabe por que, não sabe? Quero dizer, você sabe que eu… bem, que eu queria você. Sabe disso, não sabe?

– Estava bem claro contra minha perna, Simon. Eu sei. – Gargalhei para tentar descontrair, mas ainda pensava em como havia me sentido ao sair correndo da jacuzzi.

– Ah, Caroline, fala sério – ele disse, o olhar grave.

– Fala sério você. Estava pressionando minha perna! – Gargalhei de novo, mais fraco desta vez.

– Aquela noite? Putz, teria sido tão fácil, sabe? Na hora, nem eu soube por que parei… Acho que eu só sabia que…

– Sabia o quê?

– Sabia que, com você, as coisas iam ser na base do tudo ou nada.

– Tudo? – guinchei.

– Tudo, Caroline. Preciso de você inteira. Aquela noite? Teria sido ótimo, mas cedo

demais. – Ele se debruçou sobre a mesa e pegou minha mão. – Agora, estamos aqui – disse, levando minha mão à sua boca. Beijou as costas dela, então a abriu e depositou um beijo molhado na palma. – E aqui nós temos todo o tempo.

– Simon?

– Sim?

– Fico feliz que tenhamos esperado

– Eu também.

– Mas eu *não aguento mais esperar*.

– Graças a Deus! – Ele sorriu e acenou para o garçom.

Rimos como adolescentes enquanto Simon pagava a conta. Saindo do restaurante, subimos a ladeira até o carro. No caminho, passamos por uma parte do festival, que estava bombando. Lanternas iluminavam o céu, uma batida pesada pulsava, e pessoas dançavam na rua. Aquela energia estava de volta, aquele sentimento de abandono no ar,

e o conhaque e essa mesma energia engoliram Nervos, agora em meu estômago, onde PC e Pemba ameaçaram surrá-los até quase a morte. PC e Pemba, parecia uma dupla de rappers…

Chegando ao carro, eu estava prestes a puxar a maçaneta, quando fui rodopiada por um enérgico sr. Parker. Seus olhos crepitaram nos meus, e ele me encostou contra a porta e me pressionou, seus quadris vigorosos e suas mãos frenéticas em meu cabelo e minha pele. Seus dedos escorregaram para minha perna, agarrando minha coxa e erguendo-a em volta de seus quadris. Suspirei e gemi diante da força que logo percorreria selvagemente meu corpo e minha alma.

Mas puxei seu cabelo e o acalmei, e ele também gemeu.

– Me leve pra casa, Simon – sussurrei, pousando mais um beijo em seus lábios. – E dirija rápido, por favor.

Até Coração, pairando por ali, parecia contente. Ainda cantava, mas agora a canção era muito mais picante.

CAPÍTULO DEZENOVE

Olhando meu reflexo no espelho, tentei me avaliar objetivamente. Quando era menina, especialmente naqueles charmosos primeiros anos da adolescência, eu costumava me enxergar de um jeito muito diferente. Via um cabelo loiro lambido, uma pele pálida, desinteressante. Via olhos verdes monótonos e joelhos salientes que dividiam pernas magricelas. Via um nariz ligeiramente arrebitado e um lábio inferior no qual iria tropeçar a qualquer momento, se não tivesse cuidado.

Uma tarde – eu tinha quinze anos –, minha avó me disse que o vestido cor-de-rosa que eu estava usando ficava bem em minha pele. Fiz uma careta e discordei:

– Obrigada, vovó, mas ontem só dormi três horas, e se tem uma coisa que não estou hoje é bonita. Cansada, pálida, não bonita.

Revirei os olhos como as adolescentes fazem, e ela pegou minha mão.

– Sempre aceite um elogio, Caroline. Aceite pela intenção de quem o faz. Vocês garotas sempre distorcem o que os outros dizem. Apenas agradeça e siga em frente. – Ela sorriu do seu jeito sereno e sábio.

– Obrigada. – Sorri também e retornei ao molho de macarrão, virando o rosto para que ela não me visse corar.

– Me parte o coração ver como essas meninas novinhas se criticam, nunca se acham boas o bastante. Nunca se esqueça: você é exatamente como deveria ser. Exatamente. E quem disser o contrário, bem, é um panaca. – Ela soltou uma risadinha; tinha baixado a voz naquela última palavra, o mais próximo que minha avó chegaria de

um palavrão. Tinha uma lista de xingamentos, e xingamentos muito pesados, e panaca se achava quase no topo.

No dia seguinte, na escola, comentei com uma colega que seu cabelo estava lindo, e a resposta dela foi passar a mão por ele com carinha de nojo.

– Você está zoando? Mal tive tempo de lavá-lo.

Mas estava fantástico.

Mais tarde, depois da aula de educação física, eu trocava de roupa no vestiário, quando vi outra amiga retocando o batom.

– Que lindo! Como se chama essa cor? – perguntei.

– Torta de Maçã, mas fica horrível em mim. Céus, todo meu bronzeado do verão foi embora!

Vovó tinha razão. As garotas realmente não aceitavam um elogio. Bem, não vou mentir e dizer que, a partir de então, nunca

mais tive um dia de cabelo feio ou nunca mais escolhi o batom errado. Mas fiz, sim, um esforço consciente para ver o bonito antes do feio e me enxergar de uma maneira mais clara. Objetivamente. Complacentemente. E, conforme meu corpo continuou mudando, me tornei mais consciente das características que eu podia ver positivamente em vez de negativamente. Nunca me considerei deslumbrante, mas dava para o gasto.

Agora, enquanto me olhava no espelho do banheiro, sabendo que Simon estava à minha espera, fiz um pequeno inventário.

Cabelo loiro lambido? Nada de lambido. Brilhante e dourado, um pouco ondulado e cacheado da água do mar em que estivera embebido a semana toda. A pele pálida? Bronzeada e, me atrevo a dizer, um pouquinho brilhante? Pisquei para mim mesma e segurei uma risadinha maníaca. Minha boca tinha aquele lábio inferior

ligeiramente carnudo, cheio o bastante para prender Simon e não deixá-lo fugir. E as pernas que transbordavam da renda que mal cobria minhas coxas? Não tão magrelas. Para falar a verdade, acho que iam ficar ótimas em volta de Simon…

Assim, ajeitei meu cabelo mais uma vez e fiz meu checklist mental; estava excitada com os rumos da noite. Havíamos voltado correndo para casa, praticamente nos despido na entrada, e, agora, depois de pedir um tempinho para mim, eu estava pronta para sair e exigir meu Simon. Afinal, quem eu queria enganar? Desejava esse homem. Queria-o para mim e não o dividiria com ninguém.

Pela primeira vez, Cérebro concordava com PC. Especialmente depois que ela escalou Espinha Dorsal e deu uma voadora em Cérebro para mostrar de uma forma sutil que precisávamos daquilo. Merecíamos aquilo. E estávamos prontos. Quanto a

Nervos? Bem, continuavam dando voltas em meu estômago, mas isso era de se esperar, certo? Quero dizer, fazia muito, muito tempo; um pouquinho de nervoso era normal. Será que eu estivera enrolando a semana toda? Talvez.

Mais ou menos.

Um pouco.

Simon tinha sido mais do que paciente, disposto a ir devagar, no meu ritmo, mas, pelo amor de Deus, o cara não era de ferro.

Eu estava determinada a não permitir que Nervos transformassem outra noite espanhola em uma sessão de abraços e arrulhos. Olhei para o espelho e tentei me enxergar como Simon me enxergaria. Sorri de um jeito que eu achava ser sedutor, apaguei a luz, respirei fundo mais uma vez e abri a porta.

O quarto havia sido transfigurado em algo saído de um conto de fadas. Velas

tremeluziam na cômoda e nos criados-mudos, banhando o lugar com uma luz aveludada. As janelas se encontravam abertas, assim como a porta da pequena varanda com vista para o mar, e escutei o bater das ondas, estilo romance de banca. E lá estava ele: cabelo despenteado, corpo atlético, olhos fogosos.

Simon me examinou, seu olhar me percorrendo de alto a baixo, e um sorriso se espalhou pelo seu rosto em aprovação à minha escolha de roupa.

– Hum, aí está minha Garota do Baby-Doll – murmurou e esticou o braço. Tentei enrolar por mais um segundo, porém Espinha Dorsal agarrou minha mão e a entregou a ele.

Poucos centímetros nos separavam no quarto escuro, conectados por nossos dedos entrelaçados. Senti a aspereza de seu indicador conforme ele traçava círculos na palma da minha mão, os mesmos círculos

que traçara muitas semanas antes, quando seu feitiço começara a agir sobre mim. Nossos olhos se achavam repletos um do outro. Simon respirou fundo.

– É um crime o quanto você fica linda assim – ele disse. Então, me puxou e me fez rodopiar para ver melhor o baby-doll cor-de-rosa. Quando girei, a borda rendada se levantou um pouquinho, mostrando a calcinha com babados. Um ruído grave ressoou em sua garganta, e, se não estou enganada, foi um rugido. Droga…

Ele me puxou para perto, agarrou meus quadris e me pressionou contra seu corpo, meus seios de encontro a seu peito. Depositou um beijo sob minha orelha, me deixando sentir apenas a pontinha de sua língua.

– Então, tem algumas coisinhas que preciso que você entenda – Simon murmurou e me afagou com o nariz. Suas mãos acariciaram meus babados e se

fecharam de surpresa em minha bunda. Engoli em seco. – Está ouvindo? Não quero você distraída – ele murmurou de novo, pincelando com a língua a lateral do meu pescoço.

– É meio difícil me concentrar com a sua distração cutucando minha coxa – gemi e deixei que ele me curvasse para trás o suficiente para que a parte de baixo de meu corpo ficasse pressionada contra ele, suas partes duras se moldando perfeitamente às minhas partes macias. Simon riu lascivamente contra meu pescoço e deu diversos selinhos em minha clavícula.

– Eis o que você precisa saber. Primeiro, você é fantástica. – Suas mãos agora viajavam em direção à minha região lombar, os dedos massageando e manipulando. – Segundo, você é fantasticamente sexy.

Minhas mãos desabotoaram apressadamente sua camisa e a empurraram para trás de seus ombros, fazendo que nosso

ritmo passasse de vagaroso e calmo para rápido e frenético. Já as suas mãos se esgueiraram pelo meu seio, e suas unhas arranharam levemente minha barriga e levantaram o baby-doll para que ficássemos pele com pele, nada entre nós. Passei a mão por suas costas, e minhas unhas, mais agressivas, se enterraram e o ancoraram em mim.

– Terceiro, apesar deste baby-doll cor-de-rosa ser incrivelmente sexy, a única coisa que quero ver pelo resto desta noite é minha Doce Caroline. Eu preciso te ver. – Simon arquejou em meu ouvido e me ergueu, e minha perna direita automaticamente se enroscou em sua cintura.

Uma vez mais, a Lei Universal do Trepador de Paredes ditara que pernas rodeassem sua cintura.

Ele me ergueu novamente e me colocou gentilmente no colchão. Inclinando-se, me deitou sobre meus cotovelos. Com a camisa

pendendo dos ombros, piscou um olho e acenou para seu estado de seminudez. Me estiquei, enfiei um dedo por trás do botão de sua calça e o abri – sem sinal de cueca. Puxei o zíper um centímetro para baixo, expondo o caminho da felicidade que conduzia para baixo, para o lugar onde todas as coisas boas viviam. Sem cueca.

– Você tem alguma coisa contra roupa íntima? – sussurrei, erguendo um joelho e prendendo-o entre minhas coxas.

– Tenho tudo contra a sua roupa íntima. Não é um absurdo que ela continue aí? – Simon empurrou o quadril para frente, fazendo que eu sentisse tudo.

Deixei minha cabeça cair para trás, desarmando Nervos, que ameaçavam dar as caras. Caiam fora, Nervos! Isso vai acontecer.

– Absurdo nenhum. Tenho o pressentimento de que ela não vai ficar onde está por muito tempo – murmurei e me

deitei na cama para esticar os braços sobre minha cabeça e estirar meu corpo ao longo do seu, encorajando seus lábios a dançarem mais um pouco em meu busto. Senti-o lamber e sugar entre meus seios. Arqueei meu corpo em sua direção, ansiosa por mais. Eu necessitava de mais. Simon começou a afastar as alças do meu baby-doll, me descobrindo e se permitindo o acesso que precisava para me fazer entrar em órbita.

Sentir sua boca em mim, em meus seios, quente e molhada, divertida e descuidada. Era irreal. E falei isso a ele.

– Isto é irreal – gemi sobre o topo de sua cabeça conforme sua barba de dois dias arranhava minha pele deliciosamente. Seus lábios se fecharam em meu mamilo direito, e meus quadris iniciaram um movimento próprio, insinuando-se loucamente sob ele; minhas pernas agora se achavam firmemente envoltas em sua cintura. Lábios e língua e dentes se demoravam em meu busto

enquanto Simon se alternava entre os seios, acariciando-os e beijando-os igualmente. Eu estava rodeada por Simon, e até mesmo seu cheiro – partes iguais de temperos apimentados e conhaque espanhol – me excitava.

Palavras desconexas escapavam de minha boca. Tive consciência de alguns "Simon" e de um ou dois "Nossa, que delícia", mas, de resto, me ouvi dizendo coisas como "Hum" e "Oh" e um altíssimo "Aaaaaaaiiiaaaiiiiuuuu", para o qual, sinceramente, não existe grafia correta.

Simon ofegava em minha pele, e seu hálito também me deixava louca cada vez que me cobria. Minhas mãos tinham ficado livres para percorrer o país das maravilhas que era seu cabelo, e, quando afastei uma mecha de seu rosto, fui recompensada com a incrível visão de sua boca em mim, seus olhos fechados em clara adoração. Ele me mordeu suavemente, cerrando os dentes em

minha pele febril, e minhas mãos quase arrancaram seu cabelo. Foi fenomenal.

Com uma mão, Simon acariciava de cima a baixo minha perna, me incitando a apertá-lo cada vez mais entre minhas coxas, seus dedos prodigiosos começando a se aproximar da borda da renda. Era a última fronteira: a fronteira rendada.

Senti minha respiração parar quando ele fez o último avanço; seus dedos roçaram a costura da minha calcinha. Também a respiração de Simon se tornou lenta, e, sem parar de me tocar, seu rosto ficou de frente para o meu, e tivemos esse momento, esse momento calmo, em que apenas nos… encaramos. Espanto – só assim consigo descrever a sensação de suas mãos me tateando, delicadamente, reverencialmente. Nossos olhares se travaram um no outro quando sua mão se livrou e adentrou a renda e, com uma precisão dolorosamente perfeita, me tocou profundamente.

Meus olhos se fecharam, meu corpo inteiro inundado de infinitas sensações. Minha respiração voltou a se acelerar, e a pressão intensa que antes circulava ao redor e dentro e fora agora era como um “hum” baixo e constante, logo abaixo da superfície da minha pele. Me movi com ele conforme seus dedos me exploravam e deixei escapar o menor dos gemidos. As sensações eram tão intensas, e a energia – meu Deus, o que era a energia que nos cercava?

Simon não podia ter consciência de toda a emoção que rolava atrás de minhas pálpebras fechadas. O coitado só estava matando a curiosidade – finalmente. E, à medida que seus dedos se tornaram mais hábeis e confiantes, algo incrível começou a acontecer. Aqueles ínfimos feixes de nervos que se achavam adormecidos havia séculos principiaram a despertar para a vida. Meus olhos se arregalaram quando um calor muito específico, brotado no âmago, passou a

circular por mim.

Simon com certeza estava gostando daquilo. Seus olhos turvos transbordavam desejo enquanto eu me contorcia sob ele. Eu me contraía e me libertava ao seu toque.

– Nossa, Caroline, você é tão… você é linda – murmurou, seus olhos contendo algo mais do que desejo agora, e senti frêmitos atrás de meus globos oculares.

Lancei meus braços em volta de seu pescoço e o abracei com mais força, escancarando sua camisa para poder sentir tudo. Ele se ergueu por um segundo apenas e tirou a própria camisa de um jeito exagerado que me fez rir e querê-lo ainda mais.

Deitando-se novamente, Simon escorregou bem para baixo, seus lábios delineando uma rota até meu umbigo. Rodeando-o com a língua, ele riu em minha barriga.

– Posso saber do que o senhor está rindo? – Também ri e puxei sua orelha. Ele estava

sob o baby-doll agora, o rosto encoberto. Afaguei sua cabeça, e Simon abriu um sorriso de canto de boca que fez meus dedos do pé se retesarem.

– Se o seu umbigo já é assim tão gostoso… Caroline, mal posso esperar para provar sua boceta.

Existem certas coisas que uma mulher precisa ouvir em diferentes momentos de sua vida.

O emprego é seu.

Sua bunda fica sensacional nessa saia.

Eu adoraria conhecer sua mãe.

E, quando empregada no contexto certo, no cenário perfeito, às vezes, uma mulher precisa ouvir a palavra começada por B.

Isso podia ser melhor do que Clooney.

O gemido que escapou da minha boca quando ele pronunciou aquela palavra… bem, digamos apenas que foi alto o suficiente para acordar um morto. Simon

deixou sua língua traçar um caminho do meu umbigo até os babados da calcinha, a qual ergueu com polegares exímios para então descê-la pelas minhas pernas.

Ali estava eu, espalhada na Cidade das Almofadas, com um baby-doll rosa enrolado na altura da barriga, todas as partes importantes devidamente expostas, e extremamente feliz com isso. Simon arrastou meus quadris até a beira da cama e ficou de joelhos. Minha Nossa Senhora.

Suas mãos percorreram o alto de minhas pernas, e eu me apoiei em meus cotovelos para observá-lo; precisava ver aquele homem maravilhoso tomar conta de mim. Ajoelhado entre minhas coxas, com a calça desabotoada e o zíper descido até a metade, o cabelo arrepiado, ele estava deslumbrante.

Guiado por sua língua, deu beijos de boca aberta na parte de dentro de minhas coxas, primeiro em uma, depois na outra, cada vez mais perto de onde eu mais precisava dele.

Levantando cuidadosamente minha perna esquerda, enganchou-a em seu ombro, e eu arqueei as costas, meu corpo inteiro ansiando por senti-lo.

Ele me encarou por um longo momento – talvez tenha sido por alguns segundos, mas pareceu uma eternidade.

– Linda – arfou mais uma vez e então pressionou seus lábios em mim.

Nada de lambidinhas rápidas, nada de beijinhos, somente uma pressão incrível ao me abarcar com sua boca. Foi o suficiente para me fazer tombar de costas na cama, incapaz de me suportar por mais tempo. A sensação, a sensação extraordinária de tê-lo ali era arrebatadora, e eu mal conseguia respirar. Simon me manipulou devagar, suavemente, e, com uma mão, me abriu ainda mais, deixando sua boca, seus dedos e sua língua perfeita me transportarem à estratosfera, me inundarem com o espanto e a fascinação que me faltavam havia tanto

tempo.

Permiti que uma de minhas mãos descesse à sua procura e revolvesse seu cabelo, percorrendo-o apaixonadamente com os dedos. A outra mão? Inútil. Amassando o lençol desesperadamente.

Simon levantou a cabeça uma vez, só uma, para dar outro beijo em minha coxa.

– Perfeita. Céus, simplesmente perfeita! – sussurrou tão baixinho que mal o ouvi em meio a meus próprios suspiros e murmúrios. Ele retornou a mim quase imediatamente, e havia uma urgência em seus movimentos agora; seus lábios e sua língua dançavam e pressionavam, e ele gemia, a vibração estalando.

Abri os olhos por um segundo, apenas um segundo, e o quarto estava brilhando, quase incandescente. Todos meus sentidos se avivaram: escutei o mar quebrando, vi a luz das velas bailando em nossos corpos, senti

minha pele se abrir em arrepio; o próprio ar me acariciava e anunciava o que eu havia perdido por meses, anos até.

Aquele homem muito possivelmente me amava. E estava prestes a trazer O de volta.

Fechei os olhos novamente e me vi à beira de um penhasco, contemplando o mar furioso abaixo. Pressão, uma pressão enorme se edificava às minhas costas, me empurrando para a borda, para a queda, para aquilo que se achava à minha espera. Dei um passo, depois outro, cada vez mais perto, e Simon agarrou meus quadris. Mas espere. Se O estava chegando, eu queria Simon dentro. Precisava de Simon dentro de mim.

Pelos ombros, puxei-o para cima, meus pés chutando sua calça até que ela caísse desamparada no chão.

– Simon, preciso de você, por favor, dentro, agora – arquejei quase

incoerentemente de desejo. Simon, familiarizado com a taquigrafia caroliniana, entendeu plenamente e, em segundos, estava entre minhas pernas, os quadris esfregados aos meus. Se curvou e me beijou desenfreadamente, meu gosto em todo ele. E eu amei.

– Dentro, dentro, dentro – ecoei, minhas costas e meus quadris se arqueando alternadamente, tentando desesperadamente encontrar o que eu precisava, o que tinha que ter, para cair daquele penhasco. Ele me deixou apenas por um instante para apalpar a calça que eu jogara do outro lado do quarto. O ruído revelador do plástico me informou que estava segura, que estávamos seguros.

E finalmente o senti, exatamente onde era para estar. Quase não havia entrado, mas a sensação dele me penetrando já foi monumental. Minhas carências se apaziguaram por um momento, e eu o

observei se impelir contra mim pela primeira vez. Seus olhos se cravaram nos meus, e aninhei seu rosto em minhas mãos. Parecia que Simon queria dizer algo. Que palavras pronunciaríamos, que palavras maravilhosamente apaixonadas diríamos para celebrar esse momento?

– Oi – ele sussurrou, sorrindo como se sua vida dependesse disso.

Não pude evitar sorrir de volta.

– Oi – respondi, adorando senti-lo, sentir seu peso.

Ele deslizou gentilmente para dentro de mim, e, no início, meu corpo resistiu. Fazia muito tempo, mas a pequena dor que senti foi bem-vinda. Era uma dor boa, uma dor que prometia algo mais. Relaxei e deixei minhas pernas rodearem sua cintura, e, à medida que Simon se pressionou ainda mais contra mim, seu sorriso se tornou infinitamente mais sexy. Ele mordeu o lábio

inferior, e pequeninas rugas se formaram em sua testa. Inalei seu perfume e o vi recuar só um pouco, para então se introduzir novamente. Agora completamente dentro, saudei-o do único jeito que podia: dei-lhe aquele pequeno abraço interior, o que fez seus olhos se arregalarem e pousarem em minha cintura.

– Essa é minha garota! – murmurou, erguendo uma sobrancelha devassa e me penetrando de novo, com mais convicção agora. Arfei e, involuntariamente, balancei meus quadris junto aos seus em um movimento tão antigo quanto as ondas que quebravam ao longe.

Lentamente, ele começou a se mexer dentro de mim, deslizando com uma pressão fantástica, e cada novo ângulo e cada nova sensação davam lugar a mais daquele formigamento cálido que parecia querer sair pela ponta de cada um dos meus dedos das mãos e dos pés. A sensação de ter Simon

dentro de mim, dentro de meu corpo, era mais do que sou capaz de articular. Gemi, ele grunhiu. Ele gemeu, eu grunhi. Juntos. Seus quadris me impeliram mais para cima, em direção à cabeceira. Nossos corpos estavam escorregadios de suor e batiam e se esfregavam um no outro. Afundei minhas mãos em seu cabelo, me arrastando e me contorcendo sob ele.

– Caroline, tão linda – ele suspirou entre beijos em minha testa e em meu nariz.

Fechei os olhos e me vi, mais uma vez, à beira do penhasco, pronta para pular, ansiosa por pular. Mais uma vez, aquela pressão começou a se acumular, aquela crepitação de energia girando sobre si selvagem, freneticamente, pulsando a cada avanço, a cada deslize e a cada mergulho de seus quadris em mim, guiando-o incessantemente para dentro e para fora de meu corpo.

Dei mais um passo; agora, um pé pendia

da beira, e, então, eu o vi… O! Estava lá embaixo, na água, seu cabelo como labaredas dançando nas ondas. Ele acenou, eu acenei, e, assim, de repente, Simon levou uma mão ao espaço entre nossos corpos, um pouco acima do ponto em que nos uníamos, e começou a traçar seus pequenos círculos.

Pequenos círculos feitos por uma mão perfeita, e eu pulei. Pulei livre, pura, sonora, orgulhosa, proclamando minha aprovação com um lascivo “Sim!”.

E eu caí.

E caí.

E caí.

E bati. Bati e atravessei a implacável superfície da água e não emergi. Caí por uma eternidade, mas, em vez de ser saudada lá no fundo por um O de braços abertos, me debati, sozinha e molhada. Cada músculo do meu corpo, cada célula estava concentrada no retorno de O, como se eu pudesse trazê-lo

de volta pela simples força do desejo. Me retesei, o corpo esticado e tenso ao seu vislumbre, somente a pontinha de seu cabelo, como fogo debaixo da água, afastando-se de mim. Estava tão perto, tão perto. Mas não.

Lutei desesperadamente por ele, tentei fazê-lo reaparecer, mas nada. Fora embora, me deixou sob a água. Com o homem mais belo do mundo dentro de mim.

Abri os olhos e vi Simon, vi seu rosto bonito enquanto fazia amor comigo, e era isso mesmo. Não era sexo. Era amor, e eu ainda não podia oferecer tudo o que tinha. Vi seus olhos pesados, turvos e quase fechados de paixão. Vi uma pérola de suor escorregar de seu nariz e tombar preguiçosamente em meu seio. Vi-o morder seu lábio inferior e o esforço em seu rosto enquanto retardava seu merecido clímax.

Simon era tudo o que eu esperava. Era um amante generoso, e eu podia sentir meu

coração bater a ponto de sair do peito só para ficar mais perto dele, para amá-lo. Simon era tudo.

Ergui sua mão que se achava entre nós e beijei a ponta de seus dedos; em seguida, apertei minhas pernas em volta de sua cintura com mais força e ancorei minhas mãos em suas costas. Ele estava esperando por mim. Claro que estava. Eu o adorava. Fechei os olhos outra vez, me preparando para tudo o que era capaz de lhe dar.

– Simon, está tão bom – ronronei, e cada palavra foi sincera. Empinei meus quadris, apertei todos os lugares certos e falei seu nome repetidamente.

– Caroline, olha pra mim – Simon pediu, sua voz transbordando prazer. Permiti que meus olhos se abrissem e senti uma lágrima correr pelo meu queixo. Uma expressão inquieta atravessou seu rosto por um segundo, e seus olhos procuraram os meus. Depois? Ele gozou. Nenhum raio, nenhum

relâmpago, nenhum alarde. Mas foi deslumbrante.

Simon desabou sobre mim, e eu acolhi seu peso. Acolhi-o inteiro, deitei-o em meu seio e o beijei interminavelmente, minhas mãos afagando suas costas, minhas pernas abraçando-o com toda a força. Murmurei seu nome, e ele se derramou no espaço entre meu pescoço e meus seios, me tocando e me acariciando.

Coração se deixou cair e suspirou silenciosamente. Nervos? Filhos de uma puta! Nem pensem em dar as caras.

Ficamos deitados por um tempo, escutando o oceano em nosso pequeno paraíso, esse romântico cenário de conto de fadas que poderia, deveria ter sido suficiente. Quando sua respiração voltou ao normal, Simon levantou a cabeça e me beijou docemente.

– Doce Caroline. – Ele sorriu, e eu sorri de

volta, o coração pleno.

O sexo podia ser fantástico mesmo sem O.

– Volto já – Simon falou. Ele se desenroscou de mim e caminhou até o banheiro, nu, uma visão inesquecível.

Observei-o se afastar e então me sentei rapidamente e ajeitei as alças do baby-doll sobre meus ombros. Me virei de lado – o lado oposto ao banheiro – e me enrolei no travesseiro. Essa tinha sido a melhor experiência sexual da minha vida. Cada *i* tinha sido pingado, cada *t*, traçado. Ainda assim, nada de O. Mas que caralho estava acontecendo comigo?

Não vou chorar.

Não vou chorar.

Não vou chorar.

Embora Simon tenha ficado ausente da cama por poucos minutos, quando ele voltou, entrei em pânico e fingi estar dormindo. Infantil? Sim. Totalmente infantil.

Senti a cama afundar quando Simon se deitou, e então seu corpo, ainda quente e ainda nu, se encaixou no meu em uma conchinha. Seus braços me envolveram e sua boca sussurrou em meu ouvido:

– Ei, a Garota do Baby-Doll voltou pro seu baby-doll.

Esperei, sem falar, só respirando. Ele me sacudiu muito levemente e soltou uma risadinha.

– Ei, você, dormiu?

Eu deveria roncar? Nos seriados de humor, as pessoas sempre roncam quando fingem que estão dormindo. Deixei escapar um ronquinho. Ele beijou meu pescoço, e minha pele traidora se eriçou ao toque de sua boca. Suspirei em meu "sono", me aconcheguei em Simon e torci para que ele não percebesse. E o destino foi bom naquela noite: Simon simplesmente me abraçou com mais força e me beijou uma última vez.

– Boa noite, Caroline – sussurrou, e a noite desceu sobre nós. Fingi roncar por mais alguns minutos, até que seu ronco de verdade tomou conta, e então suspirei pesadamente.

Confusa e entorpecida, fiquei acordada até o amanhecer.

CAPÍTULO VINTE

Eu tinha fingido.

Fingido com Simon. Devia existir um mandamento escrito em algum lugar, talvez até esculpido em bloco de pedra: não fingirás com o trepador de pare-des. Então, que se escreva e que se faça. Eu fingi; estava condenada a errar pela Terra para sempre, e para sempre sem O.

Dramática demais? Definitivamente. Mas, se aquilo não exigia um pouco de drama, então o quê?

Na manhã seguinte, me levantei antes de Simon acordar, algo que ainda não tinha acontecido naquela viagem. Geralmente, um esperava na cama até que o outro despertasse, e então enrolávamos e

conversávamos aos risos e beijos.

Hum, os beijos.

Mas, nessa manhã, eu tomara uma chuveirada rápida e me achava na cozinha preparando o café, quando um Simon sonolento entrou. Arrastando os pés com meias pelo chão, a cueca baixa na cintura, ele sorriu e se aproximou enquanto eu fatiava um melão e cerejas.

– O que você está fazendo aqui? Fiquei solitário. Cama grande, nenhuma Caroline. Aonde você foi? – Simon deu um beijinho em meu ombro.

– Preciso me aprontar. O carro vem me pegar às dez, lembra? Queria fazer café da manhã pra você antes de partir. – Sorri e também lhe dei um beijinho.

Ele então impediu que eu me virasse para o outro lado e me beijou mais demoradamente, não permitindo que eu apressasse o que quer que fosse. Senti meu

corpo se retrair e quase não fui capaz de evitá-lo. Precisava de um tempo para processar aquilo, para entender como estava me sentindo – além de desolada, claro. Adorava Simon, e ele não merecia que eu me sentisse assim. Então, me entreguei ao seu beijo e fui arrebatada mais uma vez. Retribuí-o febrilmente, apaixonadamente, e o afastei antes que o beijo deixasse de ser só um beijo.

– Fruta?

– Oi?

– Fruta. Fiz salada de fruta. Quer?

– Oh, sim. Delícia. Café?

– A água está fervendo. A cafeteira já está pronta. – Afaguei sua bochecha e apontei para a vasilha. Nós coexistimos na cozinha, falando baixinho, e Simon me roubou um beijo aqui e ali. Tentei não demonstrar o quanto minha cabeça estava confusa, tentei agir o mais naturalmente possível. Ele

pareceu notar que havia algo de estranho, mas apenas seguiu minhas deixas, me deixou conduzir aquela manhã.

Sentamos no terraço pela última vez para tomar o café da manhã juntos e observar o mar.

– Você está feliz por ter vindo?

Mordi o lábio.

– Muito. A viagem foi fantástica. – Sorri e estendi o braço através da mesa, apertando sua mão.

– E agora?

– Como assim, e agora? Agora é voltar à realidade. Que horas é o seu voo, amanhã?

– Tarde. Bem tarde. Eu telefono ou… – Simon se deteve antes de perguntar se deveria passar em minha casa.

– Telefona assim que chegar, não importa a hora, tá? – respondi, bebendo meu café e contemplando o oceano. Simon ficou quieto, e, desta vez, quando mordi meu lábio, foi

para não chorar.

Eu havia arrumado as malas bem cedo, e, assim, quando o motorista chegou, estava pronta para partir. Simon me tentou a acompanhá-lo no banho, mas saí com a desculpa de que precisava encontrar o passaporte. Estava apavorada e estava me afastando justamente quando nos tornáramos tão íntimos, mas aquilo tinha realmente me deixado arrasada.

Meus Os se achavam todos em um cesto, e o problema não era Simon. Era eu. O sexo tinha sido surreal, maravilhoso, perfeito, mesmo com camisinha, e, ainda assim, nada de O.

Simon levou minha bagagem até o carro e a colocou no porta-malas. Depois de falar rapidamente com o motorista, se juntou novamente a mim enquanto eu me despedia da casa. Tinha sido um conto de fadas; eu amara cada momento.

– Hora de partir? – perguntei, me recostando em Simon quando ele se aproximou de mim, no terraço. A sensação do seu corpo no meu me deixou contente.

– Hora de partir. Pegou tudo?

– Acho que sim. Queria tanto descobrir um jeito de levar aqueles camarões pra casa… – Sorri, e ele resfolegou em meu cabelo.

– Acho que a gente encontra algo parecido em San Francisco. Talvez a gente possa chamar o pessoal no próximo fim de semana e tentar recriar algumas das coisas maravilhosas que comemos aqui?

Me virei para ele.

– Nossa estreia? – Sorri.

– É, claro. Quero dizer, se você quiser – ele acrescentou timidamente e me olhou com cuidado.

– Quero – respondi. E queria mesmo. Mesmo sem o estúpido, abençoado O, eu

queria ficar com Simon.

– Combinado, estreia com camarões.

Dei uma risada, Simon me abraçou, e o motorista buzinou. Nos apressamos até o carro.

– Ligo quando voltar, tá?

– Estarei em casa. Bom trabalho!

Simon afastou uma mecha de cabelo do meu rosto e se curvou para me beijar.

– Tchau, Caroline.

– Tchau, Simon. – Entrei no carro e fui embora do conto de fadas.

Uma vez acomodada na primeira classe, eu não tinha outra coisa a fazer senão refletir por horas. Esqueça isso. Eu não tinha outra coisa a fazer senão me remoer e resmungar por horas. Havia chorado o caminho inteiro até o aeroporto ao mesmo tempo que tentava convencer o motorista de que eu estava bem e não completamente louca.

Chorei porque, bem, porque havia tensão pra cacete em meu corpo, e ela precisava sair de algum jeito. E assim o fez – através dos meus olhos. Eu estava triste e estava frustrada. Agora, tinha parado de chorar.

Tentei ler. Comprara algumas revistas idiotas no aeroporto de Málaga. Conforme as folheava, títulos de artigos saltavam na minha cara: “Como saber se você está tendo o melhor orgasmo possível”; “Desbrave seu caminho para os orgasmos múltiplos”; “Novo plano de dieta: emagreça gozando”.

Pequena Caroline, Cérebro, Espinha Dorsal e Coração se juntaram para tacar pedra em Nervos, que tentavam desesperadamente se esconder.

Me livrei de todas aquelas revistas colocando-as nas costas do assento à minha frente. Peguei meu laptop e coloquei meus fones. Tinha baixado alguns filmes antes do último voo. Podia deixar minha mente se perder em um filme. Sim, podia fazer isso.

Rolei pelos títulos. *Feitos um para o outro*? Nem pensar, não com aquela cena no café. *Top Gun – Ases indomáveis*? Não, a cena em que eles fazem amor, e tudo é iluminado de azul, e a brisa sopra através da cortina. De jeito nenhum, muito parecido com meu conto de fadas.

Finalmente encontrei um filme decente, tomei três Tylenol PM e dormi antes que Luke aprendesse a manejar seu sabre de luz.

Em algum ponto entre a escala no aeroporto de LaGuardia e o voo através dos Estados Unidos, meu estado de espírito foi de triste para puta da vida. Tinha recuperado o sono, dado um fim àquela choradeira estúpida e agora estava furiosa. E logo num avião, que não é o melhor lugar para andar de um lado a outro. Precisava permanecer no assento e racionalizar sobre o que fazer com aquela fúria – e sobre como seria o resto da vida sem qualquer esperança de O. Muito

dramática de novo? Talvez, mas, sem O à vista, é fácil ficar com a visão distorcida.

Finalmente, pousamos no aeroporto de San Francisco. Enquanto seguia a fila até a esteira de bagagens, física e emocionalmente exaurida, avistei um rosto que não queria ver nunca mais.

Cory Weinstein. A metralhadora desgraçada.

Afixado em um anúncio enorme, na banca de jornal, estava sua cara idiota fazendo propaganda da sua maldita pizzaria Fatias de Amor. Parei diante de sua cabeça gigante, que levava o sorriso mais merdoso de todos, acompanhado de um pedaço de pepperoni, e minha cólera borbulhou. Ela possuía um rosto agora. Minha raiva tinha uma cara, e era uma cara imbecil. Queria dar um murro na sua fuça, mas não passava de um cartaz.

Infelizmente, isso não me impediu.

Não foi a coisa mais inteligente a fazer

em um aeroporto internacional. Alguns rostos se fecharam para mim. Então, depois de uma dura advertência dos seguranças e da solene promessa de que eu nunca mais atacaria um anúncio, me enfiei num táxi e fui para casa, ainda fedendo a avião. Chutei minha própria porta desta vez e, jogando a bagagem longe, avistei as duas únicas coisas que podiam me fazer sorrir.

Clive e minha batedeira.

Com um miau sonoro, ele veio correndo até mim e pulou em meus braços, demonstrando a afeição que reservava para momentos exatamente como aquele. De algum modo, seu minúsculo cérebro de gato sabia que eu precisava disso, e Clive me mimou como só ele podia. Abanando a cauda e ronronando incessantemente, encostou a cabecinha sob meu queixo e passou as patinhas em volta de meu pescoço num abraço felino. Rindo em seu pelo, apertei-o bem apertado. Era bom estar em

casa.

– Tio Euan e tio Antonio cuidaram bem de você? Hein? Quem é o meu garotão? – cantarolei e o pousei no chão para pegar uma lata de atum, sua recompensa por se comportar enquanto eu ficara fora. Virando as costas a Clive, que agora só queria saber de sua tigela, meus olhos se fixaram na Kitchen Aid. Eu ia tomar banho e depois ia cozinhar. Precisava cozinhar.

Uma quantidade indefinida de tempo mais tarde – embora eu deva dizer que o sol se pôs e raiou enquanto eu enfarinhava e mexia –, ouvi uma batida na porta. Estava cozinhando havia tantas horas que minhas costas estalaram e rangeram quando tirei os olhos do Brownie Escandaloso de Ina. Não eram tão fáceis, mas, uau, valiam a pena. Que horas eram? Olhei ao redor à procura de Clive, porém não o vi.

Corri até a porta e notei que havia açúcar

por todo o chão, branco e mascavo, o que me fez executar um pequeno passo de sapateado. Bateram de novo, desta vez mais insistentemente.

– Já vou! – gritei. Ao erguer a mão para a maçaneta, reparei que os nós dos meus dedos estavam lambuzados de chocolate derretido. Como não sou de desperdiçar, dei uma lambida celestial e abri a porta.

Diante de mim, Simon, exausto.

– O que você está fazendo aqui? Era pra você voltar só…

– Era pra eu voltar só de madrugada, eu sei. Peguei um voo mais cedo. – Ele passou por mim e entrou em meu apartamento.

Ao fechar a porta e me virar para encará-lo, alisei meu avental e senti vários pedaços de massa.

– Pegou um voo mais cedo? Por quê?

Com um sorriso curioso, ele olhou para os montes e mais montes de biscoitos, para as

tortas sortidas no peitoril da janela, para os pães de abobrinha embrulhados em papel-alumínio, para o pão de abóbora e para o pão de cranberry e laranja empilhados sobre a mesa como se estivessem alicerçando o apartamento. Ainda sorrindo, Simon se virou para mim e retirou uma uva-passa da minha testa.

– Você vai me falar por que fingiu?

CAPÍTULO VINTE E UM

Embasbacada, fiquei parada com a boca aberta enquanto Simon andava pelo apartamento e contemplava as guloseimas. Ele caminhou sobre o açúcar e parou para passar o dedo em uma tigela com resto de chocolate derretido. Suspirei antes de voltar à bancada para encará-lo e, no caminho, removi uma bola de massa de outra tigela.

Como ele sabia? Como descobriu? Virei e amassei a bola – um brioche fofo e pegajoso – e senti meu rosto em chamas. Achava que tinha disfarçado tão bem… Arrisquei uma espiadela enquanto Simon lambia o chocolate do dedo; seus olhos se tornaram mais apreensivos quando parei de amassar a massa do brioche e passei a esmurrá-la.

Descarreguei na coitada a frustração de uma vida sem O. *Ô, dó.*

Com o dedo limpo de novo, Simon enganchou uma mecha de cabelo atrás de minha orelha. E eu amassando/esmurrando. Estremeci quando ele me tocou; era impossível ignorar a gloriosa imagem de Simon em cima de mim.

– A gente vai falar sobre isso – ele perguntou calmamente e mergulhou o nariz em meu pescoço. Me inclinei para seu corpo por um breve momento e me recompus em seguida.

– O que tem pra falar? Nem sei do que você está falando. Está delirando por causa do jet lag? – falei brincando, evitando seus olhos e imaginando se podia me livrar daquilo. Talvez eu realmente pudesse convencê-lo de que ele era o doido ali... Porra, como ele sabia?

– Garota do Baby-Doll, sem essa. Conversa

comigo. – Simon roçou o nariz em meu pescoço. – Se vamos fazer isto, precisamos conversar um com o outro.

Conversar? Claro. Eu podia conversar. Talvez ele devesse saber no que estava se metendo; uma mulher condenada a vagar pela Terra sem O. Ergui a bola de massa e a arremessei à parede. Ela escorreu e escorregou, pegajosa como aqueles assustadores insetos de geleia com que eu brincava quando criança. Me virei para Simon – meu rosto ainda vermelho, mas eu já não me importava.

– O que era pra ser aquilo? – ele perguntou calmamente, apontando para a bola de massa.

– Brioche. Era pra ser um brioche – respondi rápida, freneticamente.

– Aposto que teria ficado bem gostoso.

– Dá muito trabalho. Trabalho demais, eu diria.

– Podemos tentar de novo. Eu ficaria feliz em ajudar.

– Você não faz ideia do que está oferecendo. Tem alguma noção do quanto é complicado? Da quantidade de etapas? De quanto tempo pode exigir?

– Quem espera sempre alcança…

– Simon, você não faz ideia! Eu quero tanto, provavelmente mais do que você.

– Dá pra fazer crouton com isso, não dá?

– O quê? Do que você está falando?!

– Brioche. É tipo um pão, não é? Ei, para de bater a cabeça na bancada!

O granito era frio contra minha pele derrotada e quente, mas bati com menos força quando percebi o princípio de pânico em sua voz.

Ele sabia e ainda estava ali. Na minha cozinha, com aquele casaco azul que deixava suas safiras e todo seu corpo macio e tépido e sexy e viril e lindo. E então havia eu,

coberta de mel e passas, batendo a cabeça na bancada depois de assassinar um brioche.

Assassinando meu brioche. Que ótimo nome para… *Caroline, concentra!*

Coração quase saltara do peito quando o vira na porta do apartamento. PC não fizera por menos, tremendo involuntariamente. Num primeiro momento, Cérebro havia se desligado em choque e negação, mas agora analisava a situação, inclinado a considerá-lo um candidato válido, dada a distância e o tempo que Simon atravessara para descobrir a causa do problema. Espinha Dorsal se retesara; sabia instintivamente que uma postura adequada proporcionava uma vitrine mais bonita… E quem podia culpá-la? Já Nervos… tremulavam.

Por quê. Por quê. Ele queria saber por quê. Examinei-o entre uma cabeçada e outra e percebi que estava ficando preocupado. Como eu – minha cabeça começou a doer de verdade. Eu estava cansada, com opressão

demais e orgasmos de menos. E um pouco sonolenta?

Após uma última cabeçada, me endireitei e pendi um pouquinho para a esquerda. Recuperei o equilíbrio, respirei fundo e deixei sair:

– Você quer saber o motivo?

– Sim. Parou de bater a cabeça?

– Parei. Certo, o motivo. Aqui vai… – Andei em círculos, driblando as migalhas de chocolate e as nozes que haviam se congregado no chão. Avistei Clive em um canto rebatendo algumas nozes com as patas. – Você sabe alguma coisa sobre pizzarias, Simon?

É preciso dar o devido crédito: Simon me escutou. Simon me escutou falar sem parar, circulando o balcão da cozinha, vociferando e esbravejando. Nem para mim aquilo fazia sentido: "Weinstein… uma noite… metralhadora… Sumiu!… Jordan Catalano…

Nem mesmo Clooney!... hiato... Oprah... sozinha... solteira... Nem mesmo Clooney... Jason Bourne... Clooney por pouco... baby-doll cor-de-rosa... batidas na parede...".

Após algum tempo, ele parecia tão zonzo quanto eu estava começando a me sentir. Estava determinada a botar tudo para fora. Simon tentou agarrar meu braço em uma de minhas voltas, mas me esquivei de suas mãos e quase escorreguei num monte de nozes esfareladas – que eu havia esfarelado um minuto antes. Tinha delineado uma rota no meio daquela sujeira.

Dei um passo derradeiro e resmunguei algo sobre "conto de fadas espanhol com camarões", quando escorreguei e caí em seus braços.

Simon me segurou, assoprou meu rosto e beijou minha testa.

– Caroline, querida, você precisa me contar o que está acontecendo. Essa

lamentação toda? É fofa e tal, mas não estamos chegando a lugar nenhum. – Ele apoiou a mão em minha lombar e me segurou no lugar. Me afastei um pouco, resistindo a seu abraço, e o olhei diretamente nos olhos.

– Como você soube?

– Ah, qual é, às vezes os homens sabem.

– Não, sério. Como você soube?

Ele beijou meu nariz com ternura.

– Porque, de repente, você já não era a minha Caroline.

– Eu fingi porque não tenho um orgasmo há milhões de anos – declarei.

– Como é que é?

– Com licença, estou indo chutar sua porta agora – falei, deslizando sobre o açúcar.

– Espera, espera, espera, você o quê? Você não tem o quê? – Ele alcançou minha mão quando me virei. Todas as cartas

estavam na mesa.

– Um orgasmo, Simon. Um orgasmo. O grande O, o clímax, o final feliz. Nada de orgasmos. Não para a Garota do Baby-Doll. Cory Weinstein pode me dar cinco por cento de desconto quando eu quiser, mas levou meus orgasmos em compensação. – Funguei, e meus olhos se encheram de lágrimas. – Você pode voltar pro seu harém. Vou entrar para o convento muito em breve – gritei. A barragem finalmente fora rompida.

– Convento? O quê? Vem aqui, por favor. Traz essa bunda dramática pra cá. – Ele me puxou de volta à cozinha e me envolveu em seus braços. Então, me embalou para frente e para trás, enquanto eu soltava soluços e lamúrias ridículas.

– Você é... tão... fantástico... e eu não consigo... você é tão bom... na... cama... e em todos os lugares... e eu não consigo... meu Deus... você é tão sexy... quando goza... tão gostoso... e quando voltou pra

casa… e eu assassinei meu brioche… e eu… e eu… acho… que amo você.

Para tudo. Respira. *O que eu acabei de falar?*

– Caroline, ei, para de chorar, linda. Poderia repetir a última parte, por favor?

Tinha acabado de dizer a Simon que o amava. Enquanto meu catarro ensopava seu casaco azul. Inalei seu perfume, depois me desprendi de Simon e fui até a parede para desprender o resto de massa. Nervos haviam despertado para a vida e, pela primeira vez, trabalhado a nosso favor. Eu devia me fazer de boba? Ou devia pagar para ver?

– Que parte? – perguntei à parede (e a Clive, que tinha parado de brincar com suas nozes para ouvir a conversa).

– A última parte – escutei-o dizer forte, claramente.

– Eu assassinei meu brioche?

– Sério? Sério, Caroline?

– Não?

– Tenta de novo.

– Não quero.

– Caroline… espera, qual é o seu nome do meio?

– Elizabeth.

– Caroline Elizabeth – Simon advertiu em uma voz profunda e inesperada que me fez rir.

– Brioche é muito gostoso quando não está temperado com parede – falei. Meu cansaço se misturava à minha confissão, produzindo um estranho zumbido. Na verdade, eu me sentia um pouco aliviada.

– Olha pra mim, por favor – ele pediu, e assim o fiz. Simon se curvou sobre a bancada e abriu seu casaco. – Estou um pouco confuso por causa das viagens e tal, então vamos recapitular algumas coisinhas. Primeiro, parece que você perdeu seus orgasmos, certo?

– Certo – murmurei, observando-o tirar o casaco azul e jogá-lo sobre o encosto de uma cadeira.

– Segundo, brioches são muito difíceis de fazer, sim?

– Sim – arfei, incapaz de tirar meus olhos dele. Debaixo, havia uma camisa branca. Já era linda, e Simon ainda enrolou suas mangas lenta, metodicamente. Foi hipnotizante.

– Terceiro, você acha que me ama? – perguntou, a voz profunda e espessa como melaço e mel e manta afegã.

– Sim – sussurrei. Sabia que aquilo era cem por cento verdade. Eu amava Simon. Ops.

– Você acha ou tem certeza?

– Tenho certeza.

– Interessante. É algo a ser considerado, não acha? – Simon falou, seus olhos dançando conforme se aproximava. – Você

não faz ideia, né? – Ele espalhou as mãos sobre minhas clavículas e, com os polegares, roçou o início de meus seios.

Minha respiração se acelerou, e meu corpo despertou para a vida – apesar de mim.

– Não faço ideia do quê? – indaguei, permitindo que ele me pressionasse contra a parede.

– Que eu sou completamente seu, Garota do Baby-Doll. – Simon se inclinou para sussurrar essa parte ao meu ouvido. – E eu *tenho certeza* que te amo o bastante para querer que você tenha seu final feliz.

Aí ele me beijou – Coração estava nas alturas –, me beijou como num conto de fadas, ainda que nesse conto de fadas eu tivesse massa de pão nas costas e um gato cheio de nozes. Mas isso não me impediu de beijá-lo como se minha vida dependesse daquilo.

– Sabia que comecei a me apaixonar por você na noite em que bateu na minha porta? – Simon beijou meu pescoço. – E que, assim que começamos a nos conhecer, não fiquei com mais ninguém?

Engasguei. E gaguejei:

– Mas eu pensei, quero dizer, vi você com…

– Sei o que pensou, mas é verdade. Como eu poderia ficar com outra pessoa se estava me apaixonando por você?

Ele me amava! Mas… o quê? O que era isso? Simon estava se afastando… para onde?

– E agora eu vou fazer algo que nunca imaginei que faria. – Ele suspirou pesadamente e olhou para as pilhas de pães sobre a mesa. Com uma careta no rosto e um só golpe, varreu todos para o chão. Choveu pão enrolado em papel-alumínio à nossa volta, e não posso jurar, mas acho que Simon

deixou escapar um leve ganido. Porém, em seguida, ele se virou para mim, o olhar sombrio e perigoso. Me agarrou e me ergueu sobre a mesa, separando minhas pernas para se colocar entre elas.

– Você faz ideia do quanto a gente vai se divertir? – perguntou, deslizando a mão por dentro do meu avental, cálida e um pouco áspera em minha barriga.

– O que você tem em mente?

– Um O se perdeu, e eu não recuso um desafio. – Ele sorriu, me puxou para a borda da mesa e me acomodou a seu corpo. Com as mãos atrás de meus joelhos, passou minhas pernas ao redor de sua cintura e me beijou novamente, lábios e língua quentes e persistentes.

– Não vai ser fácil. Ele se perdeu pra valer – protestei entre beijos, abrindo alucinadamente sua camisa e expondo seu bronzeado espanhol.

– Eu não gosto do fácil.

– Você devia colocar isso no seu cartão.

– Coloca isto na sua cabeça: por que você ainda está de roupa?

Ele me deitou na mesa, e eu sorri. Meu pé acertou a peneira de farinha e a jogou ao chão, cobrindo-nos de um pó branco. O cabelo de Simon ficou parecendo um biscoito, inchado e empoado. Tossi, e saiu uma pluma de farinha, fazendo Simon gargalhar; a risada parou assim que estiquei o braço e o encontrei duro, mesmo sob o jeans. Ele gemeu – meu som favorito em todo o mundo.

– Caroline, adoro suas mãos em mim – falou entre os dentes e atacou meu pescoço, deixando uma trilha de beijos brancos e quentes em minha pele. Sua língua varreu meu corpo abaixo da barra do avental. Suas mãos rapidamente encontraram o fim da minha regata, que voou através da cozinha,

em direção à pia; em segundos, um par de shorts nadava a seu lado, imediatamente seguido por uma calça jeans e uma camisa branca.

O avental? Bem, estávamos tendo uns probleminhas com esse aí.

– Você é marinheira, por acaso? Quem deu este nó, o Popeye? – Simon perguntou conforme lutava para desatá-lo. Em meio ao seu embate, bateu em uma tigela com marmelada de laranja, que agora pingava da mesa para o chão. Minha contribuição foi virar uma caixa de passas ao torcer o pescoço para tentar ver o nó.

– Ah, que se dane o avental, Simon. Olha aqui – falei e abri a parte da frente do meu sutiã para lançá-lo ao chão. Abaixei o topo do avental, ajeitando e levantando meu busto. Com olhos arregalados, ele enxergou meus seios agora nus e caiu matando. Fui mais uma vez selvagemente deitada na mesa, e sua boca insistente se arrastou pelo meu

pescoço e atacou minha pele como se quisesse se vingar de uma afronta pessoal. E foi uma vingança lasciva.

Mergulhando um dedo na poça de marmelada, Simon traçou um caminho entre um seio e outro, circulando e pressionando o doce em minha pele. Inclinando a cabeça, experimentou um, depois o outro, e ambos gememos ao mesmo tempo.

– Hum, amo seu gosto, Caroline.

– Ainda bem que eu não estava fazendo asinhas de frango picantes. A história poderia ter sido totalmente diferente… Hummmm, isso é bom! – Suspirei quando ele reagiu à minha piada com uma mordida de verdade.

– Esse seria o superpicante. – Ele riu, eu revirei os olhos.

– Quer um pouco de aipo pra aliviar? – perguntei.

– Ninguém aqui vai aliviar nada, Caroline

– Simon prometeu, pegando o frasco de mel do balcão e puxando meu avental para o lado. Sem deixar cair nem uma gota sequer, fez minha calcinha ficar completamente molhada. Não do jeito que você está pensando. Quero dizer, não só do jeito que você está pensando…

Observei-o espalhar mel por todo meu corpo, cobrindo a calcinha e me fazendo uivar. Então, ele se ergueu para admirar:

– Veja só. Vamos ter de tirar essa calcinha, ela está destruída. – E se aproximou de novo. Detive-o com um pé cheio de marmelada.

– Primeiro o senhor – ordenei, indicando sua cueca coberta de farinha. Ele arqueou uma sobrancelha e tirou a cueca. Nu em minha cozinha caótica, estava simplesmente divino.

Naquele instante, Coração, Cérebro, Espinha Dorsal e PC se alinharam a um lado

do playground e acenaram para Nervos, como se o chamassem para brincar. Olhei para Simon, nu, enfarinhado e perfeito, e suspirei, com um sorriso gigante no rosto. Nervos, finalmente, abençoadamente, entraram na brincadeira. Estávamos todos na mesma página.

– Eu te amo pra caralho, Simon.

– Também te amo, Garota do Baby-Doll. Agora, tira a calcinha e me dá um doce.

– Vem pegar – falei, me sentando e deslizando minha calcinha pelas pernas lambuzadas de mel. Joguei-a em Simon, e ela bateu em seu peito, pingando mel para todo lado. – Vamos precisar de um banho e tanto depois.

Simon me envolveu em seus braços grudentos.

– Sim, vai ser a segunda rodada. – Ele sorriu, me ergueu e me carregou para o quarto, nossos corpos colados, só o avental

entre nós. E o avental não iria durar muito tempo.

Eu precisava de um O? Quero dizer, precisava dele para viver? Estar perto de Simon, tão perto dele, envolvida por seus braços, senti-lo se mover dentro de mim – era o suficiente?

Por enquanto, sim. Afinal, eu o amava…

Ele me jogou na cama; eu ricocheteei um pouco e rolei de lado, fazendo que a cabeceira batesse no gesso.

– Você vai me fazer trepar pela parede, Simon? – Eu ri.

– Você não faz ideia – ele prometeu e afastou o avental para o lado enquanto eu suspirava e erguia os braços acima da cabeça. Me deitei de costas, com um sorriso gigante nos lábios. Seus dedos percorreram minha barriga, meus quadris, minha coxa e finalmente me alcançaram. Depois de um leve empurrão, abri as pernas. Simon

lambeu os lábios e caiu de joelhos.

Ele me tocou e me provou como fizera na Espanha – mas desta vez foi diferente. Igualmente sensacional, mas eu estava diferente. Estava relaxada. Mexendo e girando os dedos, Simon encontrou o ponto, aquele que fez minhas costas se arquearem e meus gemidos se intensificarem. Ele murmurou em mim, fazendo que eu me arqueasse de novo, e seus lábios e sua língua voltaram a me encontrar. Minhas mãos procuraram meus seios, e, com ele assistindo, acariciei meus mamilos, túrgidos agora.

De novo, eu tinha a honra de sentir sua boca, sua maravilhosa boca, em mim. Me paralisei, meu corpo inteiro enrijecido pela energia crepitante que o percorria, e então relaxei de novo. Nesse momento, comecei a sentir – sentir de verdade – tudo o que acontecia dentro de mim. Amor. Senti amor. E me senti amada…

Ali, à luz do dia, quando nada podia ser

dissimulado, tudo estava exposto – e coberto de coisas pegajosas –, eu era amada por esse homem. Sem conto de fadas, sem ondas quebrando, sem velas tremeluzentes. Vida real. Um conto de fadas da vida real em que eu estava sendo amada por esse homem. E quero dizer realmente *amaaaaaaaada* por esse homem.

Língua. Lábios. Dedos. Mãos. Todos dedicados a mim e ao meu prazer. Até que podia me acostumar com isso.

Senti a doce tensão começando a se formar, mas, desta vez, meu corpo a recebeu de maneira diferente. Meu corpo, todo ele sintonizado pela primeira vez, estava pronto, e, em minha mente, por trás de olhos fechados, me vi diante daquele penhasco. Em minha cabeça, abri um largo sorriso, pois sabia que agora ia pegar aquele vadio. Em seguida? Coisas verdadeiramente impressionantes começaram a acontecer lá embaixo. Dedos lindos, longos faziam

pressão dentro de mim, mexendo e se contorcendo e encontrando o ponto secreto. Lábios e língua cercaram aquele outro ponto, chupando, lambendo, apertando, pulsando. Minúsculas faíscas de luz passaram a dançar intensa, selvagemente atrás de minhas pálpebras.

– Oh, meu Deus... Simon... isso é tão... bom... não... para... não... para...

Gemi alto, mais alto, ainda mais alto, incapaz de me conter. Era tão bom, tão bom, tão bom demais, tão perto, tão perto...

E aí, a gritaria começou. Não, não estou falando da minha gritaria.

Com o canto do olho, tomei ciência de uma espécie de míssil peludo que disparou pelo chão.

Como uma bomba felina, Clive correu na direção de Simon, pulou e se agarrou às suas costas.

Simon disparou do quarto para o

corredor, então retornou ao quarto, Clive ainda grudado nele como um chapéu de pele de guaxinim que não saía por nada. Mantinha seus braços – gato tem braço? – enrolados no pescoço de Simon de um jeito que, em outras circunstâncias, teria sido muito fofo. Mas agora Clive não estava para brincadeira.

Corri atrás dos dois, pelada a não ser pelo avental, e tentei fazer Simon desacelerar, mas, com aquelas dez garras se enterrando cada vez mais, ele continuou voando de um cômodo a outro.

Se pudesse ter visto aquilo de fora, isto é, sem estar tão envolvida, teria me mijado de rir. Mesmo envolvida, era difícil me segurar diante dos gritos de Simon. Cara, só podia ser amor de verdade.

Finalmente, encurralei os dois em um canto, virei Simon para a parede, resisti ao impulso de apalpar sua bunda e arranquei Clive. Corri até a sala, depositei-o no sofá e

fiz um carinho do tipo “muito obrigada por me defender, apesar da leve impertinência”. Clive respondeu com um miado orgulhoso e passou a lamber seus bigodes.

Voltei à cozinha e dei com um Simon ainda encolhido contra a parede, os olhos assustados. Meu olhar foi atraído mais para baixo. Simplesmente inacreditável.

Ele.

Ainda.

Estava.

Duro.

Simon percebeu meus olhos viajando pelo seu corpo, como na primeira vez em que ficamos cara a cara. Ele anuiu timidamente.

– Você ainda está duro – falei, tentando mais uma vez me livrar do avental.

– Sim.

– Isso é incrível.

– Você é incrível.

– Ah, foda-se – bufei e desisti do nó.

– Sim, por favor.

Me detive por uma fração de segundo e então joguei o avental para minhas costas com um giro. Galopei pelo recinto, o avental esvoaçando como se fosse uma capa, e o ataquei, pressionando-o contra a parede. Simon me agarrou, e eu o envolvi como um cobertor guloso, beijando-o furiosamente. Minhas unhas arranharam seu peito; ele engoliu em seco.

– Suas costas estão bem? – perguntei entre beijos.

– Vou sobreviver. Já seu gato…

– Ele só estava me protegendo. Pensou que você estava machucando a Mamãe.

– E estava?

– Oh, não, muito pelo contrário.

– Sério?

– Muito sério – gritei e deslizei em Simon, manobrando meu corpo junto ao seu, mel e

açúcar escorrendo entre nós.

Escorreguei pelo seu corpo, parando para beijá-lo bem na ponta. Puxei-o para o chão e o deitei de costas tão abruptamente, que uma pequena nuvem de farinha se formou no ar. Ali, no meio da cozinha, nua e com marmelada nos seios, eu montei nele. Levantando só um pouquinho, peguei suas mãos e as coloquei em meus quadris.

– Você vai querer se segurar firme – sussurrei e me afundei nele. Suspiramos ao mesmo tempo; a sensação dele dentro de mim novamente era maravilhosa. Arqueei as costas e experimentei flexionar os quadris… uma vez… duas… três vezes. Sabe o que falam sobre nunca esquecermos como se anda de bicicleta? Isso era igual.

Com o avental desgraçado ondulando às minhas costas, comecei a me mover em cima de Simon e o senti se mover dentro de mim, correspondendo, retribuindo, se impelindo, nunca esmorecendo. Conduzindo,

empurrando, nossos movimentos eram sincronizados – até mesmo quando nos deslocamos ligeiramente pelo chão da cozinha. Ele se sentou embaixo de mim e me penetrou ainda mais. Gritei. Minhas mãos estavam ancoradas em seu cabelo. Fechei os olhos e comecei.

Comecei a longa marcha rumo à borda do penhasco.

Divisei a borda, bem acima das águas turbulentas. Olhando para baixo, eu o vi. O. Ele acenou para mim e então mergulhou como um golfinho sensual.

Simon beijava meu pescoço, lambia e mordia minha pele, me deixando louca.

Estiquei um pé sobre a borda e apontei os dedos para O; rodei o calcanhar, desenhando pequenos círculos em sua direção.

Pequenos círculos.

Empurrei Simon para o chão novamente, agarrei sua mão e a trouxe para o meio de

minhas pernas. Cavalguei-o com força, pressionando seus dedos com os meus, gritando cada vez mais alto à medida que nosso balanço se intensificava, ambos no mesmo ritmo, ambos bem ali. Bem ali. Bem, bem, bem… ali.

– Caroline, nossa, você… é… incrível… amo… você… tanto… me matando…

Era o toque final de que eu precisava.

Em minha mente, recuei um passo e então mergulhei. Não pulei. Mergulhei. Executei um perfeito mergulho de cisne, obrigada, obrigada. Simplesmente o agarrei e não o soltei enquanto deslizava através da água.

O estava de volta.

Um ruído branco inundou meus ouvidos; meus dedos dos pés e das mãos foram os primeiros a receber as novidades. Eles formigaram, e pequenas centelhas sibilantes de energia rodopiaram e se lançaram,

percorrendo cada nervo e cada célula inanidos havia tanto tempo. Essas células contaram a outras; comunicaram a suas irmãs que algo fantástico estava acontecendo. Como pequenos fogos de artifício sensoriais, cores explodiram atrás de minhas pálpebras conforme a sensação continuava se alastrando até cada recanto do meu corpo. O puro prazer me atingiu, pulsando, me fatiando, me preenchendo enquanto eu balançava e tremia em cima de Simon, que se segurou durante a coisa toda.

Não sei se ele conseguiu ver e ouvir o coro de anjos obscenos, mas não importa. Eu consegui. E foi a definição de felicidade.

O retornou – e trouxe amigos.

Fui lavada por uma onda após outra enquanto Simon e eu nos comprimíamos e nos contorcíamos e arqueei a cada uma delas. Continuei gritando lascivamente, e minha cabeça foi arremessada para trás; não estava nem aí se alguém ou alguma coisa

podia me ouvir na minha própria Casa do Orgasmo.

Em determinado momento, abri os olhos para ver Simon sob mim, frenético e feliz, sorrindo largamente. Ele permaneceu comigo durante todo o tempo, e o esforço era evidente em seu rosto, já que a farinha em seu cabelo tinha virado uma pasta maravilhosa.

Ele estava se transformando em machê.

E o estrago prosseguiu; passei pela terra dos múltiplos e cheguei a uma espécie de terra de ninguém. Depois do sexto ou sétimo, meu corpo vacilou de êxtase.

Mas O trouxe mais um amigo. Trouxe G, o graal.

Balbuciando como uma idiota, agarrei Simon com toda a força quando a suprema maré de amor e de dedos contraídos me atingiu como uma tonelada de tijolos. Percebendo que eu precisava de ajuda agora,

Simon se sentou, o que o deixou na posição mais inigualável de todas. Ele encontrou um ponto profundo, escondido para muitos, e se debruçou sobre mim. E investiu de novo e de novo enquanto eu prendia a respiração e me agarrava com firmeza.

Finalmente abri meus olhos e vi centelhas de luz flutuando pelo recinto. O oxigênio voltava a abastecer meu sistema, e murmurei algo incompreensível no peito de Simon, que continuava em seu sublime vaivém, agora encontrando seu próprio deslumbramento em algum lugar dentro de mim.

Me segurei a ele e senti as ondas refluindo. Ambos tremíamos. Arquejamos, e o prazer nos deixou para dar lugar ao amor, que me preencheu igualmente. Minha boca estava cansada demais para se mover. Simon tinha me tirado o fôlego. Então fiz o melhor que pude: coloquei sua mão sobre meu coração e beijei seu rosto meigo. Ele pareceu

compreender e retribuiu os beijos. Ronronei de felicidade. Ronronar não requeria tanto esforço.

Completamente exaurida, exausta, grogue, coberta de suor pegajoso, me recostei nas pernas de Simon, não dando a mínima para o quão contorcida e ridícula estava. Senti lágrimas de tensão e alívio rolarem pela minha face e molharem minhas orelhas. Percebendo que aquela não era a posição mais confortável para mim, Simon saiu de debaixo de mim, me ajudou a desdobrar as pernas e me aninhou em seus braços, em pleno chão da cozinha.

Ficamos deitados, sem falar por um tempo. Avistei Clive parado na porta do quarto, lambendo suas patas tranquilamente.

Estava tudo bem.

Quando pareceu possível me movimentar, tentei sentar, e o ambiente girou. Simon manteve um braço em volta de mim, e

avaliamos a situação: os potes e as tigelas virados, o pão espalhado, o caos que era a cozinha. Ri tranquilamente e o encarei. Ele me fitou com olhos felizes.

– Vamos limpar essa bagunça? – perguntou.

– Não, vamos pro banho.

– Ok! – Simon me ajudou a levantar.

Minhas costas estalaram como as de uma velha, e eu fiz uma careta diante da dor gostosa que assaltou meu corpo. Comecei a caminhar para o banheiro, mas mudei de direção e fui até a geladeira. Peguei um Gatorade e o joguei para Simon.

– Você vai precisar. – Pisquei um olho e abanei o avental no caminho para o chuveiro. Agora que O tinha voltado, eu não ia perder tempo para invocá-lo de novo.

Conforme Simon me seguia, dando um gole no Gatorade, Clive virou de costas no chão. Suas patinhas pareciam acenar para

Simon, que olhou para mim. Dei de ombros. Ambos olhamos para Clive, que oscilava de barriga para cima, ainda acenando. Simon se ajoelhou ao seu lado e estendeu uma mão cautelosa. Piscando para mim – juro por Deus que ele fez isso –, Clive se esticou mais para perto. Sabendo que aquilo ainda podia ser uma armadilha, Simon alcançou sua barriguinha e a acariciou. E Clive deixou. Acho até que ouvi um princípio de ronrom.

Deixei os rapazes sozinhos por um momento e liguei o chuveiro para a água ir esquentando. Finalmente consegui desatar o nó do avental e o abandonei no chão. Dando um passo para baixo do jato, gemi com a sensação da água morna em minha pele ainda sensível.

– Você não vem? – chamei por cima do rumor da ducha. Um instante mais tarde, Simon afastou a cortina para me ver coberta de espuma. Sorriu diabolicamente e se juntou a mim. Segurei a respiração ao avistar

dez pequenos furos em suas costas, mas ele caiu na risada.

– Estamos bem. Acho que ficamos amigos – Simon garantiu e me puxou.

Suspirei, relaxada.

– Isto é bom – murmurei.

– Aham.

A água tombava ao nosso redor. Eu estava nos braços do meu Simon, e as coisas não poderiam ficar melhores.

Ele se afastou um pouquinho, uma expressão interrogativa em seu rosto.

– Caroline?

– Sim?

– Algum daqueles pães que eu joguei no chão… é… – Sim?

– Algum deles é de abobrinha?

– Sim, Simon, tem pão de abobrinha.

Silêncio novamente, a não ser pelo barulho da água.

– Caroline?

– Hum?

– Achava que não podia te amar mais, mas acontece que eu posso.

– Fico feliz, Simon. Agora, me passa mais um docinho.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

O mesmo dia, às 16h37.

– Isso é sabão? Não vai escorregar no sabão.

– Não vou escorregar no sabão.

– Não quero que você escorregue. Toma cuidado.

– Não vou escorregar no sabão. Agora, vira e fica quietinha.

– Quieta? Impossível. Não quando você… hum… ou quando você… hum… Ai, isso dói, Simon. Tudo bem aí atrás?

– Escorreguei no sabão.

Comecei a me virar para saber se ele de fato estava bem, quando Simon me prensou contra a parede do chuveiro e segurou

minhas mãos espalmadas no azulejo. Lábios fizeram cócegas, e água escorreu pelos meus ombros, pela minha pele, conforme seu corpo se contraía junto ao meu. Pensamentos sobre escorregar no sabão deslizaram para fora de minha cabeça quando Simon deslizou para dentro de mim, duro, grosso, delicioso. Minha respiração se transformou em um arquejo, amplificado pela parede de azulejos, tornado mais sensual pela água corrente e rapidamente seguido por outro arquejo. Ele continuou se impelindo contra mim, vigorosamente, lentamente, resolutamente, suas mãos agora agarrando meus quadris.

Joguei a cabeça para trás e virei o rosto para apreciar a visão de Simon, nu e molhado. Sua testa estava franzida, e sua boca, aberta, enquanto me invadia completamente e sem pedir licença. Me retesei, e um pensamento consciente e claro se estreitou a um ponto minúsculo antes de

explodir em palavras mudas que escorreram de minha boca, pela água, para o ralo.

Agora que regressara, O não vacilava. Por enquanto, pelo menos, chegava pontualmente e sem fazer perguntas, tendo apagado a memória de dias e semanas e meses de espera e desespero, súplicas e apelos. Ele me recompensara com um desfile constante, regular, que havia me deixado confusa e boba, mole e pronta para mais.

Gemendo em meu ouvido, tremendo e pulsando, Simon não podia mais refrear seu ímpeto. Ele sabia, intuitivamente, como eu sabia, que sua garota toparia mais alguns. E, assim, com angustiante destreza, plantou um beijo molhado em meu pescoço, saiu de meu corpo, me virou rapidamente e já estava dentro de mim antes que eu pudesse dizer:

– Ei, aonde você foi?

– A lugar nenhum, Garota do Baby-Doll.

Não vou sair daqui tão cedo – Simon murmurou entre dentes, agarrou minha bunda energicamente e me levantou contra a parede, usando seu peso para me pressionar. Seu corpo se contraiu, o meu cedeu, e nossas peles escorregadias provocaram uma sensação indescritível uma contra a outra. Como tinha ficado longe desse homem por tanto tempo? Não importava. Ele estava aqui, em mim, e prestes a proporcionar outro desfile de O. Me empurrei um pouco para trás, abrindo o espaço entre nós apenas para espiar abaixo; o desejo turvou minha visão, mas não me impediu de vê-lo entrando em mim, de novo, e de novo, me preenchendo como nenhum homem jamais fizera.

Ele próprio olhando para baixo a fim de saber o que me fascinara tanto, Simon também foi cativado, e um murmúrio quase agônico escapou de sua boca. Seus movimentos se aceleraram, perseguindo

aquela sensação, aquele ponto crítico igualmente próximo do sofrimento e da perfeição. Aqueles olhos azuis, repletos de desejo e fogo, se detiveram nos meus, e, mais uma vez, ambos nos jogamos do penhasco, juntos.

Agarrando. Paralisando. Fechando e descarregando. Gozamos ao mesmo tempo, com um rugido e um grunhido e um gemido que deixaram minha garganta crua e minha xoxota extática.

Xoxota extática… que nome excelente para… hum…

18h41

Andando pelo meu apartamento somente com uma toalha na cintura, driblando pilhas de farinha e amontoados de passas, Simon era uma visão para ser contemplada. Quando derrapou numa poça de marmelada e se escorou no balcão, ri tanto que precisei sentar no sofá. Ele agora se achava diante de

mim com uma fatia de pão de abobrinha na mão e uma expressão divertida no rosto. Continuei gargalhando, e minha toalha escorregou, revelando o meu corpo. À visão de meus seios, duas coisas aconteceram: seus olhos cresceram, e outra coisa cresceu. Cresceu muito. Levantei uma sobrancelha diante desse último desdobramento.

– Você percebe que está me transformando em uma espécie de máquina? – Simon falou, acenando para o intrometido que apontava na toalha. Então, teve o cuidado de deitar o pão de abobrinha em segurança na mesa do café.

– Que fofinho! Parece que ele está enfiando a cabeça pra fora da cortina! – Bati palmas.

– Talvez você não saiba, mas é uma regra geral: nenhum homem gosta da palavra "fofinho" na mesma frase que seu pau.

– Mas ele é fofinho… Ei, cadê ele?

– Ficou acanhado. Não fofinho, acanhado.

– Acanhado, uma ova. Ele não estava acanhado no chuveiro, um minuto atrás.

– Ele precisa ter o ego massageado.

– Uau.

– Não, sério. Você vai ver que ele é muito receptivo a uma massagem.

– Ah, eu estava pensando que talvez ele só precisasse de uma boa lambida, mas, se você acha que massagem é o suficiente…

– Não, não! Acho que uma lambida serve! Ele… Caroline!

Me inclinei, puxei o acanhado para fora e imediatamente o abocanhei. Sentindo-o ficar mais duro, me ajeitei na beira do sofá, passei os braços em volta de Simon e derrubei sua toalha. Trazendo-o para mais perto e, portanto, mais para dentro, murmurei de satisfação ao sentir suas mãos em meu cabelo e meu rosto. Seus dedos percorreram reverencialmente minhas pálpebras, minhas

bochechas, minhas têmporas, e uma das mãos finalmente se enterrou em meu cabelo, enquanto a outra… uau. Com a outra mão, Simon segurou a si mesmo. Enquanto eu concentrava toda minha atenção na ponta, ele envolveu a base, possivelmente a coisa mais sexy que eu já vira. Ver sua mão empunhando-o conforme ele se movia para dentro e para fora da minha boca… oh, meu Deus.

Sexy não descreve aquilo. Não dá conta do puro erotismo que se desenrolava diante de mim. Murmurei de novo, satisfeita, cada vez mais excitada com a brincadeira em minha boca. Boca sortuda.

Me deixei cair no sofá e trouxe Simon comigo, que reagiu colocando as duas mãos no encosto para se segurar e investiu em minha boca com convicção. O novo ângulo permitia a ele penetrar mais fundo e, a mim, receber mais de seu comprimento. Agarrei sua bunda, saboreando a emoção de servi-lo,

sabendo que eu, apenas eu, o teria daquele jeito.

Pude senti-lo chegando lá. Já estava começando a conhecer seus sinais. Eu o queria de novo. Era egoísta assim. Soltando-o com uma sucção final, puxei-o para o sofá e montei nele. Ao me sentir contra seu corpo, Simon se impeliu para cima, e eu me afundei, e então houve aquele momento… Sabe aquele momento em que tudo parece alongado e retesado do jeito mais delicioso? Seu corpo reage: algo que não deveria estar lá dentro agora está lá dentro e, por uma fração de segundo, é extraterrestre, desconhecido. Aí, sua pele compreende se tratar do retorno de um campeão, sua memória muscular assume o controle, e é tão gostosa a sensação de plenitude, de maravilhamento, de espanto.

E você começa a se mexer.

Usando seus ombros como alavanca, rolei meus quadris em direção aos seus, reparei –

não pela primeira vez – que Simon tinha sido inteligentemente desenhado de acordo com minhas medidas exatas. Ele se encaixava dentro de mim perfeitamente, duas metades de um todo, uma espécie de Lego sexual. Simon também reparou, pude notar.

Ele pousou uma mão aberta em meu peito, exatamente em cima do meu coração.

– Maravilhoso – sussurrou conforme eu o cavalgava, doce e sensual. Continuou com o meu coração em suas mãos, e eu continuei balançando. Sua outra mão agarrava meu quadril, me guiando, me posicionando, me sentindo satisfazer a ambos. Ele fez um esforço para ficar comigo, para manter os olhos abertos quando seu alívio se precipitou. Peguei sua mão que estava em meu coração e a coloquei mais embaixo, e Simon começou a traçar aqueles círculos diabolicamente perfeitos.

– Nossa, Simon… Oh, meu Deus… tão… tãão bom… Eu…hummmm…

– Adoro ver você desmoronar – Simon murmurou, e eu desmoronei. E ele desmoronou. E nós desmoronamos.

Desabei sobre seu peito; observei enquanto a sala parava de girar e a sensibilidade regressava aos meus dedos. Meu corpo era calor sob o abraço apertado de Simon.

– Lambida. Que ótima ideia – ele fungou, e eu dei uma risadinha.

20h17

– Já pensou em trocar a cor?

– Você está falando sério?

– O quê? Talvez um tom mais claro de verde? Ou azul? Azul seria bacana. Adoraria ver você rodeada de azul.

– Eu te digo como tirar foto, por acaso?

– Bem, não…

– Então, não venha meter o bedelho nas minhas cores. Mas acontece que estou

mesmo pensando em mudar os tons. Só que quero algo mais escuro. Mais profundo, por assim dizer.

– Mais profundo? Que tal assim?

– Assim é muito bom. Hum, muito bom mesmo. Enfim, como estava dizendo, estava pensando em um tom ardósia, com uma nova bancada de mármore branco ou creme e um armário de mogno escuro. Porra, isto é muito gostoso!

– Anotado. Profundo é bom, muito profundo é ainda melhor. Você consegue colocar o pé no meu ombro?

– Assim?

– Nossa, Caroline, sim, assim mesmo. Então… nova bancada? Mármore pode ser um pouco frio, não acha?

– Sim, sim, sim! O quê? Frio? Bem, como eu normalmente não durmo na bancada, o frio não é um problema. Além disso, bancadas de mármore são as melhores pra

sovar massa de pão…

– Nem pense nisso – ele advertiu, virando o rosto para beijar o interior do meu calcanhar.

– Nem pense no quê? – ronronei, minha respiração se engatando quando senti seu ritmo se acelerar ligeiramente, algo imperceptível a não ser para mim, em cujo interior ele se encontrava naquele momento.

– Não tenta me distrair com esse papinho sobre massa. Não vai funcionar. – Simon soltou a mão esquerda da bancada e, com ela, acariciou gentilmente meus seios, para cima e para baixo, provocando meus mamilos com a ponta dos dedos.

Uma energia frenética começou a se acumular mais embaixo, em meus quadris e em minhas coxas, na boca de meu estômago e nos pontos intermediários.

– Sem papinho sobre massa? Você não gosta de ouvir sacanagem com massa,

Simon? Hum, mas um pouco de distração é bom de vez em quando, não acha? Quero dizer, você não pode me imaginar debruçada na bancada, dando duro só pra você? – Desacelerei e passei meus dedos pelo seu cabelo, trazendo-o para mim e beijando-o com a boca molhada; língua, lábios e dentes o atraíram ainda mais para dentro.

Eu estava na beirada da bancada da cozinha, bastante pelada, assim como nosso belo sr. Parker, enterrado em mim e determinado a fazer aquilo durar o máximo possível. Queríamos saber por quanto tempo conseguíamos manter uma conversação enquanto… bem… fazíamos aquilo. Até agora tinham sido dezessete dos mais intensos, sensuais e fantásticos minutos de minha vida, isso sem contar as preliminares. O dançava nos arredores, imaginando por que não lhe fora concedido acesso imediato. Mas agora eu tinha o controle sobre aquele pilantra, e essa doce tortura era incrível.

Valia a pena aturá-la.

Pelo menos até Simon me pedir para colocar um pé em seu ombro. Ele estava acabando comigo. Uma perna em seu ombro, a outra aberta, firme em sua mão, enquanto seus quadris giravam em círculos pequenos e enlouquecedores, os quais se expandiam aos poucos. A ideia da conversação fora sua, e eu estava me saindo bem, isto é, até o pé no ombro. De súbito, partes que não haviam entrado em campo até então passaram a ser estimuladas, e ficou cada vez mais difícil manter minha sagacidade. Mas, cá entre nós, quem precisa de sagacidade? Eu não preciso. Desde que possa ficar embaixo de Simon, não tenho problema nenhum em ser uma porta.

Ainda assim, era capaz de jogar o jogo neste instante, enquanto ainda tinha um fio de sagacidade.

– Não me provoca, Garota do Baby-Doll. Eu te derrubo desta bancada *só falando*

sacanagem.

– Hum, Simon, você não consegue enxergar? Euzinha debruçada, avental sem nada por baixo, pau de macarrão na mão e uma tigela cheia de maçãs?

– Maçãs? Como adoro maçãs! – ele gemeu e pegou meu outro pé para colá-lo no outro ombro; suas mãos me puxaram mais para a beirada, e seu ritmo se intensificou novamente, ligeiramente.

– Sei que adora… com canela? Eu podia fazer uma torta pra você, Simon. Uma torta de maçã só pra você, com massa caseira e tudo… tudo pra você, garotão. Tudo o que você precisa fazer é pedir… – Abri um sorriso de canto de boca e tentei impedir meus olhos de se revirarem quando ele acelerou novamente e um barulho nada engraçado de tapa se fez ouvir. Dá-lhe, sagacidade.

– Gosta disso, Caroline? – Simon

perguntou, me surpreendendo.

– Se eu gosto? Eu amo.

– Ama? Sério? – Ele tirou quase tudo antes de deslizar inteiro para dentro de mim, fazendo com que eu sentisse cada milímetro.

A sagacidade sobrevivia.

– Amo, mas voltemos às maçãs. Você quer a torta quente, com sorvete de baunilha? Quente e derretida com… Oh, meu Deus!

– Você realmente quer falar sobre isso agora? Porque, se você continuar, vou ser obrigado a ser bem sacana.

– Mais sacana do que torta de maçã? – perguntei, esticando os dedos dos pés em direção ao teto, provocando assim uma nova sensação.

– Que tal isto: se você não parar com essa conversa sobre torta de maçã – ele começou e se inclinou para colocar a boca em meu ouvido, me fazendo tremer. Uma das mãos agarrou meu seio e beliscou meu mamilo; a

outra se esgueirou para baixo até encontrar o ponto que me deixava contraída e desesperada. – Se você não parar, eu vou parar de te foder, e, acredite, não fiz nem metade das coisas que imaginei.

Ele recuou e investiu. Com força.

Sagacidade? Adeus! Eu não era orgulhosa demais para suplicar.

– Por favor, Simon, eu me rendo. Me fode!

– Torta de maçã pra mim?

– Sim, sim! Torta de maçã pra você! Oh, meu Deus…

– Isso mesmo, torta de maçã pra mim… Uau, você fica apertada nessa posição. – Ele gemeu e levou minhas duas pernas para o mesmo lado, mantendo-as suspensas enquanto me marretava, de novo, e de novo, nunca recuando, sempre avançando, me fitando, vendo minhas costas se arquearem e minha pele queimar. O calor aumentou à

medida que meu clímax irrompeu, me deixando atônita com sua intensidade silenciosa. Tremi até o âmago do meu ser.

– Eu te amo, Caroline, te amo, te amo, te amo – Simon entoou, suas metidas errantes agora que ele se apressava rumo ao próprio alívio. O suor percorreu sua sobrancelha, Simon segurou meus quadris, eu segurei os seus, prendendo-o pelo tempo que pude, sentindo seu peso sólido em mim quando descansou a cabeça em meu seio. Como podia esse peso quente ser tão gostoso? Deveria dificultar a respiração, comprimir os pulmões, coisas do tipo, mas não. Abraçá-lo, afagar seu rosto, afastar seu cabelo, tudo isso me fazia sentir o oposto de pesada.

– Você vai me matar, certeza – ele murmurou e beijou todos os lugares que conseguiu.

– Também te amo – suspirei, olhando para o teto da cozinha. Sentia um sorriso tão grande quanto a baía de San Francisco. O

permaneceria aqui por muito tempo.

Nem morta que vou pintar a cozinha de azul.

21h23

– Não acredito que é a segunda vez que estamos tirando farinha e açúcar um do outro. Qual é o nosso problema?

– Açúcar é um bom esfoliante – expliquei. – Já a farinha, eu não faço ideia.

– Esfoliante?

– Sim. Toda vez que a gente transa aqui, o açúcar ajuda a remover as células mortas da pele.

– Sério, Caroline? Células mortas da pele? Sexy pra caramba, hein.

– Não ouvi você reclamar antes.

– Também, né? Você me prometeu fazer torta de maçã. Não esquece dessa parte.

– Não vou esquecer, apesar de que eu estava sob coação.

– Você estava sob mim, não sob coação. Sob *mim*.

– Sim, Simon, estava sob você.

– Quer que lave suas costas?

– Sim, por favor.

Estávamos em lados opostos da banheira, relaxando e removendo outra rodada de sujeira na cozinha. Em algum momento, eu teria de limpar aquela zona, mas, agora, a única coisa em que conseguia me concentrar era o homem à minha frente. Esse homem, submerso até o pescoço em espuma perfumada, usou seus braços fortes para me puxar para perto. Rodopiei e oscilei na banheira como uma boia, me ajeitando à sua frente. Ele usou uma toalha de mão para remover suavemente a última coisa pegajosa que me cobria. Depois, me puxou para seu peito e se recostou na extremidade da banheira. Seus braços me rodeavam, me aconchegavam, me envolviam na água

quente e em um Simon mais quente ainda. Fechei os olhos e saboreei aquela sensação. A segurança, a doçura, a sensualidade. Tentei chegar ainda mais perto e então o senti na minha bunda. Crescendo.

– E aí, amigo, tudo bem? – murmurei após enfiar a mão na espuma e encontrá-lo, desejoso, devasso.

– Caroline… – Simon advertiu e pousou a cabeça na borda da banheira.

– Quê? – perguntei inocentemente, passeando meus dedos pelas laterais, sentindo sua reação.

– Eu não tenho dezessete anos, sabia? – Ele riu, sua voz se tornando rouca e necessitada, a despeito de suas palavras.

– Ainda bem, ou eu teria que responder pelos meus atos. Corrupção de menor e tal – sussurrei e me virei lentamente para me esfregar ao longo de seu comprimento, escorregadia por causa do sabonete e da

espuma e da água.

Simon assobiou e sorriu.

– Você vai me quebrar, sabe disso, né? Juro por tudo que *é* mais sagrado, eu não sou uma máquina… Nossa, não para de fazer isto – gemeu e se impeliu de encontro à minha mão sem pensar.

– Mas eu só quero dar pra você até você ficar vesgo – ronronei, apertando-o, e ele jogou um pouco de água para fora da banheira.

– Acontece que eu já não estou enxergando direito. Parece que tem três de você – murmurou, separou minhas pernas e me posicionou em seu colo.

– Mira na do meio, Simon. Na do meio – falei e escorreguei.

É, tínhamos água para enxugar.

23h09

– Só vou pegar alguma coisa pra comer.

Preciso de sustento, mulher.

– Vai e volta correndo pra mim. Preciso de você, Simon. Por que você está rastejando?

– Acho que não consigo mais andar. A máquina precisa de um intervalo. É bem possível que a máquina precise de reparos. A máquina... O que você está fazendo, Caroline?

– O quê, isto?

– Sim, sim, parece que você... uau, você se toca assim com frequência?

– Ultimamente, não. Por quê? Você gosta de assistir?

– Sim, isto é... uau... hum... a porta... o cara da comida tailandesa chegou. Eu... e eu... tailandesa... eu...

– Você disse alguma coisa, Simon? Hum, que gostoso...

– Oi! Oi, alguém em casa? Pediram... Cara, eu não tenho troco pra isso!

– Pode ficar.

– Cara, você passou cinquenta dólares por baixo da porta. Está ligado que isso dá trinta dólares de gorjeta?

– Fica com o troco. Deixa a comida. Caroline, na cama, agora.

– Hum, tão perto, Simon. Tem certeza que… não quer que… eu… hum… acabe… Oooh! Adoro quando você faz isso.

– Hum, hum, ha, hooo…

– Não fala de boca cheia, Simon, Simon, Simon, Simooooon…

– Certo, cara. Vou deixar a comida aqui na porta. É… Valeu pela gorjeta.

1h14

Estávamos na cama, moles e um pouco bobos. Pobre Simon, eu o tinha conduzido à beira da exaustão. Simon não era um adolescente, mas até ele havia se espantado com sua… energia. Depois da última rodada

na Terra da Loucura, rastejou até a porta para pegar a comida tailandesa, que devoramos na cama. Eu tinha retirado os lençóis por conta das uvas-passas e da farinha que restavam de uma das rodadas anteriores. O trabalho que eu teria de encarar na cozinha, no dia seguinte, era assustador, mas valia a pena. Tudo. Tudo valia a pena.

Agora relaxávamos, sossegados, mas não saciados. Continuávamos enrolados um no outro, mas vestidos com baby-doll cor-de-rosa e calça de pijama. Para que fique claro, eu vestia o baby-doll. Estávamos deitados de lado, um de frente para o outro, pernas enroladas e mãos dadas.

– Quando você volta pro trabalho?

– Falei pra Jillian que voltaria na segunda, mas isso é a última coisa em que consigo pensar.

– No que você *está* pensando?

– Na Espanha.

– É?

– É, foi maravilhoso. Muito obrigada por ter me levado e tomado conta de mim. – Cutuquei-o com o cotovelo.

– O prazer foi meu, nos dois sentidos. Fico feliz que você tenha gozado a viagem.

Agora que O retornara, podíamos fazer piadas sobre o assunto. Ficamos em silêncio por um momento, apenas apreciando a música. Um pouco antes, Simon havia mancado até sua casa para colocar um disco. Até mancando ele era sexy.

– Quando você vai pro Peru? Bestão, ainda te odeio por poder ir pra lá, mas quando você vai?

– Daqui umas duas semanas. E não odeie o fotógrafo. Eu preciso ir, mas sempre vou voltar.

– Ah, pra ser clara: não te odeio por você me deixar. Te odeio porque eu também

queria ir. Mas não liga. Eu te amo mais do que te odeio, então estamos bem.

– Estamos bem?

– Sim, claro. Você precisa viajar a trabalho. Não é como se eu não soubesse.

– Bem, saber disso e ser aquele que fica pra trás são coisas diferentes – Simon falou, os olhos um pouco turvos. Passei minha mão por seu rosto, sentindo sua barba e sua pele. Ele inclinou a cabeça ao meu toque, fechou os olhos e ronronou, satisfeito.

– Você não está *me deixando pra trás*. Nossas vidas são corridas e vão continuar assim. Só porque você pode enfiar o pau em mim agora, não quer dizer que vamos mudar.

Um sorriso se espalhou lentamente pelo seu rosto. Os olhos continuavam fechados, mas também sorriam.

– Às vezes, um pau muda a pessoa.

– Às vezes, um pau muda o que precisa

ser mudado. Às vezes, um pau deixa as coisas melhores.

– Às vezes, um pau deixa as coisas melhores… Que coisa estranha de se dizer.

– Você já sabe o que eu vou fazer agora, né?

– Vai me beijar? – e ele assentiu.

– Graças a Deus. – Dei risada, e ele me envolveu em seus braços vigorosos. Nos beijamos calma, pensativamente. Me virei e me aninhei em sua conchinha, perfeitamente moldada.

– Adoro essa conchinha.

– Ótimo.

– Ninguém tasca essa conchinha.

– É sua.

– Sim, é minha. É bom você deixar isso bem claro pras peruanas maravilhosas que tentarem seduzir o americano gostoso.

– Sim, vou dizer que minha conchinha está comprometida.

Sorri e bocejei enormemente. Os últimos dias haviam sido extenuantes. Eu ainda sofria com o jet lag e tinha sido balançada até quase morrer. Isso pode deixar uma garota cansada. Simon se debruçou sobre mim para apagar a luz e me aninhou novamente.

1h23

– Simon?

– Hum?

– Está dormindo?

– Hum-hum.

– Só queria dizer que estou muito feliz por você ter voltado mais cedo pra casa.

– Hum-hum, eu também.

– E estou caidinha por você.

– Hum-hum, eu também.

– Caidinha como uma gatinha.

– Hum-hum, eu também.

– Que perdeu sua calcinha.

– Calcinha, hum-hum.

– Simon?

– Hum?

– Está dormindo?

– Hum-hum.

– Eu te amo.

– Também te amo.

...

...

...

– Caroline?

– Hum-hum.

– Também estou feliz por ter voltado pra casa mais cedo.

– Hum-hum.

– E estou feliz por você ter gozado.

– Chega.

– Boa noite, Caroline.

– Boa noite, Simon.

Nos enroscamos um no outro, e Count Basie e sua orquestra nos embalaram rumo

ao mundo dos sonhos.

Mensagens entre Simon e Caroline na terça-feira seguinte:

Falei com um amigo. Acho que descobri como fazer aqueles camarões que você adorou.

Perfeito. Eles vão combinar com a festa espanhola que planejei pra sábado. Todo mundo vai, até a Jillian e o Benjamin.

Tem certeza que não quer fazer no meu apartamento?

Não, é mais fácil no meu. A bancada da cozinha é grande, fica melhor pra preparar as coisas. Mas vou recrutar seu forno.

Posso recrutar você na bancada?

Esse não é um uso correto da palavra recrutar.

Você entendeu…

Sim, e você pode.

Aí, sim! Você viu meu tênis de corrida?

Aham. Estão exatamente onde você deixou: no meu banheiro. Tropecei neles de manhã.

Ah, então foi isso que eu ouvi?

Você ouviu?

Sim, até acordei.

E você não foi ver se eu estava bem?

Não quis incomodar o Clive.

Não acredito que ele está dormindo do seu lado. Gato traidor.

Somos amigos agora… bem, quase. Ele mijou na minha blusa de novo.

HA! Preciso voltar ao trabalho, ladrão de gatos. O filminho de hoje à noite está de pé?

Se você prefere chamar assim…

Até parece que temos planos…

Eu tenho planos. Se tenho!

Eu também…

Estou sentado comendo sua torta de maçã… pensa nisso.

Só consigo pensar nisso agora… Te odeio.

Odeia nada.

Verdade. Vai comer minha torta.

… engasgando…

Mensagens entre Mimi e Caroline na quinta-feira:

Tem certeza que não preciso levar nada no sábado?

Não, a Sophia vai trazer as bebidas, e nós cuidamos do resto.

É tão bom ouvir você falar em “nós” de novo.

É, estou curtindo o “nós”.

E o rala-e-rola?

Mimi, quantos anos a gente tem? Sete? O rala-e-rola é ótimo.

Bom saber. E aí, já dormiu na cama do pecado?

Não, a gente tem ficado no meu apartamento. Acho que eu ia me sentir estranha naquela cama.

Muitas pessoas treparam nas paredes por aquela cama.

Exatamente. Ia ser estranho.

Talvez fosse bom marcar seu território na cama dele, por assim dizer. Nova era, nova namorada, novo trepador?

Não sei… Veremos. Um dia, vou acabar dormindo lá, mas não agora. Além disso, ele está muito feliz estreitando a relação com Clive.

O QUÊ?! Clive odeia homens! Exceto homens gays.

Os dois chegaram a uma espécie de

acordo felino-humano. Não vou me meter.

É como uma nova ordem mundial.

Eu sei.

Quer que eu chegue mais cedo no sábado para dar uma mãozinha?

Você só quer arrumar minhas gavetas de novo.

Elas precisam ser organizadas…

Chegue cedo.

BELEZA!

E vai procurar ajuda médica…

Na noite de quinta-feira, tudo estava tranquilo. Sentados no sofá, Simon e eu trabalhávamos. Eu fazia um esboço conceitual para o salão de baile de alguém. Sim, salão de baile. Esse era o tipo de mundo que eu visitava. Visitava apenas, não vivia. Ainda vestia minha roupa de ioga.

Simon havia cozinhado em minha cozinha, na qual praticamente já se sentia em casa. Segundo ele, era mais prático, já que sempre acabávamos em meu apartamento. Mas eu o flagrei erguendo Clive à bancada, para que o gato pudesse "assistir". Entre aspas, porque foi a palavra que Simon usou com Clive. Se não me engano, a frase inteira foi:

– Aqui, cara! Assim você pode assistir! Do chão, não dá para ver legal, né? Diz aí?

E Clive respondeu. Sei que é tecnicamente impossível, mas seu miado soou como "Obrigado!".

Meus garotos estavam ficando próximos. Isso era bom.

Enfim, ali estávamos, eu desenhando, Simon fazendo seus planos de viagem no computador. Ele tinha tipo sete bilhões de milhas e adorava jogar isso na minha cara.

Tudo era silêncio, exceto pelo meu lápis arranhando o papel e pelo tamborilar de

Simon no teclado. Ah, claro, pelos cliques no mouse também. E pelos cliques de Clive: a afiação de unha mais obstinada do mundo.

Simon terminou e fechou seu laptop, alongando os braços para cima e deixando aparecer seu caminho da felicidade. Pode ser que eu tenha desenhado um pouquinho para fora do papel. Em poucos minutos, um ronco baixinho começou, e sorri silenciosamente. Continuei com meus esboços.

Dez minutos depois, senti sua mão se esticar por entre as almofadas e pegar a minha.

Eu só precisava de uma mão para desenhar mesmo.

– Puta que me pariu, Caroline, esses camarões são uma loucura! – Mimi falou de um jeito que fez Ryan se ajeitar na cadeira.

Era noite de sábado, e estávamos todos reunidos ao redor da minha mesa de jantar,

repleta de comida e de vinhos espanhóis. Recriar os maravilhosos pratos que Simon e eu tínhamos provado dera um trabalho desgraçado. Não ficaram tão bons quanto os originais, isso é fato, mas quase. E, claro, não havia o cenário litorâneo, porém, em compensação, havia o aconchego que somente uma noite de outono na brumosa San Francisco pode proporcionar. As luzes da cidade cintilavam através das janelas, o fogo crepitava na lareira – cortesia de Benjamin –, e risadas enchiam o apartamento.

Sentados lado a lado, eu e Simon ríamos com nossos amigos. Achei que seríamos objeto de gozação, já que nosso inevitável romance havia sido tema de conversa durante tanto tempo. Mas foi tranquilo; algumas brincadeirinhas, e todos logo se acomodaram. Simon e eu ficamos grudados durante a maior parte da noite, porém eu já sabia que nos transformaríamos em um

daqueles casais que *não* precisam disso.

Nunca quis ser *aquele* casal, do tipo inteiramente codependente, com a necessidade constante de autoafirmação. Amava Simon, isso estava claro. Um de nós viajava, e tínhamos que nos adaptar, *só* isso. E eu achava que éramos capazes. Senti-o próximo de mim e cheguei mais perto. Ele deslizou um braço ao redor de minha cintura, e sua mão afagou meu antebraço, dando um aperto carinhoso e me tornando mais consciente de sua presença. Eu estava consciente. Seus dedos traçaram pequenos círculos em meu cotovelo, e suspirei quando ele depositou um selinho em minha testa.

Nunca precisaria de docinho ou benzinho ou fofinha. Só precisava dele e seus pequenos círculos. Só precisava senti-lo ao meu lado, sempre que estivesse aqui. Jillian interceptou meu olhar do outro lado da mesa e piscou um olho.

– Por que essa piscadinha? – perguntei,

dando um gole em meu segundo copo de conhaque. Simon não iria ter trabalho algum para me levar para a cama naquela noite. Não que costumasse ter.

– As coisas acabaram bem, não? – Jillian comentou, olhando alternadamente para Simon e para mim.

– Não poderiam ter acabado melhor. Alugar este apartamento para mim foi a melhor decisão que você já tomou. – Sorri e me inclinei para Simon, que acariciou meu ombro.

– Jillian me passou seu número pra que eu mandasse aquela mensagem da Irlanda: *essa* foi a melhor decisão que ela já tomou – disse Simon, piscando o olho para Benjamin.

– Não sei, não. Fingir que não conhecia seu vizinho misterioso também foi uma decisão excelente – Jillian falou, e um sorriso malicioso iluminou seu rosto. Simon se engasgou com seu conhaque.

– Espera, o quê? Você sabia o tempo todo que era eu quem morava no apartamento do lado? – indagou. Passei-lhe um guardanapo. – Mas você nunca esteve no meu apartamento!

– Ela não, mas eu sim – disse Benjamin, batendo seu copo no de sua noiva.

Simon e eu arregalamos os olhos, estupefatos, enquanto os dois riam e se congratulavam.

Boa jogada.

– Pronto, esse foi o último. Louça lavadinha – anunciou Simon, fechando a lava-louça. Depois que todos foram embora, decidimos arrumar a zona em vez de deixar para a manhã seguinte.

– Graças a Deus. Estou exausta.

– E eu estou com as mãos acabadas. – Ele piscou e me mostrou as mãos vermelhas por causa do detergente.

– Essa é a marca de uma boa dona de casa – brinquei, escapando por pouco de suas mãos pegajosas.

– Me chama de Madge e traz essa bunda maravilhosa de volta pra cá – Simon falou, estalando o pano de prato em minha direção.

– Esta bunda? Esta bunda aqui? – perguntei, me apoiando na bancada com os cotovelos e empinando o bumbum.

– Você está querendo brincar, é isso? Pensei que estava exausta – ele murmurou, pegando minha bunda com suas mãos enrugadas e me dando um tapinha.

– Talvez eu esteja recuperando o fôlego. – Dei uma risadinha quando ele me pôs nos ombros tal qual um bombeiro e me carregou para o quarto. De cabeça para baixo, soquei sua bunda e esperneei, só que não o bastante para realmente escapar. Seus pés se detiveram na entrada do quarto.

– Esqueceu de fazer alguma coisa hoje? – perguntou, virando-se para que eu pudesse ver a cama: sem lençóis.

– Droga, esqueci de pôr os lençóis na secadora. Devem estar ensopados! – choraminguei.

– Problema resolvido. Festa do pijama na casa do Simon! – ele anunciou e abriu minha gaveta de lingerie. – Pega uma camisola, qualquer uma.

– Você quer dormir no seu apartamento hoje?

– Sim, por que não? Estamos dormindo aqui desde que voltamos da Espanha. Minha cama está solitária. – Ele remexeu as rendas.

Hum, sua cama provavelmente estava mais solitária do que nunca.

– Vai, escolhe. – Deu outra palmada em minha bunda.

– Escolhe você. Vou ser a modelo. – Sorri e, intimamente, tentei me convencer. Qual é,

claro que podia passar uma noite em sua cama. Podia ser divertido. Vislumbrei algo familiar, rendado e cor-de-rosa, debaixo de seu braço, e logo estávamos no corredor. Ainda consegui chutar sua porta para abri-la, algo bem difícil de fazer quando se está de cabeça para baixo.

Uma vez mais, me achava em um banheiro, vestindo a lingerie para Simon. Ele realmente gostava de tudo que eu usava. Uma lingerie de verdade ou uma de suas camisetas, simplesmente não se importava. O que quer que fosse, eu não usava por muito tempo mesmo.

Sem querer, pensei em todas aquelas mulheres que tinham vindo antes de mim, todas aquelas mulheres que ele desfrutara e que o desfrutaram. Mas eu estava aqui agora, e era a mim que ele queria. Alisei a seda sobre meu corpo e respirei fundo, minha pele já eriçada em antecipação às suas mãos.

Ouvi-o mexendo no som – a crepitação reveladora e o estalido da agulha no vinil são tão reconfortantes.

Glenn Miller. “Moonlight Serenade”. Suspiro.

Abri a porta, e lá estava ele. Ao lado da gigantesca cama do pecado do Trepador de Paredes. Seu sorriso lento me arrebatou, e seu olhar percorreu meu corpo de cima a baixo.

– Você está linda – murmurou.

– Você também.

– Estou usando a mesma roupa de antes, Caroline.

Ele sorriu com o canto da boca quando passei meus braços em volta de seu pescoço. Seus dedos subiram e desceram por eles, fazendo cócegas no interior de meus cotovelos.

– Eu sei – respondi e depositei um beijo úmido sob sua orelha. – Você estava lindo

antes e está lindo agora.

– Me deixa olhar pra você – ele sussurrou, retribuindo com um beijo úmido na base de meu pescoço. Estremeci. E o quarto não estava nada frio.

Ele me rodopiou como num passo de dança e segurou meus braços estendidos por um instante. O baby-doll cor-de-rosa, seu favorito. Simon fingira não se lembrar de pegar a calcinha do conjunto, eu fingira que não notei. Ele me rodopiou de volta, e eu imediatamente comecei a cuidar dos botões de sua camisa.

– Foi uma noite e tanto – comentou.

Dois botões a menos.

– Né? Ainda não acredito que aqueles dois estavam mancomunados desde o começo! Mas duvido que eles possam levar o crédito pelos outros dois casais. Isso foi mérito nosso.

– Quem diria que o amor estava no ar

quando você bateu na minha porta?

Menos outro botão.

– Por sorte, você foi enfeitiçado pelos meus encantos. Era inevitável.

– Foi o baby-doll, Caroline. Foi o baby-doll que me pegou. Os encantos foram um bônus. Eu não fazia ideia que ia terminar essa história com uma namorada.

Camisa desabotoada se abrindo.

– Sério? E eu pensando que a gente só estava se pegando! – Ri e lutei para abrir a fivela de seu cinto.

– Bem, um brinde a ficar de pegação com minha namorada! – Fivela do cinto aberta, botões do jeans idem. Deus abençoe os bons e velhos botões de braguilha. Simon me ergueu (pela minha bunda nua, devo acrescentar) e me levou para a cama enquanto eu jogava sua camisa longe.

– Gosto desse som – sussurrei em sua orelha quando ele me deitou.

Debruçando-se sobre mim, depositando beijos em meus seios, ele ficou repetindo a palavra. *Namorada*, depois beijo. *Namorada*, *namorada*, beijo.

– Você sabia que Mimi e Neil estão pensando em morar juntos? Não é um pouco cedo? Espero que saibam no que estão se metendo – comentei, me arqueando para encontrar seus beijos.

– Eu sei no que *eu* estou me metendo.

– E no quê?

– Em você, bobinha – Simon disse, e então ouvi o som abençoado da fivela de seu cinto caindo no chão. – Só estou preocupado com o nosso final feliz. Ou nossos dois finais felizes, ou três. Bebi aquele chá de ginseng que você deixou pra mim de manhã. Então, se prepara! – Ele riu, levantou uma de minhas pernas até seu ombro e fez um caminho de beijos pelo interior da panturrilha.

– Final feliz, hein?

– Você não acha que a gente fez por merecer? – Simon perguntou. Então, se ajoelhou, e seus lábios percorreram a parte de cima da minha coxa. Arquejei.

– Com certeza! – Gargalhei, joguei meus braços por cima da cabeça e me curvei para encontrá-lo. Oi, O! É bom vê-lo de novo. Simon deslizou para dentro de mim e me arrastou para o alto da cama.

Roupas descartadas agora, pele contra pele suada, minhas pernas rodearam firmemente sua cintura, que, por sua vez, investiu contra meus quadris. Seus olhos se inflamaram. Senti cada centímetro de Simon. Dentro. Fora. Em cada esquina.

– Oh, meu Deus! – gemi. E então ouvi.

Tum.

– Oh, Deus – gemi outra vez.

Tum, tum.

Ri ao ouvir aquele som. Estávamos

trepando pelas paredes.

Ele olhou para mim, uma sobrancelha arqueada.

– O que foi? – perguntou, abrandando os movimentos. Recuou dentro de mim devagar, muito, muito devagar.

– Estamos batendo na parede. – Dei outra risadinha e notei seus olhos mudarem quando a ficha caiu.

– Claro que estamos – admitiu, dando uma risadinha ele também. – Você está bem?

Envolvi-o ainda mais forte com minhas pernas para ter certeza de que estávamos tão próximos quanto possível.

– Manda ver, Trepador de Paredes! – Pisquei um olho, e ele consentiu.

Eu sacolejava na cama com o ímpeto de suas metidas. Ele se impeliu contra mim com uma força inabalável, dando-me exatamente o que eu podia aguentar, empurrando-me só um pouquinho para além da beirada. Me

fitou, duro, disparando um sorriso de quem sabia. Fechei os olhos e me permiti sentir o quão profundamente estava sendo afetada. E era muito profundamente.

Pegou minhas mãos e as ergueu na direção da cabeceira, acima da minha cabeça.

– Acredite, você vai querer se segurar firme agora – ele sussurrou, colocando uma de minhas pernas sobre seu ombro e mudando o ritmo de seus quadris.

– Simon! – guinchei, começando a sentir espasmos no corpo. Seus olhos, aqueles malditos olhos azuis, se fixaram nos meus enquanto eu palpitava em torno dele.

Ele gritou meu nome, e de mais ninguém.

Um pouco mais tarde, quase dormindo, senti o colchão afundar quando Simon se levantou da cama. Ouvindo-o virar o disco, me aconcheguei ainda mais no travesseiro. Meu

corpo estava deliciosamente cansado, tendo sido exercitado até quase a exaustão. Trepamos por aquele parede, e como! Eu possuía os dois lados dela agora.

Escutei Simon balbuciar no corredor e me perguntei o que estava fazendo. Extenuada, sonolenta, imaginei que tinha ido beber água e adormeci.

Instantes depois, fui acordada pelos seus braços deslizando à minha volta e me puxando para seu corpo cálido. Ele beijou meu pescoço, depois meu queixo, minha testa e por fim se acomodou. E então eu ouvi um… ronrom?

– O que é isso? – perguntei, olhando ao redor.

– Achei que ele podia estar se sentindo sozinho – Simon admitiu timidamente. Espiando por cima de meu ombro, vi Simon e então Clive. Simon tinha ido buscá-lo. Clive ronronava bem alto, muito satisfeito

com toda a atenção que estava recebendo ultimamente. Roçou o focinho em mim e, em seguida, se instalou no espaço entre nós dois.

– Inacreditável – murmurei, revirando os olhos para ambos.

– Você está surpresa? Você sabe o quanto amo seu gatinho – Simon falou.

– Você tem muita sorte por eu te amar – acrescentei, deixando seus braços me apertarem.

– Também acho.

Então, o sono tomou conta, e pensei no que o futuro guardava para mim e meu Trepador de Paredes.

Sabia que nem sempre seria fácil assim. Mas tinha certeza absoluta de que seria bom.

Tudo estava sossegado quando saí em patrulha, para garantir que o perímetro se encontrava seguro. Percorri meu novo

território em busca de quaisquer petiscos perdidos.

Deparei-me com uma curiosa prateleira cheia de garrafas, nada mais. Golpeei uma e a observei tombar no chão. Teria de voltar a esse local, mas, agora, havia uma ronda a realizar.

Conferindo a vista da janela da frente, verifiquei que poderia controlar a vizinhança desse ponto privilegiado. Avistei um possível posto para soneca em outra janela, esta virada para o sul, e então me detive para encarar uma coruja, do lado de fora. Nenhum de nós cedeu; passaram-se quinze minutos até que eu voltasse para checar meus humanos. Eles finalmente haviam se acalmado após inúmeras rodadas de miados. Francamente.

Como era de esperar, a Alimentadora ocupava a maior parte do quartel do sono. O Altão, designação adequada, já que era mais alto do que a Alimentadora, fazia aquele

ruído outra vez – o ruído que eu simplesmente não podia tolerar. A Alimentadora se debatia e virava. Seu sono não era profundo. Sem o sono necessário, não seria capaz de brincar comigo na noite seguinte; portanto, a situação precisava ser remediada. Ela parecia gostar dos nossos joguinhos, por isso, mais uma vez, eu resolveria o problema com as minhas próprias patas.

Pulando do chão para a cama com uma graciosidade natural – graciosidade essa que não era completamente apreciada pelos meus humanos, lamentavelmente –, abri caminho entre joelhos e pernas, braços e cotovelos, até o pináculo; descansei logo abaixo do seu queixo. Esticando uma pata, coloquei-a sobre suas cavidades respiratórias, interrompendo o barulho momentaneamente. O Altão varreu meu esforço com uma mão, porém, quando rolou para o lado, o ruído cessou. Então, enrolou-

se em si mesmo, no único canto que a Alimentadora lhe concedera. Eu permanecia sobre ele, demonstrando um equilíbrio perfeito. Meus humanos simplesmente não compreendiam.

Acomodei-me no vão entre eles e relaxei. Nosso lar estava seguro, e eu mantinha olhos vigilantes sobre a Alimentadora e o Altão. Assim, permiti-me sonhar. Com ela. Aquela que se foi…

AGRADECIMENTOS

Há tanta gente a quem tenho de agradecer por me ajudar a publicar esta história. A Lauren, que editou o livro desde o início e sempre me garantiu que eu estava no caminho certo. A Sarah M. Glover, por seu insight de San Francisco e por sua insistência em afirmar que possuo uma voz e em me encorajar a usá-la. A Elizabeth, por me permitir ser pirada. A Brittany e a Angie, por reconhecerem que eu era uma delas e por me deixarem brincar com as garotas cheias de curvas. A Deb, por ser a melhor (e mais obscena) chefe de torcida do planeta. Às minhas mentoras na vida real, Staci e Janet, em quem a personagem de Jillian é inteiramente baseada. À fantástica Banger

Nation, essas damas maravilhosas que me apoiaram desde o primeiro capítulo e curtiram o ridículo junto comigo. Aos Filets, por seu apoio durante as madrugadas e seu encorajamento constante. A todos os formidáveis leitores e amigos no Twitter, que tornaram prazerosa a comunicação em 140 caracteres. A autoras como Laura Kaye, Ruthie Knox, Jennifer Probst, Michelle Leighton, Tiffany Reisz, Karen Marie Moning e Jennifer Crusie, por terem escrito algumas de minhas histórias prediletas em todos os tempos. Sempre fui uma leitora antes de ser escritora, e nada me deixa mais feliz do que contar a uma amiga sobre um livro ótimo que acabei de ler e no qual não consigo parar de pensar.

À comunidade de escrita on-line, que me proporcionou o espaço e a honra de criar algo do qual me orgulho de verdade.

A Keili e Ashley, por me tornarem engraçada novamente e se divertirem comigo

no podcast *Not Your Mother's*.

Ao meu novo editor, Micki Nuding, não apenas por sua boa vontade em me aceitar como autora, mas por ser maluco o suficiente para me ajudar a apresentar ao mundo *Subindo pelas paredes*.

À minha agente, Jennifer Schober, com quem sintonizei desde a primeira vez que falamos ao telefone e ela me assegurou que era perfeitamente normal um escritor necessitar de aprovação constante.

Um agradecimento especial à minha editora e boa amiga, Jessica, uma combinação perfeita de sagacidade, audácia e perfeccionismo.

Um obrigado muito especial a meu assessor de imprensa e parceiro no crime, Enn, não apenas por ser meu barômetro de imoralidade, mas também por me acolher. Obrigada por ouvir minha tagarelice, por aguentar minhas vírgulas e por trabalhar

como um condenado. Por sempre me proteger. Existe um taco no céu à sua espera.

E, claro, um agradecimento gorducho a Peter, por tomar conta de mim tão bem. Adoro seus dedões gigantes.

Obrigada a todos os leitores, a todas as Nut Girls, a todos os Bangers. Obrigada.

Alice

1 *Barefoot Contessa* [Condessa descalça] é um programa de culinária da TV americana apresentado por Ina Garten, ex-analista política nuclear da Casa Branca. Ina é conhecida por preconizar ingredientes frescos e por sua cozinha mirabolante.

Coyright © 2013, Alice Clayton
Publicado mediante acordo com Gallery Books, uma divisão de Simon & Schuster, Inc.
Título original: *Wallbanger*

Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves
Editora: Débora Guterman
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Luiza Del Monaco e Paula Carvalho
Edição de arte: Carlos Renato
Serviços editoriais: Luciana Oliveira
Estagiária: Lara Moreira Félix
Comunicação e Produção Digital: Nathalia Setrini Luiz

Preparação: Augusto Iriarte
Revisão: Tulio Kawata, Maria Luiza Poleti
Diagramação: Eduardo Amaral
Capa: Deborah Mattos
Imagem de capa: Jenni Holma/Flickr/Getty Images

Conversão eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C558s
Clayton, Alice
Subindo pelas paredes / Alice Clayton ; tradução Paulo Nogueira. - São Paulo:
Benvirá, 2014.
256 p. ; 23 cm.

Tradução de: *Wallbanger*
ISBN 978-85-8240-131-6

1. Ficção americana. I. Nogueira, Paulo. II. Título.
CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

1ª edição, 2014

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva S/ A Livreiros Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos desta edição reservados à Benvirá, um selo da Editora Saraiva.
Rua Henrique Schaumann, 270 | 8º andar
05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP
www.benvira.com.br

SAC | 0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
www.editorasaraiva.com.br/contato

546.988.001.001